

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

CELSO RONALD DE OLIVEIRA REIS

O APARTHEID ESTADUNIDENSE PELA ÓTICA DO AUDIOVISUAL

SÃO PAULO
2024

CELSON RONALD DE OLIVEIRA REIS

O APARTHEID ESTADUNIDENSE PELA ÓTICA DO AUDIOVISUAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, como exigência para a obtenção do título de Doutor em Comunicação, área de concentração Comunicação Audiovisual, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Ignês Carlos Magno.

SÃO PAULO
2024

O presente trabalho foi realizado com o apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)
Código de Financiamento 88887.625658/2021-00

Ficha Bibliográfica elaborada pela biblioteca UAM

Com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R299a Reis, Celso Ronald de Oliveira
 O Apartheid Estadunidense pela Ótica do Audiovisual /
 Celso Ronald de Oliveira Reis. - 2024
 213f.; 30 cm.

 Orientador: Profa. Maria Ignês Carlos Magno.
 Tese (Doutorado em Comunicação Audiovisual) - Universidade
 Anhembi Morumbi, São Paulo, 2024.
 Bibliografia: f. 201-213.

 1. Comunicação. 2. Afro-Americano. 3. Apartheid. 4. Audiovisual.
 5. Movimento Negro. 6. Direitos Cívis. I. Título.

CDD 302

Bibliotecária Iara Neves CRB 8/8799

CELSO RONALD DE OLIVEIRA REIS

O APARTHEID ESTADUNIDENSE PELA ÓTICA DO AUDIOVISUAL:

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, como exigência para a obtenção do título de Doutor em Comunicação, área de concentração Comunicação Audiovisual, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Ignês Carlos Magno.

Aprovado em 03/05/2024

Prof.^a. Dr^a. Maria Ignês Carlos Magno

Prof. Dr. Vicente Gosciola

Profa. Dr. Rogerio Ferraraz

Profa. Dra. Tatiane Monteiro da Cruz

Prof. Dr. Rodrigo Umbelino da Silva

AGRADECIMENTO

Primeiramente, a Deus, pois sem essa força divina meus sonhos não se realizariam. À minha querida mãe, que se encontra com Deus. Ela que me deu a vida e me mostrou o mundo como ele é: cheio de obstáculos que precisamos transpor, sem jamais esmorecer, acreditando que o amanhã será melhor que o hoje. Grato pelo exemplo de trabalho e honestidade, te amo!

À minha esposa e aos meus três filhos que me incentivaram nesta caminhada acadêmica. Aos meus falecidos irmãos, Tania (62 anos de idade) e Adelson de Oliveira Reis (25 anos de idade) pelos exemplos de vida, pois muito aprendi com eles.

Aos meus queridos sobrinhos que já partiram: Anderson (35 anos de idade), Aldiberto (35 anos de idade) e Marcos (15 anos de idade); os três filhos amados da mesma mãe.

Aos meus queridos primos Hamilton e Paulo Gondim, que sempre me ensinaram com bons exemplos. Meu primo Paulo com seu carinho e atenção para comigo e meu primo Hamilton sempre com bons conselhos e ensinamentos para a vida. Muito obrigado!

Agradeço meu antigo e querido orientador do mestrado, Prof. Dr. Gelson Santana, que me deu dicas preciosas na elaboração do meu projeto de doutorado.

A todos os professores da banca: Prof. Dr. Vicente Gosciola; Prof^a. Dr^a. Tatiane Monteiro da Cruz; Prof. Dr. Rodrigo Umbelino e a minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Ignês Carlos. À Profa. Dra. Laura Canepa, pela inestimável ajuda e apoio.

Aos meus amigos André e Paula Azenha por terem acreditado no meu trabalho.

À Capes e ao CNPq pela existência do curso, que possibilitou minha formação, especialmente em um momento delicado do país, que atravessava grande crise no campo da pós-graduação na época da minha entrada no doutorado.

A todos o meu muito obrigado!

Negro drama, entre o sucesso e a lama

[...] Negro drama, cabelo crespo e a pele escura

A ferida, a chaga, à procura da cura

[...] São poucos que entram em campo pra vencer

A alma guarda o que a mente tenta esquecer

(RACIONAIS MCS)

Se você enfiar uma faca de 23 centímetros nas minhas costas e puxá-la 15 centímetros, isso não é progresso. Se você puxar até tirá-la, isso não é progresso. Progresso é curar a ferida que o golpe fez. Eles não puxaram a faca; eles nem admitem que ela está lá. (MALCOLM X)

Você não pode me linchar e me manter em guetos sem se tornar algo monstruoso. Além disso, vocês me dão uma vantagem imensa. Vocês nunca tiveram que olhar para mim. Eu tinha que olhar para vocês. Eu sei mais sobre vocês do que vocês sabem de mim. Nem tudo pode ser mudado, mas nada pode ser mudado até que seja enfrentado. (ARTHUR JAMES BALDWIN)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar como Hollywood tem feito as narrativas em torno dos personagens afrodescendentes. Além de estudarmos como a sociedade e o governo estadunidense tratam o afro-americano e como ele se comporta nesta mesma sociedade a partir da Guerra de Secessão e as possíveis consequências dessas ações. Para tanto, estudaremos os filmes “O Nascimento de uma Nação”, Infiltrado na Klan e o filme “Pantera Negra”. Além deles, como contraponto, trabalharemos com os documentários: “Eu Não Sou o Seu Negro” (2017) de Rauol Peck e “O Movimento Negro nos EUA (E Eu Ainda Sigo em Frente)” (2016) de Leslie Asako Gladsjo, Talleah Bridges McMahon, Sabin Streeter e Leah Williams. *Eu não sou seu negro* resgata a figura do escritor e ativista americano James Baldwin (1924-1987). Amigo de personalidades como Malcolm X e Martin Luther King Jr., Baldwin era personagem proeminente na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos dos anos 1960, tornando-se presença recorrente em movimentos de rua, universidades e até em programas de TV. *O Movimento Negro nos EUA (E Eu Ainda Sigo em Frente)*, documentário em 4 episódios, baseia-se em acontecimentos dos anos 50 até o ano de 2016. Os dois documentários têm uma abordagem cultural, política e econômica da situação do negro nos Estados Unidos, além de trazer, no *documentário Eu Não Sou o Seu Negro* a clara preocupação do autor e do diretor com o extermínio e segregação sofridos pelo homem negro no país. Além disso, estenderemos os nossos estudos até fatos que ocorreram no ano de 2023 para podermos ter o panorama mais atualizado da situação do afro-americano dentro dos Estados Unidos da América.

Palavras-Chave: Afro-Americano; Apartheid; Movimento Negro; Direitos Civis; Audiovisual;

ABSTRACT

The present work aims to study how Hollywood has created narratives around African Americans characters. In addition to studying how American society and the government treat African Americans and how they behave in this same society since the Civil War and the possible consequences of these actions. To this end, we will study the films "The Birth of a Nation," Black Klansman and the film "Black Panther." In addition to them, as a counterpoint, we will work with the documentaries: "I Am Not Your Negro" (2017) by Raoul Peck and "The Black Movement in the USA (And still I rise)" (2016) by Leslie Asako Gladsjo, Talleah Bridges McMahon, Sabin Streeter and Leah Williams. I Am Not Your Negro rescues the figure of the American writer and activist James Baldwin (1924-1987). A friend of personalities such as Malcolm x and Martin Luther King Jr., Baldwin was a prominent figure in the struggle for civil rights in the United States in the 1960s, becoming a recurring presence in street movements, universities and even on TV shows. The Black Movement in the USA (And still I rise), documentary in four episodes, is based on events from the 1950s up to 2016. The two documentaries have a cultural, political, and economic approach to the situation of Black people in the United States, in addition, in the documentary I Am Not Your Negro, there is the clear concern of the author and director with the extermination and segregation suffered by Black men in the country. Furthermore, we will extend our studies to events that occurred in 2023 so that we can have the most up-to-date overview of the situation of African Americans in the United States of America.

Keywords: African American; Apartheid; Black Movement; Civil rights; Audiovisual;

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo estudiar cómo Hollywood ha creado narrativas en torno a personajes afroamericanos. Además de estudiar cómo la sociedad y el gobierno estadounidense tratan a los afroamericanos y cómo se comportan en esta misma sociedad desde la Guerra Civil y las posibles consecuencias de estas acciones. Para tanto, estudiaremos las películas “El Nacimiento de Una Nación”, Black Klansman y la película “Black Panther”. Además de ellos, como contrapunto, trabajaremos con los documentales: “No Soy Tu Hombre Negro” (2017) de Raoul Peck y “El Movimiento Negro en EE.UU (Y Todavía Sigo Adelante)” (2016) de Leslie Asako Gladsjo, Talleah Bridges McMahon, Sabin Streeter y Leah Williams. *I Am Not Your Negro* rescata la figura del escritor y activista estadounidense James Baldwin (1924-1987). Amigo de personalidades como Malcolm x y Martin Luther King Jr., Baldwin fue una figura destacada en la lucha por los derechos civiles en Estados Unidos en los años 1960, convirtiéndose en una presencia recurrente en movimientos callejeros, universidades e incluso en programas de televisión. *El Movimiento Negro en EE.UU (Y Todavía Sigo Adelante)*, documental de 4 episodios, está basado en acontecimientos ocurridos entre los años 1950 y 2016. Los dos documentales tienen un enfoque cultural, político y económico de la situación de los negros en Estados Unidos, además de traer, en el documental, *I Am Not Your Negro*, la clara preocupación del autor y director por el exterminio y segregación que sufren los hombres negros en el país. Además, ampliaremos nuestros estudios a eventos ocurridos en 2023 para que podamos tener la descripción más actualizada de la situación de los afroamericanos en los Estados Unidos de América.

Palabras clave: Afroamericano; Segregación Racial; Movimiento Negro; Derechos Civiles; Audiovisual;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PERSONAGEM FLORA CORRENDO PARA SE JOGAR NO PRECÍPIO PARA EVITAR QUE O NEGRO GUS “SUPOSTAMENTE” TOQUE. A ESTUPRE.....	17
FIGURA 2 ENCAPUZADOS DA KU KLUX KLAN SEGURAM GUS, UM NEGRO QUE O CINEASTA, DE MANEIRA ESTEREOTIPADA, DESCREVEU COMO “UM RENEGADO, UM PRODUTO DAS DOCTRINAS IMORAIS ESPALHADAS PELOS REPUBLICANOS”	17
FIGURA 3 - CENA QUE MOSTRA OS ESCRAVIZADOS “FELIZES” DANÇANDO	18
FIGURA 4 - INTERTÍTULO DO FILME COM CITAÇÃO DE WOODROW WILSON	23
FIGURA 5 - O CAVALEIRO DA KLAN	24
FIGURA 6 O ENCARCERAMENTO DE JOVENS NEGROS COM IDADE VARIADA APÓS SEREM “LIBERTADOS”	37
FIGURA 7 - O PERIGO DO NEGRO PARA A MULHER BRANCA	37
FIGURA 8 - HOMENS NEGROS ENFORCADOS (LINCHADOS) POR UM GRUPO DE HOMENS BRANCOS.	39
FIGURA 9 - ENFORCAMENTO DE HOMEM NEGRO	40
FIGURA 10 - HOMEM NEGRO ATACADO NA RUA POR APENAS ESTAR PASSANDO PRÓXIMO A UM GRUPO DE HOMENS BRANCOS	40
FIGURA 11 HOMEM NEGRO TEVE AS LETRAS KKK MARCADAS COM CANIVETE EM SEU PEITO.....	41
FIGURA 12 - DICK CAVETT SHOW (1968) - DEBATE ENTRE JAMES BALDWIN E PAUL WEISS.....	52
FIGURA 13 - DEBATE EM CAMBRIDGE (1965): JAMES BALDWIN E WILLIAM F. BUCKLEY JR.	53
FIGURA 14 - CENA DO FILME ACORRENTADOS (1958) COMENTADA POR BALDWIN NA VOZ DE SAMUEL L. JACKSON	53
FIGURA 15 - LEANDER PEREZ (CONSELHO DOS CIDADÃO BRANCOS)	54
FIGURA 16 - JOVENS CARREGAM CARTAZES CONTRA A INTEGRAÇÃO ESCOLAR	55
FIGURA 17 MULHER SEGREGACIONISTA	55
FIGURA 18 - DOROTHY COUNTS SENDO ASSEDIADA PARA NÃO ENTRAR NA ESCOLA DEVIDO À INTEGRAÇÃO....	56
FIGURA 19 - JAMES BALDWIN NO PROGRAMA O NEGRO E A PROMESSA AMERICANA DE 1968.	56
FIGURA 20 - DISCURSO DE MALCOLM X EM 1962.	62
FIGURA 21 TELEGRAMA DE J. EDGAR HOOVER	63
FIGURA 22 – MANIFESTANTES NEGROS SENDO ATACADOS PELA POLÍCIA	64
FIGURA 23 - MARCHA EM SELMA, ALABAMA.....	65
FIGURA 24 - DR. KING TENTA CONVENCER OS MANIFESTANTES A NÃO SEREM VIOLENTOS	66
FIGURA 25 – TRADUÇÃO DO SÍMBOLO DO PARTIDO DEMOCRÁTICO: SUPREMACIA BRANCA PARA A DIREITA.....	67
FIGURA 26 – JORNAL THE MOVEMENT. TRADUÇÃO DA MANCHETE: NEGROS DO CONDADO DE LOWNDES TRABALHAM PARA ASSUMIR O CONTROLE DO CONDADO.	68
FIGURA 27 SÍMBOLO DO PARTIDO ORGANIZAÇÃO PELA LIBERDADE DO CONDADO DE LOWNDES.....	68
FIGURA 28 - MARCHA PELO MISSISSIPPI - À ESQUERDA O REVERENDO KING E À DIREITA UM POUCO MAIS ATRÁS STOKELY CARMICHAEL	69
FIGURA 29 - STOKELY USANDO O TERMO BLACK POWER	69
FIGURA 30 - SÍMBOLO DOS PANTERAS NEGRAS	72
FIGURA 31 BOBBY SEALE DISCURSANDO.....	72
FIGURA 32 - ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA – MEMORANDO – NEUTRALIZAR GRUPOS MILITANTES DE NACIONALISTAS NEGROS.	74
FIGURA 33 - PRIMEIRA CAPA DA REVISTA ESSENCE.....	76
FIGURA 34 CAPA DO DISCO DE JAMES BROWN	77
FIGURA 35 - ASSASSINATO DO REVERENDO MARTIN LUTHER KING	77
FIGURA 36 – ROSTO DE EMMETT TILL QUE INSPIROU A CRIAÇÃO DA LEI CONTRA O LINCHAMENTO	80
FIGURA 37 ROSTO DE EMMETT TILL MUTILADO	81
FIGURA 38 À ESQUERDA BAYARD RUSTIN E À DIREITA O DR. KING	84
FIGURA 39 ROSTO DE MEDGAR EVERS	85
FIGURA 40 PRESIDENTE KENNEDY DISCURSANDO PARA TODO O PAÍS	89
FIGURA 41 - OS FILHOS DE THOMAS OLIVE: VICENTE E GISELLA (1972)	95
FIGURA 42 NEGROS E BRANCOS CONVIVENDO NO MESMO AMBIENTE	95
FIGURA 43 – RESULTADO DO MOVIMENTO WHITE FLIGHT	96
FIGURA 44 - ESCOLA SEGREGADA DE BOSTON.....	98
FIGURA 45 - PAIS PROTESTANDO CONTRA A DESSEGREGAÇÃO DAS ESCOLAS EM BOSTON.	98
FIGURA 46 - ALUNOS BRIGANDO DEVIDO À INTEGRAÇÃO	99

FIGURA 47 - ALUNOS AFRO-AMERICANOS COM ESCOLTA DA POLÍCIA PARA PODEREM ENTRAR NA ESCOLA "SOUTH BOSTON HIGH"	99
FIGURA 48 - CAPA DA REVISTA NEWSWEEK SOBRE DISCRIMINAÇÃO REVERSA	100
FIGURA 49 CENA DO DOCUMENTÁRIO RELATOS DO FRONT COM A DECLARAÇÃO DE JOHN ERLICHMAN	104
FIGURA 50 - MANCHETE DE JORNAL QUE DIZ: POBREZA NEGRA NOS EUA EM ASCENÇÃO	106
FIGURA 51 CENA EM QUE MOSTRA REAGAN SENDO CANDIDATO À PRESIDÊNCIA	107
FIGURA 52 - JOHN E. JACOBS - PRESIDENTE DA LIGA URBANA.....	109
FIGURA 53 - HIP HOP IMPROVISADO E GRAVAÇÕES EM FITAS CASSETE	110
FIGURA 54 - WONDER MIKE, BIG BANK HANK E MASTER G – RAPPER’S DELIGHT	110
FIGURA 55 - SINGLE DE 12 POLEGADAS MAIS VENDIDO DA HISTÓRIA	111
FIGURA 56 - <i>PUBLIC ENEMY</i>	112
FIGURA 57 - JESSE JACKSON CONCORRENDO À VAGA DO PARTIDO DEMOCRATA PARA CANDIDATO À PRESIDENTE	113
FIGURA 58 - OPRAH WINFREY EM SEU PROGRAMA MATINAL EM 1984	114
FIGURA 59 - PROTESTO CONTRA O GANGSTA RAP	119
FIGURA 60 - À ESQUERDA, JUIZ CONSERVADOR INDICADO CLARENCE THOMAS; À DIREITA O PRESIDENTE GEORGE BUSH.	121
FIGURA 61 - CAPA DA REVISTA TIMES SOBRE O CASO DE OJ SIMPSON: TRAGÉDIA AMERICANA	123
FIGURA 62 - PESSOAS ILHADAS	129
FIGURA 63 - O PRESIDENTE GEORGE W BUSH OBSERVANDO A TRAGÉDIA DO CONFORTO DE SEU AVIÃO	129
FIGURA 64 - MIKE MYERS E KANYE WEST NO TELETON EM PROL DAS VÍTIMAS DO KATRINA.....	130
FIGURA 65 - O ENTÃO SENADOR BARAK OBAMA EM COLETIVA SOBRE A SITUAÇÃO DOS DESABRIGADOS DO KATRINA.....	131
FIGURA 66 MICHAEL BROWN NO DIA DE SUA FORMATURA	139
FIGURA 67 - MICHAEL BROWN MORTO.....	139
FIGURA 68 - VEÍCULO BLINDADO DE CONTROLE DE DISTÚRBO CIVIL	140
FIGURA 69 - UM DOS PROTESTOS DO MOVIMENTO VIDAS NEGRAS IMPORTAM	140
FIGURA 70 PROTESTO APÓS A MORTE DE ERIC GARNER	141
FIGURA 71 - CAPA DO FILME INFILTRADO NA KLAN	144
FIGURA 72 - DR. KENNEBREW BEAUREGARD PERSONAGEM FICTÍCIO DO ATOR ALEC BALDWIN	145
FIGURA 73 – RON STALLWORTH PERSONAGEM DE JOHN DAVID WASHINGTON.....	146
FIGURA 74 - TARZAN OF THE APES (1918) FIGURA 75 – SHAFT (1971)	153
FIGURA 76 - CARTEIRINHA DE MEMBRO DA KLAN	155
FIGURA 77 - À ESQUERDA O PERSONAGEM FELIX KENDRICKSON E À DIREITA O PERSONAGEM FLIP ZIMMERMAN	155
FIGURA 78 - HARRY BELAFONTE NO PAPEL DE JEROME TURNER	157
FIGURA 79 - DECLARAÇÃO DE DONALD TRUMP SOBRE O TUMULTO QUE OCORREU NA VIRGÍNIA	159
FIGURA 80 - COLETIVA DE DONALD DUKE SOBRE OS TUMULTOS QUE OCORRERAM NA VIRGÍNIA.....	160
FIGURA 81 - MARCHA EM CHARLOTTESVILLE, VIRGÍNIA	160
FIGURA 82 – MANIFESTANTES SENDO ATROPELADOS	161
FIGURA 83 - HEATHER HEYER, VÍTIMA DE ATROPELAMENTO POR NEONAZISTA NA MARCHA DE CHARLOTTESVILLE, VIRGÍNIA.	161
FIGURA 84 - LOTHAR, QUE ERA SERVO DE MANDRAKE.....	162
FIGURA 85 PRIMEIRA APARIÇÃO DO PANTERA NEGRA (1966) NO GIBI DO QUARTETO FANTÁSTICO	164
FIGURA 86 - CAPA COMPLETA COM O PANTERA NEGRA E O QUARTETO FANTÁSTICO	165
FIGURA 87 - PRIMEIRA EDIÇÃO DA REVISTA DO PANTERA NEGRA EM 1977	165
FIGURA 88 - UNIFORME DO TIGRE DE CARVÃO	166
FIGURA 89 - O PANTERA NEGRA (FILME)	166
FIGURA 90 - RICHARD ROUNDTREE E CHADWICK BOSEMAN	168
FIGURA 91 – ERIK STEVENS, QUANDO CRIANÇA, FIGURA 92 – ERIK KILLMONGER (ADULTO)	170
FIGURA 93 - T'CHALLA CHORA PELA MORTE DO SEU PAI, O REI T'CHAKA	172
FIGURA 94 - GRUPO DE GUERREIRAS DORA MILAJE COMANDADO PELA GENERAL OKOYE	173
FIGURA 95 - GUERREIRAS AGOJIE DO ANTIGO REINO DE DAOMÉ, ATUAL BENIM.	173
FIGURA 96 - VIOLA DAVIS COMO GENERAL NANISCA E SEU GRUPO DE MULHERES GUERREIRAS.	174
FIGURA 97 - CHAPÉU DE RUANDA - RAINHA RAMONDA	174

FIGURA 98 - CACHECOL USADO POR T'CHALLA.....	175
FIGURA 99 - UNIFORME DO EXÉRCITO DORA MILAJE	176
FIGURA 100 - COBERTOR DE W'KABI	176
FIGURA 101 - GEORGE FLOYD SENDO CONTIDO PELO PESCOÇO	179
FIGURA 102 - EM UM OUTRO ÂNGULO, VEMOS QUE TRÊS POLICIAIS ESTÃO CONTENDO FLOYD.....	180
FIGURA 103 - GEORGE FLOYD TIRANDO SELFIE	181
FIGURA 104 - TYRE NICHOLS TIRANDO SELFIE	181

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O DOCUMENTÁRIO A 13ª EMENDA.....	27
1.1 Outra Forma de Escravidão.....	27
1.2 O Filme Pode Servir de Documento Histórico?.....	28
1.3 Constituição dos Estados Unidos da América e a Carta de Direitos da Virgínia	30
1.4 O Documentário A 13ª emenda	35
1.5 A Construção da Periculosidade do Negro Segundo o Documentário.....	37
1.6 Algumas Cenas Mostradas No Documentário “13ª Emenda”	40
2 A VOZ PÓSTUMA DE PROTESTO DE JAMES BALDWIN NO DOCUMENTÁRIO <i>EU NÃO SOU O SEU NEGRO</i>	42
2.1 Não é o Que Se Fala, é o Que Se Faz.....	42
2.2 <i>Eu Não Sou o Seu Negro</i> e a Voz de James Baldwin na Luta Pelos Direitos Civis.....	42
2.3 Fóruns e Debates na TV com James Baldwin	47
2.4 Cenas e Fotos do Documentário	51
3 O DOCUMENTÁRIO: O MOVIMENTO NEGRO NOS EUA DESDE MARTIN LUTHER KING – E EU AINDA PROSSIGO.....	58
3.1 Década de 1960 - Uma Luta Contínua por Superação	58
3.2 Década de 1970 - Avançamos na Luta Por Direitos Civis.....	93
3.3 Década de 1980 - A Arte Como Resistência Nos Ajuda a Sobreviver	108
3.4 Década de 1990 – A Raça Ainda Importa.....	120
3.5 Década de 2000 – Ainda Podemos Sonhar – Sim, Nós Podemos	127
4 OS FILMES INFILTRADO NA KLAN E PANTERA NEGRA (2018)	143
4.1 Voltamos ao Passado para Explicar o Presente	143
4.2 A Exaltação da Beleza Branca X A Resistência no <i>Blaxploitation</i>	149
4.3 Os Logrados da Klan	154
4.4 Wakanda: Enfim a África É Devolvida ao Seu Povo	161
5 UM POUCO DA REALIDADE	177
5.1 As Ruas Não São Como Wakanda.....	177
5.2 Os Fins Justificam os Meios	183
6 Considerações Finais.....	188
Referências	201

INTRODUÇÃO

Para compreendermos a dimensão da luta por direitos dos afro-americanos, introduziremos a discussão da ideia de raça e estudaremos o filme *O nascimento de uma nação* (1915, direção: D. W. Griffith). Para iniciarmos, se faz necessário termos em mente a definição e o que foi o *apartheid*:

é o nome da política que governou as relações entre a minoria branca e a maioria não-branca da África do Sul durante o século XX. Embora a segregação racial já estivesse em prática há muito tempo naquele país, o nome *apartheid* foi usado pela primeira vez por volta de 1948 para descrever as políticas de segregação racial adotadas pelo governo da minoria branca. O *apartheid* ditava onde os sul-africanos, com base na sua raça, poderiam viver e trabalhar, o tipo de educação que poderiam receber e se poderiam votar. Os acontecimentos do início da década de 1990 marcaram o fim do *apartheid* legislado, mas os efeitos sociais e económicos permaneceram profundamente enraizados. (Britannica, 2023, on-line)

É com esta definição em mente que estudaremos as leis, os fatos e personagens da história dos Estados Unidos da América e apoiaremos a nossa pesquisa em documentários e filmes da década de 2010, documentários: *Eu não sou o seu negro* (2017, direção: Raoul Peck) e *And Still I Rise: O Movimento Negro nos EUA desde Martin Luther King* (2016, direção: Leslie Asako Gladsjo); os filmes: *Infiltrado na Klan* (2018, direção: Spike Lee) e *Pantera Negra* (2018, direção: Ryan Coogler); para podermos ter noção de quando, apesar dos séculos de escravidão e a promessa de liberdade na guerra civil de 1861 a 1865, houve a inserção da população afro-americana na mesma sociedade que antes os oprimia, ou se os afro-americanos ainda vivem alijados dos seus direitos basilares ocasionando para eles um verdadeiro *Apartheid* Americano.

Separar as pessoas por raça não foi apenas um meio para diferenciá-las “cientificamente”, o termo raça é introduzido na literatura, mais especificamente, em inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos (Stockings, 1968:28 *apud* Schwarcz, 1993, p. 47). A noção de raça permite que se representem as humanidades não europeias como se fossem de seres inferiores, o reflexo pobre do homem ideal de quem estavam separadas por um intervalo de tempo intransponível, uma diferença praticamente insuperável (Mbembe, 2017, p. 39).

E o que é raça? Segundo a socióloga Vilna Bashi Treitler (2016):

Raça é um sistema de classificação humana que objetiva classificar humanos em categorias distintas de acordo com uma constelação de traços físicos, cognitivos e culturais, cuja existência se acredita ser hereditária, distintiva e largamente inescapável [...] De fato, mais de 100 anos de evidência científica demonstraram que raças humanas (por exemplo, subespécies raciais atreladas a um fenótipo e outras características genéticas ou biológicas) não existem. Cientes de que não há meio cientificamente válido para classificar humanos em raças, cientistas sociais estão cada vez mais certos de que raça é uma construção social. Significa dizer que raças são ficções criadas pelo Homem, criações da mente humana baseadas em fatores que não têm significado embora lhe seja atribuído um significado por construções feitas por nós e que com as quais (alguns de nós) concordamos. (Morris e Treitler, 2021, p.16-17)

Juridicamente falando, no Brasil, em um acórdão ¹ do Supremo Tribunal Federal de 2003 é exposto o seguinte:

Raça humana. Subdivisão. Inexistência. Com a definição e o mapeamento do genoma humano, cientificamente não existem distinções entre os homens, seja pela segmentação da pele, formato dos olhos, altura, pelos ou por quaisquer outras características físicas, visto que todos se qualificam como espécie humana. Não há diferenças biológicas entre os seres humanos. Na essência são todos iguais. Raça e racismo. A divisão dos seres humanos em raças resulta de um processo de conteúdo meramente político-social. Desse pressuposto origina-se o racismo que, por sua vez, gera a discriminação e o preconceito segregacionista. (STF, 2003, acórdão relator Min. Maurício Corrêa)

As duas citações acima demonstram o quão equivocados estão aqueles que creem em “superioridade racial”. Mas a divisão dos seres humanos em raças possibilitou categorizar as pessoas, grosso modo, como seres superiores (os brancos europeus) e inferiores (todos aqueles que não possuísem ascendência europeia). Consequentemente, o afro-americano enfrentou dificuldades para ser aceito na sociedade americana, mesmo após a libertação dos escravizados, eles não eram mais do que um problema para a sociedade branca da época. Ao compararmos com um fenômeno da biologia, é como se o negro fosse um corpo estranho e precisasse, por esse motivo, ser isolado dos outros órgãos. Ao longo da história, o que se viu foi um ser alijado, buscando sobreviver ao ostracismo, a todo tipo de tentativa de extermínio, resultando no Movimento dos Direitos Civis e a representação desses fatos nas câmeras de Hollywood, fazendo com que os acontecimentos ficassem registrados. Nas palavras de Anatoli Lunatcharski (2018, p. 103):

¹ Decisão proferida em grau de recurso por tribunal coletivo. Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 1986, p. 36.

Geralmente, toda arte, como já havia destacado Tolstói, é, em primeiro lugar, um meio de fazer as massas se comunicarem com os sentimentos do artista. A instrução, no sentido amplo do termo, é a disseminação de ideias entre pensamentos que não as conhecem.

Para o dramaturgo, a sétima arte tem esta possibilidade:

O cinematógrafo pode fazer tudo isso e muito mais, com uma força considerável. Por um lado, ele é um chamado concreto para a disseminação de ideias [...] pois ele tem a capacidade de provocar sentimentos. Por isso ele é um aparelho de agitação. (Lunatcharski, 2018, p. 130)

E foi exatamente o que o filme *O nascimento de uma nação* fez, provocou emoções e agitou a sociedade da época. De acordo com sítio IMDB ², o filme de Griffith foi um dos mais lucrativos da história levando-se em conta o valor da sua produção, foi lançado em 8 de fevereiro de 1915, ano do aniversário de cinquenta anos da guerra de secessão, o filme tem a duração de três horas e quinze minutos, é amplamente creditado por reviver³ a Ku Klux Klan⁴, que já havia sido esquecida há tempos. A organização, nome que a Klan utilizava para não chamar a atenção, encenou seu "renascimento" em Stone Mountain, na Geórgia, no mesmo ano em que o filme foi lançado. Devido a sua tendência pró-confederada e conotações racistas, o filme foi proibido em várias cidades importantes, como Los Angeles e Chicago. A obra retrata o negro daquele período de uma forma quase animalésca, um ser que agia muito mais por instinto e que trazia perigo para a comunidade

² IMDB. *O nascimento de uma nação* (1915). Disponível em: [O Nascimento de Uma Nação \(1915\) – IMDB](#) (acesso em 17 jun. 2022)

³ A primeira fase de atuação ocorreu no período entre 1866 e 1869. Alguns estudiosos do tema estendem essa fase até 1871, quando o governo americano decretou uma lei para combater a Ku Klux Klan. A segunda fase da Klan iniciou-se a partir de 1915, quando foi lançado um filme chamado *The Birth of a Nation* (*O Nascimento de uma Nação*, em português). Esse filme apresentou uma imagem heroica da Klan e, por isso, é considerado o responsável pelo renascimento da organização. Essa fase da Klan estendeu-se até meados da década de 1940 e foi o período de maior força da Ku Klux Klan. Nessa fase, a Klan chegou a contar com aproximadamente quatro milhões de membros espalhados por todo o território dos Estados Unidos. Ao longo da década de 1920, os membros da Klan começaram a fazer aparições públicas, ganharam influência na política em determinados locais e adicionaram à sua ideologia a xenofobia, o antissemitismo e o anticatolicismo. A terceira fase da Klan foi iniciada em meados da década de 1950 e é considerada uma reação ao movimento surgido na comunidade afro-americana que lutava pelos direitos civis para essa comunidade no país. Essa fase permanece em vigor até hoje, apesar de haver um visível enfraquecimento da organização. (Rede Omnia. *História do Mundo*. 2023. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/ku-klux-klan.htm> (acesso em 28 Out. 2023).

⁴ Os fundadores da Klan eram todos de famílias com boas condições financeiras. Seus nomes eram: Frank McCord, John Kennedy, Richard Reed, Calvin Jones, John Lester e James Crowe. Eles fundaram a maior organização terrorista dos Estados Unidos, que foi responsável por milhares de assassinatos. O nome da organização [...] foi inspirado em uma palavra do idioma grego, *kyklos*, que significa círculo. Essa palavra foi adaptada para Ku Klux e adicionada à expressão Klan em referência a clan (significa clã, no inglês). (Idem)

branca, se liberto. Para se ter uma ideia, em uma cena do filme a personagem Flora, vivida pela atriz Mae Marsh, se joga do abismo, pois vislumbrou a possibilidade de ser estuprada pelo negro Gus, personagem vivido por Walter Long.

Figura 1- Personagem Flora correndo para se jogar no precipício para evitar que o negro Gus “supostamente” toque. A estupe



Fonte: Filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915)

Importante ressaltar que a maioria dos atores eram brancos e os personagens negros eram pessoas brancas com o rosto pintado, houve pouca interação entre atores realmente negros e mulher branca, as raras cenas em que os negros participaram, eram cenas nas quais eles interagiam apenas com atores brancos acompanhados das atrizes brancas, isto é, as atrizes brancas não interagiram no filme sozinhas com os atores negros; para tanto, eles recorriam ao *blackface*.

Figura 2 Encapuzados da Ku Klux Klan seguram Gus, um negro que o cineasta, de maneira estereotipada, descreveu como “um renegado, um produto das doutrinas imorais espalhadas pelos republicanos”.

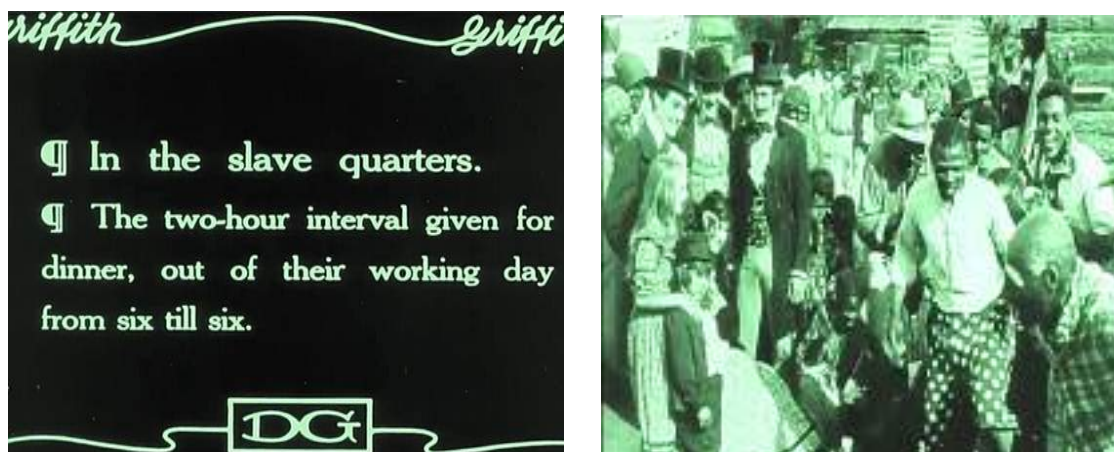


Fonte: Filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915)

A Ku Klux Klan é descrita como uma entidade heroica e salvadora, que lincha os negros por bons motivos. Shohat (2006, p. 45) acerta ao citar Albert Memmi e sua definição de racismo como “a atribuição generalizada de valor a diferenças reais ou

imaginárias para benefício do acusador sobre a vítima, com a finalidade de justificar o privilégio e a agressão do primeiro”. E é exatamente o que encontramos nesse filme, uma justificativa para a agressão e o ódio que o branco sulista nutria pelo homem negro, pois esse não poderia jamais ser livre, já que era um perigo e não possuía inteligência suficiente para se autodeterminar, além disso, a escravidão era “correta, necessária e sendo guiados, os negros viviam felizes”, tudo isso de acordo com o enfoque do diretor, como exemplo, trazemos as imagens abaixo:

Figura 3 - Cena que mostra os escravizados “felizes” dançando⁵



Fonte: Filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915)

Guerra de Secessão, conhecida também como Guerra Civil Americana, que ocorreu de 1861 a 1865, foi um conflito entre o Sul do país, que era a favor da escravidão e o Norte, que era contra. Segundo Silva (2020):

Esse conflito trouxe grande destruição, sobretudo para o Sul do país, afetando diretamente sua economia e resultando em um saldo aproximado de 600 mil mortos. A secessão americana foi motivada basicamente pelas diferenças existentes entre norte e sul dos Estados Unidos durante o século XIX. Os estados do norte eram caracterizados pelo desenvolvimento manufatureiro, com a existência de pequenas propriedades agrícolas e predominância do trabalho livre assalariado. O sul, por sua vez, era caracterizado pela dependência do cultivo agrícola baseado no sistema do *plantation*, no qual havia a existência da grande propriedade de terra (latifúndio), baseada na monocultura (em geral, algodão) e totalmente dependente do trabalho escravo. Economicamente, esses modelos antagônicos complementavam-se, mas, politicamente, cada lado possuía interesses distintos, que contribuíram para o desgaste das relações entre essas regiões. (Silva, 2020, on-line)

Para os sulistas a manutenção do trabalho escravo era importante, pois, tendo uma economia baseada, principalmente, na agricultura, os escravizados eram

⁵ Tradução do intertítulo do filme: Na sede dos escravos. O intervalo de duas horas dado para a janta, no dia de trabalho das 6h às 18h.

essenciais para aquele trabalho. O historiador continua:

A grande divergência envolvendo os dois lados era pautada pelo debate do modelo de sociedade que seria implantado nos novos territórios americanos. Isso porque, com o processo de marcha para o oeste, iniciou-se a ocupação do oeste americano, havendo, por isso, a defesa por parte dos sulistas da extensão do trabalho escravo para esses locais, enquanto os nortistas eram contrários a essa ideia e defendiam a proibição da escravidão nesses novos territórios. Essa questão gerou grande polêmica entre os dois lados, principalmente pela ocupação dos territórios do Kansas e do Nebraska. Politicamente, os dois lados estavam em intensa disputa e isso se refletia na sociedade, pois a tensão existente em Kansas, principalmente, levou ao surgimento de pequenas milícias que lutavam entre si. A insatisfação sulista com as tentativas dos nortistas de abolir a escravidão levou muitos deles a defenderem ideais de separatismo para manter seu estilo de vida. Todas essas questões canalizaram-se nas eleições presidenciais de 1860, com os sulistas posicionando-se contra a candidatura do republicano Abraham Lincoln. (Silva, 2020, on-line)

O então candidato Abraham Lincoln, era considerado um inimigo do sul, pois tinha críticas à escravidão e procurava ver os negros como algo mais que simples objetos de posse:

Lincoln era visto pelos sulistas como um abolicionista convicto e sua vitória para presidente motivou-os – que já defendiam ideais separatistas – a iniciar um movimento de secessão, ou seja, de separação. A vitória de Lincoln fez com que o Estado da Carolina do Sul declarasse sua secessão em dezembro de 1860, quando o recém-eleito candidato ainda nem havia assumido a presidência. A secessão da Carolina do Sul foi acompanhada pela adesão, entre janeiro e junho de 1861, de outros estados sulistas, como Alabama, Flórida, Mississippi, Geórgia, Texas, Luisiana, Virgínia, Arkansas, Carolina do Norte e Tennessee. Com a secessão dos sulistas, surgiram os Estados Confederados da América. Portanto, a Guerra de Secessão destacou-se pela violência e por combates de grande mortalidade como a batalha em Gettysburg, conhecida pelo número alto de mortos, cerca de 30 mil soldados. [...] o sul acaba se rendendo em abril de 1865. Com a guerra, o sul ficou arrasado, com grande destruição material e uma economia em frangalhos. A guerra consolidou a abolição da escravidão em todo o país com a promulgação da 13ª Emenda Constitucional, e foram iniciadas a reconstrução e a reintegração do sul à União. O saldo do conflito foi de 600 mil mortos, marcando a secessão como a maior guerra da história americana. (Silva, 2020, on-line)

Faz-se necessário frisar que Frederick Douglass⁶ foi o principal incentivador do recrutamento dos afro-americanos como soldados para o exército da União. Ele descreve em sua autobiografia:

[...] portanto desde o início eu repreendi o Norte por combater os rebeldes apenas com uma das mãos, quando poderia usar de maneira eficaz as duas – por lutar apenas com a macia mão branca enquanto mantinha atrás de si

⁶ Nasceu em 1818, no condado de Talbot, Costa Leste, estado de Maryland foi ex-escravizado e tornou-se um excelente orador, foi abolicionista, estadista e escritor. In: DOUGLASS, F. A vida e a época de Frederick Douglass escritas por ele mesmo. 1ªed. Tradução: Rogerio W. Galindo. São Paulo: Carambaia, 2022.

a férrea mão negra acorrentada e abandonada – por combater o efeito ao mesmo tempo que protegia a causa, e porque a causa da União jamais prosperaria até que a guerra assumisse uma atitude antiescravagista, e o negro fosse alistado no lado legalista. (Douglass, 2022, p. 399)

Porém, conforme ele nos conta, havia quem não concordasse com essa ideia e havia quem não acreditasse na coragem do homem negro:

Havia muitos argumentos que poderiam ser usados contra a ideia de transformar a guerra em uma guerra pela abolição – muitos argumentos que pareciam sábios e patrióticos. “Transformem a guerra numa guerra pela abolição”, disseram-nos, “e vocês levarão os estados neutros a entrar na rebelião, e desse modo aumentarão o poder do inimigo, e ampliarão a quantidade de soldados que enfrentarão no campo de batalha. [...] “Empregue o braço negro, e os homens leais do Norte largarão suas armas e irão para suas casas.” “Este país é dos brancos, e esta é uma guerra de brancos.” [...] “Além disso, se você transforma um negro em soldado, não há como confiar em sua coragem: bastaria um estalar do chicote de seu antigo dono para que ele saísse correndo apavorado do campo de batalha.” (Douglass, 2022, ps. 339-340)

O Norte perdeu um tempo precioso para compreender o quanto os afro-americanos poderiam contribuir para a vitória, mas, uma vez mostrada a capacidade dele, a aceitação foi quase que imediata:

O coração abolicionista do Norte sofria com essa demora e se queixava amargamente, porém o governo continuava cego e mudo. Os desastres de Bull Run, Ball’s Bluff, Big Bethel, Fredericksburg e da Península foram os únicos professores cuja autoridade foi suficiente para chamar atenção e conseguir o respeito de nossos governantes, e mesmo assim o aprendizado foi lento. [...] Quando o governo finalmente começou a se dar conta de que o negro poderia se tornar útil para o lado legalista, tanto quanto para os traidores, para a União tanto quanto para os confederados, passou-se a se considerar qual seria o modo como ele poderia ser empregado, o modo que menos chocaria e ofenderia o preconceito popular contra ele. [...] No entanto, depois de ter entrado no Exército como trabalhador, de lá ter estado com uma camisa vermelha sobre as costas e uma pistola no cinturão, o negro não demorou a aparecer no campo de batalha como soldado. [...] Começaram a prevalecer os ditos sobre sua capacidade de confrontar o inimigo em campo aberto e sobre eles terem a mesma capacidade do homem branco para enfrentar as balas. A partir desse momento (e é importante lembrar esse fato), os soldados negros foram chamados para ocupar posições que exigiam a coragem, a firmeza e a resistência de veteranos, e mesmo seus inimigos foram obrigados a admitir que eles haviam se mostrado dignos da confiança que lhes foi depositada. Depois de o 54º e o 55º Regimentos de Massachusetts terem entrado na batalha, e de um deles ter se notabilizado com tamanha distinção no momento da verdade, o desejo de enviar mais soldados negros para o front se tornou praticamente generalizado. A Pensilvânia se propôs a organizar dez regimentos. (Douglass, 2022, ps. 400-407)

Com o reforço dos agora soldados negros, a União ganhou fôlego para enfrentar os confederados, podemos inferir que este foi um dos fatores que os levaram à vitória, consolidada em junho de 1865. Com a derrota dos confederados para o Norte, além do problema econômico enfrentado pelos estados do sul, restou

um ressentimento contra os abolicionistas e contra os negros libertos. Os sulistas se sentiam aviltados com a derrota e, para piorar a situação, teriam que viver com negros livres no período que foi chamado de reconstrução. Veremos as consequências desses sentimentos no decorrer deste trabalho.

O filme do diretor D. W. Griffith foi baseado no livro *The Clansman* do escritor Thomas Dixon Jr. Segundo a *Encyclopedia Britannica*, ao referir-se a biografia do autor, o descreve como um supremacista branco que propagou vigorosamente essas ideias e é, principalmente, lembrado pelo livro.

Para que possamos ter uma ideia do que se trata, basta folhear a suas primeiras páginas e logo veremos a mensagem:

AO LEITOR

"The Clansman" desenvolve a história verdadeira da "Conspiração Ku Klux Klan", que derrubou o regime de reconstrução. A organização era governada pelo comandante, um chefe do Grande Mago, que morava em Memphis, Tennessee. O Grande Dragão comandava um Estado, o Grande Titã um Distrito Congressional, o Grande Gigante um Condado e o Grande Ciclope um Den do Distrito. Os doze volumes de relatórios do governo sobre a famosa Klan se referem principalmente a eventos que ocorreram após 1870, a data de sua dissolução. O caos da paixão cega que se seguiu ao assassinato de Lincoln é inconcebível hoje. A revolução que produziu em nosso governo e a ousada tentativa de Thaddeus Stevens⁷ de africanizar dez grandes Estados da União Americana, agora são lidas como histórias. [...] Na hora mais sombria da vida do sul, quando o povo ferido estava desamparado em meio a trapos e cinzas sob o bico e a garra do abutre, subitamente das brumas das montanhas apareceu uma nuvem branca do tamanho da mão de um homem. Ele cresceu até que seu manto de mistério envolveu a terra e o céu atingidos. Um "Império Invisível" surgira do campo da Morte e desafiava o Visível ao combate mortal. Como o jovem sul, liderado pelas almas reencarnadas dos homens do clã da Escócia antiga, saiu sob esse disfarce e contra probabilidades avassaladoras, exílio ousado, prisão e morte de um criminoso e salvou a vida de um povo, forma um dos mais dramáticos capítulos da história da raça ariana. Thomas Dixon Jr. *Dixondale, Va. 14 de dezembro de 1904.* (Dixon, 1904, prefácio)

Devido às palavras do escritor e baseados no filme feito por Griffith é que podemos entender o quanto os sulistas estavam ressentidos com as mudanças

⁷ Thaddeus Stevens foi um dos primeiros a ver a Guerra Civil como uma oportunidade para uma segunda revolução americana – uma oportunidade de refazer o país como uma verdadeira democracia multirracial. Um dos principais abolicionistas no Congresso nos anos que antecederam a guerra, foi um líder da ala radical do jovem Partido Republicano, lutando por políticas anti-escravatura e antirracistas muito antes de colegas de partido como Abraham Lincoln as apoiarem. Foi ele, por exemplo, quem instou Lincoln desde o início a libertar os escravizados em todos os EUA e a acolher os homens negros nos exércitos da União. Durante a era da Reconstrução após a Guerra Civil, Stevens exigiu direitos civis e políticos iguais para os negros americanos, direitos eventualmente incorporados nas 14ª e 15ª emendas. Mas embora Stevens tenha empurrado, de muitas maneiras, o seu partido – e a América – para a igualdade, ele também defendeu ideias demasiado radicais para serem apoiadas pelos seus colegas congressistas, como o confisco das propriedades de grandes proprietários de escravos e a divisão das terras entre aqueles que tinham sido escravizados. (Lancaster History, 2023, on-line).

em seu *status quo*, esse ressentimento fez surgir esse grupo de dissidentes, os quais se autodenominavam Ku Klux Klan. Um grupo que nasceu para combater, nas palavras do próprio autor, “o regime da reconstrução”. E, ainda na visão de Dixon, um “grupo heroico que lutou contra a integração racial”.

De acordo com o sítio IMDB, o filme de Griffith trouxe inovações técnicas para a tela de cinema, porém, não discutiremos tais inovações, pois o nosso escopo está no enfoque que foi dado à escravidão e ao perigo do negro livre.

Quando escreveu *The Clansman*, Dixon descreveu todo o perigo que existia em deixar o negro livre, um ser que apenas era dócil sob o julgo da escravidão, pois o seu “senhor” sabia como domesticá-lo e amansá-lo.

Ao transpor o livro para o audiovisual, Griffith não só conseguiu passar a ideia do perigo que o negro representava, se liberto, mas também transmitiu todo o ressentimento que os sulistas nutriam por terem que passar por uma guerra, que na visão do diretor, era desnecessária, pois os negros viviam “felizes” em seu cativeiro, trabalhando doze horas por dia nos campos de algodão, se divertido nos momentos de folga com música e dança e sendo bem tratados pelos seus senhores, tudo de acordo com o que o diretor descreve em seu filme. Michiko Kakutani (2018) nos explica:

[...] a verdade cada vez mais parece estar nos olhos de quem a vê, os fatos são intercambiáveis e socialmente construídos e, com frequência, nos sentimos transportados para um mundo invertido, onde as premissas e posições há décadas foram substituídas, de repente, pelo seu contrário. (Kakutani, 2018, p. 51-52)

Se faz necessário, nesse ponto, afirmar que Kakutani (2018) descreve com exatidão a sensação de assistir a um filme que retrata a felicidade do negro em ser cativo e como ele é “bem tratado” pelo seu “senhor”, sendo alimentado e tendo um lugar para viver. Podemos dizer que estamos diante de um paradoxo, pois o negro está escravizado, não é dono de si mesmo, mas é feliz. Aí está o que Kakutani (2018) ressalta em relação “as premissas e posições que há décadas foram substituídas de repente pelo seu contrário”. Tanto é assim que o diretor do filme, de acordo com o sítio IMDB, fica surpreso ao receber críticas negativas do seu filme, que para muitos era racista. Mas na visão de seu idealizador apenas contava as verdadeiras agruras do povo branco do sul, conforme um comentário na seção Trivia do sítio IMDB: “Depois que este filme foi lançado e criticado por ser racista, D.W. Griffith ficou muito magoado. Ele decidiu fazer *Intolerância* (1916) em seguida, para

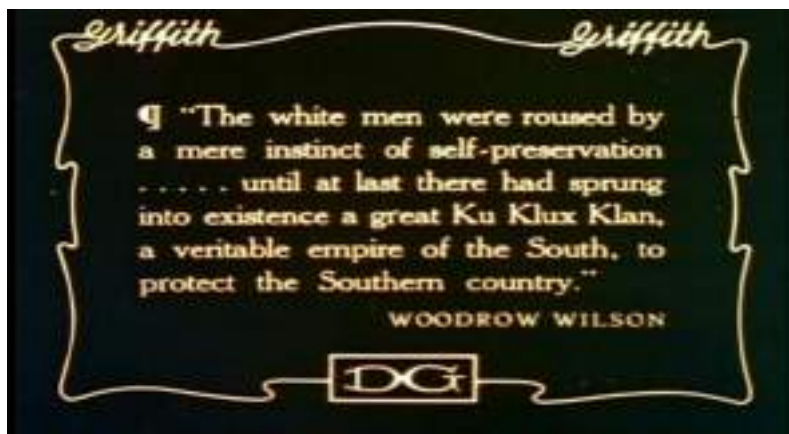
mostrar como a intolerância das pessoas pode ser prejudicial e perigosa.”

Nota-se que o ponto de vista mostrado no filme era apenas de pessoas como o próprio autor do livro em que o filme foi baseado, do próprio diretor e afins, pois esses, de acordo com o livro e filme, se sentiam prejudicados com a libertação dos escravizados e não mediram esforços para deixar claro que os negros eram inferiores e que não podiam partilhar dos mesmos privilégios que os brancos. Nas palavras de Buck-Morss (2009, p. 13) sobre a tela do cinema como prótese: “A superfície da tela do cinema funciona como um órgão artificial de cognição. O órgão protético da tela do cinema não só duplica a percepção cognitiva humana, mas também transforma a sua natureza.”

E ao utilizar a superfície da tela do cinema como “prótese”, o diretor ampliou e destacou os momentos da história que, para ele, estavam eivados de injustiça contra o povo branco do sul e, principalmente, expôs o que para ele era o mais imperdoável: a tentativa de reconstrução após a guerra de secessão e a busca “insana” por integração da gente negra, o que era um absurdo para ele. É importante ressaltar que, a todo o instante no filme, como veremos, o diretor utiliza-se dos intertítulos para sublinhar a sua discórdia com todo o processo de mudança no sul, a guerra civil, a reconstrução acompanhada de tentativa de integração. E por “integração” entendemos a tentativa de que os negros participassem da vida política, frequentassem escolas, ocupassem cargos públicos de chefia, fossem tratados como iguais e tivessem uma vida diferente da de cativos. Nas palavras de Lunatcharski (2018 p. 53): “[...] a arte é, expressão pura da ideologia de determinada classe, ou experimenta sobre si as influências cruzadas de várias classes.” Ora, diante do que estamos estudando, percebemos que o que foi produzido é, sem dúvida, a expressão pura da ideologia de determinada classe.

Figura 4 - Intertítulo do filme com citação de Woodrow Wilson⁸

⁸ Tradução do Intertítulo: "Os homens brancos eram conduzidos por um mero instinto de autopreservação... até que finalmente surgiu a grande Ku Klux Klan, um verdadeiro império do Sul, para proteger o país sulista" Esta frase do intertítulo utilizada no filme foi retirada do livro *A History of the American People: The Founding of the Government* "Uma História do Povo Estadunidense: A fundação do Governo" publicado em 5 volumes de 1901 a 1902 e de autoria do, então presidente, (1913 a 1921), Woodrow Wilson conforme creditado no próprio intertítulo.



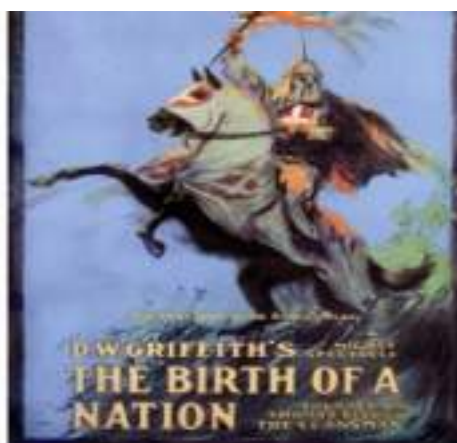
Fonte: Filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915)

E como não poderia deixar de ser, diante de tanta indignação e injustiça, que os habitantes do Sul acreditavam que estavam sofrendo, surge a Ku Klux Klan. Um grupo de cidadãos brancos cobertos com um uniforme branco escondendo suas identidades com um capuz da mesma cor. Utilizando-me do prefácio do livro de Dixon:

Um "Império Invisível" surgira do campo da Morte e desafiava o Visível ao combate mortal. Como o jovem sul, liderado pelas almas reencarnadas dos homens do clã da Escócia antiga, saiu sob esse disfarce e contra probabilidades avassaladoras, exílio ousado, prisão e morte de um criminoso e salvou a vida de um povo, forma um dos mais dramáticos capítulos da história da raça ariana. (Dixon, 1904, prefácio)

Esse grupo se disfarçava, pois, “corajosamente”, desafiava a injustiça, a prisão e a morte, já que seriam tratados como criminosos, se capturados. O motivo do surgimento da Ku Klux Klan foi a luta contra a reconstrução.

Figura 5 - O cavaleiro da Klan



Fonte: Filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915)

No cartaz podemos ver a figura heroica do cavaleiro da Klan, que luta a favor

da supremacia branca:

Dixon escreveu *The Clansman* como uma mensagem aos nortistas para que mantivessem a segregação, como afirma em seu livro que os negros, quando livres, se tornariam selvagens e violentos, cometendo crimes como assassinato, estupro e roubo muito fora de proporção à sua porcentagem da população. Ele alegou escrever para 18.000.000 de sulistas que apoiavam suas crenças, embora muitos nunca tenham se juntado à Klan. Dixon interpreta o orador da casa, Austin Stoneman⁹, como um legislador apaixonado por negros, enlouquecido pelo poder e devorado pelo ódio. Seu objetivo é punir os brancos do sul por sua revolução contra um governo opressivo, colocando os ex-escravos contra os sulistas brancos e usando o punho de ferro das tropas de ocupação da União para torná-los os novos senhores. O trabalho da Klan é proteger os sulistas brancos dos *carpetbaggers* (saqueadores) e seus aliados, preto e branco. (Morris, 2020, on-line)

Percebemos que o medo e o ressentimento foram alguns dos grandes fatores geradores da violência, dos assassinatos e de toda a barbárie que ocorreu por parte desse grupo de supremacistas brancos. Eles não entendiam como que escravizados negros poderiam ser livres e terem os mesmos direitos dos brancos, pois, para eles os negros, quando livres, Morris (2020), “se tornariam selvagens e violentos, cometendo crimes como assassinato, estupro e roubo e a Klan teria que impedir essa barbárie”

Na explicação de Shohat (2006):

O racismo tem suas raízes psíquicas profundas no medo do “outro” (associado a um “eu” selvagem e sombrio que foi reprimido) assim como nas fobias em relação à natureza e ao corpo. [...] a desgraça do negro foi ter sido associado ao lado negativo do dualismo básico da mentalidade do homem branco e a quase tudo que ele reprime de sua consciência. O par de palavras “branco” e “preto” se presta facilmente para descrever oposições maniqueístas entre bem e mal, espírito e matéria, anjo e demônio. (Ellison, 1972, p. 48 *apud* Shohat, 2006, ps.50 e 51)

E pautados nessa hipótese de Shohat (2006) é que inferimos que o olhar do branco supremacista para o negro é como se o primeiro olhasse no espelho e visse a ele mesmo (sendo o segundo), porém do avesso em sua interpretação, um assombro, um outro ser que deve ser calado, escondido, pois não há como admitir ser igual ao que se odeia, principalmente quando o que se odeia está tão intimamente ligado à sua própria origem.

Essa longa introdução é o alicerce desta pesquisa. É a partir do filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915) e o que ele representa (ainda hoje) que vamos

⁹ O personagem fictício Austin Stoneman, que é interpretado pelo ator Ralph Percy Lewis, é baseado no senador republicano Thaddeus Stevens, mencionado anteriormente. (Nota do autor).

trilhar pelos caminhos de uma construção histórica e representativa do povo afro-americano através das lentes do audiovisual, pois, como vimos, essa arte causa um grande impacto no imaginário social e pode influenciar opiniões e ideologias. Para continuar nossa trilha histórica, no primeiro capítulo abordaremos o documentário 13^a. Emenda de Ava DuVernay. Veremos o resultado da Guerra da Secessão e como o Congresso Americano conseguiu usar de instrumentos legais para manter o negro cativo. Avancemos um pouco mais no tempo, estamos agora no período dos movimentos negros com o capítulo dois. Nesta etapa daremos voz à James Baldwin com o documentário *Eu não sou o seu negro* (2017, direção Raoul Peck). Amigo de grandes personalidades que lutaram pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, tais como Martin Luther King Jr., Malcolm X e Medgar Evers, James Baldwin falava ao povo por meio das entrevistas e debates televisivos e, principalmente, por meio dos seus livros. E são suas ideias que serão mostradas nesta pesquisa. Continuamos neste período, no capítulo três apresentamos uma discussão dos quatro episódios da obra *And Still I Rise: O Movimento Negro nos EUA desde Martin Luther King* (2016, direção: Leslie Asako Gladsjo). Viajaremos pelas décadas de 1960 a 2000 mostrando como foram as lutas constantes do povo afro-americano pelo direito de ser, viver e atuar dentro um sistema que não foi pensado para essa comunidade. Por fim, chegamos à atualidade com as obras *Infiltrado na Klan* (2018, direção: Spike Lee) e *Pantera Negra* (2018, direção: Ryan Coogler) no quarto capítulo, cujas representações do negro na tela tiveram uma guinada positiva, especialmente com o Pantera Negra.

Nossa pesquisa é indutiva, ou seja, as obras audiovisuais aqui citadas serão a base que norteará nossa discussão acerca do Apartheid norte-americano, pois esse conjunto de materiais audiovisuais contém pontos de vistas culturais, sociais e políticos da situação do negro nos Estados Unidos. Pontos importantes para compreender o porquê das dificuldades da população negra em relação as demais comunidades. Além disso, nos baseamos em uma ampla revisão bibliográfica para fundamentar nosso estudo, autores como: H. Bhabha; J. Baldwin; E.E.S.R. Shohat; F.T. Rony; J. Rancière; E. M. Palma; A. Mbembe; S. Hall; D. Kellner, entre outros fazem parte da nossa base bibliográfica.

Nossa tese é de que o negro nunca foi aceito na sociedade estadunidense, mesmo após ser liberto da escravidão. Por isso, nos apoiamos no audiovisual para mostrar as lutas incansáveis de um povo que tem apenas um desejo: o de existir, em

sua própria pele.

1 O DOCUMENTÁRIO A 13ª EMENDA

1.1 Outra Forma de Escravidão

Em entrevista para a apresentadora Oprah Winfrey, em 2017, a diretora do documentário, Ava DuVernay, explicou o que a levou a fazer o filme: foram as lembranças da sua infância quando da interação com a polícia. Ela conta que, em uma ocasião, seu pai estava regando as plantas no quintal de sua casa quando policiais vieram e abruptamente o jogaram no chão e queriam prendê-lo como suspeito de um crime que ele não havia cometido. E, além disso, todas as lembranças que ela possui de histórias de injustiça semelhantes que ocorreram com pessoas conhecidas. E que quando ela teve a oportunidade de fazer um documentário da forma que ela quisesse, ela sabia que seria exatamente algo que denunciasses essas experiências.

Durante dois anos DuVernay entrevistou tanto liberais como conservadores, sem deixar explícito o posicionamento político dos participantes, porém, cerca de quarenta por cento dos entrevistados eram de conservadores. Uma das formas pela qual ela conduziu as entrevistas foi sentar-se diante do entrevistado e fazer com que eles falassem acerca das definições dos termos sobre os quais conversariam. Por exemplo, perguntava-se o que é o complexo industrial carcerário? E todos conseguiram falar com ela e definir, com suas próprias palavras, aquilo que estavam conversando a respeito. E, conseqüentemente, a construção de suas definições mostravam a ela a perspectiva dos entrevistados, de posse dessa informação e sem criar oposição, a diretora procurava deixá-los confortáveis conforme a entrevista ocorria.

Foi deixado claro, também, que cada entrevista duraria duas horas, isto é, a diretora sentou-se com cada um dos entrevistados por duas horas para saber sua perspectiva. Eles conversavam por uma hora, havia uma pausa e depois mais uma hora, a curiosidade e interesse genuínos foram ferramentas importantes para conseguir com que os entrevistados falassem o que pensavam sobre o assunto abordado.

Após os dois anos de entrevista, Ava DuVernay possuía centenas de horas de entrevistas e mil horas de material racista e violento, ela procurou chegar ao cerne do seu propósito com o documentário escolhendo o que mais faria sentido para a

história. O material poderia ser apresentado em uma série com três ou quatro capítulos, mas, segundo ela, não acreditava que o público teria disposição de assistir toda a semana aquele tipo de documentário tão pesado, isto é, ela preferiu apresentar o documentário da forma mais dinâmica possível e deixá-lo como lição e ponto de reflexão. Ela preferiu escolher o que seria apresentado junto à sua equipe e originou-se o documentário *A Décima Terceira Emenda* com 100 minutos de duração e retratando 150 anos de opressão contra a população negra.

Podemos constatar que a diretora tornou de conhecimento geral a injustiça que há no inciso da 13ª Emenda, pois foi em uma brecha que existe na emenda e que iremos estudar nas páginas seguintes, que oportunizou-se operar todas as formas de agressões e injustiças contra a população negra de todas as idades, fazendo com que o cidadão negro não tivesse o verdadeiro gosto da liberdade, mesmo após muitos terem morrido na Guerra Civil americana para que seus descendentes pudessem prová-la. Iremos fazer um recorte no documentário e abordaremos apenas as fases que são importantes para constataremos o que é proposto, isto é, verificar se, mesmo após a promulgação da Décima Terceira Emenda, o que foi instituído, na realidade, foram outras formas de escravidão, para tanto, começaremos o nosso estudo com uma discussão a respeito dos filmes e se eles podem servir como documentos, estudaremos os documentos oficiais do governo dos Estados Unidos: a Constituição Federal e a Carta de Direitos da Virgínia; entraremos no documentário *A 13ª. Emenda (2016)* e o estudaremos, a partir da promulgação da referida emenda, até a Construção da periculosidade do negro segundo o documentário e finalizares com algumas cenas apresentadas no documentário.

1.2 O Filme Pode Servir de Documento Histórico?

Para validar a nossa discussão sobre os fatos que iremos abordar nos próximos capítulos, se faz necessário analisarmos se um filme/documentário poderia servir como documento histórico e se realmente deveríamos levar a sério o que se encontra em uma película, Marc Ferro nos explica qual o conceito que o filme possuía:

Seria o filme um documento indesejável para o historiador? Muito em breve cenário, porém ignorado, ele não é considerado nem sequer entre fontes mais desprezíveis. O filme não faz parte do universo mental do historiador. (Ferro, 2012, p.26)

Ferro (2012) nos traz um relato importante de como era visto o filme para o historiador nos primórdios de sua chegada. E completa:

Na verdade, o cinema ainda não era nascido quando a História se constituiu, aperfeiçoou seus métodos, parou de narrar para explicar. A “linguagem” do cinema revela-se ininteligível e, como a dos sonhos, é de interpretação incerta. Mas essa explicação não é satisfatória para quem conhece o infatigável ardor dos historiadores, obcecados por descobrir novos domínios, capazes de fazer falar até troncos de árvores, velhos esqueletos e aptos para considerar como essencial aquilo que até então julgavam desinteressante. (Ferro, 2012, p. 26)

Até aqui falamos dos primórdios do cinema, anos se passaram, e como nos diz Ferro (2012), “essa explicação não é satisfatória para quem conhece o infatigável ardor dos historiadores, obcecados por descobrir novos domínios, capazes de fazer falar até troncos de árvores, velhos esqueletos”. É exatamente por essa incansável busca por documentos históricos e provas que corroborem as hipóteses do historiador, que o filme/documentário não poderia deixar de fazer parte dos documentos historiográficos pois:

Não é suficiente constatar que o cinema fascina e inquieta: os poderes públicos e o privado pressentem também que ele pode ter um efeito corrosivo e que, mesmo controlado, um filme testemunha. Noticiário ou ficção, a realidade cuja imagem é oferecida pelo cinema parece terrivelmente verdadeira. [...] o filme tem essa capacidade de desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio. Ele destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo conseguiu construir diante da sociedade. A câmera revela o seu funcionamento real, diz mais sobre cada um do que seria desejável mostrar. Ela desvenda o segredo, apresenta o avesso de uma sociedade, seus lapsos. “Ela atinge suas estruturas. Isso é mais do que seria necessário para que após o tempo do desprezo venha o da suspeita, o do temor. (Ferro, 2012, p. 31)

Concordamos com Ferro (2012) quando ele nos diz que “o filme tem essa capacidade desestruturante e que há suspeita e temor com o que é revelado nas telas”, haja vista que no Brasil os tempos de censura, em que os filmes, músicas e expressões artísticas como um todo e até as notícias de jornais tinham que passar pelo crivo de um censor, nas palavras de Ferro (2012) “os poderes públicos e o privado pressentem também que ele pode ter um efeito corrosivo e que, mesmo controlado, um filme testemunha” – tal conclusão do autor é perfeita para nosso estudo.

E Rancière nos coloca um ponto importante quanto à ficção:

A ficção...é mais filosófica do que a história. Acontece que a ficção, por conta da sua própria limitação, obriga a uma racionalização da apresentação dos fatos e de seus vínculos, a uma decantação de nossos modos de percepção e de explicação das coisas, como num cálculo dos

efeitos que essa representação deve produzir sobre o sentimento e pensamento daqueles a quem se dirige [...] (Rancière, 2007, p. 54)

Desse modo, ao estudarmos um filme/documento estamos também analisando as intenções contidas naquele fílmico, pois, seu criador, segundo Rancière (2007), “necessita calcular os efeitos que aquela representação deve produzir sobre o sentido e pensamento daqueles a quem se dirige”. E, até mesmo a intenção daquele que criou a película, passa a ser um dado histórico, uma vez que, essa pessoa faz parte da sociedade e seu produto é dirigido para um grupo ou grupos:

Qual é a hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História. E qual o postulado? Que aquilo que não aconteceu (e por que não aquilo que aconteceu?) as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História. (Ferro, 2012, p. 32)

Com isto, estamos seguros de que nossa escolha pelo audiovisual para estudar os fatos e sentimentos de uma época foi acertada, pois conforme afirma Rancière (2007): “uma arte que reúne o poder da apresentação visível dos fatos ameaçadores e terríveis com a estrutura narrativa do encadeamento dos fatos e das explicações de suas razões. Essa arte é o cinema.” (p. 54)

Portanto, nos capítulos a seguir estudaremos as intenções daqueles que criaram os filmes, analisaremos documentos oficiais e cenas de documentos fílmicos para podermos delinear a nossa hipótese de que, por mais que em 1865 entrava em vigor a décima terceira emenda, libertando a população negra estadunidense, os partidários da escravidão criaram outras formas legais para manter essa população cativa.

1.3 Constituição dos Estados Unidos da América e a Carta de Direitos da Virgínia

Para que possamos analisar o documentário *A 13ª. Emenda* precisamos estudar os documentos oficiais daquele período de maneira que, ao chegarmos ao documentário, a nossa explanação faça sentido.

Após a chamada Revolução Americana¹⁰, a independência dos Estados Unidos foi declarada em 1776. E em 1787 a Constituição Americana foi promulgada e

¹⁰ A independência dos Estados Unidos foi declarada em 4 de julho de 1776 e reconhecida pelos ingleses em 1783, após cinco anos de guerra. Fonte: História do Mundo, 2023, on-line.

ratificada dois anos depois pelas treze colônias¹¹. Considerável lembrar que em 1791, a Carta Americana recebia o acréscimo da Carta de Direitos, *Bill of Rights* ¹². Tudo de acordo com a historiadora Julia Bezerra em sua publicação para o sítio Toda Matéria

Vejamos alguns itens da Constituição Federal dos Estados Unidos de 1787:

Caput

Nós, o povo dos Estados Unidos, a fim de formar uma União mais perfeita, estabelecer a justiça, assegurar a tranquilidade interna, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral, e garantir para nós e para os nossos descendentes os benefícios da Liberdade, promulgamos e estabelecemos esta Constituição para os Estados Unidos da América.

Seção 2

Os cidadãos de cada Estado terão direito nos demais Estados a todos os privilégios e imunidades que estes concederem aos seus próprios cidadãos. A pessoa acusada em qualquer Estado por crime de traição, ou outro delito, que se evadir à justiça e for encontrada em outro Estado, será, a pedido da autoridade executiva do Estado de onde tiver fugido, presa e entregue ao Estado que tenha jurisdição sobre o crime.

Nenhuma pessoa sujeita a regime servil sob as leis de um Estado que se evadir para outro Estado poderá, em virtude de lei ou normas deste, ser libertada de sua condição, mas será devolvida, mediante pedido, à pessoa a que estiver submetida.

E agora vamos confrontar a Constituição com a Carta de Direitos da Virgínia de 1776:

Declaração de Direitos da Virgínia

(Dos direitos que nos devem pertencer a nós e à nossa posteridade, e que devem ser considerados como o fundamento e a base do governo, feito pelos representantes do bom povo da Virgínia, reunidos em plena e livre convenção.)

Williamsburg, 12 de junho de 1776.

Artigo 1º - Todos os homens nascem igualmente livres e independentes, têm direitos certos, essenciais e naturais dos quais não podem, por nenhum contrato, privar nem despojar sua posteridade: tais são o direito de gozar a vida e a liberdade com os meios de adquirir e possuir propriedades, de procurar obter a felicidade e a segurança.

Artigo 2º - Toda a autoridade pertence ao povo e por consequência dela se emana; os magistrados são os seus mandatários, seus servidores, responsáveis perante ele em qualquer tempo.

Destacamos que, enquanto a Constituição Federal Americana garante a posse para o dono da pessoa em regime servil, isto é, o escravizado, mesmo que esse fuja e vá para outro estado, sendo que, nesse caso, conforme a própria Constituição, será devolvida (a propriedade), a pedido daquele que detém a posse

¹¹ As 13 Colônias: Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island, Connecticut, Nova York, Pensilvânia, Nova Jersey, Delaware, Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia. Fonte: BBC News Brasil.

¹² A Declaração de Direitos é um dos principais documentos de reivindicação da liberdade na Inglaterra. O *Bill of Rights* limitou o poder do rei. Fonte: educabras.com.

(do escravizado). Já a Declaração de Direitos da Virgínia, no seu artigo 1º deixa claro que *todos* – importante salientar o uso dessa palavra: todos – “os homens nascem igualmente livres e independentes, têm direitos certos, essenciais e naturais dos quais não podem, por nenhum contrato, privar nem despojar sua posteridade”, e, dentre eles está a liberdade. O 1º artigo menciona o que é conhecido como direito natural ou jusnaturalismo, em que, de acordo com Paulo Nader (2001, p. 359), “o motivo fundamental que canaliza o pensamento ao Direito Natural¹³ é a permanente aspiração de justiça que acompanha o homem”; acredita-se que o direito natural é anterior ao direito posto, escrito, e que, o direito posto deve estar em consonância com o direito natural. Um exemplo é a declaração de que todos os homens nascem igualmente livres.

Entretanto, está evidente que a liberdade citada não contemplava a todos, por mais que estivesse ali declarada, pois a população negra, que continuava cativa e não gozava de nenhum dos direitos elencados tanto na Constituição Federal como na Declaração de Direitos da Virgínia. Podemos inferir que a população negra cativa não possuía os atributos para ser considerada pessoas de direito, o que se entende é que eram apenas seres, objetos, enfim, mão de obra.

Razão pela qual, quando se diz: “...o povo dos Estados Unidos...” sabemos que não estava incluso o povo negro estadunidense e, para corroborar esse entendimento, é descrito para quem esse benefício da liberdade se estende: aos descendentes (de pessoas brancas livres possuidoras de direito), outro fato relevante, precisamos recordar que a Constituição foi aprovada em 1787 e que a Décima Terceira Emenda, que aboliu a escravidão nos Estados Unidos, foi aprovada em 1865. Entre a Constituição Americana e a Décima terceira emenda temos setenta e oito anos de distância e uma guerra civil que durou quatro anos até que o povo negro pudesse dizer que era livre, o que ainda não significou dizer cidadão de direitos, mas veremos esse fenômeno mais adiante, continuemos com o nosso estudo.

Notamos a importância que os norte-americanos dão para as futuras

¹³ A ideia de Direito Natural é o eixo em torno do qual gira toda a Filosofia do Direito. O jusfilósofo ou é partidário dessa ideia ou é defensor de um monismo jurídico, visão que reduz o Direito apenas à ordem jurídica positiva. [...] O adjetivo natural, agregado à palavra direito, indica que a ordem de princípios não é criada pelo homem e que expressa algo espontâneo, revelado pela própria natureza. [...] O divórcio entre o Direito Positivo e o Natural cria as chamadas leis injustas, que negam ao homem o que lhe é devido. (Nader, 2001, ps. 359 – 362)

gerações, “Dos direitos que nos devem pertencer a nós e à nossa posteridade”, novamente, não compreendemos como posteridade, os filhos da população negra, que ainda era escrava e, apesar da Declaração de Direitos da Virgínia consagrar direitos naturais, o negro seguia cativo. Vejamos o artigo primeiro: “Todos os homens nascem igualmente livres e independentes, têm direitos certos, essenciais e naturais dos quais não podem, por nenhum contrato, privar nem despojar sua posteridade [...]”. Ora, notamos o termo “Direitos Naturais”, além disso, é também citado que, “todos os homens nascem igualmente livres”, a pergunta que fazemos nesse ponto é, quais homens nascem livres?

Podemos inferir que, para aquela sociedade escravagista, esses homens, essas gerações futuras eram compostas apenas dos homens brancos. O negro não figurava como pessoa livre e muito menos como homem, isto é, ser humano.

Conforme o pesquisador Achille Mbembe cita em seu livro:

A noção de raça permite que se representem as humanidades não europeias como se fossem um ser menor, o reflexo pobre do homem ideal de quem estavam separadas por um intervalo de tempo intransponível, uma diferença praticamente insuperável. (Mbembe, 2017. p. 39)

Baseados nas citações de Mbembe e analisando tanto a Constituição Federal estadunidense quanto a Declaração de Direitos da Virgínia, entendemos que, apesar das palavras que compõem as cartas do estado e do país, a população negra não havia sido incluída em nenhuma delas, apesar de seres humanos, não eram vistos como tal, mas sim, como qualquer outra coisa.

De onde vem essa dificuldade de ver o negro como pessoa? Qual seria a origem dessa dificuldade retratada nas telas do cinema e enfrentada na vida? Precisamos ressaltar um ponto importante no nosso estudo, antes de chegarmos à Décima Terceira Emenda, nas palavras de Ibram X. Kendi, para o documentário *Marcados: a história do racismo nos EUA* (2023)¹⁴:

[...] O mercado de escravizados da Europa Ocidental durante séculos só tinha escravos do Leste Europeu. A raiz do termo escravo é eslavo. Então por que, de repente, se passou a escravizar principalmente povos africanos? O príncipe Henrique de Portugal viu o valor do povo africano nos mercados de escravizados na Europa Ocidental. Eles eram mais valiosos que os escravos do Leste Europeu porque era mais difícil para eles fugirem e mais difícil para eles se misturarem na população. Então ele financiou expedições até a fonte. O príncipe Henrique não queria admitir que estava usando violência e brutalidade para escravizar o povo africano e assim ganhar dinheiro. Então ele enviou um escravidão real chamado Gomes Zurara para escrever a história

¹⁴ Título original: *Stamped from the Beginning*

dele. Gomes Zurara justificou o comércio de escravizados afirmando que o Príncipe Henrique estava fazendo isso para salvar almas, e que esse povo africano era inferior, eram como animais.

E o autor completa:

Além do livro do Gomes Zurara ter sido o primeiro grande texto de um europeu escrito na África, também se tornou *best-seller*. Essas ideias racistas de que o povo africano era um bicho começaram a circular pela Europa Ocidental. (op. cit.)

Aí está uma das explicações para que o povo negro estadunidense não fosse considerado como pessoa, mas sim, eram considerados bichos. Então podemos inferir exatamente que, se eram tais quais bichos, eram inferiores e como tais, poderíamos ser escravizados, pois a escravização era como descreve Kendi (2023), “salvar nossas almas”, enquanto os escravagistas, como o príncipe Henrique, aumentavam os seus lucros com o comércio de escravizados. E para corroborar o que estudamos até aqui, neste capítulo, veremos o caso Dred Scott com uma decisão de 1858 da Suprema Corte:

Dred Scott era um escravo, de propriedade de um cirurgião do exército dos Estados Unidos, o Dr. Emerson. Emerson foi transferido de *Mississippi* para um posto militar em *Rock Island*, no ano de 1834, e lá residiu até 1836, quando se mudou para o *Forte Snelling*, situado no Território Federal de Louisiana. Em 1838, Emerson mudou-se, definitivamente, para o Estado de Missouri e, um pouco antes do ajuizamento da ação, vendeu Dred Scott, sua esposa e filhas para Sandford. Ocorre que, desde 1820, a escravidão havia sido abolida do Território Federal de Louisiana, por ato regularmente aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos, o Compromisso de Missouri (*The Missouri Compromise*). Assim, Dred Scott ajuizou medida judicial contra Sandford, seu novo proprietário, sob o argumento de que, tendo residido no Território de Louisiana, com sua esposa, faria jus à liberdade, não mais podendo ser mantido como escravo. (Migalhas, 2021, on-line)

A resposta da suprema corte foi esta:

“A questão é simplesmente a seguinte: Pode um negro, cujos ancestrais foram importados para este país, e vendidos como escravos, tornar-se membro da comunidade política formada e constituída pela Constituição dos Estados Unidos e, como tal, fazer jus aos privilégios, imunidades e garantias oferecidas aos cidadãos?” Pensamos que não. Eles [os escravos] não foram incluídos e nem havia a intenção de incluí-los na categoria de “cidadãos” na Constituição e não podem, portanto, reclamar qualquer dos direitos e privilégios que o referido instrumento oferece e assegura aos cidadãos dos Estados Unidos. Ao contrário, eles eram considerados, naquela ocasião [da ratificação da Constituição], como uma classe de seres subordinados e inferiores, os quais foram subjugados pela raça dominante, de modo que, emancipados ou não, permanecem submetidos à autoridade deles [raça dominante], não possuindo direitos e nem privilégios a não ser os que aqueles que estão no poder e no Governo decidam por lhes oferecer. (Migalhas, 2021, on-line)

Com isso, concluímos que o afro-americano não era considerado como cidadão, isto é, nem como pessoa ele era visto, conseqüentemente, ele não poderia

usufruir dos direitos elencados na Constituição Federal Estadunidense. Porém, uma nova esperança nascia com a décima terceira emenda. Com o término da Guerra de Secessão houve a promulgação da referida emenda:

EMENDA XIII (1865)

Seção 1

Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado.

A décima terceira emenda foi um avanço, pois aboliu a escravidão, porém deixou um espaço para que houvesse o retorno ao cativo, vamos colocar em outras palavras o que está inserido nessa emenda: caso o réu tenha cometido crime e seja julgado e condenado, a “escravidão” na modalidade de trabalhos forçados, é admitida como forma de punição. Temos, nesse trecho, tudo o que é necessário para punir o negro por qualquer crime e colocá-lo, novamente, na condição de escravizado com o aval da lei.

1.4 O Documentário A 13ª emenda

Em 2016, a diretora Ava DuVernay lançou o documentário “A 13ª emenda”, nos serviremos desse trabalho para continuarmos a nossa discussão sobre a situação da população negra nos Estados Unidos, para tanto, faremos um recorte no documentário e o estudaremos a partir da promulgação da emenda até os anos de 1964.

Jelani Cobb, professor de estudos afro-americanos na Universidade de Connecticut, afirma no documentário:

A escravidão era um sistema econômico e o término da escravidão no fim da Guerra Civil, deixou a economia sulista destruída, isso gerou uma grande questão, existiam quatro milhões de pessoas que eram propriedade, que eram praticamente parte integral do sistema econômico de produção do sul e agora essas pessoas estavam livres. O que fazer com essas pessoas? Como reconstruir a economia? A brecha da 13ª emenda foi imediatamente aproveitada. (Cobb, 2016, Documentário 13ª Emenda)

A brecha em que o professor se refere, conforme vimos, é essa, [...] “salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado”. Não foi por coincidência que se aumentou o número de pessoas negras encarceradas.

A educadora e autora do livro “*The new Jim Crow*”, Michelle Alexander, é uma das entrevistadas no documentário, e ela declara:

Após a Guerra Civil, os afro-americanos foram presos em massa. Foi o primeiro aumento de detentos do país. Eles eram presos por crimes

insignificantes como ociosidade ou vadiagem. Por toda a história americana, os afrodescendentes foram repetidamente controlados por sistemas de controle racial e social que parecem morrer, mas então renascem de outra forma, ajustados às necessidades e restrições da época. (Alexander, 2016, Documentário 13ª Emenda)

É nesse ponto que precisamos citar Jacques Rancière, pois ele nos ajudará a entender a dinâmica do pensamento daqueles que detêm o poder. Em uma entrevista o escritor explica o que ocorre:

Insisti no fato de que o “poder do povo” é impossível de ser contido em uma fórmula constitucional. Há uma contradição entre esse poder e a forma estatal em geral, que é sempre uma forma de privatização do poder de todos em benefício de uma minoria. [...] A “democracia” que nossas oligarquias defendem é, de fato, o confisco da democracia. (Rancière, 2014, on-line)

Essa citação nos permite compreender o que ocorreu após a libertação dos escravizados nos Estados Unidos, pois, na realidade, o que importava era o interesse de poucos, daqueles privilegiados que perderam com a libertação do povo negro, em detrimento de quatro milhões de ex-escravizados e gerações de pessoas negras que perderam sua liberdade e suas vidas, é o que veremos a seguir:

Depois do colapso da escravidão nasceu um novo sistema, o aluguel de condenados, uma nova forma de escravidão. E quando o aluguel de condenados acabou, nasceu um novo sistema, o sistema Jim Crow, que relegava afro-americanos a um status permanente de segunda classe. E aqui estamos, décadas após o colapso da velha lei Jim Crow, e um novo sistema nasceu nos EUA. Um sistema de encarceramento em massa que, de novo, retira milhões de pessoas pobres, especialmente pessoas negras pobres, os seus direitos, os mesmos direitos supostamente ganhos com o movimento de direitos civis. (Alexander, 2016, Documentário 13ª Emenda)

Constatamos que houve um movimento, a partir da libertação dos escravizados, para que os negros pudessem continuar cativos, ou seja, ao retirar dos cidadãos negros os seus direitos de pessoa livre, eles estariam sujeitos a todo o tipo de violência ou privação, pois, de acordo com a lei, o réu condenado perdia os seus direitos e poderia realizar trabalhos forçados, por exemplo. Mas temos que nos lembrar, conforme cita a escritora Michelle Alexander (2016), que “eles eram presos por crimes insignificantes como ociosidade ou vadiagem”.

Precisamos destacar, com isso, que caso o negro não tivesse trabalho, ele seria preso e se trabalhasse, não ganharia nem mesmo o mínimo para sobreviver. Logo, a opção seria o trabalho análogo ao de escravo ou a prisão e, conseqüentemente, trabalhar sem receber nada.

Figura 6 O encarceramento de jovens negros com idade variada após serem “libertados”



Fonte: Documentário 13a. Emenda (2016)

O Resultado foi o encarceramento em massa de jovens afro-americanos a partir dos quatorze anos de idade com o objetivo de trabalharem nas mesmas fazendas as quais, anteriormente, seus pais e até eles mesmos pertenciam como escravizados. Enquanto o racista crê na falta de humanidade do povo negro, ele não enxerga que a monstruosidade parte dele mesmo. Na foto é possível visualizar crianças que aparentam ter dez ou onze anos de idade.

1.5 A Construção da Periculosidade do Negro Segundo o Documentário

Como se não bastasse a lei permitir a retirada de direitos daqueles que fossem considerados culpados por qualquer crime, isto é, até o mais insignificante como vimos, houve também a construção da periculosidade do negro, Jelani Cobb descreve o que aconteceu naquela época:

O que aconteceu depois disso (após a libertação) foi uma rápida transição para uma espécie de mitologia da criminalidade negra. Veja o discurso que as pessoas usavam na época. Diziam que os negros estavam fora de controle, que havia uma ameaça de violência contra as mulheres brancas. (Cobb, 2016, A 13ª Emenda)

Figura 7 - O perigo do negro para a mulher branca



Fonte: Documentário 13a. Emenda (2016)

E o exemplo dessa construção negativa que foi, e é, extremamente nociva para a população negra é o filme “O nascimento de uma nação”, conforme vimos na introdução desta tese, ele é uma produção de 1915, dirigido pelo diretor D. W. Griffith. O filme aparece no documentário 13ª emenda juntamente com fatos que ocorreram após a sua estreia nos cinemas, por isso iremos falar do filme novamente, mas com enfoque, agora, nas consequências negativas para a população afro-americana:

“No filme, toda a imagem que se tem do negro é depreciativa, como se fosse um bicho, uma imagem canibalesca, animalesca. Essa é a imagem do homem afro-americano”. (Gates, 2016, 13ª emenda)

Cobb (2016) nos revela um dado importante sobre o filme citado, “o que passou despercebido em *O nascimento de uma nação (1915)* é que ele foi uma previsão exata de como a raça iria operar nos EUA”. E é de acordo com essa afirmação que trazemos uma citação que nos norteia com relação a entender que essa construção de um ser inferior, violento e ganancioso não estaria completa se não houvesse uma explicação pseudocientífica para justificar a natureza vil da população negra, é aí que o termo raça ganha popularidade:

Tal noção de raça ganha força, principalmente, no século XIX, quando a abolição da escravidão no mundo todo possibilitou a realização do princípio de igualdade anunciado na Revolução Francesa. É sob a ameaça de igualdade entre as pessoas que o ideário racista se torna necessário, uma vez que a ideia de raça é usada como uma resposta negativa quanto à igualdade dos seres humanos. Mas a diferença não para aí. Raça é usada para diferenciar e hierarquizar. Negros (e outros grupos raciais) são vistos como inferiores e diferentes biologicamente. (Nunes, 2010, pg. 35)

Sylvia da Silveira Nunes (2010) acerta ao relacionar a popularidade que o termo raça ganha a partir do século XIX, pois, assim, haveria uma hierarquização dos seres humanos devido à cor da pele, logo, percebemos, devido ao que estudamos até agora, que havia várias razões para se fazer essa diferenciação, uma delas era econômica. Mas ao longo da história, os motivos pelos quais ocorreu essa criação ficaram esquecidos e apenas a imagem distorcida e vil do homem negro, como uma “verdade basilar”, é que fica em evidência.

Com o sucesso e repercussões positiva e negativa do filme, pessoas negras, novamente, começaram a ser perseguidas e mortas nos EUA, de acordo com Cobb (2016): “com a enorme explosão de popularidade que a Ku Klux Klan¹⁵ teve por

¹⁵ Como citado anteriormente, a Ku klux klan possuiu três fases, citaremos novamente a segunda: A segunda fase da Klan iniciou-se a partir de 1915, quando foi lançado um filme chamado *The Birth of a*

causa de *O nascimento de uma nação* (1915) houve uma outra onda de terrorismo”. E o advogado e autor do livro *Founder, equal justice initiative* (2016), Bryan Stevenson (2016), vai ao encontro da declaração de Cobb: “tivemos linchamentos entre a Reconstrução e a 2ª Guerra Mundial. Milhares de afro-americanos mortos por quadrilhas, sob o pretexto de que tinham cometido algum crime”.

Figura 8 - Homens negros enforcados (linchados) por um grupo de homens brancos.



Fonte: Documentário 13a. Emenda (2016)

Ora, isso significa que o aparecimento do filme *O nascimento de uma nação* (1915) não foi o responsável por criar a ideia de que o homem negro era uma ameaça e deveria morrer, porém reavivou a sede por sangue dos racistas. Além da construção dessa imagem violenta e ameaçadora, o Sul também criou as leis de segregação que duraram de 1877 a 1964, segundo O. Reis¹⁶ (2021, p.37) “essas leis foram conhecidas como ‘*Jim Crow*’, pois havia um comediante branco, Thomas D. Rice, que pintava o seu corpo de preto para fazer apresentações em casas de show” e ficou conhecido pelo nome homônimo. Além disso, nas apresentações, segundo Jardim (2016), “ele incorporava o que achava ser o ‘típico negro’: uma pessoa burra, vestida de trapos, fazendo atrapalhadas e andando de maneira boba por aí”.

Nation (*O Nascimento de uma Nação*, em português). Esse filme apresentou uma imagem heroica da Klan e, por isso, é considerado o responsável pelo renascimento da organização. Essa fase da Klan estendeu-se até meados da década de 1940 e foi o período de maior força da Ku Klux Klan. Nessa fase, a Klan chegou a contar com aproximadamente quatro milhões de membros espalhados por todo o território dos Estados Unidos. Ao longo da década de 1920, os membros da Klan começaram a fazer aparições públicas, ganharam influência na política em determinados locais e adicionaram à sua ideologia a xenofobia, o antissemitismo e o anticatolicismo.

¹⁶ Como citamos dois autores que possuem o sobrenome Reis, para que o leitor não se confunda, utilizaremos: O. Reis para Celso Ronald de Oliveira Reis e, Reis, para Luis Gustavo Reis.

1.6 Algumas Cenas Mostradas No Documentário “13ª Emenda”

O documentário *A 13ª. Emenda*, dá enfoque às injustiças sofridas pelo povo negro nos Estados Unidos, a partir do filme de D. W. Griffith, com suas consequências desastrosas para o povo afro-americano, uma vez que, segundo Ferro (2012) “as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História”. Portanto, estudar as consequências desse fílmico é, também, estudar o ponto de vista do diretor do filme.

Após a estreia do filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915), segundo o documentário, o enforcamento de homens negros era comum. Veja a postura do homem de gravata, orgulhoso, como se tivesse abatido a sua caça (fig. 9)

Figura 9 - Enforcamento de homem negro



Fonte: Documentário 13a. Emenda (2016)

Outras situações que ocorreram:

Figura 10 - Homem negro atacado na rua por apenas estar passando próximo a um grupo de homens brancos



Fonte: Documentário A 13a Emeda (2016)

Figura 11 Homem negro teve as letras KKK marcadas com canivete em seu peito



Fonte: Documentário 13a. Emenda (2016)

2 A VOZ¹⁷ PÓSTUMA DE PROTESTO DE JAMES BALDWIN¹⁸ NO DOCUMENTÁRIO *EU NÃO SOU O SEU NEGRO*

2.1 Não é o Que Se Fala, é o Que Se Faz

James Baldwin era um crítico social e um escritor que falava ao povo por meio das entrevistas e debates televisivos e, principalmente, por meio dos seus livros. Além de um ativista dos direitos civis, foi amigo¹⁹ do reverendo Martin Luther King Jr., de Malcolm X e de Medgar Evers, todos assassinados antes de chegarem aos quarenta anos. Foi devido aos assassinatos dos seus três²⁰ amigos que, em 1979, Baldwin teve a inspiração de escrever o livro que teria como título: *Remember this house (Lembre-se desta casa, em tradução livre)*, livro que ele jamais terminaria. Da inspiração do livro ele teve tempo de escrever apenas trinta páginas. O diretor Raoul Peck, que, por sua vez, é conhecido por seu trabalho histórico, político e artístico e que já lia os romances de James Baldwin desde os seus quinze anos, ao tomar conhecimento, por intermédio da irmã mais velha do escritor, do trabalho que ele pretendia realizar, percebeu logo o bem precioso que tinha nas mãos. Após muita pesquisa e adaptações, o diretor nos apresentou o seu trabalho e todo ele baseado nas trinta páginas e para que pudéssemos conhecer mais a fundo o pensamento de Baldwin, Raoul Peck nos brindou com cartas do autor, discursos e entrevistas, a narração ficou por conta do competente Samuel L Jackson, que nos faz, algumas vezes, confundir a sua voz com a do próprio James Baldwin no documentário tão importante para o nosso tema em pauta: *Eu não sou o seu negro* (2017).

2.2 *Eu Não Sou o Seu Negro* e a Voz de James Baldwin na Luta Pelos Direitos Civis

¹⁷ Nos anos de 1960 o Movimento pelos Direitos Civis ganha força ocorrendo por quase todo o país, James Baldwin foi um ativista que, também, lutou arduamente por esses direitos. Ao nos depararmos com o documentário, “Eu não sou o seu negro”, escolhemos dar luz à sua voz, ao invés de descrever apenas os acontecimentos retratados no documentário, pois é a sua voz que tem o poder de descrever as injustiças e agruras vividas pelo povo afro-americano, uma vez que o documentário foi baseado em seu manuscrito. Nota do autor.

¹⁸ O sítio a seguir apresenta uma boa biografia parcial de James Baldwin: <https://www.geledes.org.br/james-baldwin/>

¹⁹ Informações retiradas do livro e do documentário “Eu não sou o seu negro” (BALDWIN, 2017, ps. IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV)

²⁰ Falaremos das biografias dos três amigos de Baldwin no subcapítulo: Uma Luta Contínua por Superação.

Quando James Baldwin participou do programa de Dick Cavett Show em 1968, o entrevistador comenta que Baldwin ainda deveria se deparar com o comentário de pessoas brancas de que o negro não é otimista, mas está melhor atualmente, pois há negros que são prefeitos, destaques nos esportes, na política e até mesmo fazendo comercial. E que ele não entendia como as coisas sendo tão boas para os negros, mesmo assim parece que eles se sentem sem esperança. A resposta de Baldwin foi a seguinte:

Bem, eu não creio que há muita esperança para isso, para te dizer a verdade enquanto as pessoas continuarem utilizando esse linguajar peculiar. Não é uma questão de o que acontece com o negro aqui ou com o homem preto aqui – essa é uma questão muito vívida para mim, mas a real questão é o que vai acontecer com esse país. Eu tenho que repetir isso. (Baldwin, 2017, p. 4)

Ora, além de se referir todo o tempo ao cidadão afro-americano como negro²¹, termo que passou a ser ofensivo nos Estados Unidos, que, naquele momento, 1968, já estava sendo mudado para *Black man*, em consequência do *Movimento Black Power* ²² com início em 1966, e posteriormente *Afro American* a partir dos anos de 1980, o entrevistador, até se dá conta desse fato e pede desculpas²³ para o escritor, mas continua porque não conhece outro termo para se referir aos afrodescendentes. E Baldwin demonstra a sua preocupação com o que ocorrerá naquele país cujos habitantes caucasianos já banalizaram a maneira de tratar aqueles que não possuem a mesma cor de pele e origem deles, isto é, como eles consideram os EUA um país totalmente civilizado e desenvolvido se há desigualdades extremas nas relações étnicas? Baldwin já sabia que, na realidade, nada havia mudado, haja vista todas as notícias de agressões e assassinatos de pessoas pretas nos Estados Unidos, causados, principalmente, pelas autoridades que deveriam proteger toda a sociedade e não apenas parte dela, o que Baldwin temia era aonde o país iria chegar, caso não superasse essas desigualdades que eles mesmos, os poderosos, criaram. É importante mencionar que vimos no século

²¹ De acordo com o dicionário *Longman Advanced American Dictionary* o termo *negro* é ofensivo nos Estados Unidos. No Brasil, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, página 1187, traz a seguinte informação: “Negro: diz-se indivíduo da raça negra; preto.” De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial no seu inciso IV – População Negra é definido como: “o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas”. Importante destacar que os termos negro ou preto passam a ser ofensivos a depender da forma que são utilizados pelo interlocutor.

²² Estudaremos o Movimento Black Power no documentário o Movimento Negro nos EUA e Eu Ainda Prossigo. Nota do autor.

²³ Referência ao debate completo: <https://www.youtube.com/watch?v=hzH5IDnLaBA> (visitado em 24/11/21).

21 e mais precisamente no ano de 2020, isto é, cinquenta e dois anos após esse debate, o movimento *Black Lives Matter* (*Vidas Negras Importam*) lutando por justiça após o assassinato de George Floyd por alguns policiais brancos, vale destacar que tudo foi filmado e em nenhum momento houve resistência ou qualquer atitude de George que justificasse a sua morte. Por mais que, na mente do apresentador do programa de 1968 (The Dick Cavett Show) a situação do negro na América havia mudado, Baldwin sabia que não, pois o apresentador analisava a situação apenas pela superfície, enquanto Baldwin a contemplava de forma mais profunda.

E para entender o seu modo de pensar e sua preocupação com o seu país e principalmente com a situação da pessoa preta naquele estado, em um debate na Universidade de Cambridge em 1965, Baldwin fala:

Deixando de lado todos os fatos físicos que se pode citar, deixando de lado o estupro ou o assassinato, deixando de lado o registro sangrento de opressão, coisas com as quais já estamos bem familiarizados, o que isso faz ao subjugado é destruir a sua noção de realidade. Isto significa, no caso do negro americano, nascido naquela república reluzente. No momento em que você nasce, como não sabe de nada, todos que estão a sua volta têm o rosto branco, e, como você ainda não se olhou no espelho, você acha que também é. É um grande choque quando aos cinco, seis ou sete anos de idade você descobre, vendo Gary Cooper matar os índios enquanto você torce por ele, que os índios eram você. (Baldwin, 2017, p. 23)

E Baldwin (2017) conclui o seu pensamento com uma fala que nos faz refletir:

Você tem um grande choque ao descobrir que o país, que é a sua terra natal, e para o qual você deve a sua vida e identidade, não criou em todo o seu sistema de realidade um lugar para você. (Baldwin, 2017, p. 23)

Em outras palavras, o que James Baldwin queria dizer é, eu amo o meu país, mas o meu país não me ama. Devido à sua maneira de pensar, devido às suas palestras, livros e artigos, em março de 1966 o *FBI - Federal Bureau of Investigation* – o equivalente à polícia federal no Brasil, faz um relatório do escritor:

FBI – Memorando – Informação sobre James Arthur Baldwin para o diretor assistente do FBI: Alan Rosen – Os arquivos do FBI revelam que, Baldwin, um escritor negro, nasceu em Nova York e morou e trabalhou na Europa. Ele se tornou famoso escrevendo sobre o relacionamento entre brancos e negros. Comenta-se que Baldwin pode ser homossexual e ele parece ser mesmo. As informações coletadas deixam claro que ele é um indivíduo perigoso, que pode cometer atos contra a defesa nacional e contra a segurança pública dos EUA em tempos de crise. Consequentemente o nome dele vai ser incluído no índice de segurança. (Baldwin, 2017, ps. 32-33)

Baldwin (2017) acerta quando diz que “o seu próprio país não criou em todo o seu sistema de realidade um lugar para a pessoa preta”, pois segundo Shohat (2006, p. 286), o negro possuía as seguintes representações²⁴ nas telas:

1. o empregado servil (que remonta ao Pai Tomás, o protagonista de *A cabana do Pai Tomás* (1969));
2. o negro ingênuo, um tipo que se subdivide em dois – a figura do palhaço inofensivo, de olhos esbugalhados; e o filósofo simplório, mas simpático;
3. o “mulato trágico”, em geral uma mulher, vítima de herança racial dupla, que tenta “passar por branca” em filmes como *O que a carne herda* (1949) ou *Imitação da vida* (1959); ou o mulato demonizado, ambicioso e pouco confiável, como Silas Lynch de *O nascimento de uma nação* (1915);
4. a “Mammy”, a figura feminina da empregada gorda, falante, mas de bom coração que serve para reunir os outros membros da casa, como Hattie McDaniel de *E o vento levou* (1939).
5. o negro brutal e hipersexualizado, uma figura ameaçadora que era comum no teatro e cuja personificação mais famosa é Gus, de *O nascimento de uma nação*, e que George Bush ressuscitou para propósitos eleitorais na figura de Willie Horton.

Destacamos desses cinco, dois estereótipos para fins de comparação, James Baldwin não era o empregado servil de “A cabana do Pai Tomás”, portanto, ele só poderia ser o negro brutal e hiper sexualizado, a figura ameaçadora do personagem Gus de “O nascimento de uma nação”. Isto é, os estereótipos das telas refletem aquilo que se pensa na vida real. Haja vista a descrição feita pelo FBI do escrito, até mesmo a orientação sexual de Baldwin era algo relevante para traçar o seu perfil perigoso e ameaçador. Em 24 de junho de 1963, foi ao ar o programa de televisão chamado, *Perspectives*, com uma entrevista intitulada: *O Negro e a promessa americana*; o apresentador, Kenneth Clark, convidou Martin Luther King Jr., Malcolm X e James Baldwin para serem entrevistados, James Baldwin desabafa:

Existem dias, hoje é um deles, em que eu fico imaginando qual é o seu papel neste país e qual é o futuro nele. Como você vai se reconciliar

²⁴ Esses são os cinco estereótipos principais que Bogle (1989) levantou das representações dos negros no cinema de Hollywood e Shohat (2006) citou em seu livro.

consigo mesmo, com a sua situação aqui e como você vai comunicar à vasta, negligente, irracional e cruel maioria branca que você está aqui. Estou aterrorizado com a apatia moral, com a morte do coração que está acontecendo no meu país. Essas pessoas se iludiram por tanto tempo que realmente não acham que eu sou humano. E me baseio na conduta delas, não no que elas dizem. E isso significa que elas acabaram se tornando monstros morais. (Baldwin, 2017, p. 39)

Essa sensação de desilusão não é nova para o escritor, em 1953, em um artigo escrito com o título *Um estranho no vilarejo*; Baldwin descreve a sua viagem para o vilarejo de Leukerbad, na Suíça. Ele foi a primeira pessoa preta a estar ali, de acordo com os seus escritos. Em certa parte do artigo ele nos dá a resposta para o que ele mesmo afirma na citação anterior:

²⁵Pois este vilarejo me faz lembrar do seguinte fato: de que houve uma época, não faz muito tempo, em que os americanos não eram exatamente americanos, mas europeus descontentes diante de um continente vasto e que não haviam dominado, que chegavam, digamos, a uma feira e viam homens negros pela primeira vez. O choque desse espetáculo era claramente sugerido pela rapidez com que eles concluíam que aqueles homens negros não eram realmente homens, mas gado. É verdade que a necessidade dos pioneiros do Novo Mundo de conciliar seus pressupostos morais com o fato – e a necessidade – da escravidão aumentava imensamente o fascínio dessa ideia, e também é verdade que ela expressa, com uma rispidez genuinamente americana, a atitude que, com variações, todos os senhores tinham diante de todos os escravos. (Baldwin, 2017, p. 121)

Não nos surpreende a dificuldade que aqueles que são preconceituosos ou racistas possuem em enxergar o negro como um cidadão de direitos ou até mesmo como um ser humano, pois, para que a escravidão funcionasse de maneira a não conflitar com os dogmas religiosos dos escravagistas, conforme Baldwin (2017): “retiram a nossa humanidade e nos transformaram em gado, ao mesmo tempo em que eles (racistas) se transformaram em monstros morais”. É nesse ponto que citamos Mbembe (2017): [...] “o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria – a cripta viva do capital” e, como consequência:

Aliás, ainda há bem pouco tempo, a ordem do mundo fundava-se num dualismo inaugural que encontrava parte das suas justificativas no velho mito da superioridade racial. [...] a África, de um modo geral, e o Negro, em particular, eram apresentados como os símbolos acabados desta vida vegetal e limitada. Figura em excesso de qualquer figura e, portanto, fundamentalmente não figurável, o Negro, em particular, era o exemplo total deste ser-outro, fortemente trabalhado pelo vazio, e cujo negativo acabava

25 Citação retirada da revista Serrote: In: BALDWIN, James. “O Estranho no Vilarejo”. Serrote - Uma Revista De Ensaios, Artes Visuais, Ideias e Literatura, 2017: 116-125.

por penetrar todos os momentos da existência – a morte do dia, a destruição e o perigo, a inominável noite do mundo. (Mbembe, 2017, p. 27-28)

Outro dado importante que é abordado por Baldwin é que, devido à separação entre o branco e o negro, aquele não conhece este e, mesmo que a pessoa branca não seja racista, ela imagina que o negro seja muito diferente dele e Baldwin explica em um Fórum na Flórida em 1963:

A maioria dos americanos brancos que conheci, tinha um amigo negro ou uma empregada negra ou alguém na escola, mas eles nunca, ou raramente, depois da escola foram até a minha cozinha. Nós éramos segregados da porta da escola para fora. Portanto, eles não sabem, eles realmente não sabem, o que era para mim sair de casa, ou sair da escola e voltar para o Harlem. Eles não sabem como os negros vivem. E isso vem como uma grande surpresa para os Kennedy e para todo mundo no país. Tenho certeza de que, novamente, como a maioria dos americanos brancos que eu conheci, que eles não têm...sei que eles não têm nada contra negros, mas essa não é a questão. A questão é essa espécie de apatia e ignorância, que é o preço que pagamos pela segregação. Segregação é isso. Você não sabe o que está acontecendo do outro lado do muro porque você não quer saber. (Baldwin, 2017, p.40)

A partir dessa declaração podemos inferir que o desconhecimento da vida do outro dá margem para que não se entenda as necessidades alheias, não há lugar para a empatia. É exatamente por não se conhecer as dores alheias que se pode imaginar que as oportunidades são para todos, que não há diferenças, o sofrimento do negro é “vitimismo”, é uma “queixa sem sentido”. Ora, o negro conhece o branco, porém o branco não conhece o negro:

Você não pode me linchar e me manter em guetos sem se tornar algo monstruoso. Além disso, vocês me dão uma vantagem imensa. Vocês nunca tiveram que olhar para mim. Eu tinha que olhar para vocês. Eu sei mais sobre vocês do que vocês sabem de mim. Nem tudo pode ser mudado, mas nada pode ser mudado até que seja enfrentado. (Baldwin, 2017, p. 103)

É uma consequência do desconhecimento imaginar que não há motivos para movimentos que falam de direitos basilares para as minorias, ou, até mesmo, que não há motivos para termos o Dia da Consciência Negra. Para muitos privilegiados tudo não passa de reclamação sem sentido. Toma-se a experiência individual e tenta-se transformá-la em experiência universal, a experiência das minorias é coletiva e, no entanto, descredibilizada. No próximo item destacaremos alguns argumentos contra as alegações de James Baldwin e suas respostas a elas.

2.3 Fóruns e Debates na TV com James Baldwin

Neste subcapítulo decidimos destacar algumas respostas do escritor e falas que podem responder algumas possíveis indagações daqueles leitores que, ao ler os itens anteriores, tenham questões parecidas com as que os interlocutores de Baldwin tiveram naquele momento.

No programa de TV intitulado “*O negro e a promessa americana*”, apresentado por Kennedy Clark, Baldwin comenta a representação do negro sempre passivo nos filmes do tipo *O nascimento de uma nação* de D. W. Griffith de 1915 em que os negros aparecem felizes e cantando satisfeitos no Sul antes da guerra de secessão e *A cabana do Pai Tomás* de H. A. Pollard de 1927 com o mesmo tipo de abordagem:

O negro nunca foi tão dócil quanto os americanos brancos queriam acreditar. Isso era um mito. Nós estávamos cantando e dançando nos diques. Estávamos tentando nos manter vivos, tentando sobreviver ao sistema brutal. O “preto” nunca foi feliz no seu lugar. (Baldwin, 2017, p. 49)

Em 1968, no programa Dick Cavett, após uma declaração de James Baldwin sobre a situação do negro na América, o apresentador chama o professor Paul Weiss, filósofo de Yale. O professor declara que discordou de muita coisa que Baldwin falou e começa dizendo:

Cada um de nós, eu acho, está terrivelmente sozinho. Ele vive a sua vida particular. Ele tem vários obstáculos em relação à religião, cor, tamanho ou forma ou falta de capacidade, e o problema é tornar-se um homem. Toda essa ênfase no negro no branco enfatiza algo que está aqui, mas enfatiza e talvez exagere. Portanto, nos faz lembrar, reunir pessoas em grupos nos quais não deveriam estar. Eu tenho mais em comum com um negro erudito do que com um branco que é contra a erudição. E você tem mais em comum com um escritor branco do que com alguém que é contra toda a literatura. Então, por que devemos sempre nos concentrar na cor? Ou religião? Existem outras formas de conectar o homem. (Baldwin *apud* Weiss, 2017, p. 87)

A resposta de James Baldwin foi a seguinte:

Vou te dizer o seguinte, quando eu saí deste país, em 1948, eu fui embora por uma única razão...Não importa aonde eu iria. Eu poderia ter ido para Hong Kong, Timbuktu, mas fui parar em Paris. Nas ruas de Paris com US\$40 no bolso e a teoria de que nada pior poderia acontecer comigo lá do que já tinha acontecido aqui. Se você quer sobreviver como escritor, você tem que ser capaz de desligar todas as antenas que usa para viver porque se você virar as costas para esta sociedade, você pode morrer. E é muito difícil pegar a máquina de escrever e se concentrar nisso se você tem medo do mundo ao seu redor. Os anos em que vivi em Paris fizeram uma coisa por mim: eles me liberaram desse terror social, que não era paranoia minha, mas um verdadeiro perigo social visível no rosto de todos os policiais, de todos os patrões, de todo mundo. (Baldwin, 2017, p. 87)

Baldwin conclui a sua fala:

Eu não sei o que a maioria dos brancos neste país sente. Mas só posso concluir o que eles sentem pelo estado das suas instituições. Eu não sei se os cristãos brancos odeiam negros ou não, mas sei que temos uma igreja cristã que é branca e uma igreja cristã que é negra. Como Malcolm X disse, a hora mais segregada dos EUA é meio-dia do domingo. Isso me diz muito sobre uma nação cristã. Significa que não posso confiar na maioria dos cristãos brancos, nem na igreja cristã. Não sei se os sindicatos e os patrões deles realmente me odeiam, isso não importa, mas eu sei que não estou nos sindicatos deles. Não sei se o mercado imobiliário é contra os negros, mas eles continuam me mantendo no gueto. Não sei se o Conselho de Educação odeia negros, mas conheço bem os livros que dão para os meus filhos lerem e as escolas que temos de ir. Agora, esta é a evidência. Espera de mim um ato de fé, arriscando a mim, a minha esposa, minha mulher, minha irmã, meus filhos por causa de um idealismo que o senhor garante existir nos EUA, que eu nunca vi! (Baldwin, 2017, ps. 88-89)

O perigo que Baldwin se referia era real, haja vista os casos recentes de assassinato nos Estados Unidos operados pelos agentes da lei, além da morte dos seus três companheiros militantes dos direitos civis, porém, iremos abordar esse assunto nos capítulos a seguir, vamos prosseguir. Declaração de Robert Kennedy sobre a situação dos negros na América:

Os negros estão continuamente progredindo aqui neste país. O progresso em muitas áreas não é tão rápido como deveria ser, mas eles estão fazendo progressos, e vão continuar a fazer progressos. Não há razão para que num futuro próximo e previsível, um negro também não possa ser presidente dos EUA. (Kennedy *apud* Baldwin, 2017, p.70)

Para essa declaração a resposta do escritor em um debate na Universidade de Cambridge em 1965 foi a seguinte:

Eu me lembro, por exemplo, quando o ex-procurador geral, o Sr. Robert Kennedy, disse que era concebível que daqui a 40 anos poderíamos ter um presidente negro. Aquilo pareceu uma declaração bastante libertária para os brancos. Eles não estavam no Harlem quando essa declaração foi ouvida pela primeira vez. Eles não ouviram, e possivelmente nunca ouvirão, o riso, o desgosto e o desprezo com que a declaração foi recebida. Para o dono da barbearia do Harlem, Bobby Kennedy só chegou ontem e agora já está a caminho da Presidência. Estamos aqui há 400 anos e agora ele nos diz que talvez daqui a 40 anos, se você for bom, podemos deixar você se tornar presidente. (Baldwin, 2017, p. 80)

Aproveitando a utilização da frase “se você for bom” utilizada por James Baldwin na citação anterior, destaco um comentário do escritor quando de sua visita a um vilarejo na Suíça, Baldwin (2017) diz que “boa parte da educação do negro americano (muito antes de ir para a escola) diz que ele precisa fazer as pessoas gostarem dele²⁶”. Nos parece que o que ele quis dizer é que o negro é criado para ser subserviente, submisso. Isto é, quanto menos se discorda, quanto mais se

²⁶ Revista Serrote (BALDWIN, 2017, p. 117)

aceitam piadas e comentários desconfortáveis mais “fácil” será a vida para aquela pessoa. E assim o negro pode progredir, basta fechar seus olhos e aceitar essa suposta hierarquia “racial”. Há casos em nossa política recente, no Brasil, de sujeitos que fazem exatamente esse papel, tornam-se mansos diante do opressor, mas ferozes diante do irmão que ousa ser diferente em pensamento, em comportamento e ideal. Conforme diz Baldwin (2017) “se você for bom, podemos deixar você ser presidente”, porém, a sua ascensão depende da sua passividade.

Em 18 de fevereiro de 1965 no mesmo debate já citado na Universidade de Cambridge com o título: “*O sonho americano está às custas do negro americano*” em que os debatedores eram William F. Buckley Jr. e James Baldwin, após as declarações de Baldwin, que foi o primeiro a palestrar, Buckley inicia o seu discurso com a seguinte afirmação: “É impossível lidar com as acusações do Sr. Baldwin a menos que eu esteja preparado para lidar com ele como se ele fosse um homem branco.” (PBS²⁷, 2020)

E por que Buckley começa o seu discurso com essa declaração? De acordo com o cientista político Nichollas Buccola (PBS, 2020), professor da faculdade Linfield, Oregon, “parte da experiência de Buckley era que as ideias dos negros não eram levadas a sério”, e, ao dizer que iria tratar James Baldwin como um homem branco, era o mesmo que dizer que iria levar as suas ideias a sério. Desnecessário comentar algo mais sobre o debatedor em pauta.

Importante dizer que Baldwin palestrou primeiro e depois foi a vez de Buckley, que em resumo, alegou que um dos problemas do negro é que ele não aproveita as oportunidades que lhe são dadas, além de, praticamente, culpar o negro pelas agruras que ele vive. Baldwin, já prevendo o tipo de alegação que iria ouvir, antecipou-se em seus argumentos:

Deixe-me explicar dessa maneira, de um ponto de vista bem liberal. Todos os portos e ferrovias do país, a economia, principalmente a dos estados do Sul, não poderiam ser o que se tornaram, se não tivessem tido, e se ainda não tiverem por várias gerações, mão de obra barata. É uma coisa terrível para um povo inteiro começar a ter consciência de que um nono de sua população está abaixo deles. E até esse momento chegar, quando nós, os americanos, nós, o povo americano formos capaz de aceitar o fato, quando eu tiver que aceitar que meus ancestrais eram brancos e negros. Que neste continente estamos tentando forjar uma nova identidade e precisamos uns dos outros, e que não sou uma ala dos EUA, não sou um objeto de caridade missionária. Eu sou uma das pessoas que construíram o país. Até este momento, não há quase esperança para o sonho americano, porque as

²⁷ Public Broadcasting Service

peessoas que tiveram sua participação negada nele, por sua simples existência irão destruí-lo. E se isso acontecer, vai ser um momento muito grave para o ocidente. Obrigado. (Baldwin, 2017, ps. 75)

Se faz apropriado trazer à discussão o ponto de vista de Du Bois (2021) que declara:

Depois dos egípcios e dos indianos, dos gregos e dos romanos, dos teutos e dos mongóis, o negro é uma espécie de sétimo²⁸ filho, nascido com um véu e dotado de clarividência nesse mundo americano – um mundo que não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo. É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo com os olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade – é um norte americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio. (Du Bois, 2021, ps. 22-23)

Essa força de James Baldwin em lutar pelos direitos de seu povo, pelos próprios direitos, se encontra, de acordo com Du Bois (2021), “na resistência para não partir ao meio”, pois, conforme vimos no debate com William F. Buckley Jr, em Cambridge e no debate com professor Paul Weiss no programa Dick Cavett Show, o que se procurou foi fazer com que Baldwin, “enxergasse a si mesmo com os olhos dos outros, queriam que ele medisse a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena” (Du Bois (2021). Isso fica evidente quando Buckley declara que, “precisaria encarar Baldwin como um homem branco para levá-lo a sério” (PBS, 2020). W.E. B. Du Bois escreveu o livro *As almas do povo negro* em 1903, poderíamos inferir que os seus escritos estariam desatualizados para o ano de 1965, ano do debate em Cambridge, mas o que constatamos é que os mesmos males que afligiam Du Bois em 1903, são os mesmos que afligem Baldwin em 1965, e infelizmente, são os mesmos que nos afligem em pleno século 21.

2.4 Cenas e Fotos do Documentário

Neste ponto iremos analisar algumas cenas e fotos, principalmente, mostrados no documentário, algumas outras foram retiradas dos próprios debates que o documentário fez menção, mas a título de precisão, tornou-se necessário que fôssemos à fonte para tirarmos dúvidas, conhecer detalhes e situações as quais

²⁸ de acordo com o tradutor da obra, no folclore de certos países, o sétimo filho é amaldiçoado.

foram expostas pelo diretor Raoul Peck. As cenas adicionais colhidas diretamente dos debates serão identificadas como tal.

E para começarmos necessitamos citar Bill Nichols (2005):

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, e é, e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. (Nichols, 2005, ps. 26-27)

Conforme citado, houve uma seleção do cineasta, no nosso caso, Raoul Peck; e nós, em alguns momentos recorremos à fonte estudada por ele para alcançarmos maior exatidão nos nossos estudos. E Nichols completa o seu pensamento sobre o documentário de representação social:

Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (Nichols, 2005, ps. 26-27)

E é exatamente isso que iremos fazer, já estudamos as falas, agora estudaremos as imagens contextualizadas para no final, Nichols (2005) “decidirmos se tudo isso merece credibilidade”.

Na imagem abaixo podemos ver Paul Weiss, professor e filósofo de Yale em seu debate com James Baldwin, vamos repetir alguns trechos de sua fala: “Toda essa ênfase no negro, no branco, enfatiza algo que está aqui, mas enfatiza e talvez exagere [...]. Então, por que devemos sempre nos concentrar na cor? Ou religião? Existem outras formas de conectar o homem.” É importante observarmos sua linguagem corporal.

Figura 12 - Dick Cavett Show (1968) - Debate entre James Baldwin e Paul Weiss



Fonte: Documentário *Eu não sou o seu negro* (2017)

E observamos também a linguagem corporal de William F. Buckley Jr.:

Figura 13 - Debate em Cambridge (1965): James Baldwin e William F. Buckley Jr.



Fonte: PBS (2020)

Lembremos que Buckley Jr. disse o seguinte: “É impossível lidar com as acusações do Sr. Baldwin a menos que eu esteja preparado para lidar com ele como se ele fosse um homem branco.” Para alguém que fez tal declaração, sua linguagem corporal denota desprezo e não respeito em tratar Baldwin de igual para igual. A mesma postura encontramos na fig. 12. É como se todo o discurso de Baldwin fosse uma completa chatice que não merecesse atenção e o que os debatedores fazem é apenas deixar que o negro fale, para mostrar à sociedade que estão deixando o negro ter a ilusão do protagonismo.

No documentário, Baldwin comenta sobre uma cena do filme *Acorrentados* (1958). Vejamos:

Figura 14 - Cena do filme *Acorrentados* (1958) comentada por Baldwin na voz de Samuel L. Jackson



Fonte: Documentário *Eu não sou o seu negro* (2017)

Na cena, um negro salta do trem para ajudar um branco:

“Quando Sidney Poitier salta do trem, os liberais brancos da cidade ficaram mais aliviados do que felizes [...] O homem negro salta do trem para tranquilizar as pessoas brancas, para que eles saibam que não são odiados. Que apesar de eles terem cometido erros, eles não fizeram nada para serem odiados.” (Baldwin, 2017, p. 61

O salto do negro simboliza que ele “perdoa” o branco pelos erros cometidos, por isso que Baldwin diz: “os liberais brancos da cidade ficaram mais aliviados do que felizes”. O branco quer ter o direito de errar e ser perdoado, mas ele faz o mesmo pelo negro?

As imagens abaixo referem-se aos discursos segregacionistas. Leander Perez, membro do Conselho dos Cidadãos Brancos, enquanto discursava em defesa da segregação disse: “No momento em que uma criança negra entra na escola, todo o pai decente, respeitável e amoroso deve retirar o seu filho branco dessa escola decadente”. Precisamos olhar semanticamente esse discurso, pois ele apela para a conduta social e moral da família, no sentido que diz: “se você é decente, não permita que seu filho interaja, estude, converse ou seja amigo de um negro, pois ele irá corromper os bons costumes” e a escola, que deve ser um espaço de pluralidades, torna-se “decadente” ao aceitar a matrícula de uma criança negra.

Figura 15 - Leander Perez (Conselho dos Cidadão Brancos)



Fonte: Documentário Eu não sou o seu negro (2017)

Figura 16 - Jovens carregam cartazes contra a integração escolar²⁹



Fonte: Documentário Eu não sou o seu negro (2017)

Na imagem abaixo uma mulher segregacionista declara: “Deus perdoa o assassinato e perdoa o adultério, mas Ele está muito bravo e fica furioso com quem se integra.” (Baldwin, 2017, p. 11). Podemos perceber como os discursos permeiam todas as esferas sociais: educação, religião, relacionamento, família, etc. Por isso é comum vermos vários filmes em que aparecem uma igreja lotada de apenas pessoas negras, bairros em que existem uma maioria negra, são reflexos do que existem naquela sociedade.

Figura 17 Mulher segregacionista



Fonte: Documentário Eu não sou o seu negro (2017)

²⁹ Tradução dos cartazes: **Cartaz 1** – “Nós os alunos da escola Clinton não queremos negros na nossa escola”. **Cartaz 2** - “Nós não iremos à escola com negros” **Cartaz 3** – “Greve contra a integração no colégio Clinton.”

Figura 18 - Dorothy Counts sendo assediada para não entrar na escola devido à integração.



Fonte: Documentário *Eu não sou o seu negro* (2017)

“[...] Foi quando eu via a foto em todas as bancas daquele imenso boulevard em Paris, havia fotos da menina de 15 anos, Dorothy Counts, sendo insultada e levando cuspidas da multidão enquanto ia para a escola em Charlotte, na Carolina do Norte.” (Baldwin, 2017, p. 12)

Figura 19 - James Baldwin no programa *O negro e a promessa americana* de 1968.



Fonte: Documentário *Eu não sou o seu negro* (2017)

“Eu não posso ser pessimista porque estou vivo. Ser pessimista significa que você concordou que a vida humana é assunto acadêmico. Então, eu sou forçado a ser otimista. Sou forçado a acreditar que nós podemos sobreviver a tudo que nós devemos sobreviver. Mas negro neste país...o futuro do negro neste país é precisamente tão brilhante ou tão sombrio quanto o futuro do país. Ele depende inteiramente do povo americano e de seus representantes. Se eles vão ou não enfrentar e lidar, e abraçar o estranho a quem eles têm demonizado por tanto tempo. O que os brancos têm que fazer é tentar descobrir em seus corações por que foi necessário ter um “preto”, em primeiro lugar. Porque eu não sou um “preto”, eu sou um homem. Mas se você acha que sou um “preto” significa que precisam dele. A pergunta que a população branca deste país tem que se fazer, a do Norte e a do Sul, porque somos um país só e para o negro não há diferença entre Norte e Sul. A diferença está como eles castram você. Mas o fato da castração é um fato americano. Se eu não sou o “preto” aqui e vocês o inventaram...vocês, os brancos o inventaram então vocês têm que descobrir o porquê. E o futuro do país depende disso, fazendo essa pergunta ou não.” (Baldwin, 2017, p. 108)

Conforme foi dito por Baldwin (2017) “o homem branco inventou a antítese dele mesmo que é o negro”, isto é, nos parece que tudo de bom que o branco representa se opõe diretamente a tudo de ruim que o negro representa. Essa construção chegou a tal ponto que a violência, de todos os tipos, contra os negros é banalizada.

Buscamos, ao longo deste capítulo, “proporcionar novas visões de um mundo comum” Nichols (2005), quer dizer, demonstrar por meio desse estudo que a angústia e as injustiças vividas pela comunidade negra americana são reais e já deveriam ser extirpadas não apenas da sociedade americana, mas de todos os países que creem nesse antagonismo, na dualidade branco x preto.

3 O DOCUMENTÁRIO: O MOVIMENTO NEGRO NOS EUA DESDE MARTIN LUTHER KING – E EU AINDA PROSSIGO

3.1 Década de 1960 - Uma Luta Contínua por Superação

Produzido em 2016 e lançado no Brasil pelo Canal Curta em 2019, o documentário *O Movimento Negro Nos EUA Desde Martin Luther King – E Eu Ainda Prossigo*³⁰, tem na direção Leah Williams, Leslie Asako Gladsjo, Sabin Streeter, Talleah Bridges McMahon com produção executiva de Dyllan McGee, Henry Louis Gates e Peter Kunhardt; roteiro e narração de Henry Louis Gates, Direção de Fotografia de Graham Smith, Sam Russell e Stephen McCarthy; participam como entrevistados: Armstrong Williams, Bell Hooks, Cornel West, Donna Brazile, Hasan Kwame Jeffries, James Peterson, Kareem Abdul-Jabbar, Nikole Hannah-Jones, Oprah Winfrey, Reverendo Al Sharpton, Sonia Sanchez, Vincent Brown. O Professor Henry Louis Gates Jr. analisa os últimos 50 anos da história afro-americana, mapeando a luta do movimento negro e levantando os obstáculos que ainda permanecem. O documentário é composto de quatro episódios: *Saindo das Sombras*, *Seguindo em frente*, *Mantenha a Cabeça Erguida* e *Toque no Céu*.

Neste capítulo tomaremos como base o documentário citado e seus quatro episódios para nos aprofundarmos um pouco mais na luta pelos direitos civis e estudar a vida de três personagens importantes para a história recente dos Estados Unidos, são eles: Malcolm X, Martin Luther King e Medgar Wiley Evers. Nos serviremos de fontes complementares para nos auxiliar nesse intento, começaremos pelo primeiro episódio: *Saindo das Sombras*.

Por razões didáticas, iniciaremos este capítulo falando de Malcolm X, muito embora, dentro do documentário ele é citado quase que na metade da primeira hora. Não temos a pretensão de pormenorizar a sua biografia, mas pontuar alguns fatos que podem ter contribuído com a forma incisiva com que ele apresentava as suas opiniões em prol da emancipação da população negra e de como essa população deveria enfrentar os conflitos raciais daquele período.

³⁰ Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/series/o-movimento-negro-nos-estados-unidos-desde-martin-luther-king>

Malcolm X nasceu em 19 de maio de 1925 em Omaha, Nebraska, nos Estados Unidos. De acordo com a sua autobiografia, sua família já sofria violências antes mesmo dele nascer:

Quando minha mãe estava grávida de mim, conforme me contou mais tarde, um grupo de cavaleiros encapuzados da Ku Klux Klan apareceu uma noite em nossa casa, em Omaha, Nebraska. Cercando a casa, brandindo seus rifles e espingardas, gritaram para que meu pai saísse. Minha mãe foi até a porta e abriu. Postando-se num lugar onde pudessem ver a sua gravidez, ela disse que estava sozinha com os três filhos pequenos e meu pai estava viajando, em pregação em Milwaukee. Os homens da Ku Klux Klan gritaram ameaças e advertências para a minha mãe, avisando que era melhor saírem todos da cidade, porque as “boas pessoas cristãs” não iam admitir que meu pai “criasse problemas” entre os “bons” negros de Omaha, com as pregações de “volta à África” de Marcus Garvey ³¹.” (X³², 1992, p. 15)

Numa tarde de 1931, quando Malcolm estava com 6 anos de idade, a ameaça contra o seu pai foi cumprida:

Lembro de ter acordado com os gritos da minha mãe. [...] Meu pai estava estendido numa cama, coberto por um lençol. Ela não quis olhar, teve medo de olhar. Provavelmente foi melhor que não o tivesse feito. O crânio de meu pai estava esmigalhado num dos lados, segundo me contaram depois. Os negros de Lansing sempre comentaram que ele foi atacado e brutalmente espancado, sendo depois colocado nos trilhos, para que um bonde passasse por cima. O corpo estava quase cortado ao meio. Ele ainda viveu duas horas e meia nesse estado. [...] Os negros da Georgia tinham que ser muito fortes simplesmente para sobreviverem. Já era de manhã quando nós, as crianças, recebemos em casa a notícia de que ele estava morto. (X, 1992, p. 23)

E as suas experiências com a brutalidade desde sua infância deixaram marcas e moldaram a sua forma de pensar: “Sempre acreditei, com certeza inabalável, que também morrerei pela violência. Tenho feito tudo que posso para me preparar.” (X, 1992, p. 16). Precisamos lembrar que estamos tratando de séculos de violações, assassinatos e de luta pela sobrevivência, talvez pensar dessa forma não seria uma exceção e sim uma regra para a população negra, pois:

Bem sei o que o mundo fez ao meu irmão e com que dificuldade ele a tudo sobreviveu. E também sei – o que é muito pior, e este é o crime do qual acuso meu país e os meus concidadãos e pelo qual nem eu, nem o tempo, nem a história jamais os perdoaremos - que eles destruíram e continuam destruindo centenas de milhares de vidas e não tomam conhecimento disso, nem pretendem tomar. (Baldwin, 1967, p. 22)

³¹ Fundador da (AMUN) Associação para a Melhoria Universal do Negro na qual o pai de Malcolm X, o Sr. Earl Little, era membro; sigla em inglês UNIA - *Universal Negro Improvement Association*.

³² O X é usado como o nome de família de Malcolm X, motivo pelo qual as referências possuirão essa forma ao se tratar de sua autobiografia.

Há um ressentimento, um inconformismo e uma sensação de insegurança que Baldwin expressa e que parece permear o coração dos afro-americanos, uma vez que, até aquele momento, década de 1960, eles vinham lutando por igualdade de direitos e de, no mínimo, não serem mortos por exprimirem as suas ideias, assim como aconteceu com o pai de Malcolm X. Em sua autobiografia, Malcolm X explica o porquê de ser uma pessoa beligerante:

Quero dizer, antes de continuar, que nunca antes contei a ninguém o meu sórdido passado em detalhes. E não estou contando agora para dar a impressão de que posso estar orgulhoso de como era terrível e mau. Mas as pessoas estão sempre especulando. Por que sou como sou? Para compreender isso, de qualquer pessoa, é preciso analisar toda a sua vida, desde o nascimento. Todas as experiências se fundem em nossa personalidade. Tudo o que nos acontece é um ingrediente. (X, 1992, p.151)

Servimo-nos dessa reflexão para trazer uma outra experiência vivida por Frantz Fanon e descrita no livro *Pele Negra Máscaras Brancas*, no capítulo 5 intitulado “A experiência vivida do negro”, ele conta:

No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava a minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que eu encolhesse. (Fanon, 2008, p. 107)

O que podemos esperar de um cidadão que não é bem-vindo no próprio país em que nasceu? Nos parece, baseando-nos em nossos estudos até esse ponto, que para os preconceituosos, o destino do negro já está traçado no momento do seu nascimento, conseqüentemente, quanto mais ele, o negro, abandonar as suas origens, as religiões de matriz africanas e a sua negritude e se parecer com aqueles que o oprimem, mais oportunidades de sobrevivência ele terá, pois “o mundo branco, o único honesto, rejeitava a (sua) participação” Fanon (2008). Isto é, a única forma de agir é a forma branca. Portanto, podemos imaginar o grau de incômodo que o futuro Ministro da Nação do Islã³³ trouxe com os seus discursos “ousados” e incisivos e até mesmo com a sua postura imponente e sem se submeter às exigências da sociedade racista das décadas de 1950 e 1960 dos Estados Unidos.

³³ Explicaremos esse detalhe mais adiante.

Malcolm X já vivia uma vida de crimes e de abuso de drogas quando em 1946, aos 21 anos de idade em Roxbury, Boston, ele foi preso e condenado a 10 anos: “Eu tinha deixado um relógio roubado numa joalheria, para substituir o vidro quebrado. Quando fui buscar o relógio, dois dias depois, tudo desmoronou. [...] Se eu não tivesse sido preso naquele momento, poderia ter sido morto.” X (1992, p. 149)

Durante o seu período na prisão, Malcolm X percebe a sua falta de habilidade até mesmo para escrever uma carta e inicia um curso de inglês e, ao concluí-lo, começa um curso de latim, ambos por correspondência. Por intermédio de seu irmão Philbert e de seu amigo Reginald, Malcolm é introduzido à Nação do Islã, naquela época todos os seus irmãos já haviam aderido à nova religião. Em agosto de 1952 Malcolm X é libertado. E “no verão de 1953 fui nomeado Ministro Assistente do templo número um de Detroit” X (1992, p. 195). E em 1962, Malcolm X proferiu um de seus mais famosos discursos: “Quem te ensinou a odiar a si mesmo”

Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo? Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele de tal forma que você passa alvejante para ficar como o homem branco? Quem te ensinou a odiar a forma do nariz e a forma dos seus lábios? Quem te ensinou a se odiar do topo da cabeça até a sola dos pés? Quem te ensinou a odiar pessoas que são como você? Quem te ensinou a odiar a raça que você pertence, tanto assim que você não quer estar entre outros como você? [...] Nós ensinamos você a amar o cabelo que Deus lhe deu. Nós não roubamos, não jogamos, não mentimos e não enganamos. Isso também priva o governo da receita porque você não pode comprar uma garrafa de Whisky sem passar pelo selo do governo. Você não pode comprar um baralho de cartas sem passar pelo selo do governo. Aqui, o homem branco faz o Whisky, então o põe na prisão por ficar bêbado. Ele vende as cartas e os dados e o coloca na prisão quando ele o pega usando-os. Então ele está contra nós porque nós consertamos isso, de modo que ele não pode te pegar mais. Nós tiramos os dados de suas mãos e os cartões de suas mãos e o Whisky fora de sua cabeça. A pessoa mais desrespeitada na América é a mulher negra. A pessoa mais desprotegida na América é a mulher negra. A pessoa mais negligenciada na América é a mulher negra. E, como muçulmanos, o honorável Elijah Muhammad nos ensina a respeitar nossas mulheres e a proteger nossas mulheres e a única vez que um muçulmano realmente é violento é quando alguém viola sua mulher. Vamos matá-lo pela nossa mulher. Estou deixando claro, sim. Vamos matá-lo pela nossa mulher. Nós acreditamos que se o homem branco fará o que for necessário para ver que a sua mulher obtenha respeito e proteção, então você e eu nunca seremos reconhecidos como homens até nos levantarmos de pé como homens e colocar a mesma pena sobre a cabeça de quem coloca suas mãos sujas na direção de nossas mulheres. (Correia, 2017, on-line)³⁴

³⁴ Transcrição e tradução das palavras de Malcolm X por Carol Correia para a Revista Subjetiva.

Figura 20 - Discurso de Malcolm X em 1962.



Fonte: Sítio Alma Preta

Em seu discurso, Malcolm X responsabiliza os brancos racistas por nos ensinarem a odiar a nossa cor, o nosso cabelo, o nosso corpo. Ele sugere que devemos reagir à violência branca, principalmente para defender as mulheres negras, que são as mais desprotegidas daquele país: “Vamos matá-lo pela nossa mulher” Correia (2017). Conforme estamos estudando, a década de 1960 foi um período de muitas reivindicações de direitos, mas um negro dizer que irá reagir ao poder branco! Aquilo era demais! De acordo com Pierre Thomas, correspondente sênior de justiça da *ABC News*, em comentário para o documentário *X/onerated the murder of Malcolm X and 55 Years to justice* (2022)³⁵, o diretor do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), naquela época, John Edgar Hoover ³⁶, enviou um telegrama para o escritório de New York com a ordem: “Façam algo sobre Malcolm X (já chega!)” (fig. 21) percebemos no final da frase as letras (Enou...) que podem indicar em inglês, equivalente a **ENOUGH**³⁷, interpretado para o contexto: chega!

³⁵ X-Onerated - The murder of Malcolm X and the 55 Year for Justice. Direção: Jeanmarie Condon e Tine Fields. Produção: Ely Brown, Jon Goodman e Taigi Smith. 2022.

³⁶ O FBI mantinha um programa secreto de contrainteligência chamado *Cointelpro*, com o objetivo de "expor, desestabilizar, desacreditar e neutralizar as atividades de organizações nacionalistas negras e grupos de ódio". Vários líderes negros da década de 1960, como Martin Luther King e Malcolm X, eram vigiados pelo FBI. (Corrêa, 2023, on-line)

³⁷ *Enough – That's enough!* Significa “Chega!”. ENOUGH. In: Dicionário Escolar Longman Inglês-Português/Português-Inglês, 2009, p.127

Figura 21 Telegrama de J. Edgar Hoover



Fonte: Documentário: X/onerated the murder of Malcolm X e 55 Years to justice

Não indagaremos quais foram as agências governamentais que concorreram para o assassinato do Ministro da Nação do Islã, Malcolm X, nos manteremos atrelados aos fatos para não perdermos o foco, nosso objetivo foi apenas realçar que as ações de Malcolm X incomodavam o governo, bem como as autoridades, fossem elas municipais, estaduais ou federais e até mesmo a Nação do Islã, ao final, havia se envolvido em uma contenda contra Malcolm X. No dia 21 de fevereiro de 1965, Malcolm X foi assassinado quando se preparava para mais um discurso no salão Audubon Ballroom em Manhattan.

Importante destacar que uma semana antes do assassinato de Malcolm X, houve um atentado contra a sua família:

Às 2h45 da madrugada, o sono da família Shabazz foi bruscamente interrompido pelo barulho de uma janela quebrada no térreo, e segundos depois um coquetel molotov explodiu, enchendo rapidamente a casa de fumaça negra. Enquanto Malcolm descia as escadas correndo para o quarto das crianças, veio uma segunda bomba. Uma terceira atingiu uma janela dos fundos, mas resvalou e não pegou fogo. Malcolm ajudou Betty a sair pela porta dos fundos, depois juntou as crianças e levou-as para o quintal. Poucos segundos depois, entrou de novo na casa agora em chamas para recuperar roupas e coisas de valor. “Quase me assustei com sua coragem e eficiência num momento de terror”, refletiria Betty posteriormente. “Eu sempre soube que ele era forte. Mas naquela hora descobri o tamanho da sua força.” Quando os bombeiros chegaram para apagar o incêndio, a casa já estava envolta em chamas. Há décadas especula-se intensamente sobre o ataque à casa de Malcolm em 14 de fevereiro de 1965. (Marable, 2010, ps. 461-462)

O detalhe desse atentado é que a sua esposa estava grávida, “Malcolm também ficou sabendo que Betty estava grávida de novo, dessa vez de gêmeos. A situação financeira, que já era extremamente difícil — sustentar quatro crianças —, logo ficaria ainda mais complicada, com seis.” Marable (2010, p. 461). Conforme vimos no início deste capítulo, antes de Malcolm X nascer, sua mãe grávida havia enfrentado membros da Ku Klux Klan, que foram à sua casa para ameaçar o seu marido e anos depois ele foi assassinado. Agora, após 39 anos, era a vez de Malcolm X ter a sua própria família ameaçada, em perigo. Foram à casa dele e

deixaram o recado com fogo, um prenúncio do que estava para acontecer, uma semana depois o mataram. Aquele sentimento de que iria morrer³⁸ de forma violenta estava correto, ele não se enganou. Porém, por mais que seus algozes quisessem calar a sua voz, Malcolm X plantou uma semente que foi inspiração para outros que se sentiam indignados com a situação do povo negro nos Estados Unidos, é o que veremos a diante.

Vimos que Malcolm X foi assassinado no dia 21 de fevereiro e em 07 de março de 1965³⁹, um grupo de cidadãos negros que estavam fazendo uma passeata pelo direito de votar⁴⁰ foi agredido pela polícia. Isso ocorreu em Selma, Alabama. Conforme podemos ver nas imagens abaixo, os manifestantes foram brutalmente agredidos. De acordo com Henry Louis Gates Jr (2016), “naquela noite as imagens daquele ato foram televisionadas e o país assistiu chocado às cenas de violência”.

Figura 22 – Manifestantes negros sendo atacados pela polícia



Fonte: documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

³⁸ Sempre acreditei com certeza inabalável que também morrerei pela violência (X, 1992)

³⁹ A partir deste ponto basearemos a nossa pesquisa no documentário

⁴⁰ (Por volta de 1876) Com o fim da supervisão federal nos estados do Sul, também terminaram as proteções que permitiam aos negros exercerem seus direitos políticos e sociais. Legisladores brancos — muitos dos quais eram os mesmos líderes confederados que formaram legislaturas totalmente brancas no governo Johnson — rapidamente dismantelaram as políticas de reconstrução e promulgaram as leis cruéis de “Jim Crow”, que restabeleceram o domínio branco. As leis de Jim Crow segregavam espaços sociais, criminalizavam a interação entre raças e privavam os eleitores negros por meio de taxas de votação, testes de alfabetização e outras barreiras. Em última análise, a promessa da Reconstrução ofereceu aos sulistas negros apenas um sabor momentâneo de liberdade. (Fonte: BLAKEMORE, 2021, on-line)

Figura 23 - Marcha em Selma, Alabama



Fonte: documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Em 06 de agosto de 1965, o presidente Lyndon Johnson sancionou a Lei dos direitos de voto o que eles chamam de: *Voting Right Act*. Conforme Gates (2016), “naquele momento foi derrubado um dos últimos pilares legais da segregação chamada de *“Jim Crow”*. A partir daquela assinatura, os afro-americanos em todo o país poderiam votar sem restrição”

Apesar da vitória com relação ao direito ao voto, de acordo com o documentário, cinco dias após houve um tumulto entre a polícia e a comunidade negra:

Los Angeles, Califórnia, explodiu! Uma discussão entre um homem negro desarmado e um policial provocou tumulto nas ruas de *Watts*, um bairro predominantemente negro, revelando que a América ainda enfrentava graves problemas de ordem racial. (Gates, 2016, OMNEUA⁴¹)

E como tudo começou e qual foi o resultado de tal tumulto? Vejamos:

LOS ANGELES — Em 11 de agosto de 1965, um policial rodoviário que trabalhava em *Watts*, Los Angeles, parou um negro, Marquette Frye, por dirigir embriagado. Quando um segundo oficial começou a bater no homem e em sua mãe, que tinha chegado ao local às pressas, o pessoal que estava em volta começou a atirar pedras e garrafas. O tumulto cresceu; houve saques e incêndios. Em resposta, a polícia passou a reprimir a comunidade negra como um todo. Quando a violência finalmente foi controlada, uma semana depois, 34 pessoas tinham morrido e mais de mil ficaram feridas, a

⁴¹ Por uma questão de estética, utilizaremos a sigla OMNEUA para nos referirmos ao documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK*..

grande maioria nas mãos da polícia local ou da Guarda Nacional. (Theoharis, 2015, on-line)

Cornel West, filósofo da universidade de Princeton, comenta sobre o ocorrido:

É tão fácil pensar que o racismo era um problema do SUL, em oposição ao Centro-Oeste, Norte e Oeste. Não, era um problema nacional. Havia condições parecidas. Habitações segregadas. Escolas segregadas. Havia desemprego em massa, excesso de subempregos e violência policial, quando não, terror policial. (West, 2016, OMNEUA)

E, Jeanne Theoharis (2015), corrobora as palavras do Professor West e nos traz os seguintes dados:

Segundo a noção popular dos anos 50 e 60, o movimento pelos direitos civis acontece exclusivamente no Sul. Nessa versão, Watts introduziu a nação ao cenário racial do Norte, explodindo dias após o presidente Johnson ter assinado a Lei de Direito de Voto. As comunidades negras nortistas são vistas como revoltadas, isoladas e pouco dispostas a usar os “canais adequados”, enquanto os brancos são os mocinhos que impulsionaram o movimento sulista. (Theoharis, 2015, on-line)

Devido às manifestações violentas em *Watts*, Dr. King tenta negociar com os líderes dos protestos uma forma não violenta de reivindicação, porém não foi bem-sucedido. Em resposta à sua proposta um dos participantes do movimento em *Watts* diz: “Ninguém aqui gosta de tumulto. Ninguém quer ver ninguém morto. Mas quem quer ficar quieto enquanto é chutado até a morte?” Gates (2016). E um outro participante do movimento completa o pensamento após o Dr. King falar da sua crença de não-violência: “Claro, gostaríamos de ser não-violentos, mas nós, aqui em *Los Angeles*, não vamos dar a outra face. Eles estão nos vendendo de novo e estamos cansados de sermos vendidos como escravos!” Gates (op. cit.)

Figura 24 - Dr. King tenta convencer os manifestantes a não serem violentos



Fonte: documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

O direito ao voto precisava ser levado para as pequenas cidades, o afro-americano interiorano precisava ser motivado a iniciar sua incursão na vida política do seu condado, até mesmo para poder influenciar a criação de políticas públicas de proteção contra a violência policial como a ocorrida em Watts, Los Angeles. Na primavera de 1965, a Coordenação do Comitê Estudantil Não Violento⁴² (*Student Nonviolent Coordinating Committee ou SNCC*), enviou um grupo ao condado rural de Lowndes, Alabama. Dentre eles, o jovem de 23 anos, Stokely Carmichael ⁴³. Stokely sabia que apenas votar não era o suficiente para assegurar a plena igualdade para os afro-americanos do Norte. Segundo ele: “Um policial em uma comunidade negra é um assassino com licença. [...] Um negro atacando um policial é um desordeiro”. (Carmichael, 2018, OMNEUA).

Para Gates (2016), o condado de Lowndes era tão perigoso para o afro-americano que foi apelidado de Lowndes sangrento. De acordo com o documentário, as leis do Alabama requeriam que cada partido tivesse um símbolo para ser reconhecido pelo eleitor, o símbolo do partido democrático para as eleições era esse:

Figura 25 – Tradução do símbolo do partido democrático: Supremacia Branca para a Direita



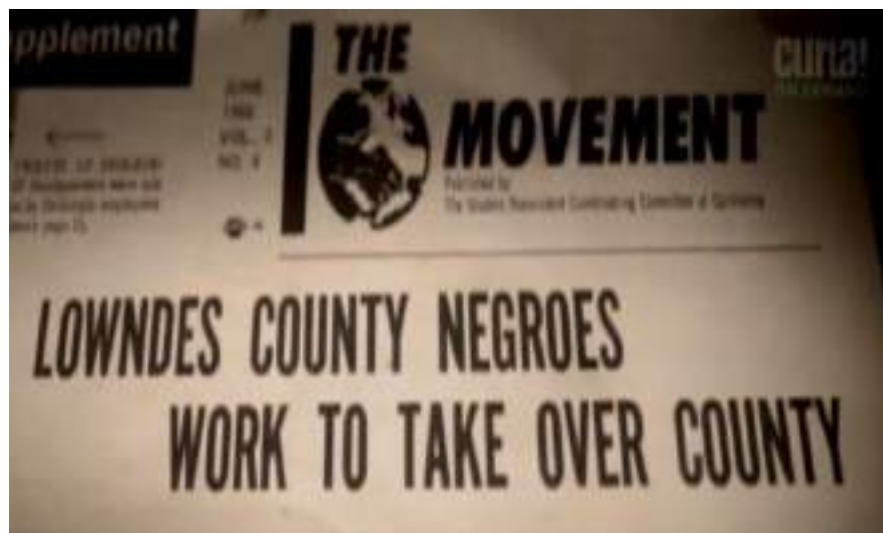
Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

⁴² O prefixo NÃO agora é grafado sem hífen, segundo o VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras (ABL) Vamos acatar a orientação na maioria dos casos, mas não cegamente, pois há alguns em que não se poderá deixar a palavra sem o hífen, como "o ser e o não-ser" [Filosofia] [...] "Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen neste e em todos os outros casos que o uso permitir. É recurso a que se socorrem muitas línguas. [...] Isso quer dizer que, diante da necessidade de clareza ou de uma melhor comunicação, podemos lançar mão do não- hifenizado, sobretudo com certos substantivos, como a não-violência de Gandhi, para dar outro exemplo. O essencial é o texto estar claro, ainda que não contenha uma uniformização gráfica absoluta. Fonte: Instituto Euclides da Cunha. Motivo pelo qual utilizaremos o hífen ao nos referirmos à filosofia de não-violência do Dr. King.

⁴³ Stokely Carmichael, importante líder negro que também será citado no filme que iremos estudar adiante *Infiltrado na Klan*.

E abaixo temos um jornal já alertando para o perigo daquele movimento para a criação de um partido político de pessoas negras.

Figura 26 – Jornal The Movement. Tradução da manchete: Negros do condado de Lowndes trabalham para assumir o controle do condado.



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Abaixo vemos o símbolo do partido *Organização Pela Liberdade do Condado de Lowndes* (*Lowndes County Freedom Organization*), segundo o documentário, os seus idealizadores sabiam que as panteras, como os gatos, eram animais pacíficos, mas que quando encurralados, lutariam pela vida ou pela morte.

Figura 27 Símbolo do partido Organização Pela Liberdade do Condado de Lowndes



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Segundo Gates (2016): “o novo partido perdeu a sua primeira eleição, mas conseguiram se fazer entender, eles não mais seriam intimidados”. E nos anos seguintes, os candidatos afro-americanos começariam a vencer. Na verdade, a chamada para o empoderamento político negro só estava começando e Stokely Carmichael também. Em junho de 1966 Stokely viajou para o Mississippi para

participar de uma grande marcha na capital do estado. Ele andou lado a lado com seu amigo, Dr. King. Em 16 de junho de 1966 Stokely usa o termo que havia ouvido de seu colega de luta, Willie Ricks: *Black Power* – Poder Negro.

Figura 28 - Marcha pelo Mississippi - À esquerda o reverendo King e à direita um pouco mais atrás Stokely Carmichael



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Figura 29 - Stokely usando o termo Black Power



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

De acordo com o documentário, o movimento *Black Power* tornou-se popular na comunidade negra, porém nem toda a comunidade via com bons olhos aquele chamado, nas palavras de Martin Luther King Jr.:

O termo *Black Power* dá uma conotação errada, e há aqueles que associam à Supremacia Negra, a um chamado de violência e a um chamado ao

Separatismo Negro, um sentimento de que o negro agora sente que pode fazer isso sozinho. (King Jr., 2016, OMNEUA)

Importante ressaltar que a fala do Dr. King demonstra a preocupação de que aquelas pessoas brancas que apoiavam o movimento dos Direitos Civis, poderiam se afastar da causa, pois se sentiriam à parte do movimento *Black Power*, uma vez que, enquanto o movimento liderado pelo Dr. King promovia a interação, propunha o protesto não violento e almejava a igualdade de direitos entre pessoas de cores diferentes; o movimento *Black Power* poderia ser visto como separatista e violento.

O professor Henry Louis Gates comenta:

O movimento *Black Power* marcou uma surpreendente mudança na consciência negra. “Negro⁴⁴” a palavra que um dia tínhamos ser chamados, a palavra que até nós usávamos para insultar um ao outro, de repente torna-se um grito de guerra e uma arma. (Gates, 2016, OMNEUA)

O professor de história na Universidade de Harvard, Vincent Brown, nos traz seu parecer sobre o assunto:

Eu penso que havia várias pessoas brancas bem-intencionadas que estavam envolvidas no Movimento dos Direitos Civis de forma ativa e pelos motivos certos que se sentiram excluídas do movimento *Black Power* e se sentiram incomodadas. Creio que o que muitos não entenderam é que o Movimento pelos Direitos Civis era parte de algo muito maior do que apenas a luta por direitos legais e cidadania legal nos Estados Unidos. Foi também a luta contra as indignidades que se acumularam ao longo dos séculos. O Movimento *Black Power* tinha a ver com elevar a consciência, com mudar a si próprio, mudar o significado da negritude. E não sei se era a bandeira das pessoas brancas. (Brown, 2016, OMNEUA)

O medo de que os ativistas brancos a favor do Movimento dos Direitos Civis se afastassem a partir do movimento *Black Power*, era real, mas conforme citamos ao elencar a biografia de Malcolm X, após a sua morte a semente estava plantada, Gates (2016) explica:

[...] mas como o Dr. King temia, o *Black Power* ajudou a acelerar um êxodo branco do Movimento pelos Direitos Civis. Muitos na América podem ter visto o movimento *Black Power* como uma ameaça, mas para os ativistas negros, ele anunciava uma nova direção, e a virtual reencarnação de um de seus maiores líderes: Malcolm X. (Gates, 2016, OMNEUA)

Kareem Abdul-Jabbar (2016, OMNEUA) explica que “Malcolm X nos ensinou que não há problema em pensar “fora da caixinha”, principalmente da caixa que nos aprisionou. Ele disse que tudo bem pensar fora dessa caixa”. Notamos que o

⁴⁴Neste contexto, a palavra que foi traduzida para o português é *Black*, pois, como vimos anteriormente, a palavra *Negro*, nos Estados Unidos é Ofensiva.

movimento *Black Power* possuía em seu cerne muitas das reivindicações e maneira de pensar de Malcolm X. O movimento *Black Power* foi uma forma de busca de valorização do afro-americano, valorização da sua forma de vestir, do seu cabelo, das suas características físicas (sua boca, seu nariz, sua pele) tudo que até então havia sido ensinado que era feio e que não havia nada para se orgulhar. Portanto, esse movimento reivindicava não somente os direitos elencados na lei, mas também o direito do afrodescendente⁴⁵ de ter autoestima, de se respeitar e se amar como é. Porém, outro movimento, inspirado na luta de Malcolm X, iria surgir em Oakland, Califórnia, em outubro de 1966, estamos falando do *Movimento dos Panteras Negras para Autodefesa*⁴⁶. E o símbolo do partido era a pantera negra, o mesmo símbolo utilizado nas eleições do condado de Lowndes pelo partido Organização da Liberdade.

⁴⁵O Movimento *Black Power* [...] teve forte influência sobre as populações negras da América Latina e do Caribe nos anos e décadas seguintes. No Brasil, o bloco afro Ilê Aiyê, fundado em Salvador, Bahia, em 1974, segundo diversos depoimentos, teve na origem inspiração do *Black Power*. O nome original do bloco seria, na verdade, *Poder Negro*. Temendo represálias da polícia (o Brasil estava em plena ditadura militar), o grupo resolveu adotar um nome não tão carregado politicamente, optando-se por Ilê Aiyê, ou mundo negro, em iorubá. Quando o bloco desfilou pelas ruas de Salvador pela primeira vez saiu cantando uma canção de Paulinho Camafeu, intitulada “Que bloco é esse”, que dizia o seguinte: “Que Bloco é esse/ Eu quero saber/ É o Mundo Negro/ Que viemos mostrar pra você. / Somos Crioulo doido/ Somos bem legal/ Temos cabelo duro/ Somos Black Power” (Pinho, 2023, on-line) Por esse motivo utilizamos o termo afrodescendente, pois o Movimento *Black Power* influenciou pessoas negras de várias partes do mundo.

⁴⁶Criado em 1966 em Oakland, na Califórnia, pelos estudantes negros Bobby Seale e Huey P. Newton, o Partido dos Panteras Negras surgiu como um grupo comunitário de luta contra a brutalidade policial e o racismo. “Eles rapidamente cresceram e se transformaram em uma organização internacional”, diz à BBC News Brasil a historiadora Jane Rhodes, chefe do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Illinois em Chicago e autora de um livro sobre os Panteras Negras. “Uma das razões pelas quais havia tantos comitês dos Panteras Negras nos Estados Unidos e no exterior é porque eles falavam de questões cruciais para muitas pessoas pobres, da classe trabalhadora e de comunidades minoritárias”, afirma Rhodes, ressaltando que o partido surgiu no contexto mais amplo dos movimentos por direitos civis. “Eles falavam não apenas de violência policial e violência do Estado, mas também sobre desigualdade econômica, em habitação e educação, encarceramento em massa, a Guerra do Vietnã e como homens negros e latinos eram a maioria dos convocados a lutar pelos Estados Unidos.” (Corrêa, 2023, on-line)

Figura 30 - Símbolo dos Panteras Negras



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

De acordo com Gates (2016): “Seu objetivo era proteger a sua comunidade do racismo e da violência, o que significava protegê-la da polícia.” Nas palavras de Bobby Seale (2016, OMNEUA) cofundador do Partido dos Panteras Negras, “defendemos que a comunidade se autodefenda contra a violência racista da Gestapo dos “porcos”.

Figura 31 Bobby Seale discursando



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Gates (2016) descreve algumas das ações do Partido: “Os Panteras organizaram patrulhas comunitárias, corajosamente seguindo a polícia, armados e destemidos. A audácia deles era empolgante. Homens negros com armas? Homens negros com jaqueta de couro preta e boinas pretas? Quem já imaginou antes esse tipo de coisa? Era como um universo alternativo em que séculos de violência de brancos contra negros estavam prestes a ser restituídos”.

Depreendemos que, décadas e décadas de violência, de leis de segregação, assassinatos e linchamentos não poderiam gerar afro-americanos que acreditassem apenas na paz. O resultado de toda a injustiça sofrida pelo negro foram formas de resistência. Nem todos acreditavam na cultura de não-violência do Dr. King, consequentemente, o Movimento *Black Power* e o Partido dos *Panteras Negras* foram alguns dos efeitos colaterais, do problema (o racismo e todas as suas consequências) que o próprio homem branco criou ao longo dos séculos. É impossível que uma pessoa, seja ela quem for, sofra todos os tipos de agruras e não queira, em algum momento, revidar. Neste ponto, repito a citação de James Baldwin (2017), pois se faz necessária:

Você não pode me linchar e me manter em guetos sem se tornar algo monstruoso. Além disso, vocês me dão uma vantagem imensa. Vocês nunca tiveram que olhar para mim. Eu tinha que olhar para vocês. Eu sei mais sobre vocês do que vocês sabem de mim. Nem tudo pode ser mudado, mas nada pode ser mudado até que seja enfrentado. (Baldwin, 2017, p. 103)

Portanto, a luta dos Movimentos pelos Direitos Civis da década de 1960 era enfrentar o sistema racista para extingui-lo. Nas palavras de H. Rap Brown, Ministro da Justiça do Partido dos Panteras Negras (2016):

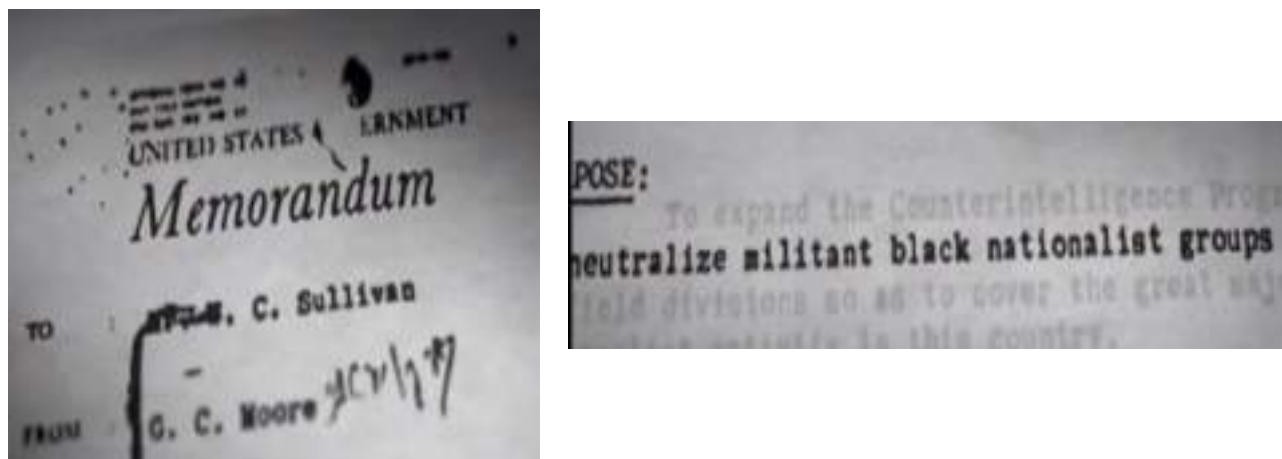
Eu digo que a violência é necessária. A violência é uma parte da cultura da América. É tão americana quanto a torta de cereja. Os americanos ensinaram os negros a serem violentos. Usaremos essa violência para nos livrarmos da opressão, se necessário. Nós seremos livres, custe o que custar. (Rap Brown⁴⁷, 2016, OMNEUA)

O ano é 1966 e H. Rap Brown está falando de liberdade, apesar da 13ª Emenda ter sido aprovada em 1865, são 101 anos de distância entre a 13ª Emenda e a fala de Brown, mas, apesar de mais de um século de diferença, ainda se buscava a liberdade. O afro-americano ainda lutava pela sua vida. Porém, mais uma vez o FBI, não iria deixar esse movimento passar ileso, de acordo com Gates (2016):

⁴⁷ Para não confundirmos as falas que são de autoria do prof. Vincent Brown e as do Ativista H. Rap Brown, nos utilizamos do nome Rap Brown na citação.

“em 1968, o FBI⁴⁸ havia iniciado uma grande operação objetivando derrubar todo o movimento *Black Power*”.

Figura 32 - Estados Unidos da América – Memorando – Neutralizar grupos militantes de nacionalistas negros.



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Porém, apesar da pressão das autoridades e estranhamento da sociedade branca da época, a inquietação por mudanças na condição dos afro-americanos estava por toda a parte e não deixou de ecoar na arte, Sonia Sanchez (2016), poetisa, descreve:

O Movimento das Artes Negras⁴⁹ disse às pessoas que a América realmente acha que você ainda é um escravo e que pode continuar a escravizá-lo. E estamos aqui para dizer que não pode. A América quer que você se odeie. Estamos aqui para dizer que parem de se odiar, amem-se. Olhe no espelho

⁴⁸ O Partido dos Panteras Negras chegou ao fim oficialmente quando foi dissolvido, em 1982. Seu fim, no entanto, foi resultado de um longo processo de desgaste causado pelo Federal Bureau of Investigation (FBI), o departamento responsável pela investigação criminal nos Estados Unidos. O envolvimento do FBI fez com que os Panteras Negras fossem incluídos no Programa de Contraineligência. Esse programa visava desarticular e enfraquecer movimentos considerados subversivos, principalmente aqueles com uma plataforma progressista. Por meio dele, o FBI infiltrou agentes nos Panteras que os enfraqueceram e desmoralizaram. Além disso, o FBI conseguiu plantar dissidência no interior do partido. A violência contra os Panteras Negras também aumentou consideravelmente, e dezenas de membros do partido foram mortos todos os anos. Muitos eram presos, e a quantidade de processos que o partido teve de enfrentar na justiça fez com que enfrentasse também graves problemas financeiros. Por fim, desentendimentos e problemas de liderança fizeram com que o partido fosse enfraquecido definitivamente na década de 1970, levando-o à sua dissolução, em 1982. (SILVA, 2023, on-line)

⁴⁹ O *Black Arts Movement* surgiu em meados de 1960, nos Estados Unidos da América, com o intuito de estabelecer e consolidar a presença e vozes negras nas artes, em especial, no teatro e literatura, tendo a África e suas diásporas como ponto de partida para a inserção nessas artes de referenciais simbólicos ignorados [...] desafiou o racismo e as desigualdades socioeconômicas da sociedade estadunidense [...] bem como expressaram sentimentos de orgulho racial e, defenderam a concepção e difusão de uma estética negra que contestasse as representações vigentes. (NGANGA, 2020, p. 119)

mulher negra, homem negro. Você é importante para este mundo. (Sanchez, 2016, OMNEUA)

Percebemos que na década de 1960 houve uma profusão de Movimentos em busca da emancipação do afro-americano que deveria, como qualquer outro cidadão, ter seus direitos respeitados, além disso, a tentativa de resgate da sua autoestima era constante, uma vez que apenas o que era branco era bonito, nas palavras de Oprah Winfrey (2016):

Olhar para a primeira capa da revista *Essence* ⁵⁰ era como olhar para si mesmo. Eu cresci pensando que só era bonita se fosse branca ou de pele clara. Isso mudou a maneira como eu me via no mundo. (Winfrey, 2016, OMNEUA)

A primeira capa da revista *Essence* vinha trazendo a modelo Barbara Cheeseborough. Bates (2013)⁵¹ descreve: “Barbara Cheeseborough foi a primeira a mostrar um padrão de beleza afrocêntrico quando milhões de jovens procuravam um tipo de beleza com a qual pudessem se identificar e replicar. E por isso sempre teremos uma dívida de gratidão com ela. Descanse em paz.” A modelo faleceu em outubro de 2013 aos 67 anos.

⁵⁰ A revista *Essence* é uma publicação mensal cujo público-alvo são mulheres afro-americanas. Ela se concentra em cultura, beleza, moda e entretenimento. [...] foi fundada em 1968 por Clarence O. Smith, Cecil Hollingsworth, Jonathan Blount, Denise M. Clark e Edward Lewis. A primeira publicação foi lançada em maio de 1970. A publicação recebeu vários prêmios, incluindo vários prêmios da Associação Nacional de Jornalistas Negros (NABJ), e também criou vários prêmios, que incluem o *Essence Literary Awards*, o *Power Award*, o *Shining Star Award*. e o *Vanguard Award*, todos apresentados no *Black Women in Hollywood Awards anual*, realizado todo mês de fevereiro, na quinta-feira antes do Oscar. (NIELSON, 2022, on-line)

⁵¹ BATES, Karen Grigsby. “Cod Switch - race. in your face.” npr.org. 19 de Novembro de 2013

Figura 33 - Primeira capa da revista *Essence*



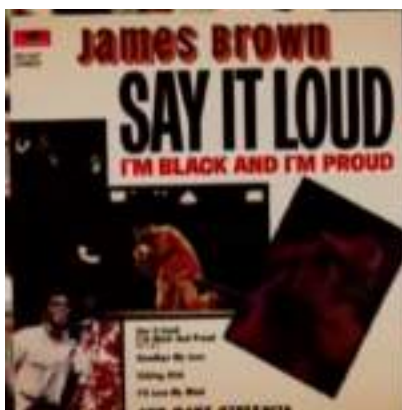
Fonte: Blackpast.org

O professor Vincent Brown (2016) explica a resistência negra:

Você tem que pensar por quanto tempo a negritude tem sido associada a estereótipos negativos, à feiura, à estupidez, e a um baixo status social. Só para poder reivindicar: “Não, isso que somos, o jeito que aparentamos, isso é positivo, poderoso e belo”, isso foi intenso. (Brown, 2016, OMNEUA)

Na música, até o cantor James Brown aderiu ao Movimento das Artes e lançou em agosto de 1968 a música intitulada: *Say it Loud – I’m black and I’m proud* (Fale alto – sou negro com orgulho). Com uma batida forte, ritmada e alegre. Com crianças cantando o refrão ao fundo e com James Brown proferindo frases como “Irmão, não podemos desistir até conseguirmos a nossa parte” a música era um convite à luta e autoestima negra. A compositora Bell Hooks (2016) explica:

Quando pensamos em “Fale alto, sou negro com orgulho”, temos que lembrar o grande pensador que Brown foi sobre como lidar com uma América segregada, racista e separatista. James Brown entendia por experiência própria da sua infância: os negros de pele escura são especialmente odiados nesta cultura. Eles são vistos como os verdadeiros negros que valem a pena odiar. (Hooks, 2016, OMNEUA)

Figura 34 Capa do Disco de James Brown

Fonte: Sítio cdandlp.com

Enquanto todo o Movimento Negro luta buscando emancipação com a ideia de que era necessário serem livres a qualquer custo, o reverendo Martin Luther King continuava com sua política de não-violência, mas também buscando melhores condições para os afro-americanos, além de ser uma voz de protesto contra a guerra do Vietnã. Porém, no dia 4 de abril de 1968, Dr. King foi assassinado enquanto estava na sacada do Motel Lorraine, em Memphis, Tennessee. Abaixo foto do reverendo King na sacada e, em seguida, já alvejado com seus apoiadores apontando de onde veio o tiro. Nas palavras do pastor Jesse Jackson:

Figura 35 - Assassinato do reverendo Martin Luther King

Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Nós deveríamos sair por volta das 17h. Eu me lembro de ter atravessado o pátio. O Dr. King disse: "Jesse, vamos sair para jantar. Você nem está de gravata. Você é louco!" Nós rimos. A bala o atingiu. Foi muito rápido. E tem uma foto nossa apontando. E apontávamos porque a polícia vinha na nossa direção. Dissemos que as balas vieram daquela direção. Não poderiam ter vindo... Vieram daquela direção. Ele tinha 39 anos. Muitas pessoas ficaram felizes. Ele tinha 55% de rejeição entre os negros da época. E 72% entre os brancos naquele momento. Ele morreu um homem muito odiado. Ele foi muito odiado naquele dia. Ele tinha se afastado dos Direitos Civis e falava

da Guerra do Vietnã e afins é o que dizem. Mas na manhã seguinte, ele era o herói de todos. Daquele dia em diante, o nome dele foi eternizado. (Jackson, 2016, OMNEUA)

No exato momento do assassinato do reverendo Martin Luther King Jr., o homem deixaria de existir, e nasceria um dos maiores exemplos de protesto contra a segregação e o racismo como pudemos perceber nas palavras de Jackson (2016): “Mas na manhã seguinte, ele era o herói de todos. Daquele dia em diante, o nome dele foi eternizado”

É neste ponto que estudaremos a autobiografia⁵² do Dr. King e de Medgar Evers, que também eram amigos de James Baldwin, ambos citados no capítulo intitulado: *A Voz Póstuma De Protesto De James Baldwin No Documentário “Eu Não Sou O Seu Negro”*.

De acordo com a autobiografia de Martin Luther King, ele nasceu em 15 de janeiro de 1929, na avenida Auburn, 501, em Atlanta, ele descreve:

Nasci [...] no auge da Grande Depressão, que iria espalhar seus braços destrutivos por todos os cantos desta nação por mais de uma década, eu era muito jovem para que possa recordar o início dessa depressão, mas me lembro, quando tinha uns cinco anos, de ter interrogado meus pais sobre aquele monte de gente que vivia na pobreza. Posso perceber os efeitos dessa experiência de minha tenra idade em meus sentimentos anticapitalistas. (King Jr., 2022, ps. 13-14)

Dr. King descreve dois fatos importantes que influenciaram no seu modo de pensar ainda quando muito jovem:

O primeiro foi a morte de minha avó. Ela era querida por todos nós, mas sobretudo por mim. [...] Fiquei especialmente pesaroso com sua morte acima de tudo em razão do imenso amor que sentia por ela. Foi depois desse incidente que debati com alguma profundidade a doutrina da imortalidade. Meus pais tentaram explicá-la e me garantiram que, de alguma forma, minha avó ainda vivia. Acho que é por isso que hoje em dia tenho fé na imortalidade pessoal. O segundo incidente aconteceu quando eu tinha uns seis anos de idade. Desde os três eu costumava brincar com um coleguinha branco mais ou menos da mesma idade. Sempre nos sentimos livres para fazermos juntos nossas brincadeiras infantis. Ele não vivia em nossa comunidade, mas costumava estar ali todos os dias; seu pai era proprietário de uma loja que ficava em rente à nossa casa. Aos seis anos entramos na escola – escolas separadas, é claro. Lembro-me de que nossa amizade começou a se romper nesse momento – por desejo não meu, mas dele. O clímax aconteceu quando um dia ele me disse que seu pai tinha exigido que ele não brincasse mais comigo. Nunca vou me esquecer do choque que isso representou para mim. [...] Estávamos à mesa de jantar quando essa situação foi discutida, então pela primeira vez ganhei consciência da existência de um problema racial. Nunca tinha me dado conta disso antes. [...] Meus pais sempre me disseram que eu não devia odiar os brancos, ao contrário, que era o meu dever, como cristão, amá-los.

⁵² A partir deste ponto não nos basearemos no documentário “O Movimento Negro na América desde MLK and still I rise.

Uma pergunta surgiu na minha mente: como eu podia amar uma raça de pessoas que me odeiam e que tinham sido responsáveis pelo rompimento de minha amizade com um de meus melhores amigos de infância? Essa continuou sendo por alguns anos uma grande pergunta em minha mente. (King jr., 2022, ps. 19-20)

E aos quatorze anos de idade, o jovem Martin participa de um concurso de oratória e vence o concurso com o tema “O negro e a Constituição”:

Não podemos ter uma democracia refinada com um grande grupo vivendo na ignorância. Não podemos ter uma nação saudável com um décimo da população desnutrida, enferma, abrigando os germes da doença, que não reconhecem a linha da cor – que não obedecem ao sistema do Jim Crow. Não podemos ter uma nação ordeira e sólida com um grupo tão rebaixado e desiludido que se vê quase forçado a atitudes antissociais e ao crime. Não podemos ser um povo verdadeiramente cristão se afrontarmos os ensinamentos fundamentais de Jesus: o amor fraterno e a Regra de Ouro [“Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem a você”]. Não podemos atingir a prosperidade plena com um grande grupo tão desprovido que não pode adquirir bens. Assim, ao nos prepararmos para defender a democracia de um ataque externo, devemos trabalhar para, em nossa própria casa, oferecer justiça e oportunidade a todas as pessoas. Hoje em dia, 13 milhões de filhos e filhas negros de nossos antepassados continuam a lutar pela tradução da 13^a, da 14^a e da 15^a Emendas das páginas impressas para a realidade. Como elas, acreditamos que “se a liberdade é boa para alguns deve ser boa para todos”, que podemos vencer os exércitos do Sul pela espada, mas vencer o ódio do Sul é outra coisa, que se os negros ganharam as franquias democráticas serão vigilantes e defenderão, com seus próprios braços, a arca da liberdade federal da traição e da destruição por seus inimigos. (King Jr., 2022, ps. 22-23)

Ao lermos o texto produzido pelo adolescente Martin, notamos o embrião de quem seria um excelente pensador e orador. Ao mencionar que “[...] vencer o ódio do Sul é outra coisa” (King Jr., 2022), o garoto, precocemente, já entendia que não teria como combater o ódio com a força bruta, com a violência. Reconhecemos a forte influência da filosofia cristã ensinada pelos seus pais ao longo de sua infância. O próprio Martin Luther King Jr. (2022, p. 13), fala sobre sua influência religiosa, “Claro que eu era religioso. Cresci na igreja. Meu pai era pastor, meu avô era pastor, meu bisavô era pastor, o irmão de papai é pastor. De modo que não tive muita escolha.”

Precisamos destacar um fato importante na vida do jovem Martin que, mais tarde, parecerá como se tivesse sido uma preparação para o que o futuro Reverendo King iria enfrentar. Após a participação do jovem Martin no concurso de oratória em Dublin, cidade localizada no estado da Califórnia, ele voltava de ônibus junto com a sua professora, a Sra. Bradley, para Atlanta, onde morava:

Naquela noite, a sra. Bradley e eu estávamos no ônibus voltando para Atlanta. No caminho, alguns passageiros brancos entraram no ônibus e o motorista branco ordenou que nos levantássemos para lhes dar o lugar. Não o fizemos com suficiente rapidez, na visão dele, de modo que ele começou a xingar. Eu pretendia permanecer sentado, no mesmo lugar, mas a sra.

Bradley recomendou que me levantasse, dizendo que precisaríamos obedecer à lei. Aquela noite nunca vai sair da minha memória. Foi a que me deixou com mais raiva em toda a minha vida. (King Jr., 2022, p. 23)

E o Dr. King descreve o resultado daquela situação em sua mente:

Eu tinha crescido detestando não apenas a segregação, mas também os atos de opressão e barbárie que nela se originavam. Tinha visto a brutalidade policial com meus próprios olhos e negros sendo alvo da mais trágica injustiça nos tribunais. Posso me lembrar da organização conhecida como Ku Klux Klan. Ela defende a supremacia branca, e naquele tempo chegava a usar métodos violentos para preservar a segregação e manter o negro, por assim dizer, no seu lugar. Lembro-me de ver a Klan realmente espancando um negro. Passei por lugares em que negros tinham sido barbaramente linchados. Tudo isso teve um efeito sobre a minha personalidade em formação. (King Jr., 2022, ps. 23-24)

O linchamento era tolerado nos Estados Unidos, portanto, cada estado poderia legislar sobre o assunto como bem entendesse, foi necessário que, em 29 de março de 2022, o presidente Joe Biden promulgasse uma lei que leva o nome *Emmett Till* (foto abaixo), que considera o linchamento um crime federal de ódio, ele declarou na cerimônia de assinatura: “O linchamento foi puro terror para impor a mentira de que nem todos pertencem à América, nem todos são criados iguais”⁵³. Necessário entender que Grupos de Direitos Civis já vinham pedindo pela proibição do linchamento há décadas.

Figura 36 – Rosto de Emmett Till que inspirou a criação da lei contra o linchamento



Fonte: The Body of Emmett Till | 100 Photos | TIME

⁵³ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/03/29/biden-promulga-lei-que-torna-linchamento-crime-de-odio-nos-eua.ghtml> (visitado em 13 de novembro de 2023)

Emmett Till ⁵⁴, um adolescente de 14 anos de Chicago, foi sequestrado e assassinado em agosto de 1955, quando visitava parentes no estado segregacionista do Mississippi. Uma mulher branca, Carolyn Bryant, afirmou que ele assobiou para ela e tentou apalpá-la. O corpo do adolescente foi encontrado mutilado, em um rio, 72 horas depois de seu sequestro. A mãe de Emmett Till exigiu que seu caixão permanecesse aberto em seu funeral, para que o mundo visse o abuso que ele havia sofrido. As fotos do corpo mutilado entraram para a história.

Abaixo vemos uma das fotos do corpo do adolescente, seu rosto totalmente deformado e irreconhecível.

Figura 37 Rosto de Emmett Till mutilado



Fonte: The Body of Emmett Till | 100 Photos | TIME

É preciso muita coragem para tentar estabelecer uma filosofia de não-violência em um país que o ameaça de morte todos os dias apenas por existir. O ódio por parte daqueles que acreditavam na segregação era incontrolável, eles se sentiam no direito de tirar a vida de um adolescente e extirpá-lo de sua humanidade por meio de pancadas. Podemos notar toda a raiva dos agressores no rosto de *Emmet Till*, o garoto, supostamente, apenas assobiou para a mulher. O Dr. King conhecia essa violência, ele podia supor qual seria o resultado de protestos violentos. Sua filosofia de não-violência era uma maneira de atrair simpatizantes não

⁵⁴ Fonte: g1 – Globo - <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/03/29/biden-promulga-lei-que-torna-linchamento-crime-de-odio-nos-eua.ghtml> (Visitado em 13/11/2023)

negros para o movimento e uma forma de proteger o seu povo também, pois, se pacificamente houve tanta violência por parte dos aparelhos de repressão e por parte da população que acreditava na segregação, podemos imaginar o que ocorreria se os protestos fossem realizados violentamente por parte dos afro-americanos.

Dr. King necessitava preparar-se para a sua caminhada rumo à luta pelos Direitos Civis e foi o que ele fez, até intuitivamente, pois ainda era muito novo quando o futuro⁵⁵ reverendo ingressou na faculdade *Morehouse* em 1944, aos quinze anos de idade, e em 1948 graduou-se em Sociologia nesta instituição, com apenas dezenove anos; em setembro do mesmo ano ingressa no Seminário Teológico de Crozer, Pensilvânia; em 1950 assiste à palestra do reitor da Universidade de Howard, Mordecai Johnson, sobre Gandhi; em 8 de maio de 1951 recebe o grau de bacharel em teologia pela Crozer; no mesmo ano inicia o seu doutorado em teologia pela Universidade de Boston e em 5 de junho de 1955, aos vinte e seis anos termina o seu doutorado, ele nos diz:

O estágio seguinte da minha peregrinação intelectual rumo à não-violência veio durante os meus estudos de doutorado na Universidade de Boston. Ali tive a oportunidade de conversar com muitos expoentes da não violência, tanto estudantes quanto pessoas em visita no campus. (King Jr., 2022, p. 46)

E é após a conclusão do seu doutorado e com vinte e seis anos de idade que o revendo King enfrenta o seu primeiro grande desafio: o movimento em Montgomery, iniciado após a recusa de uma passageira de nome *Rosa Parks* em ceder o seu lugar no ônibus para uma pessoa branca.:

Em 1º de dezembro de 1955, a sr.^a Rosa Parks recusou-se a deixar seu lugar quando o motorista de um ônibus lhe pediu que se levantasse e passasse para a parte traseira. A sr.^a Parks estava sentada na primeira fileira de uma seção não reservada. Todos os lugares atrás estavam ocupados, e se ela seguisse a ordem do motorista teria de ficar de pé e ceder o lugar para um passageiro de sexo masculino que tinha acabado de pegar o ônibus. De uma forma digna e tranquila, tão característica de sua radiosa personalidade, ela se recusou. Em resultado disso, foi presa. (King Jr., 2022, p 69)

Aos quatorze anos o jovem Martin precisou levantar-se para ceder o lugar no ônibus que viajava, aos vinte e seis anos ele lutaria para que aquela lei segregacionista, em Montgomery, fosse banida. Aí está a preparação daquele que a partir desse momento seria conhecido no mundo como o Reverendo Martin Luther

⁵⁵ Dados extraídos da sua autobiografia.

King. Houve a decisão de convocação dos afro-americanos, moradores da cidade, para que boicotassem os ônibus segregados de Montgomery. Dr. King descreve em sua autobiografia que não foi fácil suportar os atentados e as injustiças dos racistas da cidade e das autoridades, mas após um ano de protesto veio a vitória:

Em 20 de dezembro de 1956 a determinação dos ônibus finalmente chegou a Montgomery. Foi marcada uma assembleia para aquela noite a fim de dar às pessoas as instruções finais antes de elas retornarem aos ônibus no dia seguinte. Liguei para o gerente da empresa de ônibus para garantir que o serviço fosse retomado em todas as principais linhas. (King Jr., 2022, p. 121-122)

A partir desse evento o Dr. King continuaria o seu trabalho sempre com muita coragem, fé e dedicação, pois “o Movimento dos Direitos Civis moderno havia ali começado” (Morris e Treitler, 2019, p. 23). Precisamos ressaltar a influência de um ativista dos Movimentos dos Direitos Civis na filosofia de não-violência do Dr. King, Bayard Rustin, conforme Reis (2023):

Numa época em que King tinha ideias vagas e superficiais sobre o pensamento de Gandhi, foi Bayard Rustin o responsável por fornecer a ele uma compreensão profunda das ideias e táticas não-violentas do precursor indiano. O ativista da Pensilvânia pavimentou a estrada por onde trafejou o pacifismo kinguiano, cruzando as fronteiras do tempo que reverberaram em nós até os dias atuais. (Reis, 2023, on-line)

Importante destacar que Rustin foi o responsável pela organização da marcha por emprego e da liberdade em Washington 1963:

Em menos de dois meses, Rustin organizou uma passeata que levou mais de 250 mil participantes, dentre os quais 60 mil brancos, às ruas de Washington, e que se tornou a maior manifestação por direitos civis da história da humanidade. Foi nesse dia, 28 de agosto de 1963, que Martin Luther King proferiu o discurso “*I have dream*” (eu tenho um sonho) ouvido em todo o mundo. Um ano depois, o pastor do Alabama receberia o prêmio Nobel da Paz. (Reis, 2023, on-line)

Figura 38 À esquerda Bayard Rustin e à direita o Dr. King



Fonte: Jornal Outras Palavras

O Dr. King foi, reconhecidamente, fundamental para o avanço da população afro-americana com relação aos direitos civis, porém, conforme mencionamos anteriormente, no dia 4 de abril de 1968 em Memphis, Tennessee, o reverendo seria calado, em outras palavras, pensaram que iriam calá-lo, mas o que eles não sabiam ou se esqueceram é que não se cala uma ideia, um ideal, o Dr. King foi morto, mas não esquecido. Ele continuaria a inspirar gerações de pessoas de todas as cores, ele deixou de ser um líder estadunidense para ser um líder mundial.

A prática de assassinar líderes negros ou pessoas comuns negras da comunidade não era nova, e nem começou com Malcolm X ou com o reverendo King, haja vista o exemplo do adolescente *Emmet Till* e até mesmo o pai de Malcolm X.

Como vimos anteriormente no capítulo sobre o escritor e ativista James Baldwin, ele havia perdido três amigos, que eram líderes em suas comunidades, nós estudamos a biografia de dois deles e agora conheceremos um pouco da biografia de Medgar Wiley Evers, ele foi o primeiro dos três amigos de Baldwin a perder a vida na luta pelos Direitos Civis. O texto a seguir é de autoria de Max Altman⁵⁶ (2014), que traz no subtítulo de sua matéria a seguinte descrição: “Norte-americano foi

⁵⁶ ALTMAN, Max. “UOL.” OPERA MUNDI. 12 de Junho de 2014. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/historia/35640/hoje-na-historia-1963-ativista-negro-de-direitos-civis-medgar-wiley-evers-e-assassinado> (acesso em 6 de Novembro de 2023).

morto por supremacista ligado à Ku Klux Klan; ele inspirou filmes e livros por sua luta por igualdade”:

Figura 39 Rosto de Medgar Evers



Fonte: Sítio Opera Mundi

Evers⁵⁷ nasceu em 2 de julho de 1925 em Decatur, Mississippi. Sua família possuía uma pequena propriedade rural e trabalhavam com serraria. Diariamente, Medgar caminhava 18 quilômetros para estudar em uma escola secundária. De 1943 a 1945, prestou serviço militar no exterior durante a Segunda Guerra Mundial, chegando a lutar nas batalhas da Normandia. De volta aos EUA em 1948, matriculou-se no colégio Alcorn para negros, formando-se em administração de negócios. Participava dos debates e competia em futebol americano e atletismo, cantava no coro. Recebeu seu diploma de *“Bachelor of Arts”* em 1952. Três anos mais tarde, casou-se com sua colega de classe ⁵⁸Myrlie Beasley e tiveram 3 filhos. A família mudou-se para Mound Bayou, Mississippi onde trabalhou como vendedor de companhia de seguros. Pouco depois, Evers começou a organizar um boicote do Conselho Regional da Liderança Negra às empresas que negavam aos negros o uso dos banheiros. Com seu irmão Charles, ele liderou manifestações pelas liberdades civis e direitos iguais dos negros. Como ativista, foi nomeado secretário da NAACP (Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor) no seu estado. Nesse cargo, envolveu-se com os esforços de James Meredith para se matricular na universidade local no começo dos anos 1960. Ajudou também Gilbert Mason a organizar os protestos contra a segregação racial nas praias fluviais privadas do Mississippi. A liderança e o trabalho investigativo de Evers fez dele alvo dos supremacistas brancos. Nas semanas que precederam seu assassinato, a hostilidade contra ele crescia até o ponto em que foi vítima de atentados, mas que acabaram sendo fracassados”. (Altman, 2014, on-line)

⁵⁷ Assista ao filme *Fantasma do Passado*, que fala do assassinato de Medgar Willie Evers em: <https://www.youtube.com/watch?v=bw-IsOtPZJ4>

⁵⁸ A esposa de Medgar Evers, Myrlie Louise Evers-Williams, também é a autora de sua autobiografia juntamente com Manning Marable.

Em sua autobiografia, intitulada, *A autobiografia de Medgar Evers: A vida e legado de um herói revelado por suas escritas, letras e discursos*⁵⁹; é relatado o seguinte:

No início dos anos de 1960 os amigos e os políticos associados a Medgar Evers estavam convencidos que sua vida estava em perigo, e que não era mais uma questão se ele seria assassinado, mas apenas uma questão de quando o assassinato político iria ocorrer. Havia um consenso geral que Evers seria mais útil ao movimento se ele fosse realocado para outro lugar. [...] A possibilidade de realocar Evers para um campo da secretaria da NAACP na Califórnia foi seriamente explorado. (Evers-William e Marable, 2005, posição 3456⁶⁰)

E Altman (2015) continua:

Suas investigações com relação à morte de Emmet Till e sua fervorosa defesa de Clyde Kennard⁶¹ tornaram-no um proeminente líder negro. Na manhã de 12 de junho de 1963, horas após o discurso pela televisão do presidente Kennedy em favor dos direitos civis, o ativista foi atingido por uma bala nas costas quando abria a garagem para entrar com o carro em sua casa. A bala perfurou seu coração, porém conseguiu caminhar 9 metros antes de tombar. Foi levado a um hospital local que a princípio recusou a entrada de Evers devido à sua cor, até que se explicou quem era ele. Morreu 50 minutos depois. (Altman, 2015, on-line)

Abaixo reproduzimos o pronunciamento⁶², na íntegra, do presidente Kennedy à Nação:

Boa noite, meus concidadãos. Esta tarde, após uma série de ameaças e declarações desafiadoras, a presença da Guarda Nacional do Alabama foi necessária na Universidade do Alabama ⁶³ para cumprir a ordem final e inequívoca do Tribunal Distrital dos Estados Unidos do Distrito Norte do Alabama. Essa ordem exigia a admissão de dois jovens residentes do Alabama claramente qualificados, que por acaso nasceram negros. O fato

⁵⁹ Sua autobiografia é composta por uma coletânea de cartas e discursos, por isso, preferimos apresentar aqui alguns fatos descritos nela juntamente com a biografia on-line escrita por Max Altman (2014) para maior linearidade e, exemplificar com outras fontes, para traçar uma parte da vida do líder dos Direitos Civis Medgar Evers.

⁶⁰ Como o livro físico estava indisponível, necessitamos optar pelo livro eletrônico, que ao invés de páginas possui posição como marcação.

⁶¹ Em setembro de 1960, Kennard foi preso e julgado pelas acusações forjadas de roubar US\$ 25 em ração para galinhas da Cooperativa do Condado de Forrest. Em apenas dez minutos, um júri totalmente branco considerou Kennard culpado e sentenciou-o a sete anos de prisão. Durante seu encarceramento, Kennard foi forçado a trabalhar na notória plantação de algodão da Prisão Parchman. Dentro de um ano, Kennard ficou impossibilitado de trabalhar devido a dores intensas e foi hospitalizado, onde foi descoberto que ele tinha câncer. Depois que os médicos o notificaram de que era improvável que ele vivesse muito mais tempo, amigos, familiares e apoiadores lideraram uma campanha pela sua libertação. Em fevereiro de 1963, ele foi libertado e levado de avião para Chicago, onde morreu em 4 de julho de 1963. (CIVIL RIGHT TEACHING, 202, on-line)

⁶² Não fizemos cortes no discurso do Presidente John F. Kennedy devido à pertinência e importância de cada fato descrito por ele, pois vai ao encontro de tudo que estudamos até aqui.

⁶³ O marco mais visível do fim da separação por raças viria em 1963, em uma cena histórica: o presidente John Kennedy enviou tropas do Exército ao Alabama, onde o governo estadual se recusava a matricular dois alunos negros na Universidade do Alabama. (GAZETA DO POVO, 2021, on-line)

de terem sido admitidos pacificamente no campus deve-se, em boa medida, à conduta dos estudantes da Universidade do Alabama, que cumpriram as suas responsabilidades de forma construtiva. Espero que todos os americanos, independentemente de onde vivam, parem e examinem a sua consciência sobre este e outros incidentes relacionados. Esta nação foi fundada por homens de muitas nações e origens. Foi fundada no princípio de que todos os homens são criados iguais e que os direitos de cada homem são diminuídos quando os direitos de um homem são ameaçados. Hoje estamos empenhados numa luta mundial para promover e proteger os direitos de todos os que desejam ser livres. E quando os americanos são enviados para o Vietnã ou para Berlim Ocidental, não pedimos apenas brancos. Deveria ser possível, portanto, que estudantes americanos de qualquer cor frequentassem qualquer instituição pública que escolhessem, sem terem de ser apoiados por tropas. Deveria ser possível aos consumidores americanos de qualquer cor receberem serviços iguais em locais de alojamento público, tais como hotéis, restaurantes, teatros e lojas de retalho, sem serem forçados a recorrer a manifestações nas ruas, e deveria ser possível que Cidadãos americanos de qualquer cor se registrem para votar em eleições livres, sem interferência ou medo de represálias. Em suma, deveria ser possível que todos os americanos desfrutassem dos privilégios de serem americanos, independentemente da sua raça ou cor. Em suma, cada americano deveria ter o direito de ser tratado como gostaria de ser tratado, como gostaria que os seus filhos fossem tratados. Mas este não é o caso. O bebê negro nascido hoje nos Estados Unidos, independentemente da região da nação em que nasceu, tem cerca de metade das chances de concluir o ensino médio do que um bebê branco nascido no mesmo lugar, no mesmo dia, um terço das chances de concluir a faculdade, um terço das chances de se tornar um profissional, o dobro das chances de ficar desempregado, cerca de um sétimo das chances de ganhar US\$ 10.000 por ano, uma expectativa de vida 7 anos menor, e as perspectivas de ganhar apenas metade disso. Esta não é uma questão seccional. Dificuldades relacionadas com a segregação e a discriminação existem em todas as cidades, em todos os Estados da União, produzindo em muitas cidades uma onda crescente de descontentamento que ameaça a segurança pública. Nem esta é uma questão partidária. Numa época de crise interna, os homens de boa vontade e generosidade deveriam poder unir-se independentemente do partido ou da política. Esta não é sequer uma questão legal ou legislativa por si só. É melhor resolver estas questões nos tribunais do que nas ruas, e são necessárias novas leis a todos os níveis, mas a lei por si só não pode fazer com que os homens vejam o que é certo. Somos confrontados principalmente com uma questão moral. É tão antigo quanto as escrituras e tão claro quanto a Constituição americana. O cerne da questão é se todos os americanos terão direitos e oportunidades iguais, se vamos tratar os nossos concidadãos como queremos ser tratados. Se um americano, por ter a pele escura, não puder almoçar num restaurante aberto ao público, se não puder mandar os seus filhos para a melhor escola pública disponível, se não puder votar nos funcionários públicos que o representarão, se, em suma, ele não pode desfrutar da vida plena e livre que todos nós desejamos, então quem entre nós se contentaria em mudar a cor da sua pele e ocupar o seu lugar? Quem entre nós se contentaria com os conselhos de paciência e da demora? Passaram-se cem anos de atraso desde que o Presidente Lincoln libertou os escravos, mas os seus herdeiros, os seus netos, não estão totalmente livres. Eles ainda não estão livres dos laços da injustiça. Eles ainda não estão livres da opressão social e económica. E esta nação, apesar de todas as suas esperanças e orgulhos, não será totalmente livre até que todos os seus cidadãos sejam livres. Pregamos a liberdade em todo o mundo, e falamos sério, e valorizamos a nossa liberdade aqui em casa, mas devemos dizer ao mundo, e muito mais importante, uns aos outros, que esta é a terra dos livres, exceto para os negros; que não temos cidadãos de segunda classe, exceto

os negros; que não temos sistema de classes ou castas, nem guetos, nem raça superior, exceto no que diz respeito aos negros? Agora chegou a hora desta Nação cumprir a sua promessa. Os acontecimentos em Birmingham e noutros locais aumentaram de tal forma os clamores pela igualdade que nenhuma cidade, Estado ou órgão legislativo pode prudentemente optar por ignorá-los. O fogo da frustração e da discórdia arde em todas as cidades, do Norte e do Sul, onde não existem soluções legais disponíveis. A reparação é procurada nas ruas, em manifestações, desfiles e protestos que criam tensões e ameaçam à violência e ameaçam vidas. Enfrentamos, portanto, uma crise moral como país e como povo. Não pode ser enfrentado através de uma ação policial repressiva. Não pode ser deixado ao aumento das manifestações nas ruas. Não pode ser acalmado por movimentos simbólicos ou conversas. É hora de atuar no Congresso, no seu legislativo, estadual e municipal e, sobretudo, no nosso dia a dia. Não basta atribuir a culpa aos outros, dizer que este é um problema de uma parte do país ou de outra, ou deplorar o fato que enfrentamos. Uma grande mudança está próxima e a nossa tarefa, a nossa obrigação, é fazer com que essa revolução, essa mudança, seja pacífica e construtiva para todos. Aqueles que não fazem nada estão convidando a vergonha e a violência. Aqueles que agem com ousadia estão reconhecendo o que é certo e também a realidade. Na próxima semana pedirei ao Congresso dos Estados Unidos que aja, que assuma um compromisso que não assumiu plenamente neste século com a conjectura de que a raça não tem lugar na vida ou na lei americana. O judiciário federal manteve essa proposição em uma série de casos diretos. O Poder Executivo adotou essa proposição na condução de seus assuntos, incluindo a contratação de pessoal federal, o uso de instalações federais e a venda de moradias financiadas pelo governo federal. Mas há outras medidas necessárias que só o Congresso pode fornecer e que devem ser fornecidas nesta sessão. O antigo código de lei de equidade sob o qual vivemos exige uma solução para cada erro, mas em muitas comunidades, em muitas partes do país, os erros são infringidos aos cidadãos negros e não há soluções legais. A menos que o Congresso aja, o único remédio está nas ruas. Estou, portanto, pedindo ao Congresso que aprove legislação que dê a todos os americanos o direito de serem servidos em instalações abertas ao público – hotéis, restaurantes, teatros, lojas de varejo e estabelecimentos similares. Isto me parece um direito elementar. A sua negação é uma indignidade arbitrária que nenhum americano em 1963 deveria ter de suportar, mas muitos o fazem. Encontrei-me recentemente com vários líderes empresariais, instando-os a tomar medidas voluntárias para acabar com esta discriminação e fui encorajado pela sua resposta, e nas últimas duas semanas, mais de 75 cidades viram progressos na eliminação da segregação deste tipo de instalações. Mas muitos não estão dispostos a agir sozinhos e, por esta razão, é necessária legislação em nível nacional se quisermos transferir este problema das ruas para os tribunais. Peço também ao Congresso que autorize o Governo Federal a participar mais plenamente nas ações judiciais destinadas a acabar com a segregação no ensino público. Conseguimos persuadir muitos distritos a cancelar a segregação voluntariamente. Dezenas admitiram negros sem violência. Hoje, um negro frequenta uma instituição apoiada pelo Estado em cada um dos nossos 50 estados, mas o ritmo é muito lento. Demasiadas crianças negras que ingressam em escolas primárias segregadas na altura da decisão do Supremo Tribunal, há nove anos, irão ingressar em escolas secundárias segregadas neste Outono, tendo sofrido uma perda que nunca poderá ser restaurada. A falta de uma educação adequada nega ao negro a oportunidade de conseguir um emprego decente. A implementação ordenada da decisão do Supremo Tribunal, portanto, não pode ser deixada apenas para aqueles que podem não ter os recursos económicos para levar a cabo a ação judicial ou que podem estar sujeitos a assédio. Outras funcionalidades também serão solicitadas, incluindo maior proteção ao direito de voto. Mas a legislação, repito, não pode resolver este problema

sozinha. Deve ser resolvido nas casas de todos os americanos, em todas as comunidades do nosso país. A este respeito, quero prestar homenagem aos cidadãos do Norte e do Sul que têm trabalhado nas suas comunidades para tornar a vida melhor para todos. Eles agem não por um senso de dever legal, mas por um senso de decência humana. Tal como os nossos soldados e marinheiros em todas as partes do mundo, eles estão enfrentando o desafio da liberdade na linha de fogo, e eu os saúdo pela sua honra e coragem. Meus concidadãos americanos, este é um problema que todos nós enfrentamos – em todas as cidades do Norte e também do Sul. Hoje há negros desempregados, duas ou três vezes mais em comparação com os brancos, com educação inadequada, mudando-se para as grandes cidades, incapazes de encontrar trabalho, jovens particularmente desempregados e sem esperança, com direitos igualmente negados, com a oportunidade de comer em um restaurante ou uma lanchonete ou ir ao cinema, negado o direito a uma educação digna, negado hoje o direito de frequentar uma universidade estadual mesmo sendo qualificado. Parece-me que estas são questões que dizem respeito a todos nós, não apenas aos presidentes, aos congressistas ou aos governadores, mas a todos os cidadãos dos Estados Unidos. Este é um país. Tornou-se um só país porque todos nós e todas as pessoas que aqui vieram tiveram oportunidades iguais de desenvolver os seus talentos. Não podemos dizer a 10% da população que não podemos ter esse direito; que seus filhos não podem ter a oportunidade de desenvolver quaisquer talentos que possuam; que a única maneira de conseguirem os seus direitos é sair às ruas e manifestar-se. Acho que devemos a eles e a nós mesmos um país melhor do que esse. Por isso, peço a vossa ajuda para facilitar o nosso avanço e proporcionar o tipo de igualdade de tratamento que desejaríamos; dar a cada criança a oportunidade de ser educada até ao limite dos seus talentos. Como já disse antes, nem todas as crianças têm o mesmo talento, a mesma capacidade ou a mesma motivação, mas deveriam ter o mesmo direito de desenvolver o seu talento, a sua capacidade e a sua motivação, para fazerem algo por si mesmas. Temos o direito de esperar que a comunidade negra seja responsável, cumpra a lei, mas eles têm o direito de esperar que a lei seja justa, que a Constituição seja daltónica, como disse o juiz Harlan na virada do século. É disto que estamos falando e esta é uma questão que diz respeito a este país e ao que ele representa, e ao enfrentá-lo peço o apoio de todos os nossos cidadãos. Muito obrigado. (Kennedy, 1963, on-line)

Figura 40 Presidente Kennedy discursando para todo o país



Fonte: AH – American History TV C-SPAN3

O pronunciamento do Presidente nos faz ter uma ideia de como os grupos que creem em uma supremacia racial, que creem que as pessoas são divididas por categorias raciais podem ser violentos, impiedosos e até mesmo cegos pelo ódio.

Em um dia a esposa de Meadgar Evers, a Sr.^a Myrlie Evers-Williams está assistindo ao pronunciamento do presidente, houve o barulho do tiro e sai correndo para descobrir que sua suspeita estava correta, seu marido havia sido baleado: “Meadgar Wiley Evers foi oficialmente declarado morto no Centro Médico da Universidade do Mississippi à 1h12min da manhã do dia 12 de junho de 1963. Ele tinha apenas trinta e sete anos.” (Evers-William e Marable, 2005):

No outro dia, 13 de junho do mesmo ano, a viúva recebe uma carta de condolências do Presidente Kennedy:

Querida Sr.^a Evers: Eu estendo à senhora e aos seus filhos minhas sinceras condolências pela trágica morte de seu marido. Embora pensamentos reconfortantes sejam difíceis num momento como este, certamente pode haver algum consolo na compreensão da justiça da causa pela qual seu marido deu a vida. A concretização dos objetivos que ele tanto se esforçou para promover permitirá aos seus filhos e às gerações seguintes partilhar plena e equitativamente os benefícios e vantagens que a nossa nação tem para oferecer. Atenciosamente; A Sr.^a Kennedy junta-se a mim para estender suas mais profundas condolências. (Evers-William e Marable, 2005, posições 4745-4746)

Importante lembrar que a década de 1960 foi tão violenta que nem o Presidente dos Estados Unidos da América foi poupado, em 22 de novembro de 1963, o Presidente Kennedy foi assassinado, apenas cinco meses após o seu discurso em prol dos Direitos Civis e da morte de Meadgar Evers. Nas palavras do Dr. King (2022):

Por toda a parte os homens ficaram assombrados e confusos com a notícia do assassinato do presidente Jack Kennedy. Vimos o 35º presidente de nossa nação ser abatido como um grande cedro. A perda pessoal foi profunda e esmagadora; a perda para o mundo foi insuportável. Ainda é difícil acreditar que alguém tão cheio de energia, vitalidade e vigor não esteja entre nós. (King Jr., 2022, p. 281)

Sua morte foi uma grande perda para a nação e para a luta pelos Direitos Civis, baseados em seu pronunciamento para a nação e nas palavras do Dr. King, podemos dizer que o Movimento havia perdido um ilustre e importante aliado. Quanto ao assassinato do Líder Meadgar Evers, o seu assassino teria tempo para viver uma longa vida solto antes de ser condenado, vejamos:

[...] Em 21 de junho, De La Beckwith, vendedor de fertilizantes e membro do Conselho de Cidadãos Brancos – e mais tarde da Ku Klux Klan – foi preso pela morte de Evers. O procurador distrital [...] Bill Waller, processou De La

Beckwith. O corpo de jurados, composto só de homens brancos, travou duas vezes naquele ano a condenação do réu, mas não obteve êxito. Trinta anos após os dois julgamentos precedentes terem fracassado em alcançar um veredicto, De La Beckwith foi levado ao banco dos réus baseado em nova evidência. Durante o julgamento, o corpo de Evers foi exumado para uma autópsia. Finalmente, De La Beckwith foi condenado por assassinato em 5 de fevereiro de 1994, após ter vivido livremente quase 3 décadas após a prática do homicídio. Morreu aos 80 anos na prisão em janeiro de 2001. (Altman, 2014, on-line)

O preço da liberdade é alto, de 1963 a 1968 tivemos três líderes negros assassinados devido ao que eles pregavam, durante esse período, outras pessoas ligadas aos direitos dos afro-americanos foram mortas, mas nos basearemos nos três personagens aqui elencados apenas para exemplificar o quão perigoso é desafiar o *status quo*, isto é, a classe social dominante. Haja vista o que nos relata o Reverendo King Jr. (2022):

Os negros, tragicamente conhecem muito bem o assassinato político. Na vida dos líderes negros dos direitos civis, o estampido da bala e emboscada, o rugido da bomba muitas vezes quebrara o silêncio da noite. Eles substituíram o linchamento como arma política. Mais de uma década atrás, a morte repentina atingiu o Sr. e Sr.^a Harry T. Moore, líderes da NAACP na Flórida. O reverendo George Lee de Belzoni, Mississippi, foi morto a tiros nas escadarias de um tribunal rural. As bombas se multiplicaram. Mil novecentos e sessenta e três foi um ano de assassinatos. Medgar Evers em Jackson, Mississippi; William Moore no Alabama; seis crianças negras em Birmingham – e quem poderia duvidar de que esses também foram assassinatos políticos? (King Jr., 2022, p. 281)

E o Dr. King conclui o seu pensamento afirmando:

A omissão indesculpável da nossa sociedade tem sido a incapacidade de prender os assassinos. É uma avaliação dura, mas inegavelmente verdadeira, que a causa da indiferença foi a identidade das vítimas. Quase todos eram negros. E assim a praga se espalhou até atingir o mais eminente dos americanos, um presidente calorosamente amado e respeitado. (King Jr., 2022, p. 281)

Um exemplo disso é que o assassino de Medgar Evers levou trinta anos para ser condenado pelo assassinato do ativista, e após a condenação, em 1994, ele passou apenas 6 anos preso, pois faleceu no ano de 2001. Isto significa que foi permitido ao assassino viver a maior parte de sua vida livre e a prisão apenas o alcançou no final da sua vida, muito mais como uma lição moral do que por um castigo devido ao crime cometido. James Baldwin (1963), em uma entrevista com Elsa Knight Thompson e John Leonard descreve o relacionamento do afro-americano com a morte: “Nasci sabendo, tendo que saber, aos 5 anos de idade que a vida seria difícil e eu morreria. Os americanos brancos descobrem isso quando têm cerca de 30 anos e vão ao psiquiatra”.

Como vimos anteriormente, Malcolm X acreditava que morreria de forma violenta (X, 1992). Martin Luther King Jr., no seu último discurso, em 3 de abril de 1968, intitulado *Eu estive no topo da montanha*, já parecia resignado com a possibilidade da sua morte precoce:

Bem, não sei o que vai acontecer agora; temos dias difíceis pela frente. Mas para mim realmente não importa, porque eu cheguei ao topo da montanha. E não me importo. Como todo mundo, eu gostaria de ter uma longa vida – a longevidade tem a sua importância. Mas não estou preocupado com isso agora. Quero apenas fazer a vontade de Deus. E ele me permitiu subir ao topo da montanha. E de lá de cima eu vi a Terra Prometida. Posso não chegar lá com vocês. Mas quero que saibam esta noite que nós, como um povo, chegaremos à Terra Prometida. E estou feliz esta noite. Não me preocupo com coisa alguma. Não tenho medo de homem algum. Meus olhos viram a glória da vinda do Senhor. (King Jr., 2022, p. 429)

Interessante observar o sentimento de efemeridade desses líderes, a todo o momento eles dialogam com uma verdade dura e implacável, a iminência da morte era constante. Nesse ponto podemos destacar, novamente, a coragem do Dr. King, uma pessoa que conheceu a violência dos racistas em tenra idade, ainda tinha o arrojo de pregar a não-violência.

No caso do assassinato de Malcolm X, nem todos os verdadeiros autores do crime foram levados à justiça. Dos três acusados e condenados, apenas um, *Mujahid Abdul Halin*, confessou a autoria, os outros dois acusados, *Muhammad A. Aziz* e *Khalil Islam*, foram inocentados após passarem 20 anos presos pagando por um crime que não cometeram, mesmo que o único réu-confesso, *Mujahid Abdul Halin*, na época, tenha afirmado que os dois outros acusados não estavam envolvidos, as autoridades não se importaram e condenaram os inocentes. Segundo o documentário, *X/onerated – The Murder of Malcolm X and Years to Justice*, o FBI possuía, já naquela época, as descrições dos verdadeiros culpados, que eram diferentes dos dois réus que foram julgados e condenados, além de farto material que comprovava a inocência dos dois acusados. Demonstrando um verdadeiro descaso das autoridades, isto é, não importava se o acusado fosse inocente ou culpado, o importante era dar rosto para os assassinos de Malcolm X, afinal, vidas negras importam?

Passaremos agora para o segundo episódio do documentário, e veremos o resultado dos protestos dos anos de 1960.

3.2 Década de 1970 - Avançamos na Luta Por Direitos Civis

O segundo episódio do documentário é intitulado *Seguindo em frente*, continuaremos os nossos estudos nos baseando nele e faremos os apontamentos que acharmos necessários. De acordo com o professor Gates (2016) a década de 1970 trouxe avanços importantes para os afro-americanos:

A partir dos anos de 1970 o Movimento dos Direitos Civis desencadeou uma onda de mudanças que transformaram o país. O número de afro-americanos se formando em nível superior quase dobrou, abrindo as portas para um leque de novas oportunidades. Havia mais empresários negros, mais negociantes, mais profissionais negros. E os direitos políticos que havíamos garantido, finalmente começaram a dar frutos, nos permitindo exercer nosso poder em locais onde antes não era possível. (Gates, 2016, OMNEUA)

E para exemplificar este momento, de acordo com o documentário, o primeiro prefeito negro de Atlanta, Georgia, terra natal do Dr. King, o político e advogado Maynard Jackson Jr. que em 1973 foi eleito prefeito com mandato de 1974 a 1978 reconduzido ao cargo de 1979 a 1982 e novamente concorrendo a prefeito em 1989, tomando posse em 1990 e permanecendo até 1994. Gates (op. cit.) “um lugar onde, menos de duas décadas antes, as pessoas negras eram forçadas a andar em ônibus segregados. Em meados dos anos de 1970, havia prefeitos afro-americanos sendo eleitos por todo o país. Em Cincinnati, Los Angeles, Detroit, dentre outras cidades”.

O professor de História Jelani Cobb (2016) explica:

“De repente, nas grandes cidades da América, a liderança negra passou a estar no comando. Foi um momento inebriante. As pessoas começaram a ver um rosto literalmente diferente da política americana”. (COBB, 2016, OMNEUA)

Hasan Kwame Jeffries, professor de História, corrobora a afirmação de Cobb (2016): “Foi uma ascensão impressionante. Não se via isso há 100 anos, desde a Reconstrução da América”. E o cientista político, Lester K. Spencer (2016), descreve: “A sensação era de: ‘Meu Deus, nós tomamos a cidade!’ Podíamos ver pessoas que eram exatamente como nós. Foi uma sensação incrível!”

O presidente Richard Nixon (1969 – 1974) explica a sua visão do Movimento *Black Power*, o qual foi um dos responsáveis por impulsionar o afro-americano a posições de destaque na sociedade:

Alguns aspectos do Poder Negro são muito preocupantes, porque significam revolução, violência. Mas outros aspectos do Poder Negro são muito construtivos, pois significam que o povo negro quer se sustentar com as próprias pernas. Eles querem ter bancos de negros, não ir apenas a

bancos de brancos. Eles querem estabelecimentos de negros, e não ter que ir apenas nos de brancos. E eles têm razão de querer. E é isso que eles terão. (Nixon, 2016, OMNEUA)

Mais adiante comentaremos sobre as declarações do presidente Nixon, pois há fatos que precisaremos explorar. Segundo o documentário, houve avanços significativos em vários setores como nas artes, com séries televisivas tendo como protagonistas afro-americanos como por exemplo, *The Jeffersons*, que retratava uma família afro-americana de classe média; *Good Times*, uma série que também retratava o mesmo tipo de família, mas que vivia em um conjunto habitacional e aparentava ter mais dificuldades para se manter; na literatura se destacaram mulheres afro-americanas como, Alice Walker, Toni Morrison e Maya Angelou dentre outras. Gates (2016) argumenta:

“essa sensação imensa de progresso acompanhava mudanças significativas na vida dos afro-americanos. Desde o início dos anos de 1970 e pelos próximos 25 anos, sete milhões de negros americanos deixaram os centros das cidades para ir atrás de seus sonhos nos subúrbios.”⁶⁴

Cobb (2016) completa:

É a essência do sonho americano: fazer algo melhor para a próxima geração. Ter uma casa, ter seu patrimônio, poder morar em um lugar com boas escolas. Era um novo tipo de desenvolvimento na América negra. Parecia que um novo portal havia sido aberto. E, hoje em dia, muitos de nós atuam em áreas nas quais antes não éramos admitidos. (Cobb, 2016, OMNEUA)

O professor Gates (2016) nos apresenta a história de Thomas Oliver, um cidadão negro, que nasceu na Virgínia em 1940. No início dos anos de 1970, ele trabalhava como supervisor em um banco de Nova York, e alugava um apartamento no Brooklyn. Thomas e a esposa queriam uma casa maior para a família que estava crescendo. Então vieram para Laurelton, Queens. De acordo com o professor, o que eles descobriram esclarece tanto o grande progresso feito quanto os profundos desafios que a América negra ainda enfrenta.

⁶⁴ O termo *suburb* não tem a mesma conotação que a palavra subúrbio. Em inglês, um *suburb* é um bairro residencial geralmente de classe média. In: Dicionário Escolar Longman Inglês-Português/Português-Inglês, 2009, p. 357.

Figura 41 - Os filhos de Thomas Olive: Vicente e Gisella (1972)



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Foto de 1972 (fig. 41), em que seus filhos Vincent (menor criança do centro) e Gisella (garota que segura a mão de Vincent) aparecem juntos com algumas crianças brancas do bairro. Eles contam que naquela época era divertido, pois faziam coisas de crianças, vendiam limonada. Gisella chegou a ser escoteira e havia integração com as crianças brancas, também, naquele ambiente.

Figura 42 Negros e brancos convivendo no mesmo ambiente



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Foto (fig. 42) tirada também na década de 1970 em que podemos ver que há tanto pessoas negras quanto pessoas brancas no mesmo ambiente, participando do mesmo evento. Gates (2016) explica: “Thomas e sua família se sentiram tão em casa em Laurelton que levou um tempo para notarem que a comunidade estava

mudando. Parte de uma tendência maior que estava transformando o país todo, o que hoje chamamos de fuga dos brancos⁶⁵” E Thomas relata que o bairro era bem misto em seus primeiros anos ali. E dentro de dois ou três anos, em meados dos anos de 1970, isso mudou. Havia mais afro-americanos aqui.

Figura 43 – Resultado do movimento White Flight



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

O professor Gates (2016) nos explica que:

Laurelton continuou sendo um bairro seguro de classe média, mas o equilíbrio racial mudou. Quando os Olivers chegaram, ele era quase todo branco. Uma década depois, era 90% negro, um padrão que se repetiu em comunidades de todo o país. Revelando que as ansiedades ligadas à raça e à classe ainda tinham o poder de nos dividir e sugerindo que, mesmo com todos os sinais de progresso, a América ainda não estava pronta para uma real integração. (Gates, 2016, OMNEUA)

Um país que foi construído baseado, também, na separação por raça, e que se acostumou a acreditar que a raça branca é a superior, permitindo assim a exploração dos demais, dificilmente iria aceitar vizinhos não brancos em seu bairro, crianças não brancas frequentando a mesma escola que seus filhos, famílias não brancas ocupando os mesmos espaços de lazer. “De repente” aqueles que eram serviçais e ou considerados inferiores possuíam quase que a mesma condição boa de vida que a dos de raça branca, demonstrando que a falta de oportunidade e o cerceamento da liberdade, baseados em leis segregacionistas, é que faziam com que o afro-americano não alcançasse melhores patamares dentro dessa sociedade. Em Treitler (2016):

Nos Estados Unidos, tendemos a pensar que possuímos quatro grupos raciais: brancos, asiáticos, hispânicos ou latinos e negros. [...] “o que é

⁶⁵ White flight ou Fuga dos brancos - Situação na qual pessoas brancas mudam-se de uma área ou mandam seus filhos para escolas particulares para evitar estarem próximas de pessoas não brancas. Fonte: Longman Advanced American Dictionary, 2000, p. 1647.

crucial quanto à raça (diferente de etnia ou outras formas de se classificarem seres humanos) é que categorias raciais são organizadas de modo hierárquico, com brancos na posição mais alta e negros na mais baixa”. (Treitler, 2016, *apud* Morris e Treitler, 2021, ps. 16-17)

E neste ponto explicamos que evitamos utilizar o termo raça por pensar que esse termo é incômodo e que, para nós, causa estranheza categorizar seres humanos como se fossem animais, tais quais cavalos, éguas, jacaré... Espero, portanto, que após uma reflexão do leitor quanto a este termo, ele comece a causar o mesmo incômodo, da mesma forma que causa a nós, pois precisamos refletir se somos todos seres humanos provenientes de uma mesma origem, ou se nos distanciamos em algum momento da evolução ocasionando a inferioridade de alguns e a superioridade de outro. Baseados em nossos estudos até aqui, percebemos que acreditar em raças para seres humanos é acreditar em uma mentira repetidas por gerações.

Voltando ao documentário, a explicação para que houvesse a partida das pessoas brancas do bairro foi a suposta desvalorização dos imóveis devido ao fato de que afro-americanos estavam morando ali, a professora Mary Pattillo (2016), socióloga na Universidade Northwestern comenta:

Os rumores e o medo de que o valor de sua propriedade vai cair faz com que uma família tenha medo suficiente a ponto de partir. Isso envia um sinal para os outros de que as pessoas estão partindo, e de que as suas casas serão desvalorizadas. Então, elas pensam: “É melhor vender antes que isso aconteça.” (Pattillo, 2016, OMNEUA)

A professora de políticas públicas Leah Wright Rigueur (2016) da Universidade Johns Hopkins expõe que “uma das razões da ‘fuga dos brancos’ era não querer interagir com as famílias negras. É algo que vai além da queda do valor das propriedades. É o não querer se relacionar com pessoas negras”. A psicóloga e escritora, Cida Bento, no seu livro, *O Pacto da Branquitude* (2022), explica:

Os negros são vistos como invasores do que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território. Os negros estão fora de lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando. Quando se colocam em posição de igualdade, são percebidos como concorrentes [...] (Bento, 2022, p.74)

O professor de sociologia na Universidade de Georgetown, Michael Eric Dyson (2016), explica no documentário o sentimento das pessoas brancas estadunidense quando do avanço dos afro-americanos vivendo em melhores bairros e se destacando nos esportes: “Havia um senso de moral branco, de que todas as

coisas que tínhamos acumulado não eram mais seguras. Um sentimento de que os negros iam tomar todos os nossos bens, nossas cidades, nossos recordes”.

O prof. Gates (2016) observa que:

Muitos americanos brancos só aceitavam a igualdade racial na teoria, mas não na prática. À medida que a década de 1970 avançava, a tensão claramente aumentava entre ideais do Movimento dos Direitos Civis e a realidade das relações raciais na América. Isso ficava ainda mais óbvio quando o assunto era educação. A Suprema Corte havia proibido a segregação nas escolas em 1954. Mas duas décadas depois, muitas crianças, negras e brancas, ainda frequentavam escolas segregadas porque ainda viviam em bairros segregados. E a realidade é que a maioria dos bairros brancos eram ricos, o que significava salas com mais subsídios. (Gates, 2016, OMNEUA)

De acordo com o documentário, Boston foi uma das muitas cidades onde as escolas para negros e brancos não eram apenas separadas, mas profundamente desiguais. Enquanto as escolas para alunos negros não possuíam recursos, eram superlotadas e professores abandonavam as classes; as escolas para alunos brancos eram exatamente o contrário.

Figura 44 - Escola segregada de Boston



Figura 45 - Pais protestando contra a dessegregação das escolas em Boston.



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Em 1974 a corte federal ordenou a dessegregação compulsória via transporte escolar enviando alunos negros para escolas predominantemente brancas e vice-versa. Isso excitou os ânimos dos bairros populares do sul de Boston.

A população branca do sul de Boston comentava que “os negros vão chegar e destruir tudo”; as crianças deveriam ficar em suas próprias cidades como estiveram por gerações”; isso vai dar mais trabalho do que todos imaginam, porque nem as crianças nem os pais não vão aceitar isso: - dê tudo para os pretos (⁶⁶niggers) – é isso que eles querem”.

Figura 46 - Alunos brigando devido à integração



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Segundo o documentário, houve muita resistência por parte da população branca de Boston contra a integração nas escolas, os alunos afro-americanos precisavam ser escoltados por policiais para entrarem nas escolas e havia brigas entre os alunos nos corredores nos banheiros e, dentro da sala de aula os alunos brancos se sentavam em um lado da sala enquanto os alunos negros do outro lado da sala.

Figura 47 - Alunos afro-americanos com escolta da polícia para poderem entrar na escola “South Boston High”



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

⁶⁶ Termo ofensivo utilizado por uma cidadã branca de Boston no documentário para se referir aos alunos afro-americanos. Nota do autor.

Leah W. Rigueur observa que:

O que isso nos mostra é que o Movimento dos Direitos Civis não pôde mudar algumas coisas. É possível legislar sobre o comportamento das pessoas, mas não sobre seus sentimentos. Pode-se dizer: “Não haja assim”, mas fazer com que as pessoas acreditem naquilo e realmente ajam de acordo é algo extremamente difícil de fazer. (Rigueur, 2016, OMNEUA)

Não é de se estranhar que houvesse resistência na tentativa de integração nas escolas entre alunos negros e brancos, pois, segundo o professor Silvio Almeida (2019, ps. 27-28) em seu livro, *Racismo Estrutural*, “o racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas - bairros, guetos, bantustões, periferias etc. e/ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos – como escolas e hospitais – como frequência exclusiva para membros de determinados grupos raciais [...]”.

Abaixo vemos a capa da revista *Newsweek* anunciando “discriminação reversa”, e dando a entender que há uma luta por formação superior nas universidades entre as pessoas brancas e negras estadunidenses. Quanto a esse tipo de pensamento, Almeida (2019) diz:

Figura 48 - Capa da revista *Newsweek* sobre discriminação reversa



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

De fato, o ser branco é uma grande e insuperável contradição: só se é “branco” na medida em que se nega a própria identidade enquanto branco, que se nega ser portador de uma raça. Ser branco é atribuir identidade racial aos outros e não ter uma. É uma raça que não tem raça. Por isso, é irônico, mas compreensível, que alguns brancos considerem legítimo

chamar de “identitários” outros grupos sociais não brancos sem se dar conta de que esse modo de lidar com a questão é um traço fundamental da sua própria identidade. Esse monumental delírio promovido pela modernidade, essa “loucura codificada” responsável por “devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres” que é a raça, sempre opera no campo da ambiguidade, da obscuridade, do mal-entendido e da contradição. (Almeida, 2019, ps. 63-64)

E quando falamos de contradição, conforme citado acima, a discriminação reversa significa que algo estaria fora da ordem, é como se fosse algo inimaginável. É como entender que os brancos estadunidenses estivessem perdendo espaço para um grupo minoritário que não possuem as mesmas condições intelectuais. Almeida (2019) analisa:

O racismo é um processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. Por isso, é absolutamente sem sentido a ideia de racismo reverso. O racismo reverso seria uma espécie de “racismo ao contrário”, ou seja, um racismo das minorias dirigido às majorias. Há um grande equívoco nessa ideia porque membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente. Homens brancos não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancos, pessoas brancas não são “suspeitas” de atos criminosos por condição racial, tampouco têm sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor da pele. [...] O termo “reverso” já indica que há uma inversão, algo fora do lugar, como se houvesse um jeito “certo” ou “normal” de expressão do racismo. Racismo é algo “normal” contra minorias – negros, latinos, judeus, árabes, persas, ciganos etc. – porém, fora destes grupos, é “atípico”, “reverso”. O que fica evidente é que a ideia de racismo reverso serve tão somente para deslegitimar as demandas por igualdade racial. (Almeida, 2019, p. 43)

E Almeida (2019) completa sua análise:

Racismo reverso nada mais é do que um discurso racista, só que pelo “avesso”, em que a vitimização é a tônica daqueles que se sentem prejudicados pela perda de alguns privilégios, ainda que tais privilégios sejam apenas simbólicos e não se traduzam no poder de impor regras ou padrões de comportamento. (Almeida, 2019, p. 44)

E dentro deste escopo, para explicar o anúncio da revista, destacamos a seguinte frase, “membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente” Almeida (2019). Portanto, ao declarar a “discriminação reversa” a revista trazia, “um discurso racista [...] em que a vitimização é a tônica daqueles que se sentem prejudicados pela perda de alguns privilégios”. Almeida (2019)

De acordo com o documentário, um exemplo de caso de ressentimento contra o afro-americano por estar ascendendo profissionalmente veio à tona quando um

estudante branco chamado Allan Bakke, cuja admissão na Universidade de Medicina da Califórnia havia sido negada duas vezes, afirmou ser vítima das ações afirmativas. O caso Bakke chegou à Suprema Corte. Segundo a professora de direito Kimberle Crenshaw (2016): “Allan reclamava do fato de haver uma cota de 16 vagas para estudantes negros. Ele argumentava sobre a diminuição das expectativas de que os brancos poderiam obter todas as vagas”.

E Crenshaw (2016) explica:

Nunca houve um período tranquilo para as ações afirmativas. Muitas pessoas pensam: “Isso aconteceu por algumas décadas e depois acabou.”
⁶⁷ Mas nunca houve um período em que os esforços para integrar os afro-americanos na sociedade americana não tenha sido imediatamente denunciado como um tratamento preferencial. (Crenshaw, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) observa que em menos de uma década depois que as ações afirmativas possibilitaram a matrícula, dele mesmo, o jovem Henry Louis Gates Jr, em Yale, a Suprema Corte deliberou que a universidade havia violado os direitos civis de Bakke. Isso derrubou o uso das cotas raciais, criadas para compensar as injustiças do passado, desafiando uma das maiores vitórias do Movimento dos Direitos Civis. Embora muitos ainda protestassem, a retaliação contra as ações afirmativas estava a todo o vapor, impulsionadas pela crescente sensação de que o país já tinha feito o suficiente para reparar séculos de racismo. Cobb (2016) completa:

Nos anos 1970, começou a surgir a retórica do racismo reverso, que dizia que os negros estavam recebendo coisas que os outros não. Então, em vez de falar em racismo, agora ouvia-se coisas do tipo: “O resíduo do racismo”, como se ele tivesse acabado e sobrado apenas um pouco no ar, mas que não tinha uma forma e um conteúdo real de forma a impactar de fato a vida das pessoas (Cobb, 2016, OMNEUA)

Além disso Morris e Treitler explicam:

[...] Por certo, brancos veem os ganhos de não brancos como “racismo reverso” e creem que esse é um problema maior do que o racismo contra negros! As percepções dos negros são bastante diversas – pessoas negras nos EUA não veem a existência de um jogo de soma zero, e acreditam que as supostas perdas (para os brancos) não ocorrem quando obtêm vitórias em lutas pela igualdade. (Morris; Treitler, 2017, p. 20)

Não é de se estranhar que a comunidade branca estadunidense acredite ou acreditava que o “racismo reverso” seja um problema maior do que o racismo contra negros (Morris e Treitler (2017), pois eles se acostumaram a serem os algozes, a

⁶⁷ Kimberle Crenshaw refere-se ao período em que o afro-americano era escravizado e ao período das leis Jim Crow nos Estados Unidos da América. Nota do autor.

serem os detentores do privilégio branco. Imaginar os afro-americanos tendo os mesmos privilégios ou usufruindo de ações afirmativas compensatórias para que possam passar em uma universidade como no caso Bakke, é imaginar um “desastre iminente”, muito embora este suposto desastre só esteja na mente do antigo algoz. Segundo Gates (2016), “o racismo ainda era um fator da vida americana, e apesar de todo o progresso, muitos afro-americanos continuavam em dificuldades, confinados em cidades nas quais a pobreza crescia mais arraigada e mais centralizada, os motivos eram complexos, mas as consequências eram claras”.

O professor de Inglês James Peterson observa:

Os guetos não surgiram por acaso. Havia políticas que negavam aos negros o acesso a empreendimentos habitacionais brancos do subúrbio. Que diziam que as pessoas tinham que morar em comunidades com base em sua raça. Os conjuntos habitacionais tinham restrições raciais. Então, os guetos não surgiram do nada. E quando você cria guetos, você cria concentração de pobreza. A pobreza é uma coisa, a concentração de pobreza é outra. Não existe patrimônio na concentração de pobreza. Existe mais fome. E, é claro, mais crime por causa disso. (Peterson, 2016, OMNEUA)

A jornalista Nicole Hannah-Jones comenta:

Estudos de Ciências Sociais mostram que esses níveis de pobreza concentrada são devastadores para uma comunidade. Primeiro, porque elas são ignoradas. Elas não têm peso político algum, e todos, desde bancos a supermercados, começam a ter práticas predatórias, porque essas populações são vulneráveis e não têm muita escolha. (Hannah-Jones, 2016, OMNEUA)

Conforme havíamos mencionado anteriormente, neste ponto precisamos mencionar o ex-presidente Richard Nixon (1969 – 1974), que, também, utilizou-se de um subterfúgio envolvendo a população negra para seus fins políticos. Segundo o documentário *Relatos do Front – A Outra Face Do Cartão Postal* (2022) “a guerra às drogas foi a marca de ‘fantasia’ de uma série de políticas repressivas implementadas em 1971 pelo presidente Richard Nixon. Derrotados no Vietnã, os EUA precisavam de uma campanha nacional para reverter a baixa popularidade de Nixon”. A jornalista Cecília Olliveira relata para o documentário:

Quando o Nixon decidiu “vamos proibir as drogas”, ele não pensou no bem da sua família, no bem das suas crianças. E isso ficou muito claro numa entrevista que um ex-secretário do Nixon deu em que ele disse: “A gente sabia que a gente estava sendo racista definindo essa política? Obviamente que a gente sabia, mas e daí?”. (Olliveira, 2022, *Relatos do Front – A Outra Face Do Cartão Postal*)

E Olliveira (2020) completa:

Porque quando eles decidiram criminalizar determinado tipo de substância, eles estavam querendo arrumar um meio legal de conter a esquerda, que eles chamavam de esquerda radical, e tentar conter o Movimento Negro. Eles precisavam de um modo para obter legalidade de entrar em casas e prender pessoas sem que eles fossem acusados de arbitrariedades. E eles exportaram esse modelo para o mundo inteiro.

Algumas páginas acima destacamos o discurso do ex-presidente Nixon com relação ao Movimento Negro, mais especificamente, o *Black Power*, porém, é necessário que evidenciemos este outro lado da história, pois o que compreendemos é que os afro-americanos, juntamente com outras minorias, são alvos fáceis no jogo de poder político, isto é, a maioria da população está pronta para aceitar qualquer justificativa que envolva a culpabilização dessas minorias, ainda que seja uma farsa, conforme vimos.

Abaixo, o ex-secretário John Erlichman e a sua declaração dada para a revista Harper's Magazine em 1994. Retiramos foto e declaração do documentário *Relatos do Front – A Outra Face Do Cartão Postal*. Para fins didáticos reproduziremos a sua declaração:

Sabíamos que nós não podíamos criminalizar quem era antiguerra ou negro, mas convencendo a população a associar hippies à maconha e negros à heroína, e depois criminalizar fortemente os dois, poderíamos desestabilizar ambas as comunidades. (John Erlichman para Harper's Magazine, 1994)

Figura 49 Cena do documentário Relatos do Front com a declaração de John Erlichman



Fonte: Doc. Relatos do Front – A Outra Face Do Cartão Postal, 2022

Voltando ao documentário *O Movimento Negro nos EUA*, Gates relata que, em meados da década de 1970, os EUA estavam no meio de uma profunda recessão, e o mercado de trabalho estava mudando radicalmente. O trabalho nas fábricas, antes um caminho seguro para a classe média, estava se esgotando com a automação e a globalização transformando a indústria. Tudo isso teve um impacto devastador nos afro-americanos das regiões centrais, muitos dos quais tinham

poucas aptidões e baixa educação. Em algumas comunidades o desemprego atingia níveis nunca vistos desde a Depressão. E Gates nos traz um dado importante:

Escondido por trás dos dados, havia um fato assustador: à medida que a classe média negra seguia os brancos para fora dos centros, os afro-americanos mais pobres ficavam cada vez mais isolados, social, geográfica e economicamente. Basicamente, as diferenças de classe estavam quebrando os EUA negro. (Gates, 2016, OMNEUA)

Jeffries (2016) explica:

Pela primeira vez na história dos EUA, víamos as classes de afro-americanos morando em diferentes lugares. Antes disso, as opções eram muito limitadas. Independente do salário, a maioria deles ia às compras, frequentava escolas, trabalhava e vivia dentro de uma comunidade negra. (Jeffries, 2016, OMNEUA)

Robert L Johnson (2016, OMNEUA) relata:

A integração tinha o seu lado negativo. Ela eliminava os modelos, eliminava personalidades fundamentais, pessoas de negócios envolvidas, médicos e advogados. Eles eram retirados da comunidade.

Cornel West (2016, OMNEUA) completa o relato:

Na década de 1950 as comunidades negras eram as mais civilizadas dos EUA. Havia laços de empatia, um acolhimento incrível daqueles que chegavam. Já na década de 1970, já não havia mais tantos bairros quanto havia guetos.

Em entrevista para o documentário *O Movimento Negro Nos EUA*, o sociólogo William Julius Wilson, que mapeou a crescente divisão de classes, observando como os afro-americanos mais pobres estavam sendo deixados para trás, explica que a dessegregação teve um impacto econômico positivo para alguns segmentos da população negra. Para os negros da classe média, sem dúvida. Porém as vitórias do Movimento dos Direitos Civis não tiveram um impacto positivo para os negros pobres. Então, embora um segmento da população negra estivesse gozando de sucesso, outro segmento corria risco de se tornar proletariado econômico permanentemente. Wilson destaca que se lembra de um estudioso que disse “é como se o racismo tivesse situado os negros em seu lugar econômico e ficado de lado assistindo as mudanças na economia e a revolução tecnológica destruir aquele lugar.”

Figura 50 - Manchete de Jornal que diz: Pobreza Negra nos EUA em Ascensão



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Gates (2016) anuncia:

À medida que os males econômicos do país se intensificavam, os afro-americanos mais pobres ficavam ainda mais vulneráveis. E com a nação toda passando dificuldades, eles logo se viram feitos de bode expiatório em um novo cenário político. (Gates, 2016, OMNEUA)

Em 1976, quando Ronald Reagan⁶⁸ tentava a nomeação como candidato republicano à presidência, ele repetia a história de uma mulher afro-americana chamada Linda Taylor, alegando que ela ganhava mais de 150 mil dólares por ano burlando a assistência social, usando-a como exemplo de que políticas liberais não tinham dado certo. A história chamou atenção, mas tinha poucos fundamentos na realidade. Taylor era uma golpista, mas nem de longe representava uma beneficiária típica da assistência social.

A professora de estudos da África, Brittney Cooper, explica:

A imagem da rainha da Assistência Social foi fabricada por Reagan e pelo partido republicano usando uma única história ocorrida em Chicago nos anos de 1970 de uma mulher que fraudou o sistema. E nem se sabe com certeza se ela fraudou mesmo. (Cooper, 2016, OMNEUA)

Donna Brazile, estrategista política, complementa:

⁶⁸ Ronald Reagan foi o 40º presidente da história dos Estados Unidos, governando o país em dois mandatos na década de 1980. Seu governo ficou marcado pela aplicação de medidas neoliberais, que resultaram em desvalorização do trabalhador e aumento da desigualdade social. Em 1968 e 1976, Reagan tentou concorrer à presidência pelo Partido Republicano, mas foi derrotado nas primárias. [...] Em 1980, Reagan concorreu à presidência contra Jimmy Carter, candidato democrata que era o atual presidente dos Estados Unidos. Na campanha, Reagan convidou George Bush (pai) para ser seu vice e abordou questões importantes na época, como a alta da inflação e o aumento do desemprego no país. A campanha de Reagan foi vitoriosa e ele venceu com margem folgada. [...] Reagan adotou um programa muito rígido de combate às drogas e impôs uma política ferrenhamente anticomunista. Essa política anticomunista, conhecida como “Doutrina Reagan”, resultou em um escândalo político, uma vez que foi descoberto que os Estados Unidos secretamente vendiam armas para o Irã para que guerrilhas antirrevolucionárias fossem financiadas na Nicarágua. Fonte: História do mundo, 2023.

Criou-se a noção de que 99% do dinheiro da Assistência Social estava indo para os negros e hispânicos. E isso é uma falácia, porque a maioria dos beneficiários eram brancos. A maior parte dos vales-alimentação vai para os brancos. (Brazile, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) argumenta que o ataque de Reagan marcou uma mudança significativa. Desde a grande depressão, o governo federal oferecia auxílio aos pobres, cuja maioria era de brancos. Agora, em tempos de insegurança financeira, Reagan sugere que esses programas pagos com os impostos, só estavam ajudando os negros. E ele promete que cortá-los irá ajudar a consertar a economia. De acordo com Cobb (2016): “Foi um ponto de virada não apenas na história do povo negro, mas na forma como as pessoas falavam da pobreza. Porque passamos da ideia de pobres que mereciam, para a de pobres que não mereciam. E havia uma certa ênfase na moralidade e no moralismo e nesses pensamentos muito mais voltados à ideia de falha do indivíduo do que em se perguntar: “Como fazemos para acabar com toda essa população de pobres?”

Figura 51 Cena em que mostra Reagan sendo candidato à Presidência



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Conforme o documentário, em 1980, Reagan voltou com uma nova campanha presidencial. Ele ainda pregava a reforma da previdência, mas agora fazia isso como parte de uma mensagem muito mais abrangente. Ele falava em direitos dos estados e em fazer com que a América voltasse aos bons tempos. Embora suas palavras tivessem um apelo poderoso, para muitos afro-americanos, elas pareciam um ataque velado ao progresso que fizeram desde o Movimento dos Direitos Civis. É o que iremos estudar no próximo tópico.

3.3 Década de 1980 - A Arte Como Resistência Nos Ajuda a Sobreviver

O terceiro capítulo do documentário é intitulado *Mantenha a Cabeça Erguida*, por razões didáticas, nós o dividimos em duas partes intituladas: *Década de 1980 A Arte Como Resistência Nos Ajuda a Sobreviver* e *Década de 1990 - Não Desistiremos Dos Nossos Sonhos*. Conforme anunciamos anteriormente, Ronald Reagan⁶⁹ estava concorrendo a presidência e vinha com uma proposta mais abrangente. Nas palavras do cientista político Leste K. Spence (2016) “Em sua campanha, ele diz: ‘Vamos tornar a América grande de novo’. Implícito nisso, está a ideia de que, para isso, será necessário colocar os negros no lugar deles”. E Cornel West (2016) completa o pensamento, “Vamos tomar o nosso país de volta. Vamos torná-lo grande de novo.” Reagan estava dando o tom. E os negros pensavam: “Sempre que um branquelo fala em tomar o seu país de volta, sabemos o que significa. Que vão vir com tudo para cima de nós.”

Gates (2016) nos explica: as promessas de campanha de Reagan fizeram sucesso e ele ganhou a eleição presidencial de 1980. Ele reduziu os programas sociais e fez grandes cortes nos gastos. Suas políticas tiveram consequências imensas para as áreas pobres das cidades, que já tinham as suas dificuldades. A falta de apoio do governo impossibilitou o trabalho dos líderes cívicos negros. Hosea Williams (2016) membro da Assembleia Geral da Georgia declara: “Muitas cidades onde os prefeitos eram negros se tornaram um grande lixo. E quem quer ser prefeito de uma cidade de lixo?” E o presidente da liga urbana John E. Jacobs, afirma, “Grande parte da miséria que os americanos negros de hoje enfrentam se intensificaram nos últimos anos com cortes nos programas de sobrevivência básica dos quais os pobres e necessitados passaram a depender.”

⁶⁹ Ronald Reagan mandato de presidente dos EUA de 20 de janeiro de 1981 a 20 de janeiro de 1989. Nota do autor.

Figura 52 - John E. Jacobs - Presidente da Liga Urbana



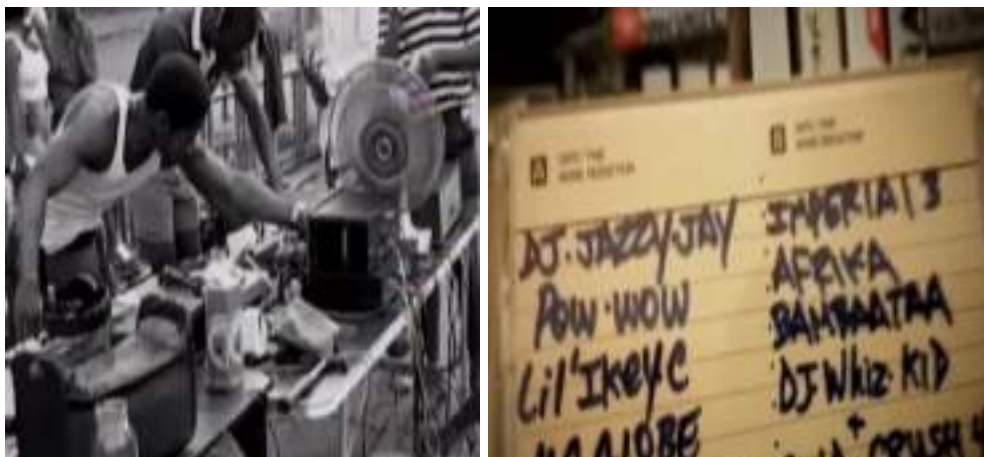
Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

E o sociólogo Michael Eric Dyson (2016) complementa: “Ronald Reagan era terrível para a América negra. Ele era o símbolo do repúdio a todo o progresso que tínhamos feito. E não apenas ao progresso econômico e político, mas também espiritual e simbólico.” (Dyson, 2016, OMNEUA)

Diante de toda a pobreza e desesperança que estavam presentes naquele período, segundo o documentário, apesar de toda a decadência, surgia a agitação de algo radicalmente novo. Durante anos, as pessoas do Bronx vinham fazendo experimentos com a arte, a dança, a moda e a música. Eles chamavam isso de *Hip Hop*. Ele energizou a América negra de uma maneira que as pessoas da geração do professor Gates nunca imaginaram. Nunca nem acharam possível. Joan Morgan (2016) lembra: “No intervalo da escola, alguém sempre tinha uma boom box⁷⁰, e alguém começava a fazer uma rima”. Nasir “Nas” Jones (2016) relembra: “Todo mundo estava envolvido. Toca aqui; eu não estou de brincadeira, Toca aqui, no lado negro da minha mão. Os negros estavam sempre rimando, mesmo nas conversas. É algo instantâneo que simplesmente acontece”. Para Gates (2016): “O hip hop era toda uma cultura criada a partir de fragmentos. A eletricidade roubada dos postes de luz, os sistemas de som feitos de peças de reposição, festas em terrenos abandonados. E um sistema de distribuição 100% improvisado”.

⁷⁰ Aparelho de som portátil. Nota do autor.

Figura 53 - Hip Hop improvisado e gravações em fitas cassete



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Não se podia comprar discos ou ouvir hip hop no rádio. A única forma de participar musicalmente dessa cultura era através das fitas cassete que circulavam pela cidade. As pessoas faziam cópia da cópia da cópia, até que a qualidade do áudio ficava tão horrível que mal dava para ouvir. Mas era assim que a música circulava, por essas redes subterrâneas. (Cobb, 2016, OMNEUA)

À medida que ganha influência a música foi saindo do subterrâneo e se distanciando das fitas caseiras. Em 1979, um grupo do subúrbio de Nova Jersey lança um dos primeiros discos de hip hop: *Rapper's Delight* ⁷¹.

Figura 54 - Wonder Mike, Big Bank Hank e Master G – *Rapper's Delight*



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Morgan (2016) descreve:

⁷¹ No dia 16 de setembro de 1979, o selo Sugar Hill Records lançava o primeiro grande hit do Hip Hop mundial. Tudo começou quando Sylvia Robinson, produtora musical e dona da gravadora, juntou três garotos para uma sessão no Sugar Hill Studios, em Englewood, New Jersey. A ideia era reproduzir o novo estilo musical que começava a se popularizar nas discotecas de Nova Iorque. Apesar de não terem sido os pioneiros do Rap na história, Wonder Mike (Michael Wright), Big Bank Hank (Henry Jackson) e Master G (Guy O'Brien) mudariam para sempre os rumos da música Pop com o single "Rapper's Delight", responsável também pelo primeiro sample que se tem notícia (um sample instrumental, ou "orgânico", é verdade, extraído da faixa "Good Times", do Chic, e reproduzido por músicos de estúdio). Fonte: Ramone, 2015, on-line.

Foi a primeira vez que ouvi hip hop na rádio e me lembro de que, no dia seguinte, estavam todos comentando. Estávamos orgulhosos por outras pessoas estarem ouvindo o som da quebrada. Ironicamente, aqueles caras eram de Nova Jersey. Eles não eram bem da quebrada, mas dava essa sensação. (Morgan, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) “*Rapper’s Delight* foi um sucesso. Chegou no top 40 das paradas e se tornou o single de 12 polegadas mais vendido da história”.

Figura 55 - Single de 12 polegadas mais vendido da história



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Peterson (2016) descreve o que era o hip hop no início para pessoas mais velhas:

As pessoas mais velhas não valorizavam o hip hop. Diziam que não era música de verdade, que se baseava nas coisas dos outros. Mas quando eu ouvia *Rapper’s Delight* falando aquilo tudo no rádio, eu pensava: “Isso sou eu”. Era a primeira vez que eu me ouvia no rádio. (Peterson, 2016, OMNEUA)

De acordo com o documentário, o *Rapper’s Delight* foi apenas o começo. Logo, o hip hop já não era mais apenas música para curtir. Ela conectava os jovens negros de diferentes partes do país.

Os jovens daquela geração precisavam encontrar novas formas de se comunicar, podendo gravar discos e falar a verdade. Nós dizíamos: “Estou aqui em *Long Beach* e é isso que está acontecendo aqui. Onde vocês estão?” “Eu moro em Queensbridge, e o que acontece aqui é isso.” Nós ficávamos sabendo dos diferentes lugares. (Jones, 2016, OMNEUA)

Ainda segundo o documentário, à medida que o hip hop foi evoluindo, ele se tornou um fenômeno nacional, uma paixão compartilhada por milhões de jovens afro-americanos que usavam o hip hop para articular as sua identidade, celebrar suas vidas e trazer uma poderosa crítica da América *mainstream*. No topo, estava

um grupo que parecia resumir quase duas décadas de experiência negra em um único e furioso som: Public Enemy⁷².

Peterson (2016) declara: “O *Public Enemy* pega muito da política e da energia do Movimento *Black Power*, um pouco de *James Brown*, um pouco de *rock*, e dá um soco na cara de todo mundo.”

Figura 56 - *Public Enemy*⁷³



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

De acordo com o relato de Gates (2016), o *hip hop* oferecia uma forma de oposição à América de Reagan. Ao mesmo tempo, um veterano dos Direitos Civis oferecia outra, em 1984, o reverendo *Jesse Jackson*, antigo protegido de Martin Luther King, tomou a audaciosa decisão de concorrer à presidência, desafiando o partido Democrático a deixar de lado o presumido candidato *Walter Mondale* e colocar um negro na luta contra Reagan. Na sua primeira campanha, Jackson conseguiu 3,5 milhões de votos e dobrou esse número quando concorreu

⁷² Formado em Long Island, Nova York, ao redor do campus da universidade, em 1982, *Public Enemy* é conhecido por seu envolvimento político, acidez das suas letras, combate ao racismo, críticas à mídia americana, sempre com um forte e ativo enfoque nas frustrações e preocupações da comunidade Afro-Americana. Ou seja, o *Public Enemy* é uma voz única e potente do hip-hop, fez e continua a fazer história. Fonte: Lima, 2014, on-line.

⁷³ O *Public Enemy* já era famoso e vinha revolucionando o cenário musical até que em 1989 veio a música “*Fight The Power*” na palavras de Jhonatan Rodrigues: “*Fight the Power*”, marcou a virada da década de 80 para a de 90 e até hoje é uma das maiores músicas da história do Rap. Antes de entrar em turnê com o grupo *Run-D.M.C.* em 1989, o *Public Enemy* fez uma música para o novo filme do diretor *Spike Lee*. Ela tinha de seguir a temática do filme – que falava de tensão racial no *Brooklyn* -, e assim nasceu “*Fight The Power*”. “Eu queria ser desafiador. Queria ser raivoso. Queria ser rítmico. E pensei direto no *Public Enemy*,” disse *Spike Lee*. Produzida pelo *The Bomb Squad*, grupo que produzia as faixas do *Public Enemy*, a faixa foi lançada em junho de 1989, e continha uma extensa lista de *samples*, que iam desde “*Planet Rock*” de *Bambaataa*, até “*I Shot the Sheriff*” de *Bob Marley*. E o filme citado é “*Faça a coisa certa*” “*Do the right thing*” Fonte: Rodrigues, 2013, on-line.

novamente quatro anos depois. Ele nunca conseguiu a nomeação democrata, mas teve vitórias que, na visão de Gates, foram tão importantes quanto. Ele conseguiu restaurar o espírito do Movimento dos Direitos Civis, despertando as esperanças dos afro-americanos. E pela primeira vez, muitos americanos viram que um negro realmente poderia se tornar presidente.

Figura 57 - Jesse Jackson concorrendo à vaga do partido Democrata para candidato à presidente



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Gates (2016) faz uma reflexão com relação à década de 1980: “a questão racial ainda importava, é claro, mas o quanto ela importava? A resposta, pelo menos para alguns parecia ser ‘não muito’.” Ele nos dá o exemplo da apresentadora Oprah Winfrey. “Em 1984, Oprah Winfrey começou a apresentar um programa de entrevista matutino local. Ela tinha 29 anos, nasceu na área rural do *Mississippi*, e estava preste a se tornar um fenômeno nacional”.

O professor Gates entrevista Oprah Winfrey e ela começa dizendo:

“O reverendo Jesse Jackson deu uma palestra na minha escola e disse: ‘a excelência é o maior impeditivo para o racismo. Portanto, seja excelente.’ Eu coloquei essa citação no meu espelho.” Ao ser perguntada se a questão racial sempre foi um obstáculo em sua carreira, Oprah responde: “Não. Sabe por quê? Porque nasci na época certa. Eu nunca estudei, nem um dia, em uma escola segregada. Então, eu nunca tive a doutrinação de que ‘Você é menos que...’ ou senti que, em uma sala de aula, eu não podia levantar a mão, não podia dizer o que queria, não podia ser eu mesma”. E quando Oprah é perguntada como ela conseguia falar de assuntos íntimos e ficar vulnerável na frente de pessoas de outras etnias ela responde: “Quando você consegue literalmente se conectar ao coração de alguém, e eles se identificam, como ‘Oh, Eu faço isso’; ‘Oh, eu como isso’; ‘Eu tenho problema de peso’; ‘Eu me senti péssima quando perdi o meu primeiro namorado’; ‘Eu estava irritada, e comi um pacote de Oreos’...Todas as

coisas que eu estava disposta a falar que não eram nem de negros e nem de brancos, nem de asiáticos, nem de hispânicos. As pessoas conseguiam enxergar para mais além da cor da minha pele e ver a minha essência”.

Figura 58 - Oprah Winfrey em seu programa matinal em 1984



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Gates (2016) comenta que Oprah personificou uma nova era, uma era de superestrelas negras. De Michael Jackson a Bill Cosby, Michael Jordan a Whitney Houston, os afro-americanos estavam ganhando fama e fortuna de formas que seriam inimagináveis até mesmo uma década antes. E o sucesso deles incentivou a América a pensar de forma diferente sobre raça. Brown (2016) comenta: “O que acontece é que acho que os brancos agora podem se imaginar, se identificar com o sucesso negro de uma nova maneira. Ou seja, se acontecer de você ficar famoso, então vamos aceitá-lo na nossa sociedade como um igual, talvez até melhor”. Segundo o documentário, à medida que a década de 1980 avançava, havia mais médicos e advogados negros, mais políticos negros, e pioneiros em dezenas de campos: o primeiro astronauta negro ⁷⁴, a primeira Miss América ⁷⁵ negra, até o homem que se tornaria o primeiro bilionário negro, o empresário Robert Johnson, que fundou a *Cable’s B.e.t (Black Entertainment Television)* Televisão de Entretenimento Negro. Como a *MTV* não reproduzia videoclipes de grupos ou cantores negros (até antes de Michael Jackson lançar seu videoclipe *Thriller*), Johnson foi até as

⁷⁴ Guion Stewart Bluford Jr., mais conhecido como Guy Bluford, é um ex-astronauta, ex-piloto na Força Aérea, engenheiro aeroespacial e veterano da Nasa. Em 30 de agosto de 1983, participou do lançamento da missão STS-8, tornando-se o primeiro astronauta negro dos Estados Unidos a ir ao espaço. Fonte: Revista Galileu, 2023, on-line.

⁷⁵ A primeira Miss América negra foi Vanessa Williams, coroada em setembro de 1983. Sua vitória não agradou a todos, e a atriz, com 20 anos na época, sofreu com ameaças e ataques racistas. Fonte.: Vieira, 2023, on-line.

gravadoras e fez um acordo com eles, ele reproduziria os vídeos desde que eles continuassem fazendo-os. Para as gravadoras foi muito bom porque possuíam uma fonte de reprodução de vídeos gratuita e Johnson seria pago pelas operadoras de TV a cabo e pelos anunciantes, foi lucro imediato.

West (2016) define a década de 1980:

A década de 1980 proporcionou várias oportunidades para os negros, porque os mercados estavam explodindo em todos os lugares, então se você estivesse preparado, se tivesse habilidades de alto nível, você poderia entrar e ter uma vida material decente e próspera. Mas estamos falando de uma fatia da América negra. O resto da América negra teve que lidar com os cortes de Reagan. O aumento do trabalho sem aumento na remuneração, aumento do desemprego e o subemprego. (West, 2016, OMNEUA)

Enquanto uma parte da população negra estava descobrindo que, aparentemente, as barreiras raciais haviam diminuído, outra parte sentia que as barreiras nunca haviam caído. Ronald Day, ex-trafficante do Bronx descreve a sua experiência:

A pobreza no meu bairro era marcante e generalizada. Nós éramos aqueles que esperavam na fila pela alimentação vinda do governo. E eu sabia que era pobre, mas era embaraçoso para mim minha mãe mandar-me ao mercado para trocar cupons por comida. Havia cinco ou seis grupos diferentes traficando drogas, então havia muita competição. Um grupo estava em uma esquina, outro, na esquina seguinte, outro no quarteirão acima. Resignávamos, pois este era o bairro em que vivíamos. E não havia muito que pudéssemos fazer para mudar isso. Eu não vi pessoas que iam para a escola, que ganhavam o diploma do ensino médio, indo bem com as suas vidas. Então pensei, “Para que ficar na escola?” A lei da rua era muito mais poderosa do que a sala de aula. Eu fui de fazer, talvez, cinquenta dólares por dia para fazer, em um ano ou dois depois, talvez uns milhares de dólares por dia. É muito dinheiro para alguém com 15, 16, 17 anos. (Day, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) continua: “O dinheiro ficou ainda melhor quando uma nova droga inundou o mercado: o crack. O crack proporcionava uma onda intensa e um preço baixo. Era incrivelmente lucrativo para os negócios de Ronald, mas devastadora para o seu bairro”.

O viciado em crack compraria drogas e voltaria uma hora depois. Querendo mais. As pessoas precisavam conseguir dinheiro regularmente para alimentar esse vício. Então pegavam da mãe, do seu pai, dos filhos...Eu diria que eu me senti culpado, mas o sentimento foi passageiro. Eu estava de fora observando: “Caramba! Olhe o que o meu comportamento está fazendo, veja como estou contribuindo com o mal que está sendo feito aqui.” Eu nunca tive a chance de fazer esse tipo de reflexão. Eu só sabia sobre a cultura das drogas e a vida das drogas. (Day, 2016, OMNEUA)

De acordo com Gates (2016), um dia, a vida das drogas atingiu Ronald Day. Quando ele tinha 24 anos, ele foi condenado por tentativa de homicídio e tinha

acusações de porte de drogas e armas e passou quinze anos na prisão. Pelo menos ele sobreviveu. Muitos dos seus amigos acabaram mortos, assassinados em guerras entre gangues rivais de drogas, como muitas outras cidades pelo país. É difícil estimar o número de mortos no tráfico de drogas da América. Até mesmo especialistas dizem que as baixas são incontáveis. Mas embora a violência fosse real e aterrorizante, os bairros mais afetados estavam cheios de pessoas que não eram nem traficantes e nem usuários de drogas. E algumas delas começaram a se unir para reagir. Os ativistas viam o tráfico de drogas como um sintoma de um problema maior. Eles pediram melhor policiamento, serviços sociais, programas de emprego e muito mais. Mas as suas demandas foram abafadas por uma série de histórias sensacionalistas na mídia.

Nas palavras de Al Sharpton (2016):

A mídia retratou isso como um vício dos negros, quando claramente não estava limitado à comunidade negra. Mas o retrato do crack foi pintado como negro. E o crime nas ruas, negro. E como essa imagem foi constantemente incutida na psique americana, foi essa imagem, a de fazer o negro, o crack e o crime sinônimos, é por isso que eles se livraram, transformando-o em uma alta taxa de encarceramento para os negros, porque as pessoas estavam vendo isso todos esses anos. (Sharpton, 2016, OMNEUA)

E a consequência não poderia ser outra, de acordo com Sherril Ifill (2016)

Foi criado todo o tipo de aparato que basicamente criminalizava os homens negros em um nível mais alto de condenação do que o adotado para os brancos. O exemplo mais infame é a proporção de 100⁷⁶ para 1 entre o crack e a cocaína em pó. Isso não tinha base farmacológica, não tinha base lógica, mas entendia-se que os homens afro-americanos eram mais propensos a serem presos por crimes de posse de crack do que homens brancos. As implicações raciais eram bem conhecidas quando foram promulgadas, e ainda assim isso foi feito. (Ifill, 2016, OMNEUA)

De acordo com Gates (2016), a cocaína em pó e o crack eram quimicamente idênticos. Mas o crack era mais barato, mais comum em bairros pobres e sob as novas leis, punindo muito mais severamente. De 1983 a 1997, o número de afro-americanos encarcerados por delitos de drogas cresceu mais de dois mil por cento, isso é, mais do que seis vezes a taxa de aumento dos americanos brancos. Na opinião de Eric H. Holder Jr. (2016): “Brancos e negros usam droga,

⁷⁶ Segundo a lei de 1986 uma pessoa com "craque" recebe a mesma sentença que outra detida com uma quantidade 100 vezes maior da modalidade em pó da droga. Segundo a lei em vigor, qualquer um que seja detido com cinco gramas de "craque" tem que passar cinco anos na prisão. Esse mesmo castigo é aplicável a alguém condenado por tráfico de 500 gramas de cocaína em pó. Apenas em 28 de julho de 2010 o Congresso dos Estados Unidos aprovou [...] um projeto de lei que reduzia as diferenças entre as penas por posse de cocaína e "craque". Fonte: Terra, 2010, on-line.

aproximadamente na mesma proporção. Como explicar essas diferenças inacreditáveis na maneira como pessoas brancas e negras eram tratadas? Houve indiferença”.

James Forman, Jr. (2016) critica:

Há uma resposta política que é incrivelmente agressiva e incrivelmente evasiva e tem como alvo as comunidades negras, não para ajuda, tratamento, melhores escolas, melhores programas de capacitação profissional. Em vez disso, comunidades negras recebem apenas uma coisa, que é mais policiais e sentenças de prisão mais longas. (Forman, 2016, OMNEUA)

De acordo com o documentário, à medida que seus bairros ficaram cercados, jovens negros recusaram-se a ficar calados. Eles usaram o *Hip Hop* para chamar a atenção às injustiças que assolavam as suas comunidades, com uma linguagem pesada para combinar com a brutalidade que viam em seu entorno. Jeffries (2016) comenta: “Lembro-me de estar na Faculdade *Morehouse* e ouvir pela primeira vez, no dormitório, Ice Cube e NWA, as letras falando, “Negão isso”, “Negão aquilo”, e eu levei um choque. Coisas como: “O que está acontecendo? Sério? O que é isso?”. Ice-T descreve: “Éramos as vozes aqui do bairro gritando com você em um rap”.

Gates (2016) explica: “A mídia chamou essa nova música de *Gangsta Rap*⁷⁷”. Muitos dos artistas simplesmente a chamavam de “Rap da Realidade”. Cooper (2016) comenta: “Essas músicas tinham uma crítica política. E isso era importante naquele momento. Era como a juventude negra respondia a essas políticas que tornavam as suas vidas inviáveis. Não acho que eram imagens positivas, mas acho que foram representações valiosas que nos contavam partes da vida negra que não falávamos.”

Dyson (2016) exemplifica:

⁷⁷ *Gangsta rap* é um subgênero da música hip hop que evoluiu a partir do hip hop hardcore. O gênero foi pioneiro em meados da década de 1980 por rappers, como Schoolly D e Ice-T, e foi popularizado no final da década de 1980 por grupos como N.W.A. Após a atenção nacional que Ice-T e N.W.A atraíram neste fim de década e início da década de 1990, *Gangsta Rap* tornou-se o subgênero mais comercialmente lucrativo do hip hop. Alguns rappers gangsta foram associados, ou alegadamente têm laços, com as gangues Bloods ou Crips. O assunto inerente à gangue Gangsta causou uma grande controvérsia. A crítica tem vindo dos comentaristas da ala esquerda e da direita, bem como dos líderes religiosos, que acusaram o gênero de promover o crime, matar em série, violência, palavrões, dependência sexual, homofobia, racismo, promiscuidade, misoginia, estupro, gangues de rua, tiroteios, vandalismo, roubo, tráfico de drogas, abuso de álcool, abuso de substâncias, desconsiderando a aplicação da lei, materialismo e narcisismo. As administrações da Casa Branca, George H. W. Bush e Bill Clinton, criticaram o gênero. Fonte: Educalingo, 2023.

Eles ouviam Tupac dizer: “Outro dia fui linchado por policiais corruptos, e até hoje, os mesmos policiais ganham salários altos. Mas quando recebo o meu pagamento, eles cobram impostos, então estamos pagando para a polícia para bater nos negros”. Então, aqui está Tupac dando-lhes uma aula sobre Economia Básica, e a América dizendo: “Espera aí. Há algo inteligente aqui. Há sacações aqui.” Dyson, 2016, OMNEUA)

Tupac Shakur ⁷⁸ (2016) responde às críticas da época:

Não devíamos estar com raiva? Os Raps que faço para a minha comunidade não deveriam estar cheio de ira? Eles não deveriam estar repletos das mesmas atrocidades que cometem comigo? Na mídia eles não falam disso. Então eu tenho que falar nos meus Raps.(Shakur, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) explica que a maioria dos “Gangsta Raps” foram escritos por jovens negros, mal saídos da adolescência, mas rapidamente se tornaram uma sensação mundial. Mas nem todas as músicas eram uma crítica à negligência da cidade. Muitas delas descreviam uma sociedade que parecia, para alguns, misógina e profundamente amoral. E à medida que se tornou cada vez mais popular, muitos afro-americanos ficaram horrorizados. Eles temiam que elas estivessem glamourizando a destruição das comunidades negras e reforçando estereótipos racistas de longa data.

Jeffries (2016) pondera que: “quando a única coisa que você ouve é o que tem de mais depreciativo, aquilo que é mais humilhante para as mulheres negras, que celebra a morte e a destruição. As imagens que estão sendo projetadas são problemáticas porque não há contrapeso”.

James Peterson (2016) explana que há toda uma economia em torno da criminalização dos homens negros. Se você está fazendo um programa de TV, uma música de rap ou um filme sobre pessoas negras se comportando mal, é muito mais

⁷⁸ Tupac (1971-1996) foi um rapper norte-americano, considerado um dos maiores ídolos do hip-hop de todos os tempos. Foi assassinado a tiros em Las Vegas [...] em 1996 [...] Tupac Amaru Shakur (1971-1996), conhecido por “2Pac” ou “Pac”, nasceu no bairro de *East Harlen, Manhattan*, Nova Iorque, Estados Unidos, no dia 16 de junho de 1971. Filho de *Billy Garland* e *Afeni Shakur*, membros do grupo *Panteras Negras* de Nova Iorque, que foram processados por conspiração contra o governo dos Estados Unidos. Em 1988, a família se mudou para *Marin City*, Califórnia. Nessa época, *Tupac* fundou o grupo “*Strictly Dope*” junto com o amigo *DJ Dize*. Assinou com a *Digital Underground* de *Shock G*. Em 1990, sua música “*Same Song*” fez parte da trilha sonora do filme “*Nothin But Trouble*”, um grande sucesso na época. Em 1991 lançou seu primeiro disco “*2Pacalypse Now*”, que vendeu mais de 1 milhão de cópias. Suas músicas falavam de jovens pobres, gravidez na adolescência, policiais, armas e assassinatos. Fonte: Frazão, 2017, on-line

provável que eles sejam vendidos e se saiam bem do que representações mais complexas e cheias de nuances da vida negra.

Figura 59 - Protesto contra o Gangsta Rap⁷⁹



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

C. Delores Tucker, no Congresso de Mulheres Pretas, declara que elas, mulheres afro-americanas em particular, estão cansadas de serem chamadas de mulheres que sustentam os homens, por seus filhos que são pagos para fazê-lo pela *Time Warner*. Em contrapartida, o Reverendo Calvin O. Butts (2016), em uma pregação afirma que: “não somos contra o rap, não somos contra rappers. Mas nós somos contra aqueles marginais que desonram a nossa comunidade, as nossas mulheres, que envergonham a nossa cultura. E que não tem absolutamente nada de valioso a oferecer, exceto o legado da violência e agressão sexual e linguagem chula”.

Jackson (2016) dá a sua opinião:

De algum modo, tenho a impressão de que a mídia de massa branca quer se concentrar no rap e não na realidade. E eu digo, se você vai cobrir a violência, cubra a realidade e não apenas o rap. O rap é uma extensão da cultura. Vamos acabar com a violência na cultura. E espero que vocês coloquem isso no ar porque é verdade. Não basta escolher coisas para me encaixar de um lado e os rappers do outro. Eles são nossos filhos com dificuldades, estão sofrendo. (Jackson, 2016, OMNEUA).

De acordo com o documentário, o debate sobre a música rap foi intensamente emocional porque os riscos pareciam muito altos. Com o início da década de 1990, os afro-americanos mais pobres estavam ficando cada vez mais para trás. E não havia consenso sobre como ajudar. De fato, alguns estavam começando a sentir que

⁷⁹ Placa à esquerda: Dignidade não é negociável. Placa à direita: O Gangsta Rap é um rap violento. Nota do autor.

os negros pobres já haviam recebido muita ajuda, e precisavam, ao invés disso, se concentrar em seu próprio comportamento.

Armstrong Williams (2016), comentarista político, diz:

Se você olhar para a comunidade judaica e para a comunidade mulçumana eles não têm os mesmos problemas que a comunidade negra tem, porque eles nunca permitiram que o governo assumisse as suas vidas. Eles estavam envolvidos na educação e na disciplina de seus filhos. O que está acontecendo é que esses programas sociais concederam tantas outras coisas. Os bebês, os pais ausentes, o crime, as drogas, e não há como você colocar o gênio de volta na garrafa. (Williams, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) explica que a América negra estava agora engajada em uma disputa acirrada sobre a questão de onde a responsabilidade do governo pelos pobres terminava e a responsabilidade pessoal começava. A disputa logo se transformaria em um palco muito público. É o que veremos no próximo subcapítulo.

3.4 Década de 1990 – A Raça Ainda Importa

Na década de 1990 havia um novo presidente George Bush⁸⁰, ele era do partido republicano e tinha ideias conservadoras. Conforme o documentário, em 1991, Thurgood Marshall, um herói dos Direitos Civis, anunciou a sua aposentadoria da Suprema Corte dos Estados Unidos. Para preencher a vaga, o Presidente George Bush (pai) recorreu ao juiz conservador do Tribunal de Apelação Clarence Thomas. Ao contrário de Marshall, Thomas não acreditava que o governo federal deveria defender os afro-americanos ou qualquer grupo racial. Para muitos, a sua nomeação foi profundamente preocupante. Crenshaw (2016) pondera:

A Suprema Corte era importante porque respaldaria demandas dos afro-americanos por maior acesso à esfera política. Ela apoiava as demandas da comunidade afro-americana por maior acesso a emprego, à educação, à moradia. Agora, a própria instituição que nos respalda vai ter um afro-americano que diz, “Você não precisa mais se preocupar com essas coisas”. (Crenshaw, 2016, OMNEUA)

⁸⁰ George Bush (pai), o presidente dos Estados Unidos, [...] representava o republicanismo moderado e pragmático. Seus quatro anos de mandato na Casa Branca (1989-1993) foram marcados pelas turbulências da política exterior, que enfrentou com sucesso e altos níveis de popularidade, mas a crise econômica e sua falta de carisma o impediram de ser reeleito. Fonte: Mars, 2018, on-line. George Bush foi vice-presidente de Ronald Reagan de janeiro de 1981 a janeiro de 1989. Nota do autor.

Figura 60 - À esquerda, Juiz conservador indicado Clarence Thomas; à direita o Presidente George Bush.



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Conforme o documentário, nas duas décadas desde a sua confirmação, o juiz Thomas ajudou a reduzir o apoio do governo às Ações Afirmativas e programas de assistência social. Sugerindo que os afro-americanos devem assumir a responsabilidade por seu próprio progresso. No entanto, não está claro que as más escolhas individuais são o principal obstáculo ao progresso dos negros. Em vez disso, frequentemente, parece que o racismo, tecido profundamente na estrutura da nossa sociedade, representa uma ameaça maior. Em 3 de março de 1991, o espancamento de Rodney King ⁸¹, deixou claro o problema racial da América, até para alguns policiais de Los Angeles.

Stephany Powell (2016) descreve:

Eu vi na televisão, e meu coração parou. Era a prova de que a brutalidade policial estava viva e bem, e havia essa expectativa de que agora alguém

⁸¹ Na noite do dia 3 de março de 1991, Rodney King, de 25 anos, conduzia seu carro por Los Angeles em alta velocidade com dois amigos após ingerir bebidas alcoólicas. Ao perceber o fato, a polícia da cidade iniciou uma perseguição para deter o veículo de King, que estava em liberdade condicional por roubo. Quando os agentes conseguiram parar o carro em *Lake View Terrace*, no Vale de San Fernando, King saiu do veículo e levou uma surra com chutes, golpes de cassetete e armas de choque elétrico dos policiais enquanto estava no chão e indefeso. Os relatórios médicos posteriores detalharam que King sofreu nove ferimentos na cabeça, uma fratura no tornozelo, lesões por todo o corpo e um olho roxo, além de possíveis danos na visão e no cérebro. Este episódio de violência policial talvez nunca tivesse sido revelado, mas um cidadão registrou todo o incidente em um vídeo filmado de uma casa próxima, gravação que foi divulgada em todo o mundo. As imagens geraram os protestos e a indignação da comunidade negra, que há anos denunciava as atitudes racistas e violentas da polícia. "Finalmente, tínhamos conseguido filmar o 'Monstro do Lago Ness' com uma câmera", afirmou à emissora "CNN" o advogado de King, Milton Grimes, no documentário "Race and Rage". O então presidente dos Estados Unidos, George H.W. Bush, criticou o comportamento dos policiais, classificando o episódio como "degradante". O sargento Stacey Koon e os agentes Theodore Briseño, Laurence Powell e Timothy Wind foram acusados de crimes de ataque com arma letal e uso excessivo de força. No entanto, em abril de 1992 um júri de Simi Valley, que não contava com nenhum integrante negro, absolveu os agentes da maioria das acusações. O veredito causou indignação e ira na população negra, que viu na decisão do tribunal um novo exemplo de injustiça e discriminação, e motivou os maiores distúrbios raciais da cidade californiana desde as desordens de Watts em 1965. Fonte: G1-Mundo, 2016, on-line.

vai fazer algo a respeito. Sendo afro-americana e sendo uma policial, você tenta se encaixar entre dois mundos e ser fiel a ambos, sendo fiel à sua raça, e ao mesmo tempo, sendo fiel à polícia, onde você trabalha. Quando vi o vídeo pensei: “Meu Deus, vamos ter um problemão!” (Powell, 2016, OMNEUA)

Cobb (2016) observa:

Dependendo do seu ponto de vista este é um homem negro inocente clamando por sua vida. Ou aqueles são policiais fazendo o que você precisa que a polícia faça para evitar que pessoas como ele entrem em sua comunidade e, invariavelmente, façam algo errado. E essas são duas realidades completamente diferentes. Cobb, 2016, OMNEUA)

Powell (2016) fala do sentimento após a absolvição dos policiais:

Ouçõ a comemoração quando os policiais são absolvidos, e olhei para uns dos outros policiais negros, mas não disseram nada. Não precisávamos dizer nada. Nós sabíamos o que estávamos sentindo, e o que estávamos sentindo era isso: não vai acabar bem. Foi comovente assistir. Porque eu morava em *South Central* durante os tumultos. E comecei a ver locais da minha infância sendo incendiados. (Powell, 2016, OMNEUA)

Brown (2016) reflete: “Quando aqueles caras foram absolvidos, a gente pensa: ‘Para que serve tudo isso? Não é? Será que um dia vamos ter justiça?’ O Movimento pelos Direitos Civis, o Movimento *Black Power* e tudo o que aconteceu antes. Você se sente vulnerável. Um linchamento feito por policiais, e eles vão escapar impunes”. Jeffries (2016) comenta: “A resposta para a absolvição, a fúria, a raiva, a frustração são por causa da violência visual. ‘Como você não viu o que eu vi?’” Duvernay (2016) também coloca seu ponto: “Eu cresci em *Compton* e *South Central*. Foi um verdadeiro abalo naquela época, como uma pessoa jovem, naquele lugar e daquele lugar, quando você tem evidências daquele tipo de agressão e ainda assim... E ainda assim isso não importa.”

Gates (2016) manifesta que os tumultos expressaram a frustração da América negra no sistema de justiça criminal como sinal e símbolo do racismo sistêmico da nação. Mas muitos americanos brancos viram apenas destruição inútil. Eles revelaram uma profunda divisão entre as experiências do povo americano. E com o passar do tempo, essa divisão só iria crescer.

Nesta parte do documentário vamos estudar o caso OJ Simpson, um caso que se tornou uma disputa racial nas ruas em 1994. Desta vez, as pessoas assassinadas foram a esposa de OJ, Nicole Brown, uma mulher branca e Ronald Goldman, um homem branco. O suposto agressor, um homem negro, o próprio OJ. Diferente do caso anterior, o de Rodney King, será que a América branca estava pronta para o veredito de inocente? Tal qual no caso de King? Vejamos.

Segundo o documentário, OJ Simpson ⁸² foi acusado de homicídio apenas dois anos após os tumultos de Los Angeles, e expôs a mesma linha de racismo entre a América branca e a negra, aprofundando a sensação de que pareciam estar vivendo em dois mundos separados. Simpson foi uma das primeiras celebridades negras, um homem cujo sucesso e popularidade pareciam transcender a raça. Mas à medida que seu julgamento se desenrolava, ficou óbvio que a raça era um fator muito importante. Jeffries (2016) explana: “Para americanos brancos, é um julgamento de culpa ou inocência de um homem, OJ Simpson. Para os afro-americanos, é um teste da legitimidade do sistema de justiça criminal”.

Gates (2016) explica que a questão se tornou o centro das atenções quando os advogados de OJ Simpson começaram a se focar na conduta da polícia. A evidência de racismo por parte do Departamento de Polícia de Los Angeles confirmou a crença da comunidade negra de que a polícia não era confiável. E semeou dúvidas sobre a culpa de Simpson.

Figura 61 - Capa da revista Times sobre o caso de OJ Simpson: Tragédia Americana⁸³



Fonte: Documentário *O Movimento Negro Nos EUA desde MLK* (2016)

⁸² Quando O. J. Simpson foi acusado pela promotoria, depois da investigação da polícia, o famoso jogador, em reação hollywoodiana, fugiu em seu carro e ficou dias rodando pelas estradas afirmando que se mataria caso a polícia se aproximasse. [...] Os americanos se dividiram pela linha racial e o brutal assassinato ficou em segundo plano. Brancos consideravam O. J. Simpson culpado e afro-americanos o viam como inocente. [...] Ao longo desses 372 dias a promotoria juntou provas e mais provas incriminando O.J., inclusive o fato de o DNA do réu estar misturado a peças das vítimas na cena do crime. Porém, mesmo assim não foi possível desfazer os argumentos da defesa. Esta insistia que o réu estava sendo injustamente acusado por ser afro-americano – A polícia de Los Angeles é racista e os afro-americanos sempre condenados a priori. O acaso trouxe para os autos fitas gravadas por policiais brancos de Los Angeles narrando com termos racistas seus procedimentos tenebrosos em relação aos afro-americanos. A frase que impactou o júri foi a de um dos policiais, testemunha de defesa no caso O. J., dizendo a seus colegas não querem “niggers” na sua comunidade e que era preciso matar todos. A categoria *nigger* era e continua sendo a ofensa racial mais grave no país até hoje. Fonte: Maggie, 2019, on-line.

⁸³ Tradução da manchete: “Os advogados de Simpson sugerem que detetive com preconceito racista plantou luva ensanguentada.”

Duvernay (2016) expõe: “Eles transferiram a imagem de OJ para a imagem de todos os negros que sofreram armações, pessoas que eles conhecem. Você pode conversar com muitas pessoas que dirão: “Ele não matou”, “foi armação”. Gates (2016) completa: “Muitos brancos americanos viram a mesma evidência, mas chegaram a uma conclusão diferente. Em 3 de outubro de 1995, enquanto o mundo aguardava em suspense pelo veredito, a divisão racial da nação estava à vista. Mas o que aconteceu a seguir surpreendeu a todos. Inocente! Por um breve momento, os afro-americanos se sentiram vingados.

Cooper (2016) analisa:

Eles colocaram as TVs na sala de aula e nos deixaram assistir ao veredito. Todas as crianças brancas saem da sala, balançando a cabeça (de forma negativa), e as crianças negras correndo para fora, pulando. Era uma diferença tão clara. Muitos de nós éramos amigos e saíamos, mas aqueles foram momentos palpáveis, aqueles momentos que escancaram a real diferença na maneira como percebíamos as relações raciais no país. (Cooper, 2016, OMNEUA)

Nas palavras de Brown (2016), para muitos negros, tratava-se do sistema transcendendo a questão do assassinato, finalmente encontrando algum tipo de limite. Não importa que ele seja rico e tenha uma ótima equipe jurídica e que você nunca conseguirá esse tipo de justiça, se quiser chamar a atenção. A questão era que, finalmente, o sistema encontrou algum tipo de limite.

Cooper (2016) explica o sentimento daqueles que sofrem com o racismo:

Esse é o problema do racismo neste país, que ele é eticamente uma bagunça. Certo? Por conta dessas histórias passadas de racismo e de fracasso em abordar e lidar com elas, podemos ver uma injustiça. E o nosso senso de justiça diz: “Temos que vencer uma”, “Vocês nos devem.” (Cooper, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) comenta que, embora o veredito de O.J. tenha exposto a constância das divisões raciais da América, ele aconteceu em uma época em que muitos afro-americanos tinham motivos consideráveis para se sentirem otimistas. Em meados da década de 1990, a América estava no meio de um crescimento econômico, comandado pelo presidente Bill Clinton ⁸⁴, um democrata eleito com o esmagador apoio dos eleitores negros. Clinton nomeou um número sem precedentes de afro-americanos para altos cargos na sua administração. E sob as

⁸⁴ William Jefferson Blythe III, conhecido apenas como *Bill Clinton*, foi o 42º presidente dos Estados Unidos da América tendo sido eleito para cumprir dois mandatos (de 1993 a 2001). [...] *Clinton* foi precedido por *George H.W. Bush* (1989-1993) e sucedido por *George W. Bush* (2001-2009). Fonte: Fuks, 2019, on-line.

suas políticas econômicas, os rendimentos das famílias negras de classe média aumentaram e a elite negra viu suas fortunas crescerem avassaladoramente. E a cultura negra continuou a florescer.

Brazile (2016) demonstra que: “Bill Clinton era cercado por pessoas negras. Acho que ele estava cercado por pessoas negras desde o momento em que nasceu. Ele fica tão à vontade com pessoas negras que muitas vezes você olha para ele e pensa: ‘sério?’” Holder Jr. (2016) complementa: “Havia algum nível visceral, uma conexão entre o Presidente e a comunidade afro-americana. Ele era uma pessoa que prometeu fazer muitas coisas e realmente as fez”.

Duvernay (2016) relata: “Aquela época foi incrível. Eu cresci naquela época da cultura pop para os negros. Literalmente. A música no início dos anos de 1990 era incrível. Foi a época de ouro do Hip Hop. Foi também a época de ouro do cinema negro”. Peterson (2016) completa: “*Faça a coisa certa* (1989)”; *Os donos da rua* (1991); *Perigo para a Sociedade* (1993). Cara! Onde está aquele momento? Podemos voltar a ele em termos de filmes?”

Nas palavras de Gates (2016), esta época foi marcada por uma onda de cineastas negros contando suas próprias histórias. Programas de televisão centrados em personagens negros... E os enormes sucessos de *Hollywood* levando estrelas negras a todos os cinemas da América. Mas todo esse sucesso foi pouco para ajudar quem mais precisava. Até mesmo o presidente Clinton poderia dar poucas respostas para os afro-americanos que ainda viviam na extrema pobreza. E com o passar do tempo, sob pressão de oponentes políticos, seu governo adotou políticas que pareciam sugerir que os pobres eram em grande parte responsáveis por suas condições. Uma ideia que soou bem dura à América negra. Pattillo (2016) coloca: “O que vemos durante a era Clinton é essa ênfase no que os indivíduos devem fazer. Então, nos programas sociais, na imigração, no crime e na habitação, ele era um democrata com responsabilidade pessoal”. Ainda de acordo com o documentário, em 1994, Clinton assinou uma nova legislação⁸⁵ criminal que colocou

⁸⁵ Clinton sancionou um projeto de lei abrangente sobre crimes em 1994 que incluía a disposição federal de “três transgressões”, determinando penas de prisão perpétua para criminosos condenados por um crime violento após duas ou mais condenações anteriores, incluindo crimes relacionados a drogas. “O problema é a forma como foi escrito e implementado: lançamos uma rede muito ampla e tivemos muitas pessoas na prisão”, disse Clinton [...]. “E acabamos...colocando tantas pessoas na prisão que não sobrou dinheiro suficiente para educá-las, treiná-las para novos empregos e aumentar as chances quando saíssem para que pudessem viver vidas produtivas.” Fonte: Diamond, 2015, online.

mais cem mil policiais nas ruas, acrescentou uma cláusula federal de três condenações e despejou bilhões de dólares na construção de mais presídios. Spencer (2016) explica: “A lei *Omnibus Crime*⁸⁶ era, na época, a maior lei criminal já aprovada. Se você olhar para o gráfico de encarceramento, ele sobe. Não em um pico, não de 1972 até agora. É uma curva. E essa curva começa a ascender na administração Clinton”. Brazile (2016) fala: “Acho que eles foram longe demais. Foi uma época de muitos crimes. Parte do mantra republicano era ‘índices baixos, menos investimento do governo e severidade contra o crime’.” Bill Clinton tentou dificultar para os republicanos. E como você sabe, recentemente ele basicamente disse: ‘Eu cometi um erro’.”

Gates (2016) descreve o quadro, quase 250 mil pessoas a mais foram encarceradas durante a gestão de Bill Clinton comparada à de Ronald Reagan. E um número desproporcional deles era de negros. No final da década de 1990, os homens afro-americanos, seis por cento da população geral, compunham quase metade de todos os presos. Deixando um terrível vácuo nas comunidades negras. West (2016) explana: “Isso resultou do desmembramento das suas famílias, de comunidades. Isso resultou em uma destruição dos laços. E em uma sensação crescente de depressão e desespero quando se está preso desse jeito”.

Sharpton (2016) descreve aquele momento:

Você está falando dos meus amigos. Não podíamos fazer reuniões porque não havia ninguém. Todos estavam presos ou mortos. E ligados à Guerra às Drogas apenas para nos prender, só para nos encarcerar. Se eu não estivesse na igreja, provavelmente teria sido um deles, porque a maioria das pessoas que eu conhecia estava presa. (Sharpton, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) coloca: “Como uma forma de não entrar em desespero, os homens negros tentavam se reunir. Em 16 de outubro de 1995, homens afro-americanos de todas as classes sociais foram para *Washington DC* unidos por um senso comum de que algo precisava mudar”. E um manifestante declara que: “trata-se de respeito, união e amor pelos irmãos; estamos tentando tirar algo disso, da

⁸⁶ [...] O final da década de 1960 foi um ano de grande convulsão social e política nos Estados Unidos A política criminal refletiu lutas sobre raça e pobreza, talvez mais claramente na Lei Omnibus de Controle do Crime e Ruas Seguras de 1968 (OCCSSA) (PL 90-351, 82 Stat. 197). Esta legislação traz as marcas de visões divergentes das causas e curas do crime na América.[...] Trecho da Lei Omnibus de Controle do Crime e Ruas Seguras de 1968 - O Congresso conclui que a elevada incidência de crimes nos Estados Unidos ameaça a paz, a segurança e o bem-estar geral da nação e dos seus cidadãos. Para prevenir o crime e garantir uma maior segurança das pessoas, os esforços de aplicação da lei devem ser melhor coordenados, intensificados e tornados mais eficazes a todos os níveis de governo. O Congresso conclui ainda que o crime é essencialmente um problema local que deve ser tratado pelos governos estaduais e locais para ser controlado de forma eficaz. Fonte: Enciclopedia.com, 2023)

vida. Estamos cansados de estarmos por trás de tudo, também queremos estar no comando. Queremos unificar e é disso que se trata. Veja todos esses irmãos aqui.” Gates (2016) explica que foi uma das maiores manifestações políticas negras da história americana. O problema era: apesar de todas as boas intenções, a marcha tinha uma estranha contradição, todos os oradores atacaram um sistema racista americano, mas também pediram para aos homens negros que assumissem a responsabilidade por suas próprias vidas:

O então prefeito negro de Detroit, Dennis Archer, está fazendo um discurso e todos estavam aplaudindo, gritando e aplaudindo. “Assuma a responsabilidade”, lembro-me dele dizendo “Se a cidade não recolher o lixo, recolha vocês mesmos!” E todos gritando. “É, a cidade não vai recolher o lixo. Peguem vocês mesmos!” E eu fiquei, tipo, “Espere um segundo, “é por isso que pagamos impostos” Certo? Mais uma vez, é a percepção de que o governo não tem responsabilidade. Você é que tem! (Gates, 2016, OMNEUA)

No final, mais do que tudo, a Marcha cristalizou a questão central enfrentada pela América negra na época. “Fomos realmente nós que criamos os problemas que enfrentamos? Ou eles eram parte dos negócios inacabados que o Movimento dos Direitos Civis nunca teve a chance de resolver?” (Gates, 2016, OMNEUA)

3.5 Década de 2000 – Ainda Podemos Sonhar – Sim, Nós Podemos

A quarta e última parte do documentário é *Toque o céu*, ela começa noticiando a tragédia de 2005 que foi a devastação feita pelo Furacão Katrina⁸⁷ quando atingiu os estados de Louisiana, Mississippi e Alabama. Antes de entrarmos no documentário, é importante situar o leitor nos fatos anteriores a 2005. No subcapítulo anterior, vimos que em 2001 tínhamos Bill Clinton (1993–2001) como presidente da Nação. Ele foi sucedido pelo presidente George W. Bush (2001–2009), foi em sua administração que ocorreram os atentados terroristas⁸⁸ de 11 de setembro de 2001, desencadeando uma verdadeira guerra ao terrorismo.

⁸⁷ Na manhã de 29 de agosto de 2005, o furacão alcançou os estados de Louisiana, Mississippi e Alabama, ao sul dos Estados Unidos. A região metropolitana de Nova Orleans foi a mais atingida, onde mais de um milhão de pessoas deixaram suas casas. Os ventos, que chegaram a 280 quilômetros por hora, deixaram cerca de mil mortos e causaram enormes prejuízos. [...] Em Nova Orleans, maior cidade da Louisiana, as ruas estavam inundadas, e as pessoas não haviam conseguido evacuar a cidade. Quase dez mil residentes estavam abrigados no Estádio *Superdome*, uma arena que já havia servido de refúgio em outras ocasiões. Fonte: Memória Globo Coberturas, 2021.

⁸⁸ O 11 de setembro é como conhecemos os atentados terroristas realizados pela *Al-Qaeda* contra as Torres Gêmeas e contra o Pentágono no ano de 2001. Nesse atentado, fundamentalistas islâmicos

Um panorama geral de fatos marcantes de 2001 até 2005 seria o seguinte: Em 20 de janeiro de 2001⁸⁹, George W Bush toma posse como 43º presidente dos Estados Unidos; em 11 de setembro, em Nova York, no meio de Manhattan, ataques suicidas foram coordenados pelo grupo terrorista Al-Qaeda, que jogou dois aviões contra as Torres Gêmeas e um terceiro contra o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Os atentados mataram 3 mil pessoas e deixou o mundo em choque. Em 20 de março de 2003, os Estados Unidos [...] com o apoio do britânico Tony Blair, invadiram o Iraque como parte de uma campanha para derrubar Saddam Hussein, que comandava o país desde 1979, e recuperar armas de destruição em massa supostamente em posse do líder iraquiano - que se provaram inexistentes. Ao todo, foram enviados 200 mil soldados ao Iraque, sendo que 4,5 mil americanos e 200 britânicos morreram. Em 13 de dezembro de 2003, Saddam Hussein, ex-líder iraquiano, é capturado pelas forças norte-americanas em Tikrit, no Iraque. Em 2 de novembro de 2004 é realizada a eleição presidencial, George W. Bush é reeleito presidente dos Estados Unidos. Em 20 de janeiro de 2005, o presidente George W. Bush começa seu segundo mandato e em 8 de junho do mesmo ano, inicia-se a temporada de furacões no Atlântico.

A partir deste ponto entramos na quarta e última parte do documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK (2016)*. Gates (2016) comenta sobre os fatos: “No dia 29 de agosto de 2005, [...] o furacão Katrina tinha atingido Nova Orleans, danificando seriamente barreiras que eram obsoletas e inundando oitenta por cento da cidade. Quase 100 mil pessoas ficaram encurraladas, sem comida ou sem abrigo, em um crescente fluxo de água mortal. Parecia que quase todos eram negros. Era uma agonia ver isso.”

Cooper (2016) descreve:

Todas aquelas pessoas negras encurraladas em telhados, agitando bandeiras americanas, vieram flutuando pela tela da tv. E foi um momento duro, porque aqui estamos no século 21 e os negros ainda têm que

sequestraram aviões comerciais e lançaram-os contra os alvos citados, resultando em milhares de mortos. [...] Após realizado todo o trabalho de contagem das vítimas, concluiu-se que o atentado de 11 de setembro resultou em 2996 mortes, das quais 2606 são de pessoas que morreram em Nova Iorque, 125 morreram no Pentágono, 246 morreram nos aviões (tripulação e passageiros incluídos). Por fim, contabiliza-se também a morte dos 19 terroristas. Além disso, esse foi o primeiro grande ataque que os Estados Unidos sofreram em seu território desde o ataque realizado pelos japoneses contra a base naval de *Pearl Harbor*, em 1941. Fonte: Silva, 2023, on-line.

⁸⁹ Fonte: Silva, 2019, on-line.

argumentar ao seu país que eles são cidadãos e têm direito ao resgate. (Cooper, 2016, OMNEUA)

O furacão Katrina revelou o trabalho inacabado do Movimento dos Direitos Civis. Revelando a grande vulnerabilidade das comunidades negras mais pobres e tornou dolorosamente claro que a raça é um fator decisivo na vida americana. (Gates, 2016). Winfrey (2016) expressa-se sobre o ocorrido: “Eu estava tão chocada. Por que tantos ali eram negros e pobres? Porque quando você é negro e pobre, você é o mais desfavorecido. Então, é por isso”.

Figura 62 - Pessoas ilhadas

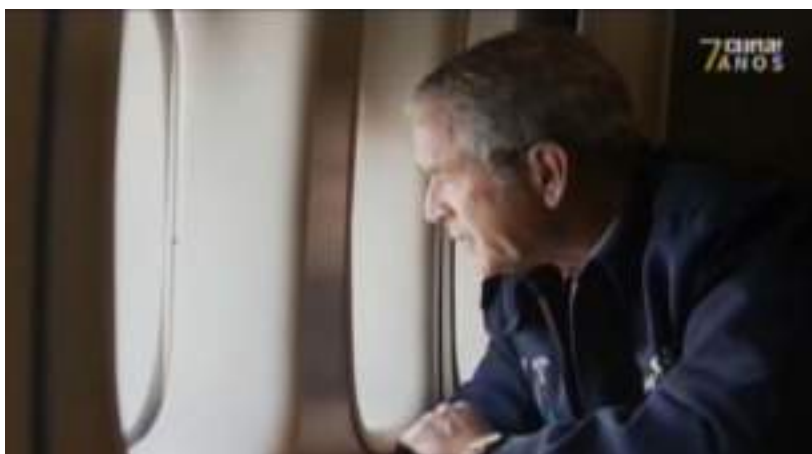


Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Duvernay (2019) expressa a sua opinião:

O espetáculo do furacão Katrina, foi isso que ocorreu: devastador, trágico, horrível. Revelou a grande segregação que sabemos que existe lá e que, você sabe, nós não falamos sobre isso, mas, se disserem que não ignoram a tragédia em razão da raça e classe, será desonesto com aquilo que todos vimos.

Figura 63 - O presidente George W Bush observando a tragédia do conforto de seu avião



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Segundo o documentário, o desastre foi também composto pela resposta lenta do governador, que parecia demonstrar uma profunda indiferença com as vítimas. Dois dias depois da tempestade, o presidente Bush finalmente chegou para ver a devastação, e fazia isso bem protegido do seu avião. Ele nem sequer pisou na cidade. Enquanto em terra, as vítimas e o caos eram crescentes. Os esforços por socorro foram dificultados pelas notícias sensacionalistas da mídia sobre uma onda de crimes na zona da inundação, o que isolou ainda mais as vítimas. Desesperadas, centenas de pessoas negras tentaram fugir sozinhas, seguindo para os subúrbios por meio dos rios. Eles foram parados por policiais e moradores locais com rifles. Cobb (2016) comenta:

As pessoas nas redondezas se armaram para não deixar que habitantes negros de Nova Orleans saíssem da cidade. Isso é uma metáfora bem clara do que acontecia nas cidades americanas: pessoas brancas que conseguiram fugir e barreiras para os negros que saíam da cidade e seguiam para onde estão. (Cobb, 2016, OMNEUA)

Após quatro dias dolorosos, o rapper Kanye West, em um Teleton em prol das vítimas do Katrina, de repente desabafou o que muitos sentiam: “George Bush não se importa com os negros”.

Figura 64 - Mike Myers e Kanye West no Teleton em prol das vítimas do Katrina



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Peterson (2016) comenta: “Ele estava sob o nosso governo, falava sobre o presidente. Estava certo. O governo não se importa com os negros. Não é? Como acha que se importariam quando olhávamos para a tragédia do Katrina?”

Para Gates (2016), o Furacão Katrina revelou o pior lado da América, seu lado mais cruel, seu lado mais racista. Mas não revelou tudo sobre esse país. A Nação ainda tinha a capacidade de surpreender. “Dias após a inundação, uma

delegação oficial visitou pessoas evacuadas em Houston, Texas. Entre os visitantes estava o único senador negro americano, Barak Obama.” (Gates, 2016)

Figura 65 - O então senador Barak Obama em coletiva sobre a situação dos desabrigados do Katrina



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Gates (2016) comenta: “Era um alívio ouvir um político falando tão francamente. E Obama não parou por aí. Dias depois ele falou ao Senado americano, detalhando os problemas raciais sistêmicos que eram a base da tragédia.” Barak Obama (2016)

O povo de Nova Orleans não foi abandonado apenas durante o furacão. Foi abandonado há muito tempo em razão dos assassinatos e desordem nas ruas, pelas escolas precárias, por uma habitação dilapidada, por um cuidado médico inadequado e por um sentimento generalizado de desesperança. Essa é a vergonha mais profunda da semana passada. (Obama, 2016, OMNEUA)

Olhando para trás, esse foi um momento importante na carreira de Barak Obama. Um momento que era claro o seu potencial. Obama (2016) apresenta sua candidatura: “Eu venho diante de você hoje para anunciar a minha candidatura a Presidente dos Estados Unidos da América.” Mas menos de dois anos depois da tragédia, quando anunciou que seria candidato à Presidência, muitos afro-americanos não acreditavam que ele teria chance. Para Jeffries (2016): “Quando Barak Obama iniciou a sua candidatura, eu estava descrente, não em relação a ele como candidato, eu o apreciava como candidato, eu estava descrente em relação a sua vitória”. Cobb (2016) complementa: “Ninguém via que este país estava preparado para eleger um afro-americano à Presidência. Não era algo que passava

pela mente das pessoas naquela época, acho que havia quatro ⁹⁰ negros no país acreditando que um negro poderia ser eleito presidente. E todos eles viviam no mesmo endereço no lado Sul de Chicago”

De acordo com o documentário, o crescimento de Obama foi conduzido, em parte, pelas circunstâncias. Em 2008, o país estava sem rumo. Estava deslizando para uma crise financeira e atolado em uma guerra contra o terrorismo mundial. Obama prometeu parar a guerra do Iraque e redirecionar a economia. Ele parecia oferecer uma verdadeira alternativa. Mesmo assim, ele enfrentou um grande obstáculo. No começo, a raça de Obama era um fator constante em sua candidatura e enfatizou um desanimador problema matemático: mesmo que todos os negros do país votassem em Obama, ele não ficaria nem perto de ganhar. Ele necessitaria de uma coalisão maior. Jeffries (2016) expressa: “Era isso: espere um minuto, tudo depende dos homens brancos indo até a urna eleitoral e votarem nessa ‘pessoa de cor’, um afro-americano”. Seria algo sem precedentes. E eu já sabia que muitos homens brancos, um pouco antes da votação, vão dizer: ‘Não consigo votar nele!’, entende?”. Para a surpresa do narrador do documentário, professor Gates, Barak Obama passou por cima da divisão racial da América. Obama (2016) declara: “Sim, nós podemos!”⁹¹ Não há nada que não possamos fazer! Se você decidir que quer mudança, você terá mudança!” Ele atraiu eleitores ao articular uma visão dos valores morais compartilhados pela nação, invocando os ideais do Movimento dos Direitos Civis. Nas palavras de Brown (2016):

Ele estava falando, a meu ver, para o mais importante desejo da maioria dos americanos naquele momento, que era acabar com as divisões criadas neste país. E a história dos direitos civis foi positiva e poderia ser identificada na presença de Obama. Então, de algumas formas, eu acho que Barak Obama foi muito inteligente em explorar essa linha mitológica americana: este é um país livre, que sempre fica melhor e melhor e estamos progredindo. (Brown, 2016, OMNEUA)

Segundo Gates (2016), Obama provou ser um candidato muito qualificado, atraindo apoiadores de destaque e construindo uma coligação impressionante e diversa. Cooper (2016) opina: “Tivemos uma mudança em 2008, certo? Primeiro era ‘Nunca isso vai acontecer’ para ‘Meu deus, em nossas vidas isso está para acontecer!’”. Mas a liderança de Obama nunca foi algo assegurado. Em março de

⁹⁰ Nesse trecho, Cobb (2016) refere-se à família do candidato Barak Obama, constituída de esposa, duas filhas e o próprio Obama.

⁹¹ Yes, we can (Sim, nós podemos) foi o lema da campanha de Barak Obama.

2008, gravações do reverendo Jeremiah Wright, o pastor da igreja de Obama em Chicago, começaram a circular na mídia. Wright denunciou os Estados Unidos como fundamentalmente racistas, e criticou a América branca pelos históricos de abusos contra pessoas negras. Os adversários de Obama aproveitaram-se da polêmica de Wright, esperando assim danificar a coalisão multirracial que Obama trabalhava tão duro para construir. Mas ao invés de tentar se esquivar do assunto, Obama encarou de cabeça erguida, reconhecendo as severas queixas por trás das palavras de Wright e convocando o desejo do país de superar seu passado. Obama (2016):

A raiva é real. É poderosa. E simplesmente desejá-la longe, condená-la sem entender as suas raízes, serve apenas para ampliar o abismo de incompreensão entre raças. A América pode mudar. Esse é o verdadeiro talento dessa nação. O que já alcançamos nos dá esperança, a audácia para a esperança, pelo que podemos e devemos alcançar amanhã. (Obama, 2016, OMNEUA)

O discurso salvou a sua candidatura. No dia da eleição, enquanto Gates via filas para a votação por todas as ruas e em volta dos quarteirões, ele diz a si mesmo que não importava o que acontecesse, Barak Obama já tinha feito história. Ele já tinha ido mais longe do que qualquer candidato afro-americano à Presidência foi antes dele. Mas, é claro, que Gates queria que Obama ganhasse. Brazile (2016) nos fala: “Dr. King disse que um dia seríamos julgados pelo conteúdo do nosso caráter, e aconteceu. Este não foi apenas o voto negro. Era o voto da maioria dos americanos.” Para Gates e, praticamente, para todos os negros que Gates conhecia, foi uma inspiração admirável. Nenhum deles, nem um único afro-americano que ele conhecia, cresceu acreditando que viveriam para ver esse dia. Obama (2016):

Se há alguém por aí que ainda duvida que a América é um lugar onde todas as coisas são possíveis. Para quem ainda questiona o poder da nossa democracia, esta noite é a sua resposta. Demorou para chegar, mas nesta noite, pelo que fizemos neste dia, nesta eleição, neste momento decisivo, a mudança chegou na América. (Obama, 2016, OMNEUA)

A vitória ofereceu aos afro-americanos de todas as gerações a chance de celebrar e refletir, e para pessoas jovens, como a filha do professor Gates, parecia a promessa de uma nova era. Para os veteranos dos direitos civis, como Charlayne Hunter-Gault, parecia o auge de uma luta por toda uma vida e a posse de Obama era algo que ela tinha que ver pessoalmente. Hunter-Gault (2016):

Eu tinha que estar lá, naquele dia frio, como uma pequena parte daquele movimento que tornou a eleição dele possível. Foi uma camaradagem maravilhosa, mas eu tive que ir embora porque as pessoas a quem eu me sentia mais próxima, alguns deles não puderam estar lá. E eu pude. Eu me vi cantarolando aquela velha canção de liberdade, você sabe, “Nós percorremos um longo e poderoso caminho”. E... então, voltei e ouvi o

primeiro presidente negro fazer o juramento de posse. (Hunter-Gault, 2016, OMNEUA)

Rigueur (2016) explica:

A ideia de que há um presidente negro, de que pessoas negras podem sair e dizer: “Há alguém que parece comigo na Casa branca. Que há uma família que parece comigo na Casa Branca”. Isso é grandioso.

Cooper (2016) fala da representatividade da família Obama:

Eu estou orgulhosa de Barak Obama, e porque mulheres e meninas negras vivem na Casa Branca. Acho que há algo absolutamente incrível sobre isso. Sabe, existe agora produtos para cabelos negros na Casa Branca, você sabe, há hidratante *Pink oil* na Casa Branca, algo icônico. Aquilo realmente importava como cultura e representação. (Cooper, 2016, OMNEUA)

Williams (2016) fala da importância do presidente Barak Obama:

A ideia de vê-lo em todas as tvs, todo o dia, sendo o líder do mundo livre, mostrou que a América fez grande progresso, é melhor acreditar que não importa quais são as suas políticas e o que ele faz com elas, você nunca irá mudar o fato de que ele mudou para sempre esse país e o mundo. (Williams, 2016, OMNEUA)

Segundo o documentário, é claro que a vitória de Barak Obama repercutiu além dos limites da América negra. Houve celebrações por todo o país e por todo o mundo, unindo povos de todas as raças e todas as nacionalidades em um sentimento de otimismo. Alguns começaram a expressar a ideia de que os Estados Unidos passaram por uma transformação fundamental. Mas enquanto a nova cor da liderança estadunidense despertou entusiasmo, o verdadeiro trabalho de governar os Estados Unidos apresentou sérios desafios. Obama agora tinha que enfrentar os mesmos problemas que atraíram seus eleitores em um primeiro momento. Insegurança econômica e o medo do terrorismo fomentaram tensões de classes, tribalismo e desconfiança. Logo, Obama tornou-se alvo da raiva. E a raça, sempre útil como uma arma para dividir, ganhou os holofotes.

Jeffries (2016): “Ter um presidente Negro trouxe à tona muitas coisas que ficaram em segundo plano, muito de um tipo de racismo raivoso que acreditávamos já ter superado”. Brown (2016) conta: “Não havia um “ano zero” quando Barak Obama foi eleito. Nós tínhamos um país conduzido por uma política racial desde sua fundação, desde sua origem. Isso não vai mudar com a eleição de um presidente negro”.

Holder, Jr (2016) argumenta:

Acho que se nós voltarmos para as eleições de 2008, havia um sentimento positivo, que existia no país, mas com o tempo, aqueles que se opunham a ele tomaram posições realmente feias. Quando você tem um congressista e levanta e diz: “Você mente!”. Sabe? Dizer isso para o Presidente do país. Algo que foi inédito e vou ser honesto com você, vamos ser francos. Isso não seria dito a nenhum presidente branco, sabe? Não seria. As pessoas pensaram inicialmente que entrávamos em um período sem racismo no qual não teríamos que falar sobre raça. Eu acho que a verdade é: a eleição dele significou um confronto mais duro sobre as questões raciais. (Holder, Jr, 2016, OMNEUA)

Rigueur (2016) explica o quanto a raça importa:

As pessoas dizem: “Obama está sendo avaliado apenas como presidente, não nos importamos com a raça, a raça não é considerada”. Mas a raça dele está sempre presente. A raça dita como ele interage com os eleitores, o que ele pode falar, como ele expressa a raiva. Barak Obama nunca poderá ser um homem negro raivoso, ele não pode.

Gates (2016) explica que a reação negativa política contra Barak Obama expôs a resistência da divisão racial americana. Ela aconteceu, por contradição, dentro de uma cultura popular preenchida com as mais diversas visões da vida negra. Muito dessa cultura foi criada por afro-americanos que cresceram em uma nação multicultural e querem ver seu mundo refletido no *mainstream*. Shonda Rhimes incorpora essa geração emergente. Em 2005, ela criou *Grey’s Anatomy*, a primeira série de tv no ranking “As dez melhores” a ser criada por uma mulher afro-americana. Ela então criou *Scandal*, uma marcante reflexão da nossa realidade em mudança. A estrela de *Scandal* é uma gerente de crises políticas negra, que está tendo um caso com o branco e casado presidente dos Estados Unidos. Um personagem que nenhuma pessoa negra se atreveria a criar mesmo em uma geração anterior. Rhimes (2016) explica:

As pessoas diziam: “Esse personagem, Olivia Pope, realmente precisava ser um modelo para jovens mulheres e blablabá.” Eu não acredito nisso, quero dizer, a verdadeira igualdade é a que as mulheres negras podem ser o que quiserem. Para mim ser um modelo significa ser vista pelos olhos de pessoas brancas. Como se, algo que minha mãe diria, você sabe, preocupados em como vão olhar para nós. Isso não me preocupava. (Rhimes, 2016, MNEUA)

Ainda de acordo com Gates (2016), a convicção de Shonda foi bem recompensada. Ainda que seu sucesso também revele uma das contradições mais duras da nossa era: enquanto a América branca abraça com entusiasmo celebridades e a cultura negra, faz isso se agarrando a antigos preconceitos sobre as pessoas negras no dia a dia.

Jeffries (2016) descreve a lógica do estrelato:

A América tem um fascínio com o estrelato, então artistas e *animadores* podem ser aceitos, independentemente de sua cor, pelos americanos brancos. Mas o que não aconteceu é que esses mesmos atributos, que os brancos guardam com tanto amor, não são projetados em um menino afro-americano na esquina com um capuz. (Jeffries, 2016, OMNEUA)

Segundo Gates (2016), em essência, mesmo após eleger um presidente negro, o país ainda lutava contra muitas das mesmas questões raciais que os afro-americanos confrontaram décadas atrás. Um exemplo dado por Gates (op. cit.) é a escola Excel, antes chamada de *South Boston*, uma escola pública no sul de Boston. Em 1974, essa escola era um ponto importante da notória Crise da Escola Sem Segregação. Um local de batalha nos esforços da América branca para resistir à integração. Como uma nação, os estadunidenses gostariam de pensar que superaram as cenas de barbárie contra a integração, mas os fatos são mais complicados. Antes da Crise da Escola Sem Segregação, quase todas as crianças da escola Excel eram brancas. E enquanto o Escola Sem Segregação produziu um breve período de integração que não durou muito. Hoje, quase todos os estudantes nessa escola são pessoas negras. No despertar do Movimento dos Direitos Civis, ainda de acordo com Gates (2016), eles pensavam que a segregação de estudantes por raça estava sendo eliminada para sempre. O colégio Excel reflete uma tendência nacional. Muitas crianças afro-americanas hoje são isoladas no quesito racial e socioeconômico como eram nos anos de 1960. Mais de 1/3 estão em escolas com menos de dez por cento dos alunos brancos e em que a renda baixa é desproporcional. Tudo isso contraria uma vasta gama de evidências sobre o poder da integração. Hannah-Jones descreve a importância da integração:

A integração faz essa coisa mágica. De repente, permite que crianças negras recebam a mesma educação que crianças brancas. Acho que, às vezes, ficamos confusos e pensamos que há algo sobre sentar ao lado de crianças brancas que torna as crianças negras inteligentes. Há algo sobre sentar-se ao lado de crianças brancas que permite que crianças negras tenham os mesmos livros didáticos, as mesmas instruções e que tenham física no colégio. E é assim mesmo. (Hannah-Jones, 2016, OMNEUA)

Na opinião de Gates (2016), a condição das escolas públicas americanas é apenas um aspecto da falha da comunidade afro-americana em cumprir os ideais do Movimento dos Direitos Civis. Outro exemplo importante, para ele, é a recente agressão ao direito de voto. Desde 2010, muitos estados aprovaram leis de identificação de eleitores que serviram para restringir o acesso de afro-americanos às eleições. Nas palavras do então presidente Barak Obama:

É errado mudar nossas regras eleitorais só por causa da política, é errado fazer os cidadãos esperarem cinco, seis, sete horas só para votar. É errado fazer uma idosa, que não tem mais a carteira de motorista, fazer coisas penosas e gastar dinheiro só para exercer o direito que tanto estimou por toda a vida. A América não se levantou, não marchou e não se sacrificou pelo direito ao voto para eles mesmos e para os outros, para depois ter o voto negado aos seus filhos e netos. (Obama, 2016, OMNEUA)

Brazile (2016) complementa:

As pessoas morreram pelo direito ao voto. E agora, quando você se registra, você traz todos os documentos que encontra: carteira de motorista, licença para casamento, passaporte, uma conta de serviço público, quer dizer, o quão triste é isso na América? (Brazile, 2016, OMNEUA)

Segundo o documentário, nada ilustra a desigualdade racial persistente da nação como o problema do encarceramento em massa. Os Estados Unidos têm a maior população carcerária do mundo. E essa população é composta em sua maioria por negros.

Ifill (2016) explica a lógica do encarceramento:

Nós usamos as prisões essencialmente como um depósito para o nosso problema racial, usamos como o local onde podemos depositar, especialmente jovens garotos afro-americanos, onde podemos depositar jovens pessoas que precisavam de apoio de uma maneira ou de outra, mas não tiveram e cometeram erros. (Ifill, 2016, OMNEUA)

Lawrence D. Bobo (2016), sociólogo, pondera:

Então, temos uma conjuntura de desemprego persistente e crescente em comunidades urbanas negras. Mas ao invés de um maior investimento em educação, capacitação ou trabalho, tivemos um investimento maior em policiamento, construção de prisões e encarceramento. (Bobo, 2016, OMNEUA)

Holder, Jr. (2016) explica o porquê do encarceramento:

Nós procuramos soluções simples para problemas complexos, ao invés de nos perguntarmos quais são as razões sociológicas? Quais são as disfunções sociais, os déficits que vemos nas pessoas que cometem esses crimes? O que faremos para tentar lidar com essas pessoas? O pensamento nunca foi de lidar com eles, mas sempre foi o de simplesmente trancá-los, afastá-los de nós e torcer para que fiquem lá por um longo tempo. (Holder, Jr., 2016, OMNEUA)

De acordo com o documentário, o encarceramento em massa se tornou um constrangimento internacional, impondo um enorme custo financeiro e humano para a nação. Tanto que, em anos recentes, vozes de todos os lados do âmbito político começaram a pedir reformas. Ainda assim, os efeitos da política prisional não serão fáceis de reverter. Pessoas com registros criminais enfrentam uma série de desafios ao tentar voltar à sociedade: podem ser barrados em empregos, ter recusas no

auxílio financeiro universitário e proibidos de usar a habitação pública. Não é de se estranhar que muitos são presos novamente. Ifill (2016) nos traz questões importantes:

Agora que reconhecemos que o encarceramento em massa está fora de controle, como vamos lidar com isso? Vamos só dizer: devemos parar, tornar as sentenças mais brandas? O que fazemos com a vida das pessoas prejudicadas pelo sistema? E o que fazemos com o problema que não queríamos lidar: pessoas jovens que precisam de trabalho e apoio. (Ifill, 2016, OMNEUA)

Para Gates (2016): “Para reduzir a população encarcerada é necessário alterar as premissas fundamentais sobre raça. Premissas que justificam a maneira de policiar”. Brown (2016) descreve o sentimento:

Assume-se que você é suspeito, quando você é um negro na rua, antes que qualquer um saiba algo sobre você. Certo? Automaticamente, assume-se que você é um distúrbio potencial para a paz. Isso não é algo que todos têm que lidar. E não é algo confortável para as pessoas lidarem, o medo de a toda hora que vir um policial, ele pode estar pensando que você é um suspeito de um crime que aconteceu em outro lugar. Certo? Isso não é cidadania plena. Isso não é igualdade total. (Brown, 2016, OMNEUA)

De acordo com o documentário, em um chocante número de ocasiões, o estereótipo racial levou à tragédia. Essas mortes sem sentido muitas vezes desaparecem rápido do ciclo midiático, isso se alguma vez foram notadas. Isso começou a mudar em 9 de agosto de 2014, quando um policial atirou e matou um adolescente de 18 anos, Michael Brown, durante uma discussão em *Ferguson, Missouri*. Os relatos conflitantes sobre a razão do tiro nunca estiveram em harmonia. Mas independentemente das circunstâncias, a imagem do corpo de Brown estendido por horas foi revoltante. Cooper (2016) argumenta:

A foto de seu corpo já estava no *Twitter*, e eles ainda não tinham removido o corpo. Por que isso acontece? Por que ele está estendido e morto na rua? Os negros sabem o que significa quando um garoto negro é morto por alguém que é branco e com poder e o corpo é deixado ali, para assustar a comunidade. (Cooper, 2016, OMNEUA)

Lezley Mcspadden (2016, OMNEUA), mãe de Michael Brown, desabafa: “Tiraram o meu filho de mim. Você sabe o quão difícil foi para mim o fazer ficar na escola e se formar? Sabe quantos homens negros se formam? Poucos. Porque os levam a esse tipo de nível que pensam: não tenho nada pelo que viver mesmo!”

Figura 66 Michael Brown no dia de sua formatura



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Figura 67 - Michael Brown morto



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Na noite após a morte de Brown, residentes locais juntaram-se em um protesto. E a resposta da polícia chocou o país. Parecia mais uma cena do Iraque devastado pela guerra do que um subúrbio do Missouri. Cooper (2016) descreve a surpresa:

Foram os tanques que atraíram a atenção de todos. Homens brancos conservadores, republicanos, democratas e brancos por todo o lugar dizendo: “Por que você tem um tanque em Ferguson, Missouri? Por que a polícia veste roupa militar anteprojetos?”

Figura 68 - Veículo blindado de controle de distúrbio civil



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Deray McKesson, um ex-professor de matemática ficou chocado pelo que viu nas ruas de *Ferguson*. Ele deixou o seu trabalho para só se dedicar ao ativismo, juntando-se a uma onda crescente de indignação, unificada por um simples, mas poderoso *slogan* que foi criado apenas um ano antes por três jovens mulheres: *Patrisse Cullors*, *Opal Tometi* e *Alicia Garza*. (Gates, 2016)

Garza (2016) explica a ideia do trio:

Eu senti que era importante ter uma outra voz que dissesse: não é por causa de uma deficiência dos negros, na verdade, é por causa do racismo presente no DNA deste país. Algo como: negros, eu amo vocês, eu amo a nós mesmos, nós temos importância, nossa vida importa, vidas negras importam (*Black lives matter*). (Garza, 2016, OMNEUA)

Figura 69 - Um dos protestos do movimento Vidas Negras Importam



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Cornel West (2016) explica o *slogan* do movimento: “Nós sabemos que vidas negras importam da mesma forma que todas as vidas importam, mas infelizmente neste país você tem que dizer ‘Vidas negras importam’, porque se você diz todo o tempo: ‘Todas as vidas importam’, você não alcança as vidas negras”. Gates (2016) explica que, enquanto os protestos cresciam por todo o país, rapidamente ficou claro

que o *slogan* “Vidas negras importam” era uma resposta profunda para o cenário racial americano. Gaza (2016):

Há alguns meses você não ouvia conversas sobre raça na América e de fato nos disseram que na realidade vivemos em uma sociedade sem racismo. E o que tem sido exposto é que isso certamente não só não é verdade, mas que a vida de pessoas negras, sejam negros americanos, negros imigrantes e pessoas negras por todo o país, foram injustamente alvos para morrer. (Garza, 2016, OMNEUA)

De acordo com o documentário, em meio ao tumulto, a brutalidade policial continuava a ocorrer com uma frequência perturbadora e é capturada pela câmera do celular, câmeras para carros e dispositivos portáteis e depois compartilhados para o mundo. Brazile (2016) “Assistir aqueles vídeos, o vídeo da Sra. Bland, o vídeo de Tamir Rice⁹² e o vídeo de Eric Garner⁹³ dizendo: ‘Eu não consigo respirar! Eu não consigo respirar! Eu não consigo respirar!’ 11 vezes. Isso mexeu com muitos”.

Figura 70 Protesto após a morte de Eric Garner ⁹⁴



Fonte: Documentário *O Movimento Negro nos EUA desde MLK* (2016)

Gates (2016) comenta: “À medida que jovens ativistas trocavam fotos, vídeos e relatos testemunhais em mídias sociais, mantiveram a injustiça racial e a brutalidade da polícia aos olhos do público, aumentando as esperanças de que essa exposição traria mudanças. Mas os assassinatos continuaram. E de caso em caso, o que pareciam fortes evidências, falharam em render condenações.

Cooper (2016) explica:

Então, agora nós sabemos muito claramente, independentemente se começou com o furacão Katrina, ou se começou com Trayvon Martin, ou

⁹² Discutiremos os casos da Sra. Bland, de Tamir Rice e Eric Garner nas considerações finais. Nota do autor.

⁹³ Imagens filmadas por um espectador mostram Eric Garner sendo derrubado no chão por um policial de Nova York antes de ficar mole. O pai, de 43 anos, pode ser ouvido ofegando 'Não consigo respirar'. Mais tarde, ele foi declarado morto em um hospital. Protestos eclodiram em Nova York depois que um grande júri não indiciou o policial responsável. Fonte: The Guardian, 2014.

⁹⁴ Não consigo respirar. Nota do autor.

com Michael Brown, que este país tem mesmo uma dificuldade para afirmar, no nível político e no nível do trato, que as vidas negras importam. (Cooper, 2016, OMNEUA)

Gates (2016) faz as considerações finais:

às vezes a raiva e a frustração surgindo por todos os lados, parece que vão rasgar o país. Apesar de tudo, ativistas trabalharam sem parar para manter o país focado nas principais questões em jogo. Das arenas de esporte para as ruas da cidade, aos corredores do poder. Negros americanos se juntaram, unidos por um sentimento compartilhado de que apesar de todo o progresso que nós fizemos, continuamos vulneráveis em nosso próprio país. O chamado por justiça ecoou por todo o país, ampliado e intensificado pela cultura popular. Ao observar, às vezes me sinto voltando algumas décadas de volta ao mundo em que cresci. Olhando para o mundo, penso 'para onde vamos?' Enquanto me animo ao ver jovens resgatando a intensidade da era dos direitos civis, me entristece que ainda lutemos algumas das mesmas batalhas que o Dr. King lutou meio século atrás. Os afro-americanos lutaram por muito tempo para exigir o nosso lugar legítimo na América. Mesmo assim, ao pesquisar os últimos 50 anos da história dos afro-americanos, por todos os altos e baixos, não posso evitar, mas me sinto inspirado. O que mais fica para mim é a força, a vontade, sendo vistas outras e outras vezes para lutar contra as adversidades, ficar de pé e ser considerado, não importa o risco. Olhando para trás, vendo o quão duro nós lutamos, o quão longe nós chegamos, me enche de esperança. Cinquenta anos atrás, afro-americanos marcharam por essa ponte⁹⁵ sonhando com um futuro em que finalmente conseguiriam seu lugar como cidadãos completos e iguais dos Estados Unidos. Eles foram recebidos por uma violência chocante. Mas se recusaram a aceitar a derrota. Hoje, a América passa por transformações e os afro-americanos se levantam para conquistas inimagináveis. Nossa jornada está longe de acabar, e contudo, ainda assim, nós prosseguimos com o talento e determinação, nascidos de gerações de resistência e esperança, e a inabalável e determinada crença que esta terra é a nossa terra. Apesar de tudo nós prosseguimos.

⁹⁵ O narrador se refere à ponte *Edmund Pettus Bridge* que foi palco da marcha de Selma e da violência policial contra os manifestantes em 7 de março de 1965. Nota do autor.

4 OS FILMES INFILTRADO NA KLAN E PANTERA NEGRA (2018)

4.1 Voltamos ao Passado para Explicar o Presente

Neste capítulo estudaremos dois grandes filmes: *Pantera Negra* (2018) e a devolução da África para o povo preto; o retrato do homem e mulher pretos; os figurinos do filme como resgate da cultura africana. O filme *Infiltrado na Klan* (2018) e a volta ao passado para explicar o presente; a exaltação da beleza branca e o *Blaxploitation* e como os membros da Klan foram enganados.

Começaremos com *Infiltrado na Klan*. Dirigido por Spike Lee⁹⁶, com roteiro de Charlie Wachtel, David Rabinowitz, Kevin Willmott e Spike Lee, com trilha sonora de Terence Blanchard e baseado no livro de Ron Stallworth. O elenco conta com John David Washington, Alec Baldwin, Adam Driver, Laura Harrier dentro outros. O filme foi lançado em 2018 e conta a história de um detetive afro-americano que se infiltra na Ku Klux Klan. Neste capítulo, nos basearemos no filme e no livro para embasar o nosso estudo. Não iremos pormenorizar o fílmico, mas sim destacar pontos importantes que poderão nos ajudar a formar a nossa fundamentação. Vejamos:

O ano é 1978 e o filme retrata o primeiro⁹⁷ detetive negro da Unidade de inteligência do Departamento de polícia de Colorado Springs, Ron Stallworth, que conseguiu, com o auxílio de alguns colegas da polícia, se infiltrar na Ku Klux Klan. E de acordo com o livro, de mesmo nome do filme, um dos deveres do novo detetive era analisar os dois jornais diários em busca de qualquer indício de atividade subversiva que pudesse ter impacto no bem-estar e segurança de Colorado Springs.

Ron Stallworth, em seu livro, pondera:

Se um homem negro, auxiliado por um punhado de brancos e judeus bons, descentes, dedicados, de mente aberta e liberais, pode conseguir prevalecer sobre um grupo de racistas brancos, fazendo-os parecer os idiotas ignorantes que realmente são, então imagine o que uma nação de indivíduos que compartilham das mesmas ideias pode conseguir. Tudo o que se segue foi realizado jogando-se por terra as alegações dos supremacistas brancos, em alguns casos, quanto a possuírem elevado grau

⁹⁶ Dados extraídos do sítio IMDB.

⁹⁷ Ron Stallworth foi contratado pela polícia de Colorado Springs em 13 de novembro de 1972, como cadete da polícia, aos 19 anos de idade. O programa de cadetes foi criado para jovens que acabavam de se formar no ensino médio entre 17 e 19 anos de idade. O programa tinha como objetivo encorajar o recrutamento de minorias, em especial negros, para as suas fileiras de agentes da lei, ele havia sido criado quatro anos antes da entrada de Ron, por volta de 1968, mas até então apenas contava com dois mexicanos e um porto-riquenho e todas as outras contratações tinham sido de jovens brancos. Fonte: Livro *Infiltrado na Klan* (Stallworth, 2018, p. 19-20).

de instrução, terem mais inteligência e serem muito superiores em todos os aspectos aos negros e judeus, e a qualquer outro indivíduo que eles considerem inferior. Minha investigação sobre a KKK me convenceu de que mais cedo ou mais tarde nós, de fato, derrotaríamos aqueles que tentaram rotular minorias com base em falhas pessoais deles próprios – preconceito racial e étnico, fanatismo, preferência religiosa – e na falsa crença de que pessoas negras e outros que não se encaixam em sua definição de “branco ariano puro” não merece respeito, muito menos serem classificados como “pessoas”. (Stallworth, 2018, p. 9)

Abaixo, vemos a figura de um homem negro com o garfo para pentear o cabelo estilo *Black Power*, a mão esquerda erguida e com o punho cerrado representando a resistência negra em oposição ao capuz branco representando a Ku, Klux, Klan.

Figura 71 - Capa do filme Infiltrado na Klan



Fonte: Sítio IMDB

O filme começa com uma cena do clássico *E o vento levou* (1939) com vários soldados mortos e feridos, Scarlett O'Hara, personagem de Vivien Leigh, caminhando entre eles e exclamando: “Que Deus salve a Confederação!”. Em seguida, o Dr. Kennebrew Beauregard entra em cena para o seu discurso contra a integração. Embora o personagem seja fictício, o seu discurso é bem similar aos que faziam a partir de meados da década de 1950.

Olá, compatriotas americanos. Dizem que podemos ter perdido a batalha, mas não perdemos a guerra. Sim, companheiros. Estamos sendo atacados. Talvez tenham lido nos jornais ou visto nos noticiários da noite. Isso mesmo. Estamos vivendo na era marcada pela disseminação de integração e

miscigenação. A decisão Brown ⁹⁸ imposta a nós pelos fantoches controlados por judeus na Suprema Corte americana que obriga crianças brancas a frequentar as escolas com uma raça inferior é o último prego em um caixão. É o último prego em um caixão negro para a América se tornar uma nação mestiça. Tínhamos um ótimo estilo de vida. Tínhamos até os Martin Luther “Crioulos” deste mundo e seus exércitos de comunistas começarem os ataques de direitos civis contra nossos valores sagrados de brancos protestantes. Querem que seus filhos estudem com negros? Eles são macacos sujos e mentirosos que farão de tudo para ganharem igualdade como os homens brancos. - Oh, meu Deus! – Estupradores e assassinos desejando a virgem branca. [...] Estupradores e assassinos desejando a carne pura e virgem de mulheres brancas. – São superpredadores! São as táticas traiçoeiras dos negros sob a tutela de judeus sanguessugas de alto escalão usando um exército nortenho de predadores negros. [...] Usando um exército nortenho de negros desconhecidos e instigadores determinados a derrubar o governo comandado por Deus e inspirado biblicamente da raça branca. É uma conspiração judaica internacional. Que Deus abençoe todos nós. (Beauregard, 2018, *Infiltrado na Klan*)

Figura 72 - Dr. Kennebrew Beauregard personagem fictício do ator Alec Baldwin



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

Enquanto o Dr. Kennebrew Beauregard faz o seu discurso, cenas do filme *O Nascimento de Uma Nação* passa no rosto do personagem, como se estivesse narrando a mensagem do filme de Griffith. O discurso de ódio possui uma lógica, não é à toa que o personagem de Alec Baldwin xinga e sugere uma conspiração judaica. Kakutani (2018) cita um trecho do método de Hitler em seu livro “Minha luta”:

⁹⁸ Colégio Central High, 25 de agosto de 1957, Little Rock, Arkansas. A referência é sobre a decisão da Suprema Corte sobre a dessegregação das escolas já discutida nos capítulos anteriores. Como em outros estados, houve protestos e escolta policial para que os alunos afro-americanos pudessem adentrar a escola. Nota do autor.

“Apele para as emoções das pessoas, não para o intelecto; use “fórmulas estereotipadas”, repetidas várias vezes; ataque continuamente os oponentes e os rotule com frases ou *slogans* distintos que provocarão reações viscerais do público”. (Kakutani, 2018, ps. 173-174)

Apesar do discurso de ódio no início do filme, a cena a seguir nos traz Ron Stallworth, personagem de John David Washington, bem-vestido e orgulhosamente ajeitando o seu cabelo. Uma referência ao Movimento *Black Power*, em que a vestimenta e os traços físicos negros são valorizados, no estilo *Black is Beautiful* ⁹⁹ em oposição ao que se pregava na época sobre uma beleza que só poderia existir caso fosse parecida com a das pessoas brancas, além de tudo que foi dito no discurso do Dr. Kennebrew Beauregard, acima.

Figura 73 – Ron Stallworth personagem de John David Washington.



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

Como descrevemos no início deste capítulo, um dos deveres do novo detetive era analisar os dois jornais diários em busca de qualquer indício de atividade subversiva, em outubro de 1978, ele se depara com um anúncio: “Ku klux Klan; Para mais informações, contate: Caixa Postal 4771; *Security*, Colorado – 80230”.

No livro, Stallworth descreve o que fez ao se deparar com o anúncio:

Escrevi uma breve mensagem para enviar à caixa postal explicando que eu era um homem branco interessado em obter informações sobre filiação na KKK e em promover a causa da raça branca. Afirmei, em suma, que estava preocupado com os “crioulos tomando conta de tudo”¹⁰⁰ e que queria mudar isso. (Stallworth, 2018, p. 14)

⁹⁹ Negro é lindo.

¹⁰⁰ No original, niggers. (Nota da tradutora do livro)

Após duas semanas, em 1º de novembro, a linha telefônica de fachada fornecida pela polícia, tocou, era Ken O'Dell, organizador local da divisão de Colorado Springs da KKK. O'Dell pergunta o motivo da vontade de Ron querer entrar na KKK, abaixo reproduzimos a sua lógica para responder à pergunta:

Por ter sido chamado de crioulo muitas vezes na minha vida, desde pequenos confrontos no cotidiano que acabaram se transformando em feias discussões, até ocasiões em que, estando eu de serviço, multava alguém ou realizava uma prisão, eu sabia que, quando uma pessoa branca dizia isso para mim, toda a dinâmica mudava. Ao dizer “crioulo”, ele me informava que achava que era intrinsicamente melhor do que eu. Essa palavra era uma forma de reivindicar uma espécie de falso poder. Esse é o linguajar do ódio, e agora, tendo que fingir ser um supremacista branco, eu sabia usar esse linguajar no sentido inverso. (Stallworth, 2018, p. 15-16)

E após justificar o seu desejo com palavras ofensivas para a comunidade negra e uma história inventada sobre uma suposta irmã, Stallworth foi aprovado.

Além dessa missão, Stallworth, também participou, como infiltrado, de uma palestra dada por Stokely Carmichael que, após viajar para a África, adotou os nomes de ¹⁰¹Kwame Nkrumah, de Gana e de seu mentor, Sékou Touré ¹⁰², da Guiné e passou a se chamar Kwame Touré, para homenagear os dois grandes líderes, segundo o filme em diálogo entre Stallworth e Patrice Dumas (personagem de Laura Harrier) por isso nos referiremos a ele com o seu nome adotivo. Touré havia sido o primeiro-ministro dos Panteras Negras e conforme vimos em capítulo anterior, pertencia a Coordenação do Comitê Estudantil Não Violento do qual passou a ser o líder e organizava protestos pacíficos em empresas de propriedade de pessoas brancas que se recusavam a empregar cidadãos negros no Sul. Kwame Touré foi convidado pelo Grêmio Estudantil Negro da Universidade do Colorado para dar uma palestra no clube *Bell's Nightingale* e Stallworth foi designado para “monitorar o seu discurso, avaliar a reação do público e relatar os possíveis procedimentos que o departamento deveria tomar para prevenir qualquer problema”, de acordo com o livro.

Abaixo transcrevemos a palestra de Touré:

¹⁰¹ Kwame Nkrumah (nascido em setembro de 1909, Nkroful, Gold Coast [agora Gana] - falecido em 27 de abril de 1972, Bucareste , Romênia. Líder nacionalista ganense que liderou o esforço da Costa do Ouro pela independência da Grã-Bretanha e presidiu seu surgimento como a nova nação de Gana . Ele liderou o país desde a independência em 1957 até ser deposto por um golpe em 1966. Fonte: Britannica, 2023, on-line.

¹⁰² Sékou Touré , (nascido em 9 de janeiro de 1922, Faranah , Guiné Francesa [atual Guiné] - falecido em 26 de março de 1984, Cleveland , Ohio , EUA. Primeiro presidente da República da Guiné (1958–84) e um importante político africano. Fonte: Britannica, 2023, on-line.

Eu quero agradecer a todos vocês, meus queridos irmãos e irmãs por virem me ouvir hoje. Mas eu vim aqui hoje para lhes dizer que já está na hora de vocês pararem de fugir da negritude. Está na hora de pararem de fugir de serem negros. Vocês são universitários, certo? Vocês devem refletir. Chegou a hora de vocês entenderem que vocês, como os próximos intelectuais em formação deste país, vocês devem definir o que é “beleza” para o povo negro! Isso é o *Black Power*! Diga-me uma coisa. A beleza é definida como alguém de nariz fino? Lábios finos? Pele branca? Não mesmo. Porque vocês não têm nada disso. Nossos lábios são grossos. Nosso nariz é largo. Nosso cabelo é crespo. Nós somos negros e nós somos lindos! Nós queremos tanto ser como os brancos que nos oprimem neste país. E como eles nos odeiam, e porque nós temos vergonha da nossa herança africana. Nós odiamos a nós mesmos. Todos conhecem Tarzan? Tarzan! Vou ser sincero. Quando eu era criança, eu ia às matinês aos sábados para ver o Tarzan, sempre. E o Tarzan branco sempre batia nos nativos negros. E eu ficava lá sentado berrando: “Mate as feras!” “Mate os selvagens, mate!” “Mate todos eles! Mate!” Mas o que eu dizia era: “Mate-me!” Era como se um menino judeu visse nazistas levarem judeus para os campos de concentração e torcesse por eles. Hoje, eu quero que os chefes acabem com a raça do Tarzan e despachem sua bundinha branca de volta para as cavernas da Europa. Só que demora. Demora para se livrar de mentiras e seus efeitos vergonhosos sobre a mente negra. Demora para rejeitar a mais importante das mentiras: de que os negros não podem fazer as mesmas coisas que os brancos a não ser que tiverem a ajuda de uma pessoa branca. *Black Power* também significa que devemos nos unir. Devemos nos unir, nos organizar e criar uma base de combate ao racismo! Para combater nossos opressores! A maioria dos negros neste país mora em comunidades cativas. E eles são obrigados a suportar a opressão e suas condições porque, e somente porque, são negros e destituídos de poder. E agora...Agora nós estamos sendo abatidos como cães nas ruas por policiais brancos racistas. Eu disse que estamos sendo abatidos nas ruas por policiais brancos racistas! Não podemos mais suportar tamanha opressão sem revidar. Aquela guerra no Vietnã, ela não é só ilegal, ela é imoral. E sabe o que digo a eles? Nem a pau, não iremos! Prefiro ver um irmão matar um policial branco racista do que um vietnamita. Porque, pelo menos, se matar um policial racista, será por um motivo, porque eles estão atirando nos negros pelas costas nestas ruas, bem aqui, neste país! Estão nos matando como cães! Bem aqui! Bem aqui! Quero deixá-los, irmãos e irmãs, com estas palavras: “Se eu não fizer por mim, quem fará?” “Se eu só fizer por mim, quem serei?” “Se não for agora, quando?” “Se não forem vocês, quem?” Precisamos de amor imortal pelos negros onde quer que possamos estar! Todo o poder para todos! (Touré, 2018, Infiltrado na Klan)

Stallworth (2018) descreve a sua reação ao discurso de Kwame Nkrumah:

Stokely era dinâmico, hipnótico. A alternância em seu tom de voz tinha a capacidade tanto de levar o público a um frenesi febril como de acalmá-lo, como se estivesse ouvindo a um reconfortante sermão numa manhã de domingo. Ele era como um mestre titereiro¹⁰³ em um teatro de bonecos, manipulando os cordões de nossas emoções e nos conduzindo por um caminho que provavelmente nunca soubemos que queríamos trilhar. Eu me vi – inúmeras vezes – apanhado no arrebatamento de seu raciocínio contra a própria instituição governamental que eu representava e as pessoas brancas que eu geralmente via com carinho e boas intenções. Quando isso acontecia e eu me pegava batendo palmas e gritando “É isso aí, irmão” com entusiasmo, tinha que me lembrar rápido de que estávamos em papéis

¹⁰³ Que faz apresentações com títeres, espécie de boneco manipulável. Fonte: Dicionário de português online.

antagônicos e torcer muito para que eu fosse um ator infiltrado suficientemente bom e os policiais de vigilância que me escutavam pelo transmissor sem fio colocado ao meu corpo não fossem capazes de detectar na minha voz o tom de concordância e aceitação da lógica dele. (Stallworth, 2018, p. 41-42)

Pessoas negras são levadas a acreditar, ao longo de suas vidas, que não são boas o suficiente e que há algo de errado com elas. Que não são bonitos (as), que seus cabelos são duros, só dão trabalho e é motivo de piadas. Suas bocas, com lábios grossos, são caricatas. É como se já nascessem defeituosos, “não há nada de que nos orgulhar em nossos corpos”. Não à toa que o policial infiltrado Ron Stallworth se identificava com o discurso de Kwame Touré/ Stokely Carmichael. Mas falaremos da exaltação da beleza branca no próximo subcapítulo.

4.2 A Exaltação da Beleza Branca X A Resistência no *Blaxploitation*

Poderíamos citar vários exemplos de filmicos que exaltam a beleza e inteligência brancas em detrimento de todas as outras etnias, principalmente a negra. Mas, para nos atermos ao filme, *Infiltrado na Klan*, nos basearemos em duas referências que nele aparecem, a referência a Tarzan e a referência aos filmes dos anos de 1970 apelidados de *Blaxploitation*. Começaremos com o personagem Tarzan.

Em seu discurso no Grêmio Estudantil Negro da Universidade do Colorado, Kwame Touré (2018), diz “Todos conhecem Tarzan? Tarzan! Vou ser sincero. Quando eu era criança, eu ia às matinês aos sábados para ver o Tarzan, sempre. E o Tarzan branco sempre batia nos nativos negros. E eu ficava lá sentado berrando: “Mate as feras!” “Mate os selvagens, mate!” “Mate todos eles! Mate!”. A reflexão que fazemos é: quantas crianças negras foram ensinadas a venerar o Tarzan e odiar o seu semelhante? Quantas informações implícitas de superioridade branca estão ligadas aos filmes de Tarzan?

Criado em 1912 por Edgar Rice Burroughs, Tarzan logo caiu no gosto do público e se tornou popular mundialmente, primeiro na literatura, depois nos cinemas e televisão. Segundo Prado (2015), Burroughs, em entrevista à revista *Writer's Digest*, em 1932, esclarece que:

“ao criar a lenda de Tarzan queria evocar a luta entre hereditariedade e ambiente. Imaginou uma criança marcada pelas características hereditárias do tipo mais puro e nobre com idade em que ainda pudesse ser influenciada pelo meio”. (Lacassin, 1971, p. 214 apud Prado, 2015, p. 98)

Ao falar de “características hereditárias do tipo mais puro e nobre”, Burroughs se refere à eugenia, termo criado por *Francis Galton* (1822-1911), em 1883, significando “bem-nascido¹⁰⁴” e mais, para Galton, no capítulo 4, de seu livro sobre as faculdades hereditárias do homem ele define eugenia como:

a ciência da melhoria das linhagens, que não se limita de modo algum a questões de cruzamento judicioso, mas que, particularmente no caso do homem, toma conhecimento de todas as influências que tendem, ainda que em um grau remoto, a dar às raças ou às estirpes sanguíneas mais convenientes uma chance maior de prevalecer rapidamente sobre as menos convenientes. (Salanskis, p. 170-171)

Além disso, Salanskis (2013) completa:

Galton defendeu uma seleção artificial não coercitiva, ao mesmo tempo no domínio da eugenia dita “positiva” e no domínio da eugenia dita “negativa”. Em seu artigo de 1865, ele imagina uma sociedade utópica em que seriam outorgados recursos aos casais mais meritórios. E ele defende nas *Inquiries* uma forma “clemente” de eugenia que provocaria a extinção das raças inferiores de maneira gradual, sem violência estatal. (Salanskis 2013, p. 174)

Por eugenia positiva entendemos que é o fomento da procriação daqueles que são mais bem dotados, isto é, que possuem as características ideais para a sociedade formadas de pessoas que pensam como Galton e eugenia negativa é a prevenção da procriação das raças consideradas inferiores, chegando à extinção. Considerando esse aspecto eugênico, podemos inferir que as leis segregacionistas e a ação de alijar os afro-americanos de sua cidadania, era mais do que um ato racista, mas sim, mais uma forma de tentativa de extermínio, pois acreditava-se que os negros, sendo “inferiores”, corriam o risco de destruírem uns aos outros por serem “menos que animais”, conforme já vimos. Os tumultos ocasionados nos períodos de dessegregação nos EUA, era mais do que o preconceito dos brancos, que não queriam misturar seus filhos com os jovens afro-americanos, era uma admissão de que os racistas haviam falhado naquela forma de extermínio. E o que significa Tarzan?

“E então Tublat foi falar com Kerchat para persuadi-lo a usar a sua autoridade com Kala, e forçá-la a desistir do pequeno Tarzan, que foi o nome que eles haviam dado ao pequeno lorde de Greystoke, e que significava ‘Pele-Branca’.” (Burroughs, 2017. p. 50).

Burroughs escolheu um casal nobre inglês para ser os pais de Tarzan, eles sim, com uma linhagem pura poderiam passar para Tarzan os genes necessários

¹⁰⁴ De acordo com Pereira, 1990, p.235 apud Rocha, 2010, p. 39.

para que ele dominasse a África. Importante perceber que Tarzan não domina a República democrática do Congo, ou o Zaire, ou qualquer outro país do continente africano, ele domina a selva da África como um todo. O. Reis (2021) explica:

Uma vez que o autor deixa claro quem é Tarzan, o lorde de Greystoke, o Pele-Branca, ele estabelece desde o início as características superiores que farão de Tarzan o rei da selva, isto é, ele reinará supremo em toda a selva, pois esse é o seu direito de nascença, uma vez que os habitantes da selva não se comparam a ele em relação as habilidades cognitivas e adaptabilidade. Os manganis¹⁰⁵ são como se fossem os próprios nativos da selva e são providos de força, agilidade e brutalidade, mas carecem de inteligência e agem levados pela intuição. (O. Reis, 2021, p. 35)

É por essa razão que Touré cita Tarzan em seu discurso e demonstra que desde criança, como tantas outras crianças negras foram programadas para respeitar, reconhecer a superioridade, a beleza e torcer pelos brancos, que são superiores, em contrapartida, o que era demonstrado nesses filmes era a inferioridade do nativo negro, conseqüentemente, transportando esse entendimento das telas do cinema para a vida, criando uma baixa autoestima coletiva no povo negro; ou pelo menos, o entendimento de que não são bons o suficiente perante os “Tarzans” da vida real. Prado (2015) argumenta:

[...] Paradoxalmente, o herói assume o paternalismo complacente próprio do colonizador. Nesse contexto, os bons elementos são europeus, notadamente os franceses ou ingleses. Os bons negros são aqueles que servem a Tarzan, como os Waziris, belos, fortes, leais e corajosos; os maus negros são sujos, feios, supersticiosos e canibais. (Prado, 2015, p. 100)

O negro sorridente, subserviente, de cabeça baixa, aquele que auxilia, o que é servil é o tipo ideal. O contrário deste perfil merece castigo e por que não a morte?

Passemos agora para a segunda representação que o filme, *Infiltrado na Klan*, nos traz. Em um diálogo entre Ron Stallworth e Patrice Dumas eles citam filmes que marcaram a década de 1970, são eles, *Hit Man* com Bernie Casey, *Cleopatra Jones* com Tamara Dobson, *Coffy* com Pam Grier, *Shaft* com Richard Roundtree e *Super Fly* com Ron O’Neal. Como não podemos falar de todos e nem é esse o nosso objetivo, escolhemos o filme *Shaft*, pois nos dará uma boa ideia do que foi o *Blaxploitation* para a comunidade negra.

Após a década de 1960, que foi marcada por protestos, lutas por direitos, assassinatos de líderes como Martin Luther King, Malcolm X, Meadgar Evers e de até mesmo o Presidente dos EUA John F. Kennedy, a década de 1970, conforme

¹⁰⁵ O nome da tribo de símios que Kala, mãe adotiva de Tarzan, pertence, se chama Mangani. Nota do autor.

vimos anteriormente, veio repleta de progresso para a comunidade afro-americana. Um exemplo é o que foi chamado de *Blaxploitation*, vejamos o que aconteceu em 23 de abril de 1971:

Quando Melvin Van Peebles dirigiu, em 1971, o clássico *Sweet Sweetback's Baadasssss Song*, ele começou uma nova era para o cinema de Hollywood. O gueto encontrava uma voz. O sucesso avassalador desta produção independente e rebelde mostrou aos estúdios que havia espaço para um cinema voltado ao público afro-americano, e que este era um filão lucrativo a ser explorado. (Cine Um, 2015, on-line)

E o longa-metragem *Shaft* com Richard Roundtree como ator principal ganhou as telas do cinema em 2 de julho do mesmo ano:

Em seguida, a Metro-Goldwyn-Mayer lançou *Shaft* (de Gordon Parks), e a febre do novo cinema negro se estendeu por quase uma década. Porém, enquanto alguns viam o *Blaxploitation* como uma forma de empoderamento das populações negras, que finalmente via seu protagonismo nas telas, outros viam estes filmes apenas como um reforço dos estereótipos racistas. (Cine Um, 2015, on-line)

Com uma música ¹⁰⁶ tema forte de autoria de Issac Hayes, *Shaft*, já na abertura do fílmico vem subindo as escadas do metrô, atento, olhando para todos os lados, atravessa a rua desafiando o trânsito caótico da cidade de New York, nada pode pará-lo. A música é contagiante e dá o tom da marcha do personagem. Com seu casaco de couro marrom, mãos nos bolsos e ar de que tem uma missão a cumprir. Se Tarzan é o rei das selvas, Shaft é o rei da selva de pedra. Se Tarzan é belo e inteligente, Shaft é o seu rival afro-americano.

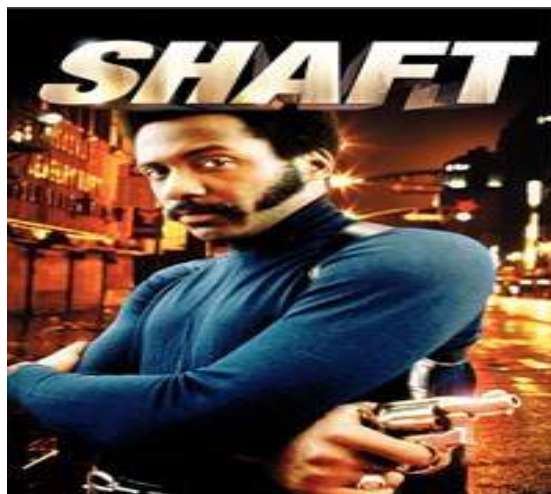
¹⁰⁶ Letra da música com tradução livre: Quem é o cara negro que é uma máquina de sexo para todas as garotas? (Shaft)/ Você está certa/ Quem é o homem que arriscaria o pescoço pelo seu irmão? (Shaft)/ Você entende? Quem é o que não foge quando há perigo? (Shaft) - Pode apostar/ Dizem que esse cara Shaft é um filho da mãe ruim (Sai fora!) - Mas estou falando sobre Shaft (Então entendemos) / Ele é um homem complicado - Mas ninguém o entende, exceto sua mulher (John Shaft). Nota do autor.

Figura 74 - *Tarzan of The Apes* (1918)



Fonte: sítio *The Final Curtain Call*

Figura 75 – *Shaft* (1971)



Fonte: sítio Terra.com

Pode-se dizer que o movimento *Blaxploitation* possui um parentesco com a categoria de chamados de *race pictures*, que nasce ainda na década de 1910, como resposta às representações raciais pejorativas efetuadas pelo cinema dominante. Mas agora esses filmes ganham força com a pluralidade das demandas da contracultura. (Caetano, 2020, p. 4)

Caetano (2020) descreve o filme e seu personagem:

O filme conta a história de um investigador particular chamado John Shaft, interpretado por Richard Roundtree que transita entre o universo negro e o branco em Nova York. Shaft faz uma ponte entre esses dois mundos. Sua grande missão é resgatar a filha do chefe da máfia do Harlem que foi sequestrada pela máfia italiana. As mulheres no filme são personagens apagados, praticamente sem voz. Funcionam como figuras de pano de fundo para os confrontos masculinos. Shaft mora em Greenwich Village em um apartamento de dois andares bem decorado. Parks deixa claro desde o início a ascensão social do negro, demonstrando a vida bem-sucedida de um profissional liberal que tem liberdade de transitar por qualquer espaço urbano que desejar. O figurino do personagem Shaft é algo à parte no filme. John Shaft é apresentado ao público sempre muito bem-vestido. A primeira cena mostra Shaft em um sobretudo de couro marrom saindo do metrô em Times Square, marcando já de início que o personagem é um homem bem-sucedido. O figurino de Shaft é um dos indícios do diálogo com a contracultura e o contexto antirracista, as peças são muito parecidas com as usadas pelos integrantes do partido Pantera Negra. O figurino que Shaft usa nas cenas finais é idêntico a um dos itens que membros do partido usavam. Jaqueta de couro preta, blusa, calça, cinto e sapatos pretos. [...] O detetive Shaft é um anti-herói, isto é, um herói às avessas, pois age o tempo todo na fronteira entre o bem e mal. Ele demonstra nas telas um espírito imperativo e de atitude. Ele é o próprio *black proud*, encarnando o que parecia ser o ideal do homem negro nos anos setenta: forte, destemido, impetuoso e sensual. Resumindo, um personagem empoderado. Shaft corporifica, de certa forma, as aspirações da população negra americana na luta em prol de maior participação social. (Caetano, 2020, ps. 7-8)

Sem dúvida, o personagem de Roundtree é o ideário do *Black Power*, é a resposta para um sistema que se ocupa de segregar os afro-americanos. Sempre

sério, focado e inteligente. Esta foi uma das respostas aos filmes que retratavam o negro completamente ao contrário de Shaft. Para se ter uma ideia, o filme teve um orçamento ¹⁰⁷ de US\$ 1,125 milhão e um lucro de US\$ 12,1 milhões, ele foi um dos três únicos lançados pela MGM naquele ano que salvou o estúdio da falência.

A música tema ganhou vários prêmios inclusive um Oscar de Melhor Canção Original, com o sucesso do longa, houve duas continuações; *O grande Golpe de Shaft*, de 1972 e *Shaft na África*, de 1973. Ainda em 1973 começou a série também de nome *Shaft* com Richard Roundtree, agora, nas telas das tvs americanas.

Conforme vimos, a partir de *Sweet Sweetback's Baadasssss Son* e *Shaft* a febre do cinema negro de ação tomou conta da década de 1970. Não discutiremos qual dos dois filmes deu início ao fenômeno ou as polêmicas causadas pelos filmes produzidos naquele período que foram apelidados de *Blaxploitation*, nosso objetivo foi trazer dois pontos de vista diferentes exemplificados em *Tarzan of the Apes* e *Shaft*. Enquanto um faz a comunidade negra cativa e sem importância dentro do universo branco, o outro nos brinda com a força da resistência, com o retrato de um homem preto forte, inteligente, destemido e bonito. Trazendo para a comunidade, não só de afro-americanos, mas para as pessoas pretas do mundo uma visão bem dissonante da etnocêntrica.

4.3 Os Logrados da Klan

Conforme havíamos citado no subcapítulo 4.1, “[...] e após justificar o seu desejo com palavras ofensivas para a comunidade negra e uma história inventada sobre uma suposta irmã, Stallworth foi aprovado”. A partir da sua aprovação, ele necessitava da sua carteirinha de membro para poder participar dos eventos da Klan

¹⁰⁷ De acordo com o sítio papo de Cinema.

Figura 76 - Carteirinha de membro da Klan

Fonte: Sítio Hypheness

Após alguns dias, a esperada carteirinha foi entregue. De posse dela, ele poderia participar dos eventos da Klan, conforme é explicado no filme. Para as reuniões com a Klan, foi destacado o investigador Flip Zimmerman, personagem do ator Adam Driver. O problema que nos é apresentado no filme é que Flip é judeu, isto é, outro alvo da Klan. A misoginia também é apresentada no filme quando da interação do personagem Felix Kendrickson, interpretado pelo ator Jasper Paakkonen com sua esposa Connie Kendrickson, papel da atriz Ashlie Atkinson. Depois que ela sugere que façam algo contra Patrice, a presidente da União dos Estudantes Negros, ele praticamente a manda calar a boca e se retirar da sala. Ela o obedece como boa esposa, dona de cada, recatada e cristã. Na mesma oportunidade, Felix busca testar Flip com o detetor de mentiras e proferindo ofensas a ele. Em vários momentos do filme Felix procura ofender Flip para que ele perca a paciência e confesse que é judeu.

Figura 77 - À esquerda o personagem Felix Kendrickson e à direita o personagem Flip Zimmerman

Fonte: Filme Infiltrado na Klan (2018)

A investigação conduzida por Ron Stallworth, na vida real, foi relevante para revelar nomes de membros da Klan, como militares que estavam envolvidos com a organização. Conforme Carneiro (2019):

Os nove meses de investigação serviram para enfraquecer os bastidores do grupo, que, apesar de não estar no auge nos anos 1970, ainda foi o autor de cinco assassinatos em outro estado, na Carolina do Norte, na mesma época. Stallworth e sua equipe coletaram informações relevantes, como o nome dos membros do grupo, que passaram a ser monitorados, assim como ameaças de ataques a (dois bares gays que eram alvos), o armamento que eles possuíam e sua associação a outros grupos neonazistas de ação declaradamente violenta. Eles descobriram a presença de diversos militares americanos filiados à KKK, entre eles, dois oficiais do Comando de Defesa Aeroespacial, com acesso a informações secretas do governo americano. Com a investigação, os dois foram redirecionados para a base dos EUA apelidada de “Polo Norte”, instalação militar instalada em um local remoto no extremo norte do país. Assim, o processo iniciado por Stallworth chegou ao alto escalão do Pentágono. (Carneiro, 2018, on-line)

O filme de Spike Lee, por outro lado, tem seu mérito ao nos convidar a revisitar o passado de forma a nos possibilitar enxergar que os fatos da atualidade não são aleatórios. Ele mistura ficção com realidade, o fílmico está repleto de menções importantes que nos faz pensar e que envia um alerta aos seus compatriotas quanto ao futuro que eles querem para o seu país. E como o racismo e o extremismo não são problemas que só dizem respeito a eles, *Infiltrado na Klan* passa uma mensagem que serve a todos nós. Como exemplo dessas mensagens destacamos as seguintes:

David Duke¹⁰⁸, personagem do filme, antes de um evento em Colorado Springs, faz a seguinte declaração:

“Meus irmãos em Cristo, o ganhador de um prêmio Nobel, um dos criadores do transistor e um amigo muito estimado, o Dr. William Shockley¹⁰⁹, cujo trabalho científico revolucionário comprovou, através de sua pesquisa com eugenia que cada um de nós aqui temos nas veias os genes de uma raça superior. É um fato. É um fato. Não pode ser refutado. Hoje, nós celebramos essa verdade” (Duke, 2018, *Infiltrado na Klan*)

¹⁰⁸ Um dos pontos mais intrigantes do filme aconteceu na vida real. O político e historiador David Duke, um dos líderes da KKK — que na época levava o título de Grande Mago — visitou Colorado Springs em 10 de janeiro de 1979. (Veja, 2019, on-line). Como o filme apresenta um personagem real, estamos analisando o ponto de vista do personagem.

¹⁰⁹ William Shockley (1910 – 1989) [...] Na parte final de sua vida, o cientista usou o prestígio acumulado para escrever textos acadêmicos validando ideias racistas e a eugenia. Em uma edição especial dedicada à efeméride do transistor, a revista Science publicou um editorial a respeito de Shockley e sua faceta preconceituosa. Assinado pelo químico e empresário americano Herbert Holden Thorp, editor-chefe da publicação científica, o texto reconhece as contribuições dele para o progresso da tecnologia e da indústria eletrônica. No entanto, Thorp não se furta a lamentar que nos seus últimos anos o cientista tenha se dedicado a promover ideias “argumentando que QIs mais altos entre os negros estavam correlacionados com maiores extensões de ascendência caucasiana e defendendo a esterilização voluntária de mulheres negras”. [...] Ele admite que a publicação não tratou o físico como aquilo que realmente havia se tornado, “um charlatão”. Já em 1968, a revista publicou uma carta em que se lamentava o fato de ele ter sido proibido de falar no Instituto Politécnico do Brooklyn, em Nova York, sob a justificativa frágil de que “estava simplesmente fazendo perguntas sobre o papel da raça na inteligência”. Mas ele simplesmente não tinha nenhuma base científica ou tese revisada para fazer tais afirmações. Fonte: Giannini, 2022, on-line.

No subcapítulo anterior explicamos a eugenia e o fato de haver um filme relatando a investigação da Klan por um homem negro e um judeu infiltrados coloca por terra a afirmação de superioridade.

Uma participação emblemática e marcante no filme foi a do Ativista e ator Harry Belafonte interpretando Jerome Turner. Ele narra o linchamento de seu amigo afro-americano, Jesse Washington ¹¹⁰:

Figura 78 - Harry Belafonte no papel de Jerome Turner



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

Foi em 15 de maio de 1916. Jesse Washington era meu amigo. Ele tinha 17 anos, e eu tinha 18. Olhávamos para o Jesse e dizíamos que ele era lento. Hoje em dia, vocês o chamariam de deficiente mental. Alegaram que Jesse estuprou e matou uma mulher branca chamada Lucy Fryer. Jesse foi julgado e condenado por um júri branco após deliberarem por apenas quatro minutos. Eu trabalhava do outro lado da rua em uma sapataria. E após o veredito, uma multidão agarrou o Jesse, pôs uma corrente em seu pescoço e o arrastou para fora do tribunal. Eu sabia que tinha de me esconder. A sapataria onde eu estava tinha uma janela no sótão, e eu podia ver a multidão. Fizeram o Jesse andar pelas ruas. Eles o esfaquearam e o espancaram. Por fim, em uma poça de sangue, eles o colocaram de cabeça para baixo e cortaram os seus testículos. A polícia e as autoridades estavam lá, assistindo. Cortaram seus dedos e jogaram querosene em seu corpo. Acenderam uma fogueira e o ergueram e abaixaram nas chamas. Muitas e muitas vezes. O prefeito tinha um fotógrafo chamado Gildersleeve. Ele fotografou aquilo tudo. Depois, as fotos foram vendidas como cartões-postais. Puseram o corpo carbonizado de Jesse num saco e o arrastaram pela cidade. Venderam os restos mortais como *souvenir*. Muita gente branca de bem ficou lá, como se fosse o desfile da independência. Até liberaram as

¹¹⁰ Em 1916, Jesse Washington, um rapaz negro de apenas 16 anos, foi acusado de estuprar sua patroa branca em Waco, Texas. Jesse, que tinha visível dificuldade de aprendizagem, foi coagido a confessar pelos policiais que o prenderam. Não houve testemunhas do crime, mas com sua confissão um júri formado exclusivamente por brancos o condenou à pena de morte após apenas minutos de deliberação. Assim que terminou seu julgamento, Jesse foi arrastado para fora do tribunal, onde foi linchado por centenas de pessoas. Posteriormente, Jesse foi acorrentado em um poste, castrado, e teve seus dedos cortados para que não escapasse. Uma plateia de milhares de pessoas assistiram enquanto o corpo de Jesse pegava fogo. Partes de seu corpo foram vendidas como lembranças daquele dia, enquanto as fotos de seu cadáver carbonizado foram transformadas em cartões postais. Fonte: farofageek, 2018, on-line.

crianças da escola na hora do recreio. E tudo o que pude fazer foi assistir e torcer para que não me encontrassem. Uma das razões de terem feito isso com o Jesse foi um filme chamado *O nascimento de um Nação*. Ele tinha saído um ano antes. E foi tão poderoso, que deu vida nova à Ku Klux Klan. Hoje em dia chamariam esse filme de campeão de bilheteria. Todo mundo assistiu. Até o presidente dos EUA, Woodrow Wilson, o exibiu na Casa Branca e disse que “era uma história pintada na tela”. É por isso que estamos aqui hoje, em nome do Poder Negro”. (Turner, 2018, *Infiltrado na Klan*)

Após esta descrição, repito a citação de James Baldwin (2017, p.107) “Você não pode me linchar e me manter em guetos sem se tornar algo monstruoso”. Prosseguindo com as referências do filme, o diálogo que Ron Stallworth tem com o seu sargento de nome Trapp, personagem de Ken Garito é revelador e faz a ponte com o presente:

Sgt. Trapp: Eu tenho um amigo que acompanha esses grupos. E ele disse que eles deixaram as práticas racistas violentas. É o que o Duke está dizendo agora. Ele disse que é a nova tendência. David Duke, o atual grande mago da Klan. Mas ele sempre está usando terno. Nunca foi visto com capuz ou túnica em público e é chamado de diretor nacional e ele parece estar também de olho na política.

Ron Stallworth: Na política?!

Sgt. Trapp: Sim, porque é outra forma de vender o ódio. Ações afirmativas, imigração, crime, reforma tributária. Ele diz que ninguém mais quer ser chamado de sectário. Porque Archie Bunker¹¹¹ tornou isso muito careta. Então, o plano é, que pouco a pouco o povo aceite essas ideias e as apoiem. Até finalmente, enfim, ele consiga alguém na Casa Branca que as incorpore.

Ron Stallworth: Sargento, tenha dó! O país nunca elegeria alguém como David Duke! Presidente dos Estados Unidos da América?

Sgt. Trapp: Vindo de um homem negro, isso é muita ingenuidade. Que tal acordar?

E na cena final em que Ron Stallworth está em sua casa conversando com Patrice, quando acreditamos que tudo acabou bem e que os mocinhos venceram, eles ouvem um barulho estranho e percebem que ainda estão em perigo e precisam continuar alerta. Do lado de fora da casa eles avistam uma cruz em chamas e membros da Klan com tochas ao redor dela. O filme sai da década de 1970 e nos transporta para os EUA de 11 de agosto de 2017, na Universidade da Virginia em Charlottesville¹¹², Virginia. Novamente, supremacistas brancos gritando palavras de

¹¹¹ Personagem fictício vivido por *Carroll O'Connor* na série de comédia *Tudo em Família*. Archie Bunker era um homem de família preconceituoso da classe trabalhadora que se apegava firmemente à sua visão do mundo. Seus pontos de vista entram em conflito com quase todas as pessoas com quem ele entra em contato, especialmente seu genro *Mike Stivic* (ou, como Archie adora chamá-lo, “*Meathead*”). Fonte: IMDB.

¹¹² Protestos - A cidade de Charlottesville, que tem pouco mais de 50 mil habitantes, foi escolhida como palco dos protestos de 2017 após anunciar que pretendia retirar uma estátua do general confederado Robert E. Lee de um parque municipal, segundo a BBC. O general Lee foi o

ordem: “Judeus não nos substituirão! Vidas brancas importam!” Do outro lado pessoas gritam: “Vidas negras importam!” Uma vez mais somos transportados para o dia 12 de agosto de 2017, para o Parque da Emancipação, também na Virginia. O dia foi marcado por confronto físico entre os supremacistas e pessoas brancas e negras contra a lógica deles e no meio a polícia tentando impedir as agressões mútuas. Neste momento somos levados à cena em que vemos o ex-presidente Donald Trump, o qual recebeu o apoio de David Duke para sua eleição, tentando justificar o que ocorreu: “De um lado estava um grupo que era ruim, e de outro lado estava um grupo violento. Nem todas as pessoas eram neonazistas, acreditem em mim. Nem todas eram supremacistas brancos. No meio deles, também...havia pessoas muito boas”. Se as pessoas boas estavam do lado dos supremacistas, as pessoas ruins as quais ele menciona, estavam do lado oposto?

Figura 79 - Declaração de Donald Trump sobre o tumulto que ocorreu na Virginia



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

Mais uma vez o diretor do filme nos remete à uma coletiva, dessa vez a de David Duke, em outro local no mesmo dia, 12 de agosto, ele é apresentado como ex- grão-mestre e Diretor nacional da Ku Klux Klan, Duke declara: “Eu acredito que hoje esse foi o primeiro passo para percebermos algo que Trump alertou no início da campanha, que é o primeiro passo para recuperarmos a América”.

Notemos que os ideais de Trump estão em consonância com os de David Duke. Neste ponto relembramos o diálogo que reproduzimos na página anterior entre o Sgt. Trapp e Ron Stallworth:

comandante das forças dos Estados Confederados da América, a união de seis estados separatistas do Sul dos Estados Unidos, durante a Guerra Civil norte-americana (1861-1865). Os Estados Confederados, do sul-americano buscaram a independência para impedir a abolição da escravidão. Mesmo após a derrota definitiva no conflito, Lee se tornou um símbolo dos movimentos de extrema-direita norte-americanos, que ainda hoje o lembram como um herói. Fonte: G1.Mundo, on-line.

Ron Stallworth: Sargento, tenha dó! O país nunca elegeria alguém como David Duke! Presidente dos Estados Unidos da América?

Sgt. Trapp: Vindo de um homem negro, isso é muita ingenuidade. Que tal acordar?

Figura 80 - Coletiva de Donald Duke sobre os tumultos que ocorreram na Virgínia



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

E chegamos na *Fourth Street* com *Water Street*, em Charlottesville, que foi palco de um assassinato e várias pessoas feridas devido a veículos que investiram contra as pessoas que estavam fazendo uma marcha pacífica contra a manifestação neonazista.

Figura 81 - Marcha em Charlottesville, Virginia



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

Figura 82 – Manifestantes sendo atropelados



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

E o filme termina homenageando uma vítima fatal Heather Heyer ¹¹³ que tinha apenas 32 anos quando foi assassinada.

Figura 83 - Heather Heyer, vítima de atropelamento por neonazista na Marcha de Charlottesville, Virginia.



Fonte: Filme *Infiltrado na Klan* (2018)

4.4 Wakanda: Enfim a África É Devolvida ao Seu Povo

A África já pertenceu a Tarzan, como grande rei da selva; a África já pertenceu ao Fantasma, o espírito que anda; a África já pertenceu a Sheena, a

¹¹³ James Alex Fields Jr., que jogou seu carro contra uma multidão durante os protestos de 2017 na cidade de Charlottesville (Virgínia), causando a morte de uma mulher e deixando dezenas de feridos, foi condenado novamente à prisão perpétua nesta sexta-feira (28). Desta vez a sentença foi por crime de ódio. Em dezembro, ele tinha recebido uma pena semelhante pela morte da ativista Heather Heyer, de 32 anos, vítima do atropelamento. Na ocasião ele também foi considerado culpado de cinco acusações por lesão corporal grave, três de lesão corporal leve e uma de atropelamento e fuga. Antes de receber a sentença nesta sexta, Fields Jr., de 22 anos, pediu desculpas pelo incidente. Ele compareceu vestido com um traje de presidiário e com os punhos algemados em uma das salas da corte do distrito oeste da Virgínia, em Charlottesville [...] a promotoria descreveu o réu como um racista que não guarda "nenhum remorso" pelo seu crime e pelas sequelas psicológicas e físicas das suas vítimas. Fonte: G1 Mundo, 2019, on-line

Rainha das Selvas ou até mesmo do Jim das Selvas. Mesmo o mágico Mandrake¹¹⁴, tinha um servo negro para chamar de seu. Notem a sofisticação do mágico em comparação a Lothar.

Figura 84 - Lothar, que era servo de Mandrake



Fonte: Educação UOL

Em parte, a ambiguidade se deve ao fato de o roteirista Lee Falk ter sido sensível às mudanças de opinião do público e às transformações políticas e sociais no decorrer das décadas. Inicialmente, nos primeiros anos da série, prevalecia o caráter neocolonialista e os estereótipos racistas em relação a

¹¹⁴ As tiras diárias de Mandrake, o mágico, estrearam nos jornais norte-americanos em 11 de junho de 1934 [...] Boa parte das aventuras de Mandrake, especialmente as primeiras, são ambientadas em locações exóticas na África e na Ásia, continentes para os quais o mágico viaja quando sai dos Estados Unidos, onde reside numa cidade não identificada. [...] Apesar de suas habilidades, Mandrake não trabalha sozinho: conta com a ajuda de Lothar, um africano de grande força física. Lothar possui o mérito de ser o primeiro personagem negro de destaque numa história em quadrinhos norte-americana, antes dele, os poucos negros que apareciam nos quadrinhos eram personagens secundários ou não mais do que meros figurantes. No entanto, nos primeiros anos da tira, Lothar era mais um estereótipo impregnado da visão racista dominante da época: as falas do personagem eram caracterizadas por um inglês truncado, vestia uma túnica feita de pele de leopardo e usava um chapéu turco. [...] Antes de conhecer o mágico, Lothar era o príncipe de um conjunto de tribos africanas, mas abdicou do trono para trabalhar para o amigo. Ele renunciou ao trono real para se tornar um mero empregado. [...] Não é à toa que os quadrinhos de Mandrake tenham sido tachados de racistas e de fazerem uma defesa do imperialismo e do neocolonialismo. Nas tiras, Mandrake, mesmo sendo plebeu, por ser branco e norte-americano, ocupa uma posição social hierárquica superior à de Lothar, que embora seja de origem nobre, é negro e nativo de um país africano. É possível enxergar na história de Lothar uma metáfora para os países africanos: a perda da soberania para estar a serviço de interesses estrangeiros. Lothar foi o primeiro de uma longa tradição nos quadrinhos de ajudantes de heróis pertencentes a minorias étnicas, invariavelmente representadas de maneira caricata e ofensiva. O herói mascarado Spirit (que também foi publicado no Brasil com o nome traduzido, “O Espírito”), criado por Will Eisner, em 1940, também tinha como ajudante um adolescente negro conhecido como Ébano Branco. O próprio nome do personagem era uma piada com a cor da sua pele, o que é bastante ofensivo para o público de hoje, mas que encontrava boa receptividade entre o público norte-americano das décadas de 1940 e de 1950 (quando as aventuras de Spirit foram originalmente publicadas.) Fonte: Vilela, s/d, on-line (para educação Uol)

africanos (quase sempre mostrados como selvagens, imaturos, ignorantes e supersticiosos) e asiáticos (mostrados quase sempre como sádicos e maquiavélicos, mesmo quando na forma de sensuais vilões). Após o término da Segunda Guerra e com a desintegração dos impérios coloniais europeus na África e na Ásia, passou a prevalecer uma caracterização mais favorável dos povos africanos e asiáticos. Conforme os anos passaram essa distorção foi corrigida e numa colocação politicamente correta, Lothar tornou-se o Príncipe Lothar.(Fantasma Brasil, 2013, on-line)

Essas literaturas divertiam, entretiam e naturalizavam a ocupação do continente Africano, sacramentada na Conferência de Berlim entre 1884 e 1885 realizada entre os seguintes países, no período que ficou conhecido como neocolonialismo:

A Conferência de Berlim, proposta pelo Chanceler alemão Otto von Bismarck (1815-1898), foi uma reunião entre países para dividir o continente africano. Estiveram presentes as nações imperialistas do século XIX: Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha, Dinamarca, Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Itália, Império Alemão, Suécia, Noruega, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano. Note que alguns países participantes não possuíam colônias na África, como o império Alemão, Império Turco-Otomano e Estados Unidos. No entanto, cada um deles tinha interesse em obter um pedaço do território africano ou garantir tratados de comércio. A Conferência de Berlim foi realizada entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, na Alemanha. Presidida pelo chanceler do Império Alemão Otto von Bismarck, o evento durou três meses e todas as negociações eram secretas, como era habitual naqueles tempos. Oficialmente, a reunião serviria para garantir a livre circulação e comércio na bacia do Congo e no rio Níger; e o compromisso de lutar pelo fim da escravidão no continente. Contudo, a ideia era resolver conflitos que estavam surgindo entre alguns países pelas possessões africanas e dividir amistosamente os territórios conquistados entre as potências mundiais. (Bezerra, s/d, on-line)

Mbembe (2019) nos dá um panorama sobre o colonialismo:

O colonialismo esteve longe de ser uma coisa admirável. Estátua gigante diante da qual, amedrontadas ou fascinadas, multidões se prosternaram – mas que na realidade escondia ser oca. Carcaça de metal engastada com joias esplêndidas, era, por outro lado, como o diabo e o estrume. Braseiro vagaroso que dispersava por todo o lugar sua fumaça, ele buscou se instituir ao mesmo tempo como rito e como fato; como palavra, gesto e sabedoria, conto e mito, assassinato e acidente. E é em parte devido à sua poderosa capacidade de proliferação e de metamorfose que ele fez tremer tanto o presente daqueles que a ele se submeteram, infiltrando-se até em seus sonhos, enchendo seus pesadelos mais horríveis, antes de lhes arrancar lamentações atrozes. A colonização, enquanto tal, não foi apenas uma tecnologia, nem um simples dispositivo. Ela não foi apenas ambiguidades. Ela foi também um complexo, uma pirâmide de certezas, umas mais ilusórias do que as outras: a potência do falso. Um complexo móvel, certamente, mas também, em muitos aspectos, um entroncamento fixo e imóvel. Habituada a vencer sem ter razão, ela exigia dos colonizados não apenas que eles mudassem suas razões de viver, mas também que mudassem de razão – seres em falha perpétua. E é enquanto tal que a Coisa e sua representação suscitaram a resistência daqueles que viviam sob seu jugo, provocando ao mesmo tempo indocilidade, terror e sedução, assim como, aqui e ali grande número de insurreições. (Mbembe, 2019, p. 17-18)

As barbáries sofridas pelo povo Africano podem ser exemplificadas ao pesquisarmos o genocídio¹¹⁵ do povo congolês a partir da invasão dos belgas enviados pelo Rei Leopoldo II e legitimados pela Conferência de Berlim com o pretexto de civilizar e evangelizar os nativos. Não nos deteremos nesse aspecto, mas relembremos o príncipe Henrique de Portugal que enviou o seu escrivão Gomes Zurara por volta de 1444, para justificar o comércio de escravizados africanos devido ao modo “precário” de vida e consequente inferioridade deles e Francis Galton, que vinha estudando e defendendo a superioridade europeia (entenda-se branca) desde 1865, foi ele o criador da palavra eugenia, conforme vimos.

Com tantas justificativas, criar uma literatura de personagens brancos dominando a África seria o “caminho natural”. Desnecessário dizer que esse tipo de literatura tornou-se muito popular e muitos jovens cresceram lendo, ou assistindo as aventuras desses personagens. Porém em julho de 1966 surge o Pantera Negra:

Figura 85 Primeira aparição do Pantera Negra (1966) no gibi do Quarteto Fantástico¹¹⁶



Fonte: Disney, 2022, on-line

Em julho de 1966 foi publicada a edição #52 do Quarteto Fantástico. Escrita por Stan Lee e ilustrada por Jack Kirby, a revista trazia uma importante novidade: o Pantera Negra. Tratava-se da primeira aparição de um super-herói negro no universo dos quadrinhos. Na obra, o público é apresentado à fantástica nação de Wakanda, na África, e a T'Challa, seu príncipe, que é a identidade secreta do Pantera Negra. Na trama, T'Challa traz o Quarteto Fantástico para Wakanda para ajudá-lo a desvendar o mistério que havia

¹¹⁵ Durante a vigência do Estado Livre do Congo, o Rei Leopoldo II criou um regime de terror que custou a vida a milhões de pessoas. O Estado Livre do Congo foi fundado por Leopoldo II em 1885 e perdeu até 1908, como propriedade absoluta do rei belga. Durante esse período, foram massacrados ou morreram de doença entre cinco e 20 milhões de congoleses. Muitos outros foram mutilados devido às regras cruéis impostas pelo regime de Leopoldo. O reino terminou com a anexação à Bélgica, que durou até à independência do país agora chamado República Democrática do Congo, conseguida por Patrice Lumumba em 1960. Fonte: Figueira, 2020, on-line.

¹¹⁶ Tradução da Capa do Gibi: Apresentando o Sensacional Pantera Negra! Nota do Autor.

por trás de grandes monstros que atacavam seu povo – mas não sem antes testar a coragem da equipe, claro. Disney, 2020, on-line.

Figura 86 - Capa completa com o Pantera Negra e o Quarteto Fantástico



Fonte: Cultura Uol

Em 1977, a Marvel deu ao Pantera Negra sua própria revista¹¹⁷, mas foi cancelada após 15 números.

Figura 87 - Primeira edição da revista do Pantera Negra em 1977



Fonte: Cultura Uol

¹¹⁷ Fonte: Cultura Uol, 2022, on-line.

Figura 88 - Uniforme do Tigre de Carvão

Fonte: Cultura Uol

Uma curiosidade é que o Pantera Negra quase recebeu o nome de Tigre de Carvão ¹¹⁸, com um uniforme muito diferente do atual. Talvez essa proposta tenha sido para amenizar a lembrança do Partido da Liberdade e do Partido dos Panteras Negras, que possuíam a pantera como símbolo, conforme vimos anteriormente. Muito embora os criadores do herói neguem que se basearam nessas referências, fica difícil não as associarmos.

No ano de 2018, cinquenta e dois anos após a sua criação, o Pantera Negra faz a sua estreia nos cinemas:

Figura 89 - O Pantera Negra (filme)

Fonte: Cultura UOL

¹¹⁸ Em 1992, os autores *Bob Harras* e *Steve Epting* homenagearam o conceito original de Kirby, criaram o Tigre de Carvão, um T'Challa de outra dimensão que se torna aliado dos Vingadores. Fonte: Cultura Uol, 2022, on-line.

Com direção de Ryan Coogler, roteiro de Ryan Coogler, Joe Robert Cole, Stan Lee e como atores principais Chadwick Boseman, Michael B. Jordan e Lupita Nyong'o. O filme teve um orçamento de US\$ 210 milhões para uma bilheteria de US\$ 1.346.913.161. Destaque para diretor, roteiristas, figurinistas e atores predominantemente pretos com exceção de Stan Lee que trabalhou no roteiro também. O longa foi elogiado, não só pelo público, mas pelos críticos:

Fantástico. “Pantera Negra” é o 18º filme do cânone do Universo Marvel e um dos melhores – provavelmente irá entreter e emocionar os geeks hardcore que esperaram sem fôlego por meses (anos, décadas) para que esta história tomasse o centro das atenções, assim como a mais casual, mas ainda uma base de fãs global entusiasmada e massiva de filmes de super-heróis. Mesmo que você normalmente não goste desse gênero, considere isso. Se você aprecia uma narrativa refinada com um núcleo shakespeariano; ganhando performances de um conjunto extremamente talentoso; premissas provocativas que abordam o isolacionismo, a revolução e as culturas de opressão e, ah, sim, toneladas de sequências de ação fantásticas e bom humor - então você deveria ver “Pantera Negra”. É um dos melhores momentos que tive no cinema nesta década. (Richard Roeper, 2018, para o Chicago Sun*Times)

E na crítica do Hollywood Reporter vem uma informação sobre o Movimento dos Panteras Negras:

Com um timing estranho, a Marvel leva seus super-heróis a um domínio que eles nunca habitaram antes e fica ainda melhor com isso em Pantera Negra. Não há dúvida de que você ainda está no universo Marvel aqui, mas esta entrada leva você para uma parte que você nunca viu: um mundo perdido e escondido na África, definido por tradições reais e maravilhas tecnológicas que abrem novos caminhos dramáticos e refrescantes, possibilidades visuais e de elenco. Acertando onde outros estúdios e franquias - eles sabem quem são - erram, a Marvel e a Disney têm outro leviatã comercial aqui. [...] Pensando no futuro, o produtor Kevin Feige e o grupo de especialistas da Marvel introduziram Pantera Negra em seu mix de super-heróis no filme Capitão América: Guerra Civil de 2016, com a intenção de construir mais uma franquia. Parece uma ideia natural agora, mas em julho de 1966, quando Stan Lee e Jack Kirby deram origem ao personagem do Quarteto Fantástico nº 52, ele foi o primeiro super-herói africano a aparecer nos quadrinhos americanos. (Nota de rodapé histórica: o personagem Pantera Negra estreou três meses antes do Partido dos Panteras Negras existir.) (Todd McCarthy, 2018, para The Hollywood Reporter)

E Bridi (2018) nos dá uma perspectiva do Diretor:

Com sua estreia na Fantastic Four #52, em julho de 1966, Pantera Negra comprovava mais uma vez a capacidade dos quadrinhos de captar a situação social ao traduzir em cores e ação o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA. Mais de 50 anos depois, o herói ganha seu filme solo não apenas para atender a necessidade por diversidade e representatividade no cinema. Pantera Negra é um manifesto cultural, sem medo de falar sobre as questões raciais nos EUA, passadas e atuais, ao mesmo tempo em que faz um filme de super-herói empolgante e universal. Ryan Coogler, o diretor, [...] diz que, apesar da estrutura de blockbuster, esse é seu filme mais pessoal. “Para mim, lida com a pergunta que tenho me feito desde que era jovem: o que significa ser africano?”, explica. O aprendizado do cineasta, que escreve o roteiro ao lado de Joe Robert Cole, é traduzido no encantamento

por Pantera Negra e seu universo. A “fórmula da Marvel” se torna uma oportunidade de gritar mais alto, permeando a linguagem preestabelecida por um poderoso subtexto. Até mesmo o vilão, uma questão problemática no universo cinematográfico da Casa das Ideias desde Homem de Ferro (2008), é usado a favor da trama. Erik Killmonger (Michael B. Jordan) é o reflexo de T'Challa (Chadwick Boseman), mas Coogler subverte positivamente o clichê do herói contra si mesmo para estabelecer um paralelo rico e oportuno. Killmonger não é apenas um obstáculo a ser superado para que o Pantera acredite na própria força. Ele é o outro lado da moeda, uma oportunidade de reflexão sobre o legado de Wakanda e o alcance da sua responsabilidade. As ações do passado, tomadas por T'Chaka (John Kani) e N'Jobu (Sterling K. Brown), o pai de Killmonger, reverberam no presente, mas cabe a nova geração levar a nação adiante. Da sua imagem espelhada, T'Challa confronta erros para ser não apenas um herói, mas um líder melhor. Esse peso social que Pantera Negra carrega em cada cena, desde o prólogo que explica em minutos todos os conceitos necessários para o entendimento da história, não interfere na sua capacidade de entreter. Com um roteiro redondo, Cloogler e Cole posicionam personagens e situações para encontrar leveza. [...] Mais do que criar Wakanda, é preciso povoá-la. [...] Coogler encara Pantera Negra como uma declaração da importância do imaginário na formação de uma sociedade plural e inevitavelmente faz um filme histórico. Seu herói é forte, ágil, justo e está pronto para ser admirado por uma geração de crianças e adultos e se tornar uma das figuras centrais no futuro do universo cinematográfico da Marvel. (Natália Bridi, 2018, para Omelete)

Figura 90 - Richard Roundtree e Chadwick Boseman



Fonte: IMDB e Disney Plus

Se com Shaft o mundo era branco e preto e não havia lugar para dúvidas, para O rei T'Chala o mundo se apresenta com nuances distintas em que há uma linha tênue entre o bem e o mal e cabe a dúvida de como fazer a coisa certa. Se na década de 1970 os novos filmes do Cinema Negro receberam o apelido de

Blaxploitation por Junius Griffin¹¹⁹, como seria classificado o filme do Pantera Negra, que conta com o seu elenco e produção com a maioria de pessoas negras tal qual os filmes do Cinema Negro da década de 1970?

O dilema de T'Challa é a consequência da decisão de seu pai, o falecido rei T'Chaka, personagem do ator Atandwa Kani, que interpreta o rei quando jovem, o antigo rei matou o seu próprio irmão, N'Jobu, para proteger a vida de um servo. Porém, o rei abandona à própria sorte o filho de seu irmão, o pequeno Erik, que mais tarde virá a se chamar *Killmonger* (Assassino). A pergunta de T'Challa é: "Que tipo de homem mata seu próprio irmão e abandona o seu sobrinho sem nada?" Seu mundo fica cheio de incertezas e com a indagação se ele está preparado para ser Rei. O agente da CIA – Agência Central de Inteligência, Everett Ross, personagem do ator Martin Freeman, fala do currículo de Killmonger:

Erik Stevens. Formou-se em *Annapolis* aos 19 anos, graduou-se no MIT. Entrou para os fuzileiros navais e foi para o Afeganistão, onde colecionou mortes como se jogasse videogame. Passou a ser chamado de Killmonger. Juntou-se a uma unidade fantasma do JSOC. Uns caras sérios das forças especiais. Desaparecem para cometer assassinatos e derrubar governos. (Everett Ross, 2018, Pantera Negra)

E ao confrontar T'Challa, antes do combate, *Killmonger* explica o porquê das suas ações até aquele momento:

Passei a vida toda esperando por este momento. Eu treinei, menti e matei só para chegar até aqui. Eu matei na América, Afeganistão. No Iraque. Tirei a vida de irmãos e irmãs aqui neste continente. E todas essas mortes foram para que eu pudesse matar você. (*Erik Killmonger*, 2018, Pantera Negra)

¹¹⁹ O termo "blaxploitation" foi cunhado por Junius Griffin, então chefe da Associação Nacional de Los Angeles para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), no início dos anos 70 como uma crítica às imagens nada positivas de afro-americanos retratados no gênero, e sua influência mais tarde contribuiria para seu desaparecimento. No entanto, nem todos na comunidade negra concordaram com a avaliação da NAACP. Apesar do potencial do gênero para reforçar estereótipos negativos, uma grande maioria da comunidade negra considerou o cinema blaxploitation um sinal de progresso. Antes do nascimento do gênero em 1971, a representação típica dos afro-americanos na televisão e no cinema era como ajudante ou vítima; no entanto, o surgimento deste novo movimento cinematográfico procuraria pôr fim a isso. Fonte: Viddy-Well, 2018, on-line.

Figura 91 – Erik Stevens, quando criança, chora pela morte do pai.



Figura 92 – Erik Killmonger (adulto)



Fonte: marvel616

Erik Killmonger é frio, é cru. Enquanto T'Challa foi ensinado a ter empatia, respeito ao próximo e foi criado em um mundo em que o certo e errado são distintos; Killmonger desconhece fronteiras, ele é um sobrevivente. Talvez, quando do assassinato de seu pai, sua essência, o que era bom nele, tenha morrido ali também. Ele quer vingança e nada nem ninguém o impedirá de obtê-la.

Difícil não traçar um paralelo com a vida real, em que muitos jovens, moradores de periferia, perdem um parente assassinado e, conseqüentemente, aquela morte não só abala a estrutura familiar como a transforma. Muitos jovens moradores de comunidades não irão frequentar o MIT, mas se formam na faculdade do crime e a partir daí, ninguém os detêm, o destino é a morte. Alguns creem que há uma solução fácil para esse tipo de delinquente: o encarceramento ou o cemitério. Em um diálogo entre T'Chala e Killmonger, T'Chala até propõe uma solução pacífica antes do combate, mas Killmonger não o escuta e responde de forma dura. Como ensinar empatia para quem sempre apenas conheceu a tragédia? E para que possamos entender esse ponto do filme exemplificamos da seguinte forma:

Em 1982 o cantor brasileiro, Guilherme Arantes, cantava a música Lance Legal¹²⁰:

Meu momento é agora, meu caminho é feliz
Se há uma crise lá fora, não fui eu que fiz
Então viver é um lance legal
Tem que ter um certo sabor
Muita calma durante loucuras no final

¹²⁰ Música Lance Legal, autor Guilherme Arantes, Lançamento 1982.

Em 1993 o grupo brasileiro de rap Racionais MCs lançaram a música O Mágico de Oz¹²¹:

[...] Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e para em frente a uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime
Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto

Pessoas com experiências diferentes irão externá-las de formas diferentes. Na canção de Guilherme Arantes, viver é bom. Ele é livre para se apaixonar e estar com a pessoa que ama, nada o impede. Em contrapartida, na canção dos Racionais MCs, viver é custoso, é doloroso. O personagem, na letra musical, está sozinho, é um garoto de rua. Tem muita experiência com a dor. E quando é criticado por estar no caminho errado: “Dizem que quem quer segue o caminho certo”, o eu lírico responde: “Ele se espelha em quem tá mais perto”. Nas palavras de Zygmunt Bauman (2008):

A ansiedade e a audácia, o medo e a coragem, o desespero e a esperança nascem juntos. Mas a proporção em que estão misturados depende dos recursos que possuímos. Os donos de navios seguros e os navegantes habilidosos veem o mar como um lugar de aventuras fascinantes; aqueles condenados a navegar em barcos inseguros e em mau estado prefeririam se esconder atrás dos quebra-mares, pensando com temor na possibilidade de navegar. Os temores e as alegrias que emanam da instabilidade das coisas estão distribuídos de maneira muito desigual. (Bauman, 2008, p. 180)

Mundos diferentes, realidades diferentes, visões diferentes. Relembrando Malcolm X (1992, p. 151) “Todas as experiências se fundem em nossa personalidade. Tudo o que nos acontece é um ingrediente”.

O Pantera Negra, no filme *Capitão América: Guerra Civil* de 2016, também viu o seu pai ser assassinado e ficou revoltado:

¹²¹ Música O Mágico de Oz, autor Edi Rock, Lançamento 1993. Interprete Racionais MCs.

Figura 93 - T'Challa chora pela morte do seu pai, o Rei T'Chaka



Fonte: marvel616

Em um diálogo com Natasha Romanoff, a Viúva Negra, personagem da atriz Scarlett Johansson, T'Challa diz:

Na minha cultura, a morte não é o fim. É como um ponto de passagem. Você estende os braços e *Bast* e *Sekhmet* guiam você até o campo verdejante onde você pode correr para sempre. [...] Meu pai pensava assim. Eu não sou o meu pai. [...] Não se preocupe, Srt^a. Romanoff. Eu mesmo vou matá-lo! (T'Challa, 2018, Vingadores Guerra Civil)

Tanto T'Challa quanto Killmonger querem vingança, mas por que T'Challa não se transforma em um assassino e começa a matar quem ele encontra pelo caminho tal qual o seu primo? A resposta é: estrutura familiar. Enquanto T'Challa tem toda a sua família e amigos para lhe dar apoio, Killmonger não tem ninguém e resta a ele processar o assassinato de seu pai, entender da maneira que a mente de um menino de mais ou menos dez anos permite e viver com isso. T'Challa, o Pantera Negra, é o Herói, mas Killmonger é a primeira vítima apresentada no filme após o assassinato de seu pai.

Outro ponto forte do filme é como ele retrata as mulheres de Wakanda: Nakia, a personagem de Lupita Nyong'o é uma espiã e uma mulher independente; a irmã de T'Challa é Shuri, personagem da atriz Letitia Wright, ela é responsável pelo laboratório tecnológico do país, além de ser extremamente inteligente e inventiva; a general Okoye, personagem vivido pela atriz Danai Gurira, que comanda as Dora Milaje, que é a força militar em Wakanda e responsável pela escolta e proteção do rei. Todas são mulheres fortes, independentes, mas sem perder a feminilidade, elas não são uma versão masculinizadas de outros heróis. Elas estão bem enquanto mulheres, mas ocupam o lugar que elas querem e como querem.

Figura 94 - Grupo de Guerreiras Dora Milaje comandado pela General Okoye



Fonte: Sítio Omelete (2018)

O Grupo de guerreiras Dora Milaje do filme Pantera Negra, lembra o exército de Guerreiras Agojie do antigo reino de Daomé, atual Benim. Que existiu para a proteção da monarquia daquele país. Em 2022 a diretora Gina Prince-Bythewood levou para as telas o filme *A Mulher Rei* que teve a competente Viola Davis como a general Nanisca e, novamente, com um elenco em sua grande parte de pessoas negras. Importante perceber essa troca de protagonismo em que o negro passa a ser o personagem principal em seu próprio continente, África, enquanto o branco passa a ter um papel de coadjuvante. É como se o povo negro estivesse retomando a sua terra, que há muito tempo havia sido usurpada e aviltada devido a interesses diversos. E no processo, retomando a sua autoestima e o seu devido lugar na história, retirando, aos poucos, a imagem caricata que foi criada para justificar a dominação.

Figura 95 - Guerreiras Agojie do antigo reino de Daomé, atual Benim.



Fonte: Revista Galileu (2022).

Figura 96 - Viola Davis como general Nanisca e seu grupo de mulheres guerreiras.



Fonte: Jornal O Estado de Minas (2022)

O diretor Ryan Coogler, soube exatamente como trazer para o público essa reparação da imagem da mulher e do homem negro. Ele busca resgatar a essência natural do negro por meio desses personagens que, de alguma forma, nos falam ao coração. E como não poderia deixar de ser, ao falarmos do continente africano, as cores vivas dos figurinos e o toque dos atabaques fazem parte dessa atmosfera de resgate e dão o tom desse novo mundo para nós que é Wakanda. País sem a visão eurocêntrica, país que ficou gerações sem ser perturbado pelo colonizador por ser quase que invisível para eles. Por esse motivo a nação preserva suas raízes mesmo sendo avançada tecnologicamente falando, vejamos:

Figura 97 - Chapéu de Ruanda - Rainha Ramonda



Fonte: PapelPop (2018)

“A rainha Ramonda usa uma touca distinta. É uma lembrança dos chapéus Zulu ou ‘Isicholos’. Os chapéus Zulu são tradicionalmente usados por mulheres casadas para celebrações cerimoniais.” (Covre, 2018, on-line)

Figura 98 - Cachecol usado por T'Challa



Fonte: PapelPop (2018)

O cachecol de T'Challa (Chadwick Boseman): “Kente é um tipo de tecido de seda e algodão feito de tiras de pano entrelaçados e vem do povo Akan, de Gana.” (Covre, 2018, on-line)

Figura 99 - Uniforme do exército Dora Milaje



Fonte: PapelPop, 2018, on-line

As Dora Milaje: “Muitos dos trajes têm adereços únicos e futuristas, cheios de detalhes. Esses foram feitos homenageando estilos do povo Maasai. O povo Maasai da África Oriental vive no sul do Quênia e norte da Tanzânia.” (Covre, 2018, on-line)

Figura 100 - Cobertor de W’Kabi



Fonte: PapelPop (2018)

O cobertor de W’Kabi (Daniel Kaluuya): “Em várias cenas, W’Kabi e outros aparecem vestindo cobertores Basotho em torno de seus pescoços. Embora os cobertores sejam originalmente do povo do Lesoto, os desenhos são similares ao do povo Sesotho.” (Covre, 2018, on-line)

Ryan Coogler e a equipe de roteiristas tocaram em pontos sensíveis, como vimos, sem deixar de dar o tom de aventura e sem nos deixar esquecer que estávamos diante de um *Live Action* da Marvel. Nem os Estados Unidos foram esquecidos, pois o representante do país, o agente da Cia, Everett Ross, vivido pelo ator Martin Freeman, estava lá para dar apoio e demonstrar gratidão após ter sido salvo da morte.

Nós podemos compreender a atuação de Everett Ross de duas maneiras: interpretar como se ele fosse o que chamamos de *White Savior*¹²², o que é lugar comum em filmes que o personagem branco chega para solucionar o drama vivido. Ou podemos entender que, para fazermos uma revolução antirracista, precisamos de todos. Preferimos concordar com a visão do Dr. King, que marchava com todos em seus protestos, não dispensava ninguém. Nos parece que a visão dos roteiristas e do diretor vão ao encontro deste pensamento. Eles não deixaram ninguém para trás. Filmes iguais ao *Pantera Negra* e a *Mulher Rei*, que também citamos anteriormente, são importantes para que possamos resgatar a nossa autoestima, mas também convidam as pessoas de todas as etnias a pensarem o mundo sem o preconceito que nos faz tão mal a todos. O resgate da história do povo preto é essencial para que as mentiras contadas por tanto tempo comecem a cair por terra, ou pelo menos, faça com que as pessoas comecem a olhar o povo preto com outros olhos. Não queremos tomar nada de ninguém, não estamos em um jogo de tudo ou nada. Apenas queremos o nosso lugar ao sol, isto é, sermos tratados como cidadãos de direitos integrais assim como qualquer outra pessoa.

5 UM POUCO DA REALIDADE

5.1 As Ruas Não São Como Wakanda

¹²² A figura do salvador branco é bastante comum não apenas no cinema, mas algo bastante enraizado na nossa própria sociedade a partir dessa carga racista que infelizmente a gente ainda carrega. É um arquétipo que trata esses outros povos como incapazes de solucionar problemas e que dependem desse salvador branco para saírem da estagnação. Em linhas bem gerais, é como se todos fossem inferiores e somente esse messias branco poderia conduzir a todos para uma evolução. Fonte: Ramos 2021, on-line.

Filmes como *O Pantera Negra*, *Infiltrado na Klan* e *A mulher Rei* são importantes para lembrar a sociedade da humanidade das pessoas negras, pois, seres humanos não possuem raça, seres humanos possuem humanidade, somos todos seres humanos; parece uma afirmação óbvia, mas nem todas as pessoas compreendem este fato e são extremamente apegadas à ideia de raça e hierarquia racial. Haja vista tudo que estudamos até aqui.

Estamos em 2020, o presidente dos EUA é agora Donald Trump (2017-2021). Sua campanha foi baseada no velho slogan também utilizado pelo ex-presidente Ronald Reagan: *Make America Great Again* (Faça a América Grande Novamente). Trump substituiu o presidente Barak Obama, que cumpriu dois mandatos (2009-2017).

Para iniciarmos este capítulo, importante termos em mente a afirmação de Hannah Arendt sobre a ideologia racista. Arendt escreveu no seu livro *A origem do totalitarismo*:

Afirmou-se várias vezes que a ideologia racial foi uma invenção alemã. [...] Pois se o hitlerismo exerceu tão forte atração internacional e intereuropeia durante os anos 30, é porque o racismo, embora promovido a doutrina estatal só na Alemanha, refletia a opinião pública de todos os países. Se a máquina de guerra política dos nazistas já funcionava muito antes de setembro de 1939, quando os tanques alemães iniciaram a sua marcha destruidora invadindo a Polônia, é porque Hitler previa que na guerra política o racismo seria um aliado mais forte na conquista de simpatizantes do que qualquer agente pago ou organização secreta de quinta-colunas. Fortalecidos pela experiência de quase vinte anos, os nazistas sabiam que o melhor meio de propagar a sua ideia estava na sua política racial, da qual, a despeito de muitas outras concessões e promessas quebradas, nunca se haviam afastado por amor à conveniência. O racismo não era arma nova nem secreta, embora nunca antes houvesse sido usada com tão meticulosa coerência. A verdade histórica de tudo isso é que a ideologia racista, com raízes profundas no século XVIII, emergiu simultaneamente em todos os países ocidentais durante o século XIX. Desde o início do século XX, o racismo reforçou a ideologia da política imperialista. O racismo absorveu e reviveu todos os antigos pensamentos racistas, que, no entanto, por si mesmos, dificilmente teriam sido capazes de transformar o racismo em ideologia. Em meados do século XIX, as opiniões racistas eram ainda julgadas pelo critério da razão política: Tocqueville escreveu a Gobineau a respeito das doutrinas deste último que “elas são provavelmente erradas e certamente perniciosas”. Mas já no fim daquele século concederam-se ao pensamento racista dignidade e importância, como se ele fosse uma das maiores contribuições espirituais do mundo ocidental. Até o período da “corrida para a África”, o pensamento racista competia com muitas ideias livremente expressas que, dentro do ambiente geral de liberalismo, disputavam entre si a aceitação da opinião pública. Somente algumas delas chegaram a tornar-se ideologias plenamente desenvolvidas, isto é, sistemas baseados numa única opinião suficientemente forte para atrair e persuadir um grupo de pessoas e bastante ampla para orientá-las nas experiências e situações da vida moderna. Pois a ideologia difere da simples opinião na medida em que se pretende detentora da chave da história, e em que julga poder apresentar a solução dos “enigmas do universo” e dominar o

conhecimento íntimo das leis universais “ocultas”, que supostamente regem a natureza e o homem. Poucas ideologias granjearam suficiente proeminência para sobreviver à dura concorrência da persuasão racional. Somente duas sobressaíram e praticamente derrotaram todas as outras: a ideologia que interpreta a história como uma luta econômica de classes, e a que interpreta a história como uma luta natural entre raças. Ambas atraíram as massas de tal forma que puderam arrolar o apoio do Estado e se estabelecer como doutrinas nacionais oficiais. Mas, mesmo além das fronteiras dentro das quais a ideologia racial e a ideologia de classes formaram moldes obrigatórios de pensamento, a opinião pública livre as adotou de tal modo que não apenas os intelectuais, mas até grandes massas, rejeitam apresentações de fatos, passados ou presentes, que não se ajustem a uma delas.” (Arendt, 2013, ps. 217-218)

Arendt (2013, p. 218) completa o seu pensamento quando expõe o seguinte: “A persuasão não é possível sem que o seu apelo corresponda às nossas experiências ou desejos ou, em outras palavras, a necessidades imediatas.”

Apesar do filme, *Pantera Negra*, ter sido importante para a comunidade negra mundial, além de vir com temas importantes e com uma mensagem de tolerância. O que vemos no nosso cotidiano ainda nos abala muito. Daremos dois exemplos de casos que poderiam ser evitados se o julgamento dos agressores não estivesse tão comprometido por tudo que estudamos até o momento: No capítulo 2.2 (*Eu Não Sou o Seu Negro e a Voz de James Baldwin na Luta Pelos Direitos Civis*), demos o exemplo do que ocorreu com George Floyd. Completaremos os detalhes de seu assassinato e estudaremos o caso de Tyre Nichols, que é mais um exemplo de agressão sem justificativa.

Eric Garner foi citado no capítulo 3.5 (*Década de 2000 – Ainda Podemos Sonhar – Sim, Nós Podemos*), ele foi morto por policiais e durante o processo da sua agressão ele dizia, “Não consigo respirar!” lembrando que o caso ocorreu em 17 de julho de 2014. Porém, em 25 de maio de 2020, ouvimos a mesma frase em cenas que foram gravadas pelo celular de uma testemunha: “Não consigo respirar!”

Figura 101 - George Floyd sendo contido pelo pescoço



Fonte: g1 - Mundo

Figura 102 - Em um outro ângulo, vemos que três policiais estão contendo Floyd



Fonte: Jornal o Tempo

E a conclusão do Departamento de Justiça dos EUA foi a seguinte:

Um relatório do governo dos Estados Unidos divulgado nesta sexta-feira (16) afirma que a polícia de Minneapolis, no estado de Minnesota, discrimina negros e nativos norte-americanos fazendo uso excessivo da força durante suas abordagens. Esta é a principal conclusão de uma investigação de dois anos aberta pelo Departamento de Justiça dos EUA após a condenação de um ex-policia por morte de George Floyd, um cidadão negro norte-americano que foi estrangulado por um policial branco em maio de 2020, em uma cena gravada em vídeo e que se espalhou pelo mundo. [...] A investigação do governo dos EUA, que durou dois anos, identificou diversos comportamentos errados, entre eles "discriminação, força letal injustificada e violação de direitos civis" que se tornou um "padrão" da polícia da cidade. A conclusão recomendou ainda 28 medidas corretivas. (g1 Mundo, 2023, on-line)

Protestos foram deflagrados em mais de 30 estados pelos EUA, o Movimento Vidas Negras Importam foi às ruas pedindo justiça. Como tumultos foram reportados, o presidente Trump se pronunciou:

Para Trump, que fez pronunciamento da Casa Branca nesta segunda-feira, "todos americanos ficaram enojados e revoltados, com razão, pela morte brutal de George Floyd", que "não terá morrido em vão". Mas a reação à morte teria sido tomada "por anarquistas profissionais, multidões violentas, incendiários, saqueadores, criminosos, grevistas, antifa e outros" (neste último caso, uma abreviação de "antifascistas"). "Estes não são atos de protesto pacífico. São atos de terrorismo doméstico", afirmou. "Conforme estamos falando (no pronunciamento), estarei despachando milhares e milhares de soldados fortemente armados, forças militares e policiais para interromper tumultos, saques, vandalismo, assaltos e a destruição arbitrária de propriedades", acrescentou, destacando que violadores da lei seriam punidos severamente e com longas penas na cadeia. (BBC News Brasil, 2020)

Em 7 de Janeiro de 2023, em Memphis, no estado do Tennessee, Tyre Nichols, um homem afro-americano de 29 anos de idade, que estava dirigindo seu carro, foi abordado por policiais:

Vídeos revelados na noite de sexta-feira (27/01) mostram cinco policiais se revezando para chutar e socar brutalmente Tyre Nichols. Enquanto isso, o jovem aparece chorando e chamando repetidamente pela mãe durante uma detenção na cidade de Memphis, em 7 de janeiro. Ele foi hospitalizado e morreu três dias depois. As imagens mostram ainda policiais gritando palavrões e espancando o funcionário da FedEx por cerca de três minutos. Ao todo, os quatro vídeos divulgados pelo Departamento de Polícia de Memphis ultrapassam uma hora de filmagem. [...] Agora que as imagens vieram à tona, a morte do jovem tem causado grande revolta nos EUA. Os policiais inicialmente disseram que pararam o carro de Nichols porque ele estaria dirigindo de maneira imprudente, mas a acusação não foi comprovada. (g1 Mundo, 2023, on-line)

Figura 103 - George Floyd tirando selfie



Fonte: CNN Brasil

Figura 104 - Tyre Nichols tirando selfie



Para de uma forma de assassinato, Nichols tirou uma selfie no momento em que estava sendo espancado por policiais. — Foto: Reuters

Fonte: g1 Mundo

Um destaque na morte de Tyre Nichols é que os policiais que o mataram também eram afro-americanos. Alguns comentaristas falaram que o caso não poderia ser declarado como um crime racial. Recorremos à literatura para discutirmos esse assunto. Em 1881, Machado de Assis, publica o seu livro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo 68, intitulado, *O vergalho*, Brás Cubas está caminhando na rua quando se depara com um agrupamento de pessoas observando um negro apanhar:

“Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova. “Toma, diabo!” dizia ele; “toma mais perdão, bêbado!” “Meu senhor! gemia o outro. “Cala a boca, besta!” replicava o vergalho. (Assis, 2002, p. 100)

E Brás Cubas fica surpreso ao ver o seu ex-escravizado, agora liberto, agredindo aquele outro escravizado:

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele. “É, sim, nhonhô.” “Fez-te alguma coisa?” “É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.” (Assis, 2002, ps. 100-101)

Depois de concatenar sobre o assunto, o personagem chega à uma conclusão:

[...] Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, -- transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto! (Assis, 2002, p. 101)

E relembando o discurso de Malcolm X:

“[...] Quem te ensinou a odiar pessoas que são como você? Quem te ensinou a odiar a raça que você pertence, tanto assim que você não quer estar entre outros como você? [...]” (CORREIA, 2017, on-line)

E Fanon (2008, ps. 130-132) completa nossa discussão:

As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafoço da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. [...] os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados” tão facilmente quanto o menino branco. [...] Há

identificação, isto é, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. Ele recarrega o herói, que é branco, com toda a sua agressividade [...]

O racismo não poupa ninguém, os policiais pertencem a uma corporação, isto é, dentre as definições, conjunto de pessoas com afinidade de ideias; o grupo como um todo é produto da mesma sociedade racista e preconceituosa. Para que permaneçam e sejam aceitos nessa corporação eles são adestrados a terem espírito de corpo; a pele dos policiais passa a ter a cor da farda.

5.2 Os Fins Justificam os Meios

No documentário, *O Movimento Negro nos EUA*, vimos a luta dos líderes dos Direitos Civis pelo direito ao voto para os afro-americanos. Veremos o que ocorre anos mais tarde. Em 2020, tivemos a corrida presidencial para a casa branca, os concorrentes eram Donald Trump buscando a reeleição e o ex-vice-presidente de Barak Obama, Joe Biden em sua tentativa para a primeira candidatura como presidente. Havia uma preocupação com as minorias e principalmente com os afro-americanos, que em 2016 foram impedidos de votar:

Em 2016, a campanha de Trump enviou notícias falsas e desinformativas a 3,5 milhões de eleitores negros com o intuito de fazê-los desistir de votar. Os anúncios foram direcionados com base em informações de 198 milhões de americanos divididos em oito categorias – uma delas, chamada “dissuasão”, era formada por eleitores negros que provavelmente votariam em Hillary Clinton ou não votariam em ninguém. (Olliveira, 2020, on-line)

E Olliveira (2020) explica que subterfúgios legais também são utilizados para impedir o voto do afro-americano:

Em 2016, Crystal Mason, uma mulher negra do Texas, foi sentenciada a cinco anos de prisão por ter votado ilegalmente, sem entender que não tinha o direito de votar. Falar em “voto ilegal” soa estranho para nós, mas não para quem vive nos EUA. Os mecanismos para limitar o direito ao voto impacta massivamente cidadãos americanos negros, que são cerca de 13% da população dos EUA. Uma pesquisa feita em 2016 mostrou que um em cada 13 afro-americanos perdeu o direito ao voto por terem algum tipo de condenação na justiça. Entre cidadãos brancos, a proporção é um a cada 56. E isso vale para qualquer condenação. Quando tentou votar, Crystal Mason estava cumprido prisão em regime aberto por manobras fiscais que se enquadrariam perfeitamente no jeitinho brasileiro: ela e o marido apresentaram declarações de imposto de renda para os anos fiscais de 2005-2008, fazendo uma gambiarra entre dependentes e empresas para ter uma restituição maior. Crystal foi presa, ao passo que outro fraudador de imposto de renda, Trump, foi eleito presidente do país. (Olliveira, 2020, on-line)

O resultado em 2016 foi a vitória de Donald Trump. Em 2020, os esforços para que Trump chegasse à vitória não foram muito diferentes dos de 2016, em uma matéria da Folha de São Paulo, assinada por Patrícia Campos Mello, intitulada: *Desinformação se tornou marca registrada das eleições dos EUA*, e negros são grande alvo:

No início de outubro, surgiram no Twitter dezenas de contas identificadas com fotos de americanos negros postando mensagens com “SIM, SOU NEGRO E VOU VOTAR NO TRUMP!” Os perfis desses supostos apoiadores do presidente ganharam milhares de seguidores em poucos dias, mas foram suspensos pelo Twitter por violarem as regras da plataforma – eram falsos, administrados por robôs ou pessoas contratadas para se fingir de eleitores do republicano. [...] O eleitor negro dos Estados Unidos é um dos principais alvos das campanhas de desinformação, ou fake news, que se tornam marca registrada das eleições do país desde 2016. Naquele ano, o grande objetivo da campanha de Donald Trump era suprimir o voto dos negros. Como os afro-americanos tendem a votar em democratas, a campanha republicana desenhou uma estratégia digital para desestimulá-los a sair de casa, uma vez que o voto nos EUA não é obrigatório, evitando que concretizassem o apoio à então candidata Hillary Clinton. (Mello, 2020, on-line)

Houve esforço de alguns países para interferir nas eleições presidenciais de 2020:

EUA afirmam que Rússia e Irã tentaram manipular o resultado das eleições de 2020. Relatório de inteligência recém-¹²³desclassificado afirma que Moscou tentou difamar Biden em benefício de Trump e que iranianos tentaram prejudicar as possibilidades de reeleição de Trump. Tanto a Rússia quanto o Irã procuraram influenciar o resultado das últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos, segundo um relatório publicado na terça-feira pelo Escritório do Diretor de Inteligência Nacional, que conclui que, apesar dessa tentativa, a espionagem norte-americana não encontrou nenhuma prova de que alguma figura de peso estrangeira conseguiu mudar o rumo da votação ou perturbar o processo eleitoral manipulando tecnicamente o registro para poder votar, falsificando o voto, a apuração ou a informação dos resultados, conforme informa, entre outros veículos de comunicação, a agência de notícias Associated Press (AP). (Monge, 2021, on-line)

Porém, o resultado desta vez foi adverso ao que o candidato à reeleição desejava, e a sua reação não foi o que se pode chamar de republicana, pois em 6 de janeiro de 2021, apoiadores do ex-presidente, com o objetivo de impedir a certificação dos votos, que é a última etapa formal para confirmar a vitória, neste caso, de Joe Biden e sua vice-presidente Kamala Harris, atacaram o Capitólio:

Parlamentares dos Estados Unidos acusaram nesta terça-feira (12) o então presidente Donald Trump de incitar uma multidão de seguidores a atacar o Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, em uma última tentativa de permanecer no poder enquanto o Congresso atestava formalmente a sua derrota eleitoral. Membros de um comitê seletor da Câmara que investiga o ataque

¹²³ Deixou de ser secreto. Nota do autor.

disseram que Trump foi informado por assessores de seu governo e de sua campanha que havia perdido a eleição presidencial de 2020 e deveria reconhecer a vitória de Joe Biden, mas ele optou por desconsiderar seus conselhos. Em depoimentos em vídeo, testemunhas descreveram uma reunião tensa de seis horas em dezembro de 2020, onde Trump ignorou os membros de sua equipe e ficou do lado de conselheiros externos que o estimularam a continuar emitindo alegações infundadas de fraude eleitoral. Trump foi o responsável pelo caos que se seguiu, apontaram eles. “O presidente Trump é um homem de 76 anos. Ele não é uma criança impressionável... Ele é responsável por suas próprias ações e suas próprias escolhas”, disse a deputada republicana Liz Cheney, vice-presidente do painel. “A estratégia é culpar pessoas que os assessores do ex-presidente chamaram de ‘loucos’ pelo que o próprio Donald Trump fez. Isso, é claro, é um absurdo”, acrescentou Liz sobre o episódio do Capitólio. (CNN Brasil, 2022, on-line)

O próprio ex-presidente Trump convocou seus apoiadores para um protesto em Washington após o resultado das eleições:

Membros do comitê afirmaram que Trump incitou o tumulto ao se recusar admitir que perdeu a eleição e ao fazer comentários em suas redes sociais, como o de 19 de dezembro de 2020, quando pediu aos seus apoiadores que se reunissem em Washington para um “grande protesto”. “Esteja lá, seja selvagem.” (CNN Brasil, 2022, on-line)

O resultado: “o ataque ao Capitólio, após um discurso que Trump fez em um comício fora da Casa Branca, atrasou a certificação da eleição de Joe Biden por horas, feriu mais de 140 policiais e levou a várias mortes.” (CNN Brasil, 2022)

Mesmo assim Trump e seus apoiadores minimizaram o ocorrido:

Trump e seus apoiadores, além de muitos republicanos no Congresso, descrevem o painel de 6 de janeiro como uma “caça às bruxas política”, mas os apoiadores do painel dizem que é uma investigação necessária sobre uma ameaça violenta contra a democracia. (CNN Brasil, 2022, on-line)

Kakutani (2018) explica:

A jornalista Anne Applebaum identificou um grupo de “neobolcheviques” – que inclui Trump; [...] que, assim como Lênin e Trótski, se baseiam em políticas extremistas para surfar uma onda de populismo e galgar posições de destaque. Em 2017, ela escreveu que, “em um grau extraordinário, eles adotaram de Lênin a negativa em fazer concessões, a promoção antidemocrática de alguns grupos sociais em detrimento de outros e os ataques de ódio a seus oponentes ‘ilegítimos’”. [...] a maioria dos neobolcheviques de maior sucesso criou “mídias alternativas” próprias, especializadas na disseminação de desinformações, na propagação do ódio e na provocação de adversários. [...] eles acreditam “que a moralidade comum não se aplica a eles... Em um mundo podre, a verdade pode ser sacrificada em nome ‘do Povo’ ou, como uma forma de direcionamento, os ‘inimigos do Povo’. Na luta pelo poder qualquer coisa é permitida” (Kakutani, 2018, p. 171-172)

E quais são as consequências dessa negação, das alegações sem provas e dos ataques de ódio? Arendt (2013) argumenta sobre a propaganda de massa:

[...] Num mundo incompreensível e em perpétua mudança, as massas haviam chegado a um ponto em que, ao mesmo tempo, acreditavam em tudo e em nada, julgavam que tudo era possível e que nada era verdadeiro. A própria mistura, por si, já era bastante notável, pois significava o fim da ilusão de que a credulidade fosse fraqueza de gente primitiva e ingênua, e que o cinismo fosse o vício superior dos espíritos refinados. A propaganda de massa descobriu que o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, sem objetar contra o fato de ser enganado, uma vez que achava que toda afirmação, afinal de contas, não passava de mentira. Os líderes totalitários basearam sua propaganda no pressuposto psicológico correto de que, em tais condições, era possível fazer com que as pessoas acreditassem nas mais fantásticas afirmações em determinado dia, na certeza de que, se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável da sua inverdade, apelariam para o cinismo; em lugar de abandonar os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa, e admirariam os líderes pela grande esperteza tática. (Arendt, 2013, p. 218)

Em entrevista em 2023 ao programa *Meet the Press* da emissora NBC no dia 17 de setembro Trump declara:

O ex-presidente dos EUA Donald Trump disse que recebeu conselhos de várias pessoas logo após as eleições de 2020, mas que foi sua decisão promover a falsa alegação de que ganhou a presidência e tentar anular os resultados. “Foi minha decisão, mas ouvi algumas pessoas”, disse Trump ao programa “Meet the Press”, da emissora NBC, em entrevista no domingo (17). [...] Uma premissa central do caso do procurador especial Jack Smith, de acordo com a sua acusação ao ex-presidente, é que Trump sabia que as alegações eleitorais que fazia eram falsas depois de ter sido informado por assessores próximos que tinha perdido, mas as divulgou de qualquer maneira para fazê-las parecer legítimas – tudo a serviço de uma suposta conspiração criminosa. “Eu estava ouvindo pessoas diferentes e, quando somei tudo, a eleição foi fraudada”, disse Trump a Kristen Welker na entrevista, novamente defendendo a falsa afirmação enquanto busca a nomeação republicana para presidente em 2024. “Você sabe quem eu escuto? Eu mesmo. Eu vi o que aconteceu”, disse Trump. [...] Após a derrota eleitoral, Trump tentou vários caminhos para anular os resultados eleitorais. Ele pressionou o secretário de Estado da Geórgia, Brad Raffensperger, e outro funcionário para “recalcular” os números e “encontrar” votos suficientes para deixá-lo vencer. A campanha de Trump também tentou instalar falsos eleitores republicanos em sete estados indecisos. (CNN Brasil, 2023, on-line)

Os discursos do ex-presidente Barak Obama sempre foram contidos e procuravam chamar os seus interlocutores à razão, mesmo quando, segundo o documentário, *O Movimento Negro nos EUA*, Obama foi chamado de mentiroso no congresso enquanto discursava. Por outro lado, as falas do ex-presidente Trump são autoritárias, tensas, como se ele sempre estivesse com a razão e que todos estivessem equivocados. Nas palavras de Bento (2022):

[...] A branquitude convicta e autoritária permite ao político ser grosseiro, violento, antidemocrático e abertamente racista, homofóbico e machista, uma atitude que provoca identificação de muitos apoiadores de lideranças públicas, mais do que suas políticas. Esses líderes [...] são apoiados justamente porque seus seguidores identificam-se com suas ideias e comportamentos, e efetivamente representam uma parcela expressiva da

população. É através desse discurso que esses políticos conseguem construir, na atualidade, o projeto nacionalista dos homens brancos, em diferentes países no mundo, inclusive o Brasil. O Trumpismo é um exemplo desse fenômeno e teve como característica o fortalecimento da supremacia branca, o militarismo, o desprezo por leis e instituições, o machismo e o racismo, e o ódio a intelectuais e artistas. É marcado ainda por amor ao chefe autoritário, forte nacionalismo e desprezo aos estrangeiros, aos direitos e à dignidade das pessoas. [...] As Armas são parte integrante da ideologia e do projeto político desse movimento e são uma indicação de militância que quer desencadear violência nas ruas. (Bento, 2022, ps. 51-53)

Como nas eleições de 2020, em sua interpretação “ele não foi um mal presidente, que não soube administrar a crise na pandemia de Covid 19 (2020-2022), ou que se esqueceu das minorias”; para ele, “houve fraude nas eleições, o seu concorrente Joe Biden, conseguiu corromper um grupo significativo de autoridades para conseguir a vitória.” Cida Bento (2022) explica:

Na perspectiva da personalidade autoritária está a condição de que a visão de mundo de seu próprio grupo é o centro de tudo, e os demais são compreendidos a partir de seu modelo, ou seja, o etnocentrismo. Outra característica é que a personalidade autoritária requer um inimigo, porque precisa sempre projetar para fora, em grupos considerados minoritários e periféricos, a raiva e o ressentimento sociais. (Bento, 2022, p. 44)

Quando 140 policiais são feridos e vidas são ceifadas em nome de uma suposta fraude eleitoral criada pelo próprio ex-presidente, neste caso, ele declara que é apenas “uma caça às bruxas política” engendrada por políticos da oposição. Em contrapartida, o assassinato de George Floyd e os protestos que se seguiram, foram criticados pelo então presidente Donald Trump, o qual deixou claro que já estava convocando as forças de repressão para repelir os vândalos. Começamos o nosso capítulo citando Hannah Arendt e o terminamos citando-a novamente: Arendt (2013, p. 218) “A persuasão não é possível sem que o seu apelo corresponda às nossas experiências ou desejos ou, em outras palavras, a necessidades imediatas.”

6 Considerações Finais

Nós trabalhamos com a hipótese de que, após a libertação dos escravos nos Estados Unidos, leis foram criadas para burlar a constituição e fazer com que o negro continuasse cativo e dependente do homem branco, principalmente nos estados do sul, dando origem ao que ficou conhecido como Leis Jim Crow, muito embora, com o movimento dos direitos civis, essas leis, teoricamente, foram revogadas, porém outras formas de manter o negro estadunidense com um baixo nível cultural, econômico, político-social foram criadas resultando nas mesmas segregações do passado. A nossa tese é a consequência dessas ações, que é o Apartheid estadunidense, que gerou uma separação na sociedade americana cujos efeitos perduram até os dias atuais.

Durante o nosso estudo nos deparamos, exatamente, com a lógica racista que culpava os negros, criminalizava, ou os diminuía perante a supremacia branca. Após a Guerra de Secessão, como vimos, foi aprovada a 13ª Emenda (1865), que, se por um lado libertou os afro-americanos, de outro os manteve cativos por força do item que autorizava o trabalho forçado caso o ex-escravizado cometesse um crime: item da 13ª Emenda [...] “salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado”. A partir dos quatorze anos de idade, se o adolescente negro não estivesse trabalhando, ele estaria cometendo um crime; mas, se estivesse trabalhando, era sujeitado a um salário ínfimo e a longas horas de trabalho. Este é apenas um exemplo de tantas outras formas “legais” que se buscou para manter o ex-escravizado daquele período cativo. Para solucionar essa situação, em 1868, foi aprovada 14ª Emenda que traz em sua seção 1ª:

“Todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos e sujeitas a sua jurisdição são cidadãos dos Estados Unidos e do Estado onde tiver residência. Nenhum Estado poderá fazer ou executar leis restringindo os privilégios ou as imunidades dos cidadãos dos Estados Unidos; nem poderá privar qualquer pessoa de sua vida, liberdade, ou bens sem processo legal, ou negar a qualquer pessoa sob sua jurisdição a igual proteção das leis”.
(14ª Emenda, 1868, seção 1ª)

Apesar da Constituição Americana proibir expressamente a edição de leis que “restringam os privilégios ou imunidade dos cidadãos dos EUA” e em 1870 a 15ª Emenda trazer na sua seção 1ª o seguinte: “direito de voto dos cidadãos dos Estados Unidos não poderá ser negado ou cerceado pelos Estados Unidos, nem por qualquer Estado, por motivo de raça, cor ou de prévio estado de servidão”. Porém, na seção 2 deixava o Congresso como responsável por operacionalizar o artigo:

“Congresso terá competência para executar este artigo, com legislação apropriada”. O resultado foi o que estudamos, a luta pelo direito ao voto e pela dessegregação ainda nas décadas de 1.950 e, principalmente, na década 1.960. Ao negar o direito ao voto dos afro-americanos, o estado estava negando o direito deste de ser um cidadão completo dentro do seu próprio país. Pois, sem poder votar, ele não teria como cobrar as promessas feitas pelo seu candidato, apoiar ou reivindicar as mudanças de política dentro do seu município ou estado, ou país. Isto é, manter os afro-americanos longe das urnas era mantê-los como cidadãos de segunda classe e mais que isso, esquecidos politicamente.

A segregação garantia que os afro-americanos ficassem com os trabalhos piores e de menor remuneração, enviassem seus filhos para escolas sem recursos, habitassem em bairros desprovidos de cuidados básicos e esquecidos pelo governo local. E tudo isso com o aval das autoridades políticas e judiciárias, pois no caso *Plessy vs. Ferguson*, em que Homer Plessy recusou-se a sair do vagão reservado a pessoas brancas e entrar no vagão reservado para pessoas negras, a suprema corte decidiu em 1896, que a lei que distinguia pessoas negras de brancas não era segregacionista, portanto, legal, pois “brancos e negros estavam separados, mas eram iguais” perante a lei. É lógico que vagões de trens, banheiros e serviços públicos destinados aos afro-americanos eram piores do que os reservados para os americanos brancos. Apesar do veredito do tribunal, afro-americanos e brancos americanos nunca foram iguais, apenas separados.

Já em 1915, não nos surpreende que, quando o filme de Griffith chegou aos cinemas, ele foi creditado como o responsável por reacender a popularização da Ku Klux Klan e introduzir a cruz em chamas à organização. Além de incitar a morte de vários afro-americanos por meio do linchamento. Isso tudo só foi possível porque o filme foi ao encontro de ânsias, crenças e preconceitos já enraizados, mas que estavam hibernando, prontos a se manifestarem a qualquer tempo, a depender do momento propício. Visualizar todas aquelas cenas bárbaras e a caricatura do homem negro nas telas apenas avivou a sede por sangue dos racistas.

James Baldwin, nos anos de 1960, já se preocupava com os caminhos que os Estados Unidos da América poderiam tomar caso o racismo não tivesse um freio, caso o homem branco estadunidense não percebesse que os futuros estavam interligados e que destruir o afro-americano, assim como o judeu e o hispânico é buscar destruir parte das raízes daquela nação, que foi construída basicamente de

imigrantes de várias origens. Malcolm X foi o exemplo do que o segregacionismo e a violência podem produzir. Apesar da sua conversão ao islamismo, ele não acreditava em dar a outra face e sim, caso fosse agredido, revidaria na mesma proporção e força que o agressor. Apenas no final de sua vida e uma peregrinação à meca é que sua doutrina passa por uma transformação e começa a se tornar mais tolerante.

O Dr. King, com a sua filosofia de não-violência trazia consigo os ensinamentos de seus pais e o que ele havia vivido e aprendido ao longo de sua vida. Apesar de viver a mesma segregação e violência trazidas pelo racismo, sua forma de ver a luta pelos direitos civis diferia da pregação de Malcolm X. Não podemos nos esquecer de Medgar Evers que procurou protestar e reivindicar os direitos dos afro-americanos também de forma não violenta, fez boicotes e manifestações pelos direitos civis.

Os quatro personagens aqui citados foram tocados pelos efeitos colaterais do racismo, cada um a seu modo buscou combatê-lo. A única coisa que não mudou foi o ódio que os atingiu, levando três deles a serem assassinados; James Baldwin morreria aos 63 anos de idade de câncer no estômago em 1987, na França, país que preferiu viver desde 1948.

Nos anos de 1970, apesar de todo o progresso que a luta pelos direitos civis alcançou. O *White Flight*, fuga dos brancos, era o prenúncio de que o afro-americano não seria facilmente aceito naquela sociedade como um igual. A ideia de “separados mais iguais” aparentemente era mais reconfortante para a classe branca que sempre viveu longe da negritude. Principalmente em um país que acredita que há apenas quatro grupos raciais sendo a branca a melhor e a negra a pior de todas, relegando o negro ao gueto e a consequente pobreza concentrada. E ainda na década de 1970, a luta pela dessegregação nas escolas, fato que não deveria mais existir, mas que ainda era pauta naquele momento. E que gerou violência, protestos e revolta de ambas as partes. Deixando óbvio que a questão racial não havia sido superada naquele país. A Guerra às Drogas do ex-presidente Richard Nixon foi o subterfúgio que seria utilizado várias vezes ao longo das décadas contra as minorias sempre que necessário.

Ronald Reagan e seu slogan, *Fazer a América Grande Novamente*, com a carga de racismo implícita nas entrelinhas, na década de 1980, veio trazendo mudanças que afetaram diretamente a comunidade afro-americana mais pobre. Com redução dos programas sociais, o aumento do trabalho sem aumento na

remuneração e cortes nos investimentos para as cidades, principalmente aquelas que contavam com administradores negros.

Mas da pobreza emerge o Hip Hop, um desabafo, um grito no meio de tanta carência, o jovem do gueto quer falar aquilo que vive. Sua rima é a sua arte, é a sua arma. E logo vem o grupo *Public Enemy com o seu Fight the Power* (Lute com o Poder) trazendo força e motivando os afro-americanos a continuar. O reverendo Jesse Jackson, vinha, também, valentemente lutando contra o sistema, mas na política. Ele buscava a sua candidatura para presidente da república. Apesar de não ter conseguido o seu intento, tornou-se um símbolo de resistência, um exemplo de que “precisamos fazer alguma coisa para mudar o sistema”.

Mas o Crack também chegou nos bairros pobres assim como chegou em toda a América. A diferença foi que o crack foi associado às pessoas negras, enquanto a cocaína associada às pessoas brancas. A consequência foi a pena por portar cinco gramas de crack ser 100 vezes mais pesada do que alguém que porta cinco gramas de cocaína, conforme vimos. E, conseqüentemente, as prisões começam a ficar abarrotadas de afro-americanos cumprindo penas pesadas. E mais uma vez a juventude negra vem com um novo estilo de Hip Hop, apelidado de *Gangsta Rap* ou Rap da Realidade. Mais provocativo, mais duro, mais pesado e contando as histórias da comunidade afro-americana. E, muitas vezes, a sua própria história.

Chegando à década de 1990, o presidente George Bush (pai), conservador, estando no poder desde 1989 a 1993, indicou para a Suprema Corte dos EUA outro conservador, o juiz negro Clarence Thomas, que apesar de ter sido beneficiado pelas ações afirmativas, era contra elas. E achava que o negro já havia recebido benefícios demais. A representatividade nem sempre é positiva. Muitas vezes, políticos se utilizam da etnia de uma determinada pessoa e fazem com que ela declare ser contra ações que beneficiariam o seu próprio grupo étnico, demonstrando assim que, aquele político, não é racista, pois quem está falando é o próprio negro, é o próprio indígena, é o próprio hispânico. Fazendo com que aquelas reivindicações ou ações sejam desconsideradas, invalidadas. Para pessoas que se utilizam desse método, um negro ou um hispânico já representa toda a comunidade. Com isso, o político demonstra que a sua alegação, seja ela qual for, está legitimada.

Enquanto alguns acreditam que o negro já havia tido muitos benefícios, Rodney King é brutalmente espancado por policiais, que só foram à justiça por terem

sido gravados. Porém, os policiais foram absolvidos, provocando vários tumultos pela cidade de Los Angeles.

E para acirrar os ânimos de afro-americanos e brancos, o julgamento de OJ Simpson, pelo assassinato de um casal branco, tomou conta do país. Não importava se ele era culpado ou inocente; a torcida era a seguinte: para os negros, ele era inocente; para os brancos, culpado. Estudando o caso, talvez o veredito de inocente tenha sido um tipo de catarse para os afro-americanos, que já tinha ouvido tantas vezes o mesmo veredito para pessoas brancas que eram, aos olhos da opinião pública afro-americana, culpadas por terem cometido algum tipo de arbitrariedade contra a pessoa negra, geralmente violência física. A inocência de OJ Simpson foi comemorada pela grande maioria dos afro-americanos e lamentada pela grande maioria das pessoas brancas estadunidenses.

A partir de 1993 a 2001, Bill Clinton passa a ser o novo presidente do país. Os Estados Unidos da América viveram um bom momento econômico, ele nomeou afrodescendentes na sua administração para altos cargos. Mas a assinatura da Lei das três condenações, levou 250.000 pessoas a mais para as prisões e a maioria deles de pessoas negras. Mais uma vez haviam encontrado uma maneira de tirar o afrodescendente das ruas¹²⁴. Importante entender que, se uma pessoa cometesse um crime grave, passasse algum tempo encarcerado, saísse e cometesse dois crimes de menor potencial ofensivo, ele seria condenado a uma pena de no mínimo 25 anos. Sem contar que, por ter uma ficha criminal, o ex-detento terá dificuldades para encontrar um bom emprego, e conseguir até mesmo auxílios públicos. Na teoria, a lógica do sistema deveria ser a reabilitação, mas o que se tem é: encarcerar para alijar. Uma vez reabilitado, o recém-liberto deveria contar com o apoio do próprio sistema para poder se reintegrar à sociedade. Porém, em uma sociedade racista, com um sistema carcerário falido, com superlotação (principalmente sendo habitado pelas minorias), nem as autoridades responsáveis por todo esse sistema de “justiça” sabem o que fazer com o detento e com o ex-detento. Conforme vimos, ao passar dos anos, políticos, conservadores e liberais, perceberam que o sistema carcerário está inchado e que penas desproporcionais foram aplicadas ocasionando

¹²⁴ Os Estados Unidos têm 5% da população mundial, mas 25% da população carcerária. Dos 2,3 milhões de pessoas na prisão no país, um milhão são negras: cerca de 40% para uma minoria que representa apenas 13% da população. E são negras 30% das vítimas de disparos da polícia. Fonte: El País, 2015, on-line.

a superlotação e, conseqüentemente, um problema maior para a sociedade, pois o que fazer com essa massa carcerária?

A lógica do encarceramento em massa e a prisão sem critérios corretos é prejudicial para toda a sociedade. Falando especificamente do afro-americano, vejamos o que ocorre: retira-se das ruas um suposto delinquente recém-saído da adolescência e que, muitas vezes, possui um histórico problemático devido a tudo que ele foi exposto ao longo de sua vida e, como vimos, a própria sociedade preconceituosa se encarrega de segregar os grupos minoritários para que tenham menos oportunidades. Esse jovem, que foi pego por tráfico de drogas (delito mais comum, que leva a maioria dos jovens para as prisões), terá pela frente uma pena de seis a sete anos a cumprir a depender da quantidade de droga encontrada com ele. Uma vez encarcerado, o sistema como um todo (detentos mais antigos, carcereiros, guardas, juízes, promotores) se encarrega de desumanizar o detento. Quanto mais violento o sistema se apresenta, mais desumano aquele jovem será. Até que um dia ele é colocado em liberdade, o sistema desumaniza e devolve o ex-detento pronto para cometer todo o tipo de delito. E quem sofre as consequências desta metamorfose? A própria sociedade que não enxerga o monstro que o sistema criou e apoia a construção de prisões ao invés de escolas e centros de apoio às famílias carentes com cursos profissionalizantes e assistência psicológica. A ironia é que o sistema falido se encarrega de responsabilizar exatamente esse mesmo jovem por não levar uma vida digna. O interessante é que um jovem branco de classe média que comete algum delito é tratado como vítima e a sociedade se pergunta: “onde nós erramos?”; enquanto, para o jovem negro, o encarceramento ou a morte parecem ser as únicas saídas plausíveis, pois, neste caso o sistema não errou, o intuito sempre foi o extermínio.

Michelle Alexander (2017, ps. 109-110) discute o encarceramento em massa como uma modalidade de segregação em seu livro¹²⁵ e traz um panorama diferente daquele em que vemos na televisão em que apenas o culpado é sentenciado dentro de um sistema justo e quase infalível:

Aqueles que foram sugados pelo sistema de justiça criminal sabem que o modo como o sistema de fato funciona guarda pouca semelhança com o que acontece na televisão ou nos filmes. Exames exaustivos de culpa ou inocência raramente ocorrem; muitas pessoas nem mesmo se encontram com um advogado; testemunhas são rotineiramente pagas ou coagidas pelo

¹²⁵ A nova segregação – racismo e encarceramento em massa. – Autora: Michelle Alexandre.

governo; a polícia para e revista pessoas sem motivo nenhum; as penas para muitos crimes são tão severas que pessoas inocentes se declaram culpadas, aceitando negociações injustas para evitar sentenças obrigatórias severas demais; e crianças de catorze anos são enviadas a prisões de adultos. Princípios legais e processuais, como “culpa para além da dúvida razoável”, “causa provável” ou “fundada suspeita”, podem ser encontrados facilmente em séries de tribunais ou nos livros de faculdade de direito, mas são muito difíceis de serem vistos na vida real.

Anos mais tarde, o ex-presidente Bill Clinton declarou que havia cometido um erro aprovando a lei. E não estamos alegando que apenas esta lei foi responsável pelo encarceramento em massa, mas, na realidade, foi um conjunto de medidas ao longo das décadas que levaram a esta realidade, principalmente a partir dos anos de 1960, quando a segregação deixa de ser legal e, conseqüentemente, o encarceramento em massa passa a ser uma opção mais presente. Outro ponto importante é que, os chamados crimes de colarinho branco como corrupção, sonegação, fraude e desvio de verbas públicas são crimes mais tolerados pela sociedade. Às vezes, os próprios eleitores justificam o delito de seu candidato que sonegou imposto ou que cometeu fraude, por exemplo.

O país agora se encontra sob a administração do presidente George W. Bush (2001-2009); em 2005, ele viu a devastação que o furacão Katrina causou nos estados de Louisiana, Mississippi e Alabama. O socorro que demorou a chegar, a falta de empatia e solidariedade dificultaram a situação daqueles que já estavam sofrendo com as conseqüências das enchentes e foram comprovações gritantes de que a comunidade afro-americana pobre do país não era vista e nem lembrada. Kanye West lança a frase que soou como um desabafo de muitos afro-americanos naquele momento: “George Bush não se importa com os negros!” Políticos indignados com a situação de penúria das vítimas do furacão Katrina começam a agir, dentre eles, o então senador Barak Obama que começa a sua campanha em prol das vítimas do furacão Katrina e dá luz ao que estava ocorrendo naqueles estados atingidos.

Devido à exposição do então senador Obama durante todo aquele período de crise, ele ficou conhecido nacionalmente e percebeu que, talvez, o momento fosse aquele. Ele se lança como candidato à presidência da república. A resposta da maioria da nação à possibilidade de mudança e de um país mais plural, foi a vitória de Barak Obama como presidente (2009-2017).

Porém, a todo o momento, Obama era lembrado de sua etnia. Quando havia protestos contra a sua administração, frases ofensivas escritas em cartazes o

lembrava de sua origem e de sua cor. Interessante observar que, ninguém se lembra da cor/raça dos presidentes brancos em protestos contra eles, mas Obama era julgado principalmente por sua “raça”. Fator que é esquecido quando se tem um administrador do país caucasiano, pois a raça é apenas para os demais grupos e é utilizada como uma forma de hierarquização, portanto, Obama poderia ser o presidente, mas por ser negro era “inferior” ao homem branco.

Donald Trump insistia em dizer que Obama não era americano, e consequentemente, não poderia estar ocupando a cadeira de presidente. Obama, por sua vez, foi obrigado a apresentar a sua certidão de nascimento. Nas entrelinhas o que se declarava era: “Obama não é um americano legítimo, ele não é branco. Não pode ser presidente dos Estados Unidos”. Relembrando muito o caso Dred Scott de 1858, e que vimos anteriormente, citamos aqui parte da decisão da Suprema Corte:

"A questão é simplesmente a seguinte: Pode um negro, cujos ancestrais foram importados para este país, e vendidos como escravos, tornar-se membro da comunidade política formada e constituída pela Constituição dos Estados Unidos e, como tal, fazer jus aos privilégios, imunidades e garantias oferecidas aos cidadãos? "Pensamos que não. (MIGALHAS, 2021, on-line)

A lógica desta decisão permeia parte do imaginário do povo estadunidense branco. Por isso, ressaltamos que, mesmo a maior autoridade do país não estava a salvo de ser julgada pela cor da pele, imaginemos as possíveis arbitrariedades que o afro-americano comum está sujeito a sofrer em seu dia a dia. Elencamos aqui fatos ocorridos com cidadãos afro-americanos que citamos anteriormente e que agora detalhamos: No dia 17 de julho de 2014, em *Staten Island*, Nova York, *Eric Garner* foi sufocado por um policial que o estava contendo, ele falou repetidas vezes: “não consigo respirar”, o grande júri não achou motivos para indiciar o policial; em 9 de agosto de 2014 Michael Brown foi morto por um policial e seu corpo ficou estendido no local da ação por horas, como um aviso aos demais moradores, sua morte causou a revolta dos residentes locais de Ferguson, no Missouri. E a reação mais violenta, ainda da polícia, que até possuía veículo blindado de controle de distúrbio civil, o popular tanque, chocou o país. Em 22 de novembro do mesmo ano, Tamir Rice de 12 anos de idade foi morto por um policial, que pensou que ele estava armado, quando na realidade ele estava com uma arma de brinquedo; em 10 de julho de 2015, Sandra Bland, uma mulher afro-americana de 28 anos de idade, que dirigia o seu carro, é parada por um policial por não ter dado seta ao fazer uma

conversação, o policial solicita que ela apague o cigarro para falar com ele, ela se recusa, a ocorrência termina com Sandra fora do carro e fora do alcance das câmeras reclamando por estar sendo agredida, ouvem-se apenas os gritos do policial e o choro de Sandra, três dias após ser presa, ela é encontrada morta por enforcamento em sua cela, as autoridades alegaram que ela se suicidou. Não à toa o Movimento Vidas Negras Importam, que foi criado em 2013, procura dar voz àqueles que foram tolhidos pelo sistema.

E no meio de tanta violência e falta de esperança em ver a justiça ser feita, a arte surge para dar luz às nossas ânsias. O filme *Infiltrado na Klan* de 2018, do diretor Spike Lee vem com a força da história, ambientado na década de 1970, nos faz viajar no tempo e ter a sensação de que estamos mesmo ali. Com o Movimento Black Power; a luta dos estudantes negros universitários; o discurso emblemático de Stokely Carmichael/Kwame Touré, que uma vez mais nos faz meditar sobre a condição do negro em uma sociedade que o ensina a não se aceitar e diminuir-se perante a lógica eurocêntrica de supremacia; o linchamento de Jesse Washington em 1916, narrado por Jerome Turner, papel do ator e ativista Harry Belafonte, nos traz a dimensão da tensão e do ódio da população branca de Waco, Texas, contra os afro-americanos. Tensão e ódio que se estendiam por toda a nação. E a mensagem final é que precisamos estar sempre alertas, pois o ódio não descansa. No mesmo ano somos presenteados com *O Pantera Negra*, que nos traz Chadwick Boseman, como o personagem principal e que foi um herói nas telas e na vida real, pois lutava contra um câncer colorretal, infelizmente, ele nos deixou, mas seu legado de persistência e de coragem ecoaram para os fãs e na comunidade negra; transformando o filme, *Pantera Negra*, ao mesmo tempo que em uma exaltação das raízes do povo negro, também, em uma carinhosa despedida. Esses filmes vêm como um acalento na luta diária da população afro-americana e para todos aqueles que não concordam com a política de segregação imposta às minorias.

Na época em que os dois filmes citados foram lançados, o presidente dos EUA era Donald Trump (2017-2021). Sua eleição foi marcada por denúncias de *fake news* e da tentativa de impedir afro-americanos de votar, induzidos ao erro. Seu slogan, já utilizado anteriormente pelo ex-presidente Ronald Reagan e, com toda a carga de significado velado para a população branca do país, era: “Faça a América Grande Novamente”. Se a campanha de Barak Obama foi marcada pela frase: “Sim, nós podemos”; a de Donald Trump sugeria uma volta ao passado, isto é, “se não

deu certo com Obama, vamos voltar ao que sempre fomos.”. David Duke, o antigo grande mago da Ku Klux Klan, é um apoiador entusiasmado de Trump. Nas eleições de 2016, 3,5 milhões de eleitores negros foram afetados com o envio de notícias mentirosas.

Percebemos como a tensão racial permeou tanto a campanha de Obama, quanto a de Trump em sentidos opostos. Enquanto o primeiro buscava agregar, juntar todos em um só país; o segundo buscava trazer o país de volta aos *good old times* (velhos bons tempos) da segregação (frase utilizada por Trump), em que as minorias “sabiam o seu lugar” e saíam apanhando ou eram mortas se protestassem. Isso porque, conforme vimos, enquanto para o afro-americano as conquistas são progressos alcançados; para o branco estadunidense, as conquistas dos negros são oportunidades a menos para ele, que se ressentia do privilégio perdido e que antigamente era apenas de sua classe caucasiana. Trump soube utilizar muito bem essa lógica na campanha de 2016, pois sabia que havia uma parcela da população ressentida por haver um negro no cargo de presidente da nação.

Nas eleições de 2020, novamente o alvo era o eleitor negro, mas desta vez eles queriam convencer o negro a votar em Trump, utilizando-se, uma vez mais, de notícias falsas. O que eles não contavam foi a morte de George Floyd, novamente um afro-americano era gravado sendo agredido pedindo socorro dizendo: “não consigo respirar!” Aquela súplica que foi ignorada pelos seus agressores, levou George Floyd à morte e aos protestos que se seguiram. Fazendo com que Trump apoiasse um lado, muito embora ele quisesse se equilibrar entre os dois lados, o que se percebeu é que ele queria suprimir as manifestações de forma violenta e que a morte de Floyd não foi tão importante para ele. Novamente a raça faz a diferença, pois dentre todos os fatores que fizeram com que ele perdesse as eleições, a maneira como ele lidou com as manifestações e o assassinato de George Floyd também contribuíram para a sua derrota nas urnas.

Não podemos nos esquecer de Tyre Nichols que perdeu a sua vida em 10 de janeiro de 2023, já sob a administração de Joe Biden (2021-2024), que declarou que a morte de Tyre Nichols era um lembrete doloroso de que o país deve fazer mais para garantir que o sistema de justiça criminal cumpra a promessa de justiça justa e imparcial, tratamento igualitário e dignidade para todos. Além de reconhecer que a violência policial afeta pessoas não brancas desproporcionalmente. Precisamos lembrar que foi o presidente Biden que promulgou, em 29 de março de 2022, o fim

de uma prática vergonhosa para o país, o linchamento, tornando-o um crime federal de ódio. Nos Estados Unidos há um ditado, *old habits die hard*, (é difícil mudar velhos hábitos) ele resume bem a prática do linchamento que estava lá, pronta para ser utilizada a qualquer momento; para um país que se considera desenvolvido ou de primeiro mundo, os Estados Unidos da América ainda possuem dificuldades para pacificarem os grupos étnicos e conviverem como uma só nação, sem se matarem e cometerem arbitrariedades monstruosas com outros seres humanos que diferem apenas na cor da pele, isso tudo em pleno século 21. Ousamos duvidar do suposto avanço de primeiro mundo enquanto problemas basilares ainda assolam um país que quer servir de exemplo para o mundo, isto é, em matéria de direitos humanos, precisam, sim, se desenvolver.

Ao estudarmos a história do povo afro-americano e toda a sua luta em períodos diferentes ao longo das décadas, constatamos várias consequências associadas à dinâmica enfrentada por eles naquela sociedade, para o nosso estudo, elencaremos três delas que são: a hipervigilância, insegurança jurídica e embaraço no direito ao voto, pois essas são necessárias para embasar a nossa hipótese, explicamos cada uma delas a seguir.

Constatamos que nos EUA os afro-americanos nunca foram aceitos como filhos da terra por uma parcela da população branca, há um ressentimento perene entre essa parcela de brancos americanos contra afro-americanos que começou a partir de 1865, pois antes disso, o afro-americano era mercadoria, investimento, mão de obra, portanto, deveria ser preservado. Notamos aí, a inversão de valores, eles escravizaram, separaram famílias, mataram, estupraram e, ainda assim, se sentem no direito de se ressentirem à tentativa de se elevar o negro ao status de ser humano e livre. Ressentimento que paira no ar e permeia as relações sociais, o afro-americano corre o risco de perder a vida em uma abordagem policial esteja ele em um veículo ou a pé, simplesmente devido à cor da sua pele, isto é, há um sentimento (do cidadão afro-americano) de que a sentença de morte já foi decretada, bastando apenas ser executada, haja vista os casos de George Floyd e de Tyre Nichols, que não são, de modo algum, casos isolados, o que gera o estado

de hipervigilância¹²⁶, que está associado, dentre outros fatores, à ¹²⁷ansiedade, principalmente para os afro-americanos mais pobres, importante ressaltar que o velho ditado utilizado no Brasil, “quem não deve não teme” ou o seu equivalente em inglês, (*if you have nothing to hide you have nothing to fear*), não é válido para esse grupo. Tanto no ordenamento jurídico americano quanto no brasileiro, existe o que chamamos de presunção de inocência, isto é, um cidadão é inocente até que se prove o contrário, porém quando se trata do afro-americano a lógica muitas vezes é inversa: o negro é culpado até que se prove o contrário, conseqüentemente, esta situação gera o que chamamos de insegurança jurídica.

A insegurança jurídica se dá uma vez que, penas são aplicadas devido à aparência do réu, se escuro, penas mais pesadas; se caucasiano, penas mais brandas; quando associamos um tipo de droga (crack) a uma etnia (afro-americanos) e associamos a cocaína à pessoas brancas, aumentando em 100 vezes a pena por porte de crack mesmo que sejam cinco gramas, enquanto que a pessoa que porta a mesma quantidade de cocaína tem uma pena branda; sabendo-se que a base do crack é a cocaína; quando se estabelecem leis que geram o encarceramento em massa da população afro-americana; quando eles buscam do estado a reparação por uma ação visivelmente desastrosa cometida por um agente estatal, eles correm o risco de ter o seu pedido indeferido, caso não haja vídeos, mídia envolvida e provas contundentes do mal causado. Em oposição ao que ocorre com uma vítima caucasiana, que são em número menor e têm maior probabilidade de serem atendidas pelo estado, mesmo que não haja a mesma quantidade de provas exigidas para os afro-americanos.

O embaraço¹²⁸ no direito ao voto se dá quando o afro-americano é impedido de votar livremente, sem dificuldades geradas por leis que exigem foto em algum documento, comprovante de endereço; dificuldades por ter alguma passagem pela polícia, tornando o seu voto inválido, ou notícias falsas vinculadas pelo particular

¹²⁶ A hipervigilância caracteriza-se como um estado em que o indivíduo está atento a um estímulo novo a cada momento, deslocando a sua atenção de um fato para outro, com grande rapidez. Fonte: Mezzasalma e Tavares, 2003, ps. 272-275.

¹²⁷ Não é a nossa intenção nos aprofundar nos traumas psicológicos causados pelo racismo, uma vez que não é a nossa formação, e nem o escopo deste trabalho; porém ao estudarmos tantos casos de morte e agressões, não poderíamos deixar de citar uma das conseqüências explícitas do racismo para os negros. Nota do Autor.

¹²⁸ Impedimento, obstáculo, estorvo, dificuldade. Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986, p.630.

com intuito de fazer com que os afro-americanos desistam de votar; com isso, o afro-americano acaba sendo conduzido a um momento da história em que o direito ao sufrágio era apenas um ideal a ser perseguido e, conseqüentemente, o afro-americano é colocado no posto de cidadão de segunda classe, pois ele precisa estar sempre atento para, pelo menos, obter o direito de "respirar livremente", isto é, lutar a todo momento pelos seus direitos integrais de cidadão, tal qual os possuem o cidadão caucasiano, pois estes têm como certo que o país foi moldado para eles. Em suma, a cor da pele dita se um cidadão se sente mais ou menos atendido pelo poder público, influência nas suas percepções de mundo e contribui em seu comportamento nas relações sociais.

Enquanto não houver a extirpação dessa lógica racial tão enraizada em certas sociedades e especificamente na sociedade estadunidense, enquanto os direitos do homem esbarrarem na avaliação da cor da pele antes de qualquer outro julgamento, enquanto políticos jogarem com os ressentimentos raciais do povo americano para conseguir votos da maioria branca em detrimento das minorias, teremos o que vimos dentro dos filmes e documentários, o apartheid estadunidense.

Referências

- O Tempo. "O tempo." *O tempo*. 29 de Maio de 2020. <https://www.otempo.com.br/mundo/novo-video-mostra-george-floyd-dominado-por-tres-policiais-antes-de-morrer-1.2343762> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).
- ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ALMA PRETA. 24 de Março de 2022. <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/o-nariz-e-o-pregador-quem-te-ensinou-a-se-odiar> (acesso em 19 de Setembro de 2023).
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *RACISMO ESTRUTURAL [Recurso Eletrônico]*. 1ª. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALTMAN, Max. "UOL." *OPERA MUNDI*. 12 de Junho de 2014. <https://operamundi.uol.com.br/historia/35640/hoje-na-historia-1963-ativista-negro-de-direitos-civis-medgar-wiley-evers-e-assassinado> (acesso em 6 de Novembro de 2023).
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo [Recurso Eletrônico]*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 2002.
- AUMONT, Jacques. *A estética do filme*. 9ª Edição. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas - SP: Papyrus, 2012.
- BALDWIN, James, entrevista feita por Elsa Knight Thompson e John Leonard. Los Angeles, (1963).
- . *Da próxima vez o fogo*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1965.
- BALDWIN, James et PECK, Raoul. *Eu não sou o seu negro*. Nova York: Vintage International, 2017.
- BALDWIN, James. "O Estranho no Vilarejo." *SERROTE - UMA REVISTA DE ENSAIOS, ARTES VISUAIS, IDEIAS E LITERATURA*, 2017: 116-125.
- . *Relatório de um território ocupado - Tradução de Osmundo Pinho*. 2016. <http://corpoepolitica.blogspot.com/> (acesso em 30 de Dez de 2019).
- . *Se a rua Beale falasse*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BARTHES, Roland. "A Escuta." Em *O óbvio e o obtuso - ensaios críticos III*, por Roland BARTHES, 217-229. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BATES, Karen Grigsby. "Cod Switch - race. in your face." *npr.org*. 19 de Novembro de 2013. <https://www.npr.org/sections/codeswitch/2013/11/18/246049802/an->

appreciation-essences-cover-girl-barbara-cheeseborough (acesso em 4 de Novembro de 2023).

BAUMAN, Zygmunt. *A SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA: Vidas Contadas e Histórias Vividas*. Tradução: José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BBC News Brasil. "BBC News Brasil - Morte de George Floyd: Trump promete acionar Forças Armadas para conter tumultos em protestos." *BBC News Brasil*. 1 de Junho de 2020. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52886923> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).

BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BEZERRA, Juliana. "Toda a Matéria." *Toda a Matéria*. s.d. <https://www.todamateria.com.br/conferencia-de-berlim/#:~:text=Estiveram%20presentes%20as%20na%C3%A7%C3%B5es%20imperialistas,H%C3%BAngaro%20e%20Imp%C3%A9rio%20Turco%20Otomano>. (acesso em 8 de Janeiro de 2024).

BHABHA, Homi. *O Bazar Global e o Clube dos Cavalheiros Ingleses*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

—. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BLAKEMORE, Erin. "National Geographic - História." *National Geographic Brasil*. 23 de Fevereiro de 2021. <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2021/02/reconstrucao-deu-esperancas-de-igualdade-para-populacao-negra-dos-eua> (acesso em 26 de Novembro de 2023).

BLOG FANTASMA BRASIL. "Fantasma Brasil." *Blog Fantasma Brasil*. 11 de Abril de 2013. https://fantasmabrasil.blogspot.com/2013/04/curiosidades-sobre-o-fantasma_10.html (acesso em 13 de Janeiro de 2024).

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler. Elenco: Chadwick Boseman, Lupita Nyong'o e Michael B. Jordan. 2018.

BRASIL. *Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre o Estatuto da Igualdade Racial*. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010.

BRIDI, Natália. "Omelete ." *Omelete* . 2 de Fevereiro de 2018. <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/pantera-negra-critica> (acesso em 9 de Janeiro de 2024).

BRITANNICA. *Britannica*. 22 de Março de 2023. <https://www.britannica.com/biography/Sekou-Toure> (acesso em 3 de Janeiro de 2024).

—. *Britannica*. 17 de Novembro de 2023. <https://www.britannica.com/biography/Kwame-Nkrumah> (acesso em 3 de Janeiro de 2024).

- BRITANNICA, Os Editores da enciclopédia. "Thomas Dixon." *Encyclopedia Britannica*. 20 de julho de 1998. <https://www.britannica.com/biography/Thomas-Dixon> (acesso em 12 de junho de 2020).
- BRITANNICA, Os editores da Encyclopaedia. "apartheid." *Encyclopedia Britannica*. 28 de Setembro de 2023. <https://www.britannica.com/topic/apartheid> (acesso em 07 de Outubro de 2023).
- BUCK-MORSS, Susan. *A tela do cinema como prótese de percepção*. Desterro, Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009.
- BURROGHS, E. R. *Tarzan of the Apes*. USA: Planet eBook, 2017.
- CAETANO, Michelle S. "SHAFT E O MOVIMENTO BLAXPLOITATION: A EMERGÊNCIA DO PROTAGONISMO NEGRO NOS ANOS SETENTA." *XIII Encontro Estadual de História - Histórias e Mídias: Narrativas em Disputa*, 15 a 18 de Setembro de 2020: 1-11.
- CANALCURTA. 17 de Setembro de 2023. [tps://canalcurta.tv.br/series/o-movimento-negro-nos-estados-unidos-desde-martin-luther-king](https://canalcurta.tv.br/series/o-movimento-negro-nos-estados-unidos-desde-martin-luther-king) (acesso em 17 de Setembro de 2023).
- CARNEIRO, Raquel. "Veja." *Veja.abril*. 30 de Novembro de 2018. <https://veja.abril.com.br/coluna/e-tudo-historia/infiltrado-na-klan-a-historia-do-policia-negro-que-enganou-os-racistas> (acesso em 7 de Janeiro de 2024).
- CARVALHO, Leandro. *História do Mundo*. 2020. <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/projeto-genoma-e-a-especie-humana.htm> (acesso em 12 de junho de 2020).
- CINE UM . "Cine Um Curso de Cinema." *Cine Um*. 28 de Março de 2015. <https://cinemacineum.blogspot.com/2015/03/Blaxploitation.html> (acesso em 5 de Janeiro de 2024).
- CNN Brasil . "CNN Brasil." *CNN Brasil*. 28 de Maio de 2020. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/estas-sao-as-imagens-de-george-floyd-que-voce-deveria-ver/> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).
- CNN Brasil. "CNN Brasil ." *CNN Brasil*. 18 de Setembro de 2023. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/minha-decisao-diz-trump-sobre-tentativa-de-reverter-resultados-eleitorais-de-2020/> (acesso em 25 de Janeiro de 2024).
- . "CNN Brasil." *CNN Brasil*. 28 de Maio de 2020. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/estas-sao-as-imagens-de-george-floyd-que-voce-deveria-ver/> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).
- . "CNN Brasil." *CNN Brasil*. 12 de Julho de 2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-foi-responsavel-por-incitar-invasao-ao-capitolio-dizem-testemunhas-em-comissao/> (acesso em 24 de Janeiro de 2024).

- COLE, Teju. "Um corpo negro." *SERROTE - UMA REVISTA DE ENSAIOS, ARTES VISUAIS, IDEIAS E LITERATURA*, nº 26 (Jul 2017): 132-141.
- X-Onerated - The murder of Malcolm X and the 55 Year for Justice*. Direção: Jeanmarie Condon e Tine Fields. Produção: Ely Brown, Jon Goodman e Taigi Smith. 2022.
- CORRÊA, Alessandra. *BBC NEWS Brasil*. 17 de Fevereiro de 2021. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56095921> (acesso em 1 de Novembro de 2023).
- COVRE, Giulia. "Papel Pop." *Papel Pop*. 21 de Fevereiro de 2018. <https://www.papelpop.com/2018/02/referencias-do-figurino-de-pantera-negra/> (acesso em 13 de Janeiro de 2024).
- CULTURA GENIAL. *Cultura Genial*. 2018. <https://www.culturagenial.com/filme-infiltrado-na-klan/> (acesso em 3 de Janeiro de 2023).
- CUNHA, Instituto Euclides da. "Língua Brasil ." *Língua Brasil - Instituto Euclides da Cunha*. s.d. <https://www.linguabrasil.com.br/mural-consultas-detail.php?id=4772> (acesso em 28 de Novembro de 2023).
- DA AGÊNCIA Efe. *g1 Mundo*. 3 de Março de 2016. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/caso-que-gerou-disturbios-raciais-de-los-angeles-completa-25-anos.html> (acesso em 24 de Dezembro de 2023).
- INFILTRADO NA KLAN*. Direção: Spike Lee. Elenco: John David Washington, Adam Driver e Laura Harrier. 2018.
- DICIONÁRIO ONLINE. *Dici - Dicionário Online de Português*. 2024. <https://www.dicio.com.br/titereiro/> (acesso em 4 de Janeiro de 2024).
- RELATOS DO FRONT - A OUTRA FACE DO CARTÃO POSTAL*. Direção: Renato Martins. Elenco: Luis Antonio Simas, Flavia Oliveira, Jessé Souza... Dina Paes. 2022.
- DISNEY. "Disney." *Disney*. 2022. <https://www.disney.com.br/novidades/tbt-marvel-insider-relembre-o-surgimento-do-pantera-negra> (acesso em 8 de Janeiro de 2024).
- DISNEY PLUS. "Disney Plus Brasil." *Guia Disney Plus*. 26 de Setembro de 2022. <https://disneyplusbrasil.com.br/o-verdadeiro-motivo-pelo-qual-a-marvel-nao-substituiu-chadwick-boseman-em-pantera-negra-2/> (acesso em 11 de Janeiro de 2024).
- DIXON, Thomas. *The clamsman*. New York: A. Wessels Company, 1907.
- DOUGLASS, Frederick. *A vida e a época de Frederick Douglass escritas por ele mesmo*. 1ªed. Tradução: Rogerio W. Galindo. São Paulo: Carambaia, 2022.
- DU BOIS, W.E.B. *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021.
- A 13ª Emenda*. Direção: Ava DUVERNAY. Elenco: Ava DUVERNAY. 2016.

- DUVERNAY, Ava, entrevista feita por Oprah Winfrey. *A 13ª Emenda: Oprah Winfrey entrevista Ava DuVernay* (31 de Janeiro de 2017).
- EDUCABRAS. “EducaBras.” *EducaBras*. 2023. https://www.educabras.com/para_curiosos/pormenor/o_que_foi_a_declaracao_dos_direitos (acesso em 12 de Dezembro de 2023).
- EDUCALINGO. *Educalingo Dicionário*. 2023. <https://educalingo.com/pt/dic-en/gangsta-rap> (acesso em 22 de Dezembro de 2023).
- EL PAÍS. “El País Internacional.” *El País*. 5 de Maio de 2015. https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/04/internacional/1430773942_874432.html (acesso em 30 de Janeiro de 2024).
- ENCICLOPEDIA.COM. “*Lei Omnibus de Controle do Crime e Ruas Seguras de 1968.*” *Principais Atos do Congresso*. 11 de Dezembro de 2023. <https://www.encyclopedia.com/history/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/omnibus-crime-control-and-safe-streets-act-1968> (acesso em 25 de Dezembro de 2023).
- ESTADO DE MINAS . “Estado de Minas Diversidade .” *Estado de Minas* . 15 de Setembro de 2022. <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/15/noticia-diversidade,1394033/a-mulher-rei-filme-de-viola-davis-conta-historia-real.shtml> (acesso em 13 de Janeiro de 2024).
- EUA. “Constituição dos Estados Unidos da América .” *Biblioteca Virtual de Direitos Humanos*. 1787. <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/constituicao-dos-estados-unidos-da-america-1787.html> (acesso em 6 de Dezembro de 2020).
- . *Declaração de direitos do bom povo de Virgínia - 1776*. 16 de jun de 1776. <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-bom-povo-de-virginia-1776.html> (acesso em 6 de Dezembro de 2020).
- CAPITÃO AMÉRICA: GUERRA CIVIL. Direção: Anthony Russo e Joe Russo. Elenco: Chris Evans, Robert Downey Jr e Chadwick Boseman. 2016.
- EVERS-WILLIAMS, MYRLIE, e MANNING MARABLE. *A Autobiografia de Medgar Evers: A Vida e Legado de Um Herói Revelado Por Suas Escritas, Letras e Discursos*. Edição: Civitas Book. New York: A Member of the Perseus Books Group, 2005 Livro eletrônico. 6460 posições.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAROFA GEEK. “Farofa Geek.” *Farofa Geek*. 2 de Dezembro de 2018. <https://farofageek.com.br/filmes/infiltrado-na-klan-4-referencias-historicas-filme-de-spike-lee/> (acesso em 7 de Janeiro de 2024).

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- FIGUEIRA, Ricardo. "Euronews." *Euronews*. 30 de Junho de 2020. <https://pt.euronews.com/2020/06/30/rei-da-belgica-pede-desculpa-pelos-massacres-no-congo> (acesso em 8 de Janeiro de 2024).
- FRAZÃO, Dilva. *e-biografia*. 20 de Janeiro de 2017. <https://www.ebiografia.com/tupac/> (acesso em 21 de Dezembro de 2023).
- FUKS, Rebecca. *e.Biografia*. 11 de Novembro de 2019. https://www.ebiografia.com/bill_clinton/ (acesso em 26 de Dezembro de 2023).
- g1. "g1 Mundo." *g1*. s.d.
- g1 Mundo. "g1." *g1 Mundo*. 28 de Janeiro de 2023. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/28/quem-era-tyre-nichols-jovem-negro-morto-apos-ser-agredido-por-policiais-nos-eua.ghtml> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).
- g1 Mundo. "g1." *g1 Mundo*. 29 de Março de 2022. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/03/29/biden-promulga-lei-que-torna-linchamento-crime-de-odio-nos-eua.ghtml> (acesso em 13 de Novembro de 2023).
- . "g1." *g1 Mundo*. 27 de Maio de 2020. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policia-branca-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).
- . "g1." *g1 Mundo*. 16 de Junho de 2023. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/06/16/george-floyd-governo-dos-eua-diz-que-policia-de-minneapolis-faz-uso-excessivo-da-forca-e-discrimina-negros.ghtml> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).
- . "g1." *g1 Mundo*. 28 de Junho de 2019. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/28/neonazista-que-atropelou-manifestantes-nos-eua-e-condenado-novamente-a-prisao-perpetua.ghtml> (acesso em 7 de Janeiro de 2024).
- GIANNINI, Alessandro. *Diretor do documentário 'Eu não sou seu negro', Raoul Peck comenta racismo de ontem e hoje*. 16 de Fev de 2017. <https://oglobo.globo.com/cultura/diretor-do-documentario-eu-nao-sou-seu-negro-raoulpeck-comenta-racismo-de-ontem-hoje-20933423> (acesso em 30 de Dez de 2019).
- . "VEJA." *Veja.abril*. 17 de Novembro de 2022. <https://veja.abril.com.br/ciencia/um-dos-inventores-do-transistor-era-racista-diz-revista-cientifica> (acesso em 7 de Janeiro de 2024).

- O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO. Direção: D. W. Griffith. Elenco: Lilian Gish, Henry B. Walthall e John Ford. 1915.
- GLOBO. *Memória Globo Coberturas*. 28 de Outubro de 2021. <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/furacao-katrina/noticia/furacao-katrina.ghtml> (acesso em 27 de Dezembro de 2023).
- FANTASMAS DO PASSADO. Direção: Rob Reiner. Elenco: Woopi Goldberg, Alec Baldwin e James Woods. 1996.
- HABEAS-CORPUS. PUBLICAÇÃO DE LIVROS: ANTI-SEMITISMO. RACISMO. CRIME IMPRESCRITÍVEL. CONCEITUAÇÃO. ABRANGÊNCIA CONSTITUCIONAL. LIBERDADE DE EXPRESSÃO. LIMITES. ORDEM DENEGADA. (STF, Sítio do Supremo Tribunal Federal 17 de Setembro de 2003).
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HYPENESS. "Hypeness." *Hypeness*. 3 de Setembro de 2018. <https://www.hypeness.com.br/2018/09/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-blackklansman-o-novo-filme-de-spike-lee/> (acesso em 7 de Janeiro de 2024).
- IMDB. 16 de 06 de 2020. https://www.imdb.com/?ref_=nv_home (acesso em 17 de Junho de 2020).
- IMDB. *IMDB*. 2018. https://www.imdb.com/title/tt7349662/?ref_=tt_mv_close (acesso em 2 de Janeiro de 2023).
- . "IMDB." *IMDB*. 2023. <https://www.imdb.com/title/tt0066626/> (acesso em 7 de Janeiro de 2024).
- JARDIM, Suzane. *Geledés Instituto da Mulher Negra*. 20 de jul. de 2016. www.geledes.org.br/o-jim-crow-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-ii/ (acesso em 21 de jan de 2019).
- KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade - Notas da mentira na era Trump*. São Paulo: Intrínseca, 2018.
- KELLNER, Douglas. "A Cultura da Mídia e o Triunfo do Espetáculo. Tradução de Rosemary Duarte." *Líbero* 6, nº 11 (04 2014): 4-15.
- . *Media Spectacle*. 1. London: Routledge, 2003.
- KENNEDY, John F. "jfklibrary.org." *JOHN F. KENNEDY PRESIDENCIAL LIBRARY AND MUSEUM*. NATIONAL ARCHIVE Freedom of Information Act. 11 de Junho de 1961. <https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/historic-speeches/televised-address-to-the-nation-on-civil-rights> (acesso em 17 de Novembro de 2023).
- KING, Martin Luther. *A AUTOBIOGRAFIA DE MARTIN LUTHER KING, CLAYBORNE CARSON (ORG.)*. 13ª. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: SCHWARCZ S.A, 2022.

- EU NÃO SU O SEU NEGRO*. Direção: Raoul Peck. Elenco: Samuel L. Jackson, Medgar Evers e Rodney King. 2016.
- Lancaster History. "Lancaster History - Museum Store." *Lancaster History*. 2023. <https://www.lancasterhistory.org/product/thaddeus-stevens-civil-war-revolutionary/> (acesso em 10 de Dezembro de 2023).
- LIMA, Eugênio. *Blog UOL MÚSICA*. 17 de Outubro de 2014. <https://uolmusica.blogosfera.uol.com.br/2014/10/17/public-enemy-em-5-atos/> (acesso em 19 de Dezembro de 2023).
- Tarzan of the Apes*. Direção: Scott Sidney. Elenco: Elmo Lincoln e Enid Markey. 1918.
- LONGMAN. *Longman - Dicionário Escolar Inglês-Português Português-Inglês*. Essex: LONGMAN CORPUS NETWORK, 2009.
- . *Longman Advanced American Dictionary*. 1ª. Essex: Longman, 2000.
- O Movimento Negro nos EUA desde MLK e Eu Ainda Me Levanto*. Direção: Leslie Asako Gladsjo, Talleah Bridges McMahon, Sabin Streeter e Leah Williams. Elenco: Henry Louis Gates, Kathleen Cleaver e Oprah Winfrey. 2016.
- LUNATCHARSKI, Anatoli. *Revolução, Arte e Cultura*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MAGGIE, Yvonne. *g1 - Pop Arte - Blog da Yvonne Maggie*. 19 de Julho de 2019. <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/2019/07/19/oj-simpson-o-julgamento-do-seculo.ghtml> (acesso em 25 de Dezembro de 2023).
- MARABLE, Manning. *Uma vida de Reinvenções - Malcolm X*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MARS, Amanda. *EL PAÍS*. 2018. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/01/internacional/1543641335_725053.html (acesso em 24 de Dezembro de 2023).
- MBEMBE, Achille. "A Era do Humanismo Está Terminando." *Revista IHU on-line*, 01 2017.
- MBEMBE, Achille. *Crítica Da Razão Negra*. Lisboa - Portugal: Antígona Editores Refractários, 2017.
- . *SAIR DA GRANDE NOITE: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- McCarthy, Todd. "The Hollywood Reporter." *The Hollywood Reporter*. 6 de Fevereiro de 2018. <https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-reviews/black-panther-review-1080811/> (acesso em 9 de Janeiro de 2024).
- Mello, Patrícia Campos. "Folha Uol." *Folha de São Paulo*. 2 de Novembro de 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/11/desinformacao-se-tornou->

marca-registrada-das-eleicoes-dos-eua-e-negros-sao-grande-alvo.shtml
(acesso em 24 de Janeiro de 2024).

MEZZASALMA, Adriana, e Almir Tavares. "Atenção como atividade da consciência ." *Revista Médica de Minas Gerais*, 2003: 272-275.

MONGE, Yolanda. "El País." *El País*. 17 de Março de 2021.
<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-03-17/eua-afirmam-que-russia-e-ira-tentaram-manipular-o-resultado-das-eleicoes-de-2020.html> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).

MORRIS, Aldon, e Vilna Bashi TREITLER. "O ESTADO RACIAL DA UNIÃO: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América." *Caderno CRH*, Jan./Abr. de 2019: 15-31.

MORRIS, Tom. *Open Library*. 13 de junho de 2020.
https://openlibrary.org/works/OL5185442W/The_Clansman (acesso em 15 de junho de 2020).

NADER, Paulo. *Introdução ao Estudo do Direito*. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

NGANGA, João Gabriel do Nascimento. "Black Arts Movement: "Expressar a verdade a partir dos oprimidos ou opressores." *Em tempo de histórias - Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB*, 23 de Jan./Jun de 2020: 119-132.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.

NIELSEN, E. "Essence Magazine (1970 -)." *Black past.org*. 25 de Janeiro de 2022.
<https://www.blackpast.org/african-american-history/essence-magazine-1970/> (acesso em 3 de Outubro de 2023).

NUNES, Sylvia da Silveira. "Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil." São Paulo: USP, 2010.

OLLIVEIRA, Cecília. "Intercept Brasil." *Intercept Brasil*. 20 de Outubro de 2020.
<https://www.intercept.com.br/2020/10/20/eua-fazem-de-tudo-para-impedir-negros-e-latinos-de-votar/> (acesso em 23 de Janeiro de 2024).

PALMA, Enrique Marin. "De la eugenesia al proyecto genoma humano." *Anuario de la Facultad de Derecho* 4 (1994-1995): 145 - 171.

Papel Pop. "Papel Pop." *Papel Pop*. 21 de Fevereiro de 2018.
<https://www.papelpop.com/2018/02/referencias-do-figurino-de-pantera-negra/> (acesso em 13 de Janeiro de 2024).

PBS - Public Broadcasting Service. *YouTube*. Fevereiro de 2020.
https://www.youtube.com/watch?v=MRzkHgMaPL4&ab_channel=PBSNewsHour (acesso em 25 de 11 de 2021).

PINHO, Osmundo. *Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe*. 2023.
<https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-black-power#:~:text=O%20movimento%20Black%20Power%20surgiu,nos%20anos>

%20e%20d%C3%A9cadass%20seguintes. (acesso em 31 de Outubro de 2023).

PRADO, Célia Luiza Andrade. *A Tradução na Era Vargas de 1930 a 1940 - O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Ragel*. São Paulo: USP, 2015.

RAMONE, Raul. "Degenerando Neurônios." *Word.press*. 2015. <https://degenerandoblog.wordpress.com/2015/09/17/rappersdelight/> (acesso em 18 de Dezembro de 2023).

Ramos, Durval. "Canal Tech." *Canal Tech*. 4 de Dezembro de 2021. <https://canaltech.com.br/entretenimento/o-que-e-um-filme-com-trama-white-savior-202956/> (acesso em 14 de Janeiro de 2024).

RANCIÈRE, Jacques, entrevista feita por Carla Rodrigues. *A democracia que nossas oligarquias defendem é, de fato, o confisco da democracia*. (6 de setembro de 2014).

RANCIERE, Jacques. "Do medo ao terror." Em *Ensaio sobre o medo*, por Adauto Novaes, 53-71. São Paulo: Senac SP, 2009.

Rede Omnia. "História do Mundo ." *História do Mundo* . 2023. <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/ronald-reagan.htm> (acesso em 18 de Dezembro de 2023).

—. *História do Mundo*. 2023. <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/ku-klux-klan.htm> (acesso em 28 de Outubro de 2023).

REIS, Celso Ronald de Oliveira. "MACACO BRANCO NA SELVA NEGRA: A Eugenia Como Efeito Narrativo em Três Filmes de Tarzan." São Paulo, São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 10 de Junho de 2019.

—. *Tarzan: O macaco branco*. 1 vols. Santos: Cine Zen Edições Literárias, 2021.

REIS, Luis Gustavo. *OUTRAS PALAVRAS*. 9 de Agosto de 2023. <https://outraspalavras.net/historia-e-memoria/um-gay-a-frent-da-marcha-sobre-washington/#:~:text=Bayard%20e%20King,o%20jovem%20Martin%20Luther%20King>. (acesso em 21 de Novembro de 2023).

REVISTA GALILEU. *Galileu História*. 30 de Agosto de 2023. <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/historia/noticia/2023/08/guy-bluford-conheca-o-1o-astronauta-negro-da-nasa-a-ir-para-o-espaco.ghtml> (acesso em 20 de Dezembro de 2023).

ROCHA, Célia A. *A RE-SIGNIFICAÇÃO DA EUGENIA NA EDUCAÇÃO ENTRE 1946 E 1970: Um estudo sobre a construção do discurso eugênico na formação docente*. Belo Horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

RODRIGUES, Jhonatan. *RAPLOGIA*. 16 de Novembro de 2013. <https://raplogia.com.br/bring-it-back-public-enemy-fight-the-power/> (acesso em 19 de Dezembro de 2023).

- ROEPER, Richard. "Chicago Sun*Times ." *Chicago Sun*Times* . 14 de Fevereiro de 2018. <https://chicago.suntimes.com/2018/2/14/18368193/black-panther-one-of-marvel-s-best-movie-superheroes-comes-out-of-africa> (acesso em 9 de Janeiro de 2024).
- RONY, Fatimah Tobey. *The Third Eye - Race, Cinema and Ethnographic Spectacle*. Durham and London: Duke University Press, 1996.
- SHAFT*. Direção: Gordon Parks. Elenco: Richard Roundtree. 1971.
- SALANSKIS, E. "Sobre o eugenismo e sua justificativa maquiaveliana em Nietzsche." *Cadernos de Nietzsche* 32, 2013: 167-201.
- SALANSKIS, Emmanue. "Sobre o eugenismo e sua justificação maquiaveliana em Nietzsche." *Cad. Nietzsche*, nº 32 (2013): 167 - 201.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças - Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SHOHAT, Ella e Stam, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. USA: Editora Cosac e Naife, 2006.
- SILVA, Daniel Neves. UOL. 12 de junho de 2020. <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-guerra-secessao.htm> (acesso em 12 de junho de 2020).
- . "Rede Omnia." *História do Mundo*. 2023. <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm> (acesso em 4 de Novembro de 2023).
- SILVA, Daniela. *História do Mundo*. 2023. <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm> (acesso em 27 de Dezembro de 2023).
- SILVA, Juliana. *Metro*. 31 de Dezembro de 2019. https://www.metroworldnews.com.br/foco/2019/12/31/acontecimentos-marcaram-mundo-2000.html#google_vignette (acesso em 29 de Dezembro de 2023).
- STALLWORTH, Ron, e Tradução Jacqueline Damásio Valpassos. *Infiltrado na Klan*. São Paulo: Seoman, 2018.
- ABRIL, ed. *Super Interessante*. Abril. 31 de março de 2002. <https://super.abril.com.br/historia/ciencia-contra-racismo/> (acesso em 11 de junho de 2020).
- TASCHNER, Gisela B. "A Pós-Modernidade e a Sociologia." *Revista USP (USP)*, junho/agosto 1999: 6 - 9.
- TEACHING FOR CHANGE. "CIVIL RIGHTS TEACHING Clyde Kennard's Freedom and Death." *CIVIL RIGHTS TEACHING*. 2023.

<https://www.civilrightsteaching.org/1963-old/clyde-kennards-freedom-and-death> (acesso em 16 de Novembro de 2023).

TERRA. *Terra*. 28 de Julho de 2010. <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/eua-congresso-reduz-diferenca-para-posse-de-crack-e-cocaina,ac6c27721cfea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> (acesso em 22 de Dezembro de 2023).

—. “Terra.” *Terra.com*. 24 de Outubro de 2023. <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/richard-roundtree-astro-de-shaft-morre-aos-81-anos,5a3a3376ccb044b9d212510b91200555mq3s60ze.html> (acesso em 5 de Janeiro de 2024).

THE FINAL CURTAIN CALL. “The final curtain call Blog.” *The final curtain*. 13 de Outubro de 2015. <https://afinalcurtaincall.blogspot.com/2015/10/tarzan-part-1-1918-1929.html> (acesso em 5 de Janeiro de 2024).

THE GUARDIAN. *The Guardian.com*. 4 de Dezembro de 2014. <https://www.theguardian.com/us-news/video/2014/dec/04/i-cant-breathe-eric-garner-chokehold-death-video> (acesso em 31 de Dezembro de 2023).

THEOHARIS, Jeanne. *50 anos depois, ainda não aprendemos a lição de Watts*. 12 de Agosto de 2015. <https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-50-anos-depois-ainda-nao-aprendemos-licao-de-watts-17151419> (acesso em 31 de Outubro de 2023).

TIME MAGAZINE. *Time*. 17 de Novembro de 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=4V6ffUUEvaM> (acesso em 13 de Novembro de 2023).

UOL. “Cultura Uol.” *Uol*. 7 de Novembro de 2022. https://cultura.uol.com.br/noticias/colunas/habitodequadrinhos/115_pantera-negra-se-chamaria-tigre-de-carvao-e-mais-curiosidades-do-personagem.html (acesso em 8 de Janeiro de 2024).

VIDDY WELL. “Viddy-well A história do Cinema *Blaxploitation*.” *Viddy Well*. 25 de Janeiro de 2018. <https://www.viddy-well.com/articles/the-history-of-Blaxploitation-cinema> (acesso em 11 de Janeiro de 2024).

VIEIRA, José. *Notícias da TV*. 20 de Outubro de 2023. <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/miss-america-negra-precisou-usar-peruca-durante-concurso-falta-de-preparo-110262#:~:text=A%20primeira%20Miss%20Am%C3%A9rica%20negra,com%20amea%C3%A7as%20e%20ataques%20racistas>. (acesso em 20 de Dezembro de 2023).

VILELA, Túlio. “Educação Uol.” *Uol*. s.d. <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/quadrinhos-e-neocolonialismo-mandrake-lothar-ambiguidade-e-preconceito.htm#:~:text=Boa%20parte%20das%20aventuras%20de,reside%2>

Onuma%20cidade%20n%C3%A3o%20identificada. (acesso em 13 de Janeiro de 2024).

WALLENFELDT, Jeff. "what is the origin of the term "Jim Crow"?" *Encyclopedia Britannica*. 13 de Setembro de 2018. <https://www.britannica.com/story/what-is-the-origin-of-the-term-jim-crow> (acesso em 7 de Outubro de 2023).

WILLIAMS, Roger Ross. "MARCADOS - A história do Racismo nos EUA." *STAMPED From the Beginning*. Estados Unidos, 10 de Novembro de 2023.

X, MALCOLM et HALE, Alex. *Autobiografia de MALCOLM X com a colaboração de ALEX HALEY*. 2ª. Tradução: A. B. PINHEIRO DE LEMOS. Rio de Janeiro, 1992.

YAZBEK, LETÍCIA. "UOL." *AH AVENTURAS NA HISTÓRIA*. 3 de Abril de 2020. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-i-have-been-mountaintop-o-ultimo-discurso-de-martin-luther-king-jr.phtml> (acesso em 8 de Novembro de 2023).

YOUTUBE. 24 de 07 de 2020. : <https://www.youtube.com/watch?v=hzH5IDnLaBA> (acesso em 23 de 11 de 2021).